1953

OUTUBRO

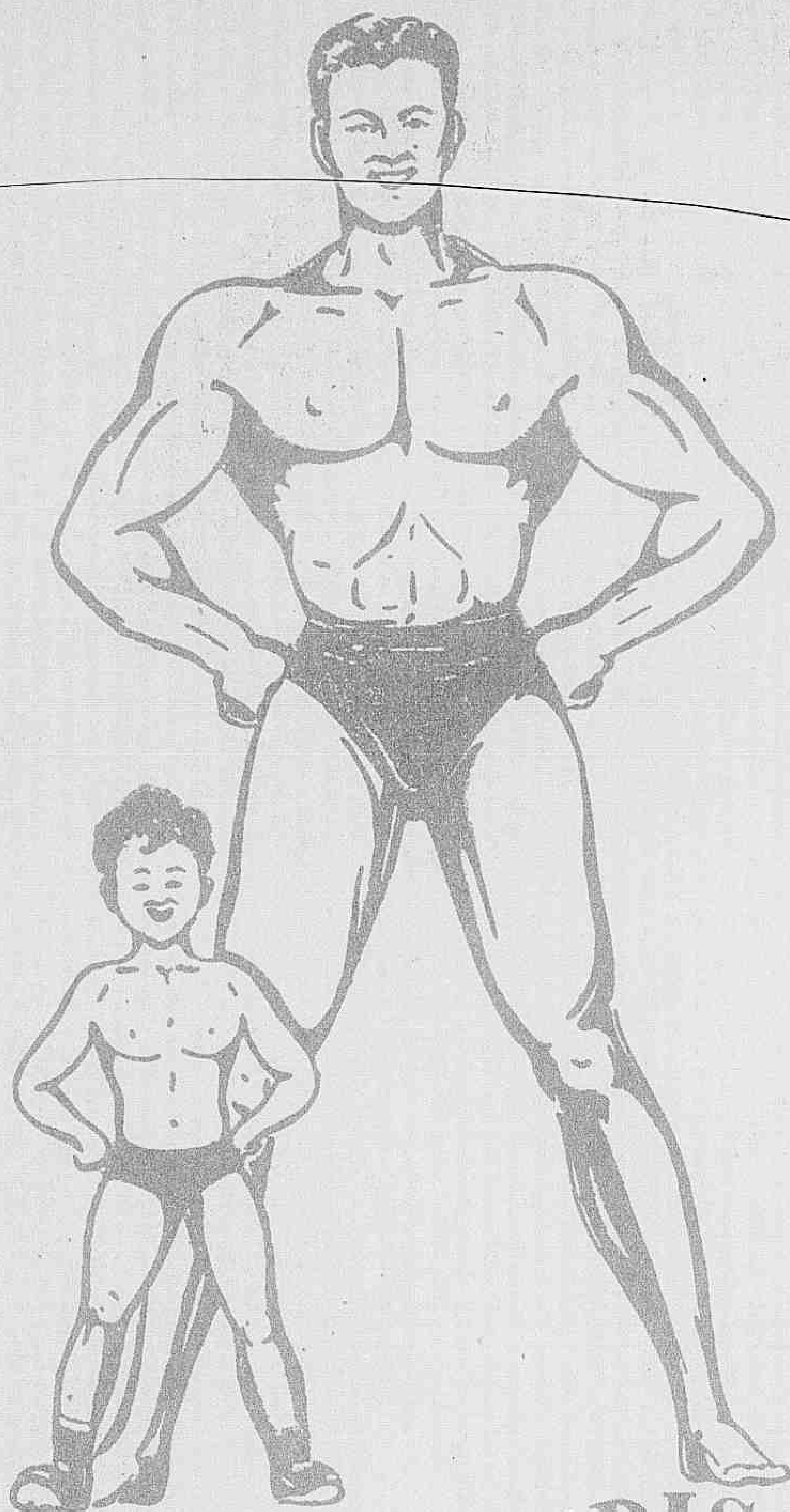
N.437

EU SEI TUDO



CIENTIFICAMENTE OS FANTASMAS EXISTEM ★ ONDE ESTAMOS COM A PARALISIA INFANTIL? ★ POR QUE AS MULHERES SE VESTEM DE HOMEM ★ A "LUA DE MEL" ...E A LEI!

ARROZINA



O alimento ideal dos bebês

★

JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES

★

Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 - Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

PERNAMBUCO — PARAIBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

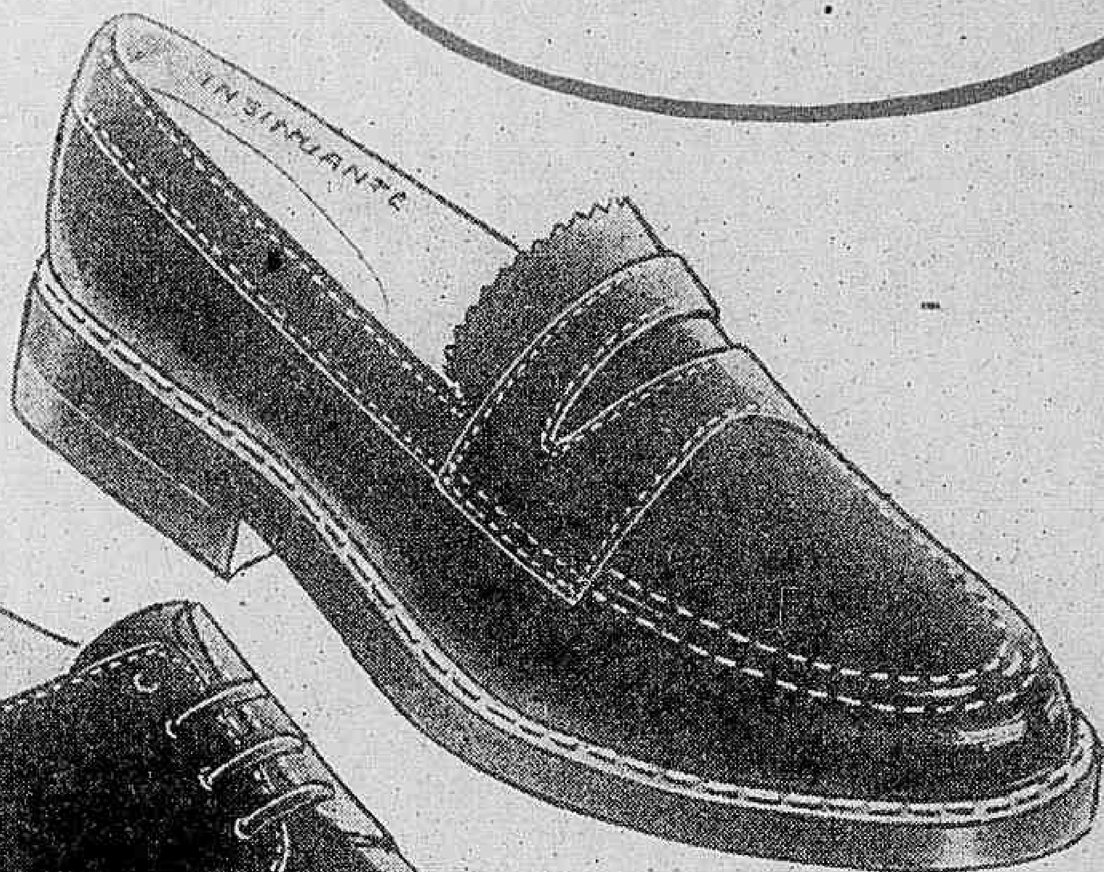
CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

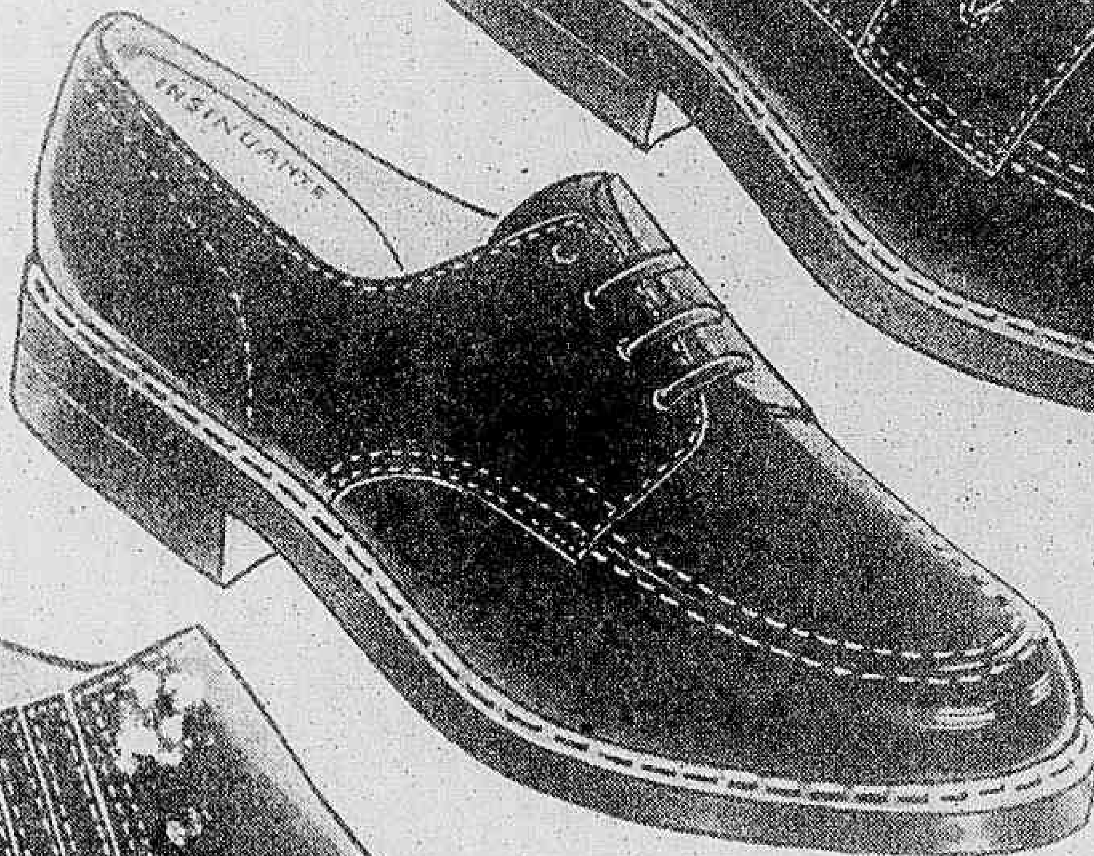
Bem Servir

CARACTERÍSTICA INCONFUNDÍVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE.!

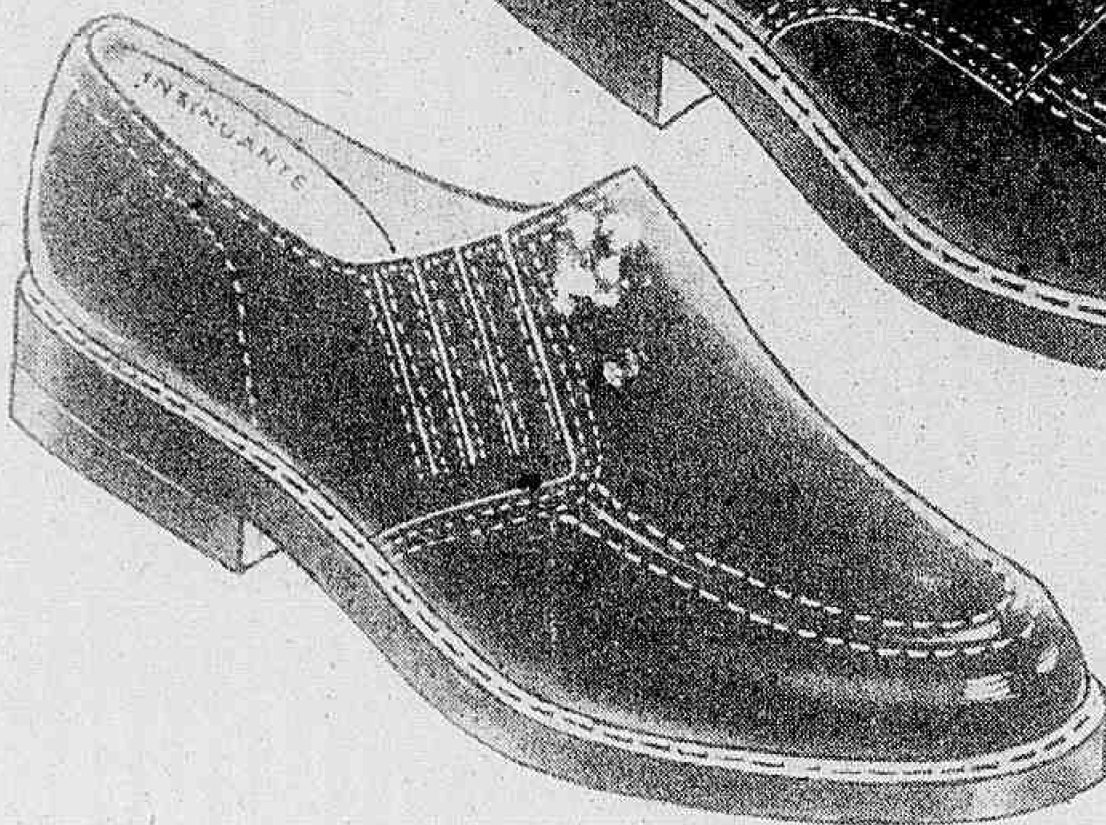
151



152



153



150 CRUZEIROS

- SALTO DE BORRACHA
- ÓTIMA VAQUETA
- TÔDAS AS CÔRES
- NUMERAÇÃO DE 36/44
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR CR$ 5,00
- NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

insinuante

É a maior e melhor sapataria da América Latina e é também uma galeria a sua disposição.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Devolve a importância com o mesmo sorriso com que lhe vende

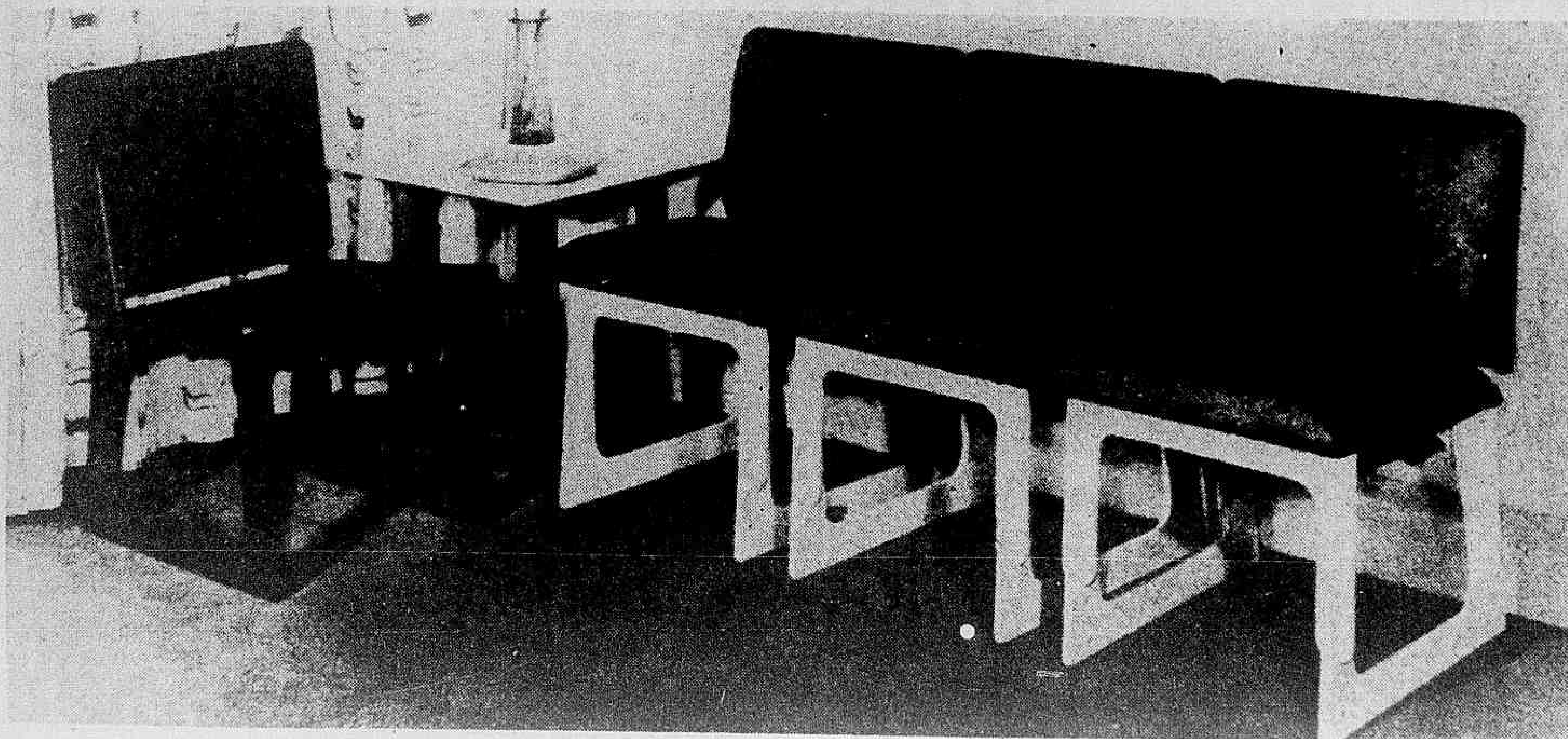
MÓVEIS QUE

À direita: mesa-carrinho de madeira compensada, assim como a roda e as duas bandeijas. Fica sólida e muito leve. A bandeija superior poderá, segundo o gôsto, ser de vidro.

Embaixo: mesa de linhas simples, com tampo de madeira compensada e "alçapão" para revistas e jornais. Deverá ter uns sessenta centímetros de altura.

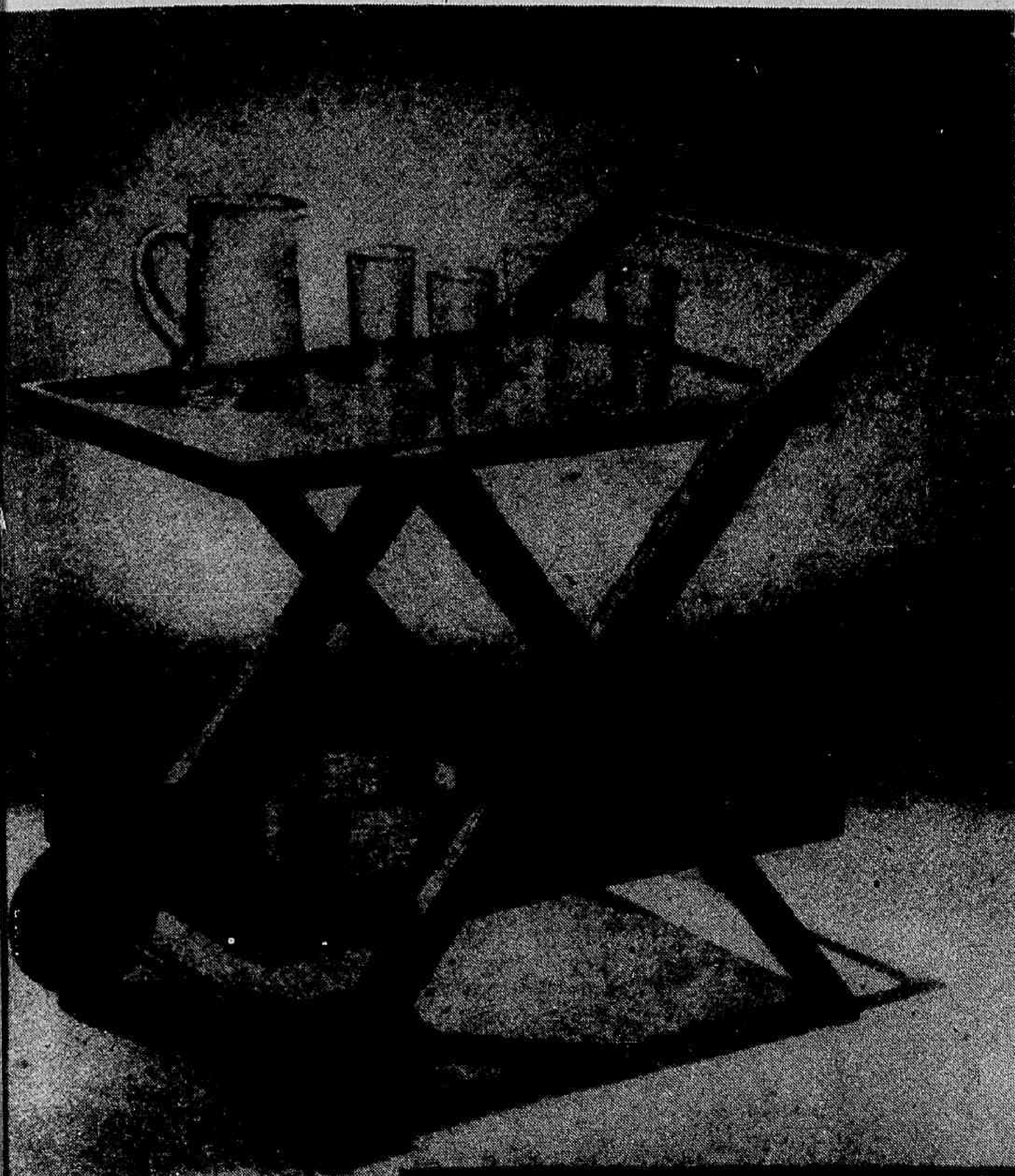
Ao alto: cadeira de descanso, feita com madeira compensada, lona e parafusos de segurança. Côres à vontade. Também a mesinha, para bebidas e jornais, é feita de madeira compensada, com tampo e ripas separadas.

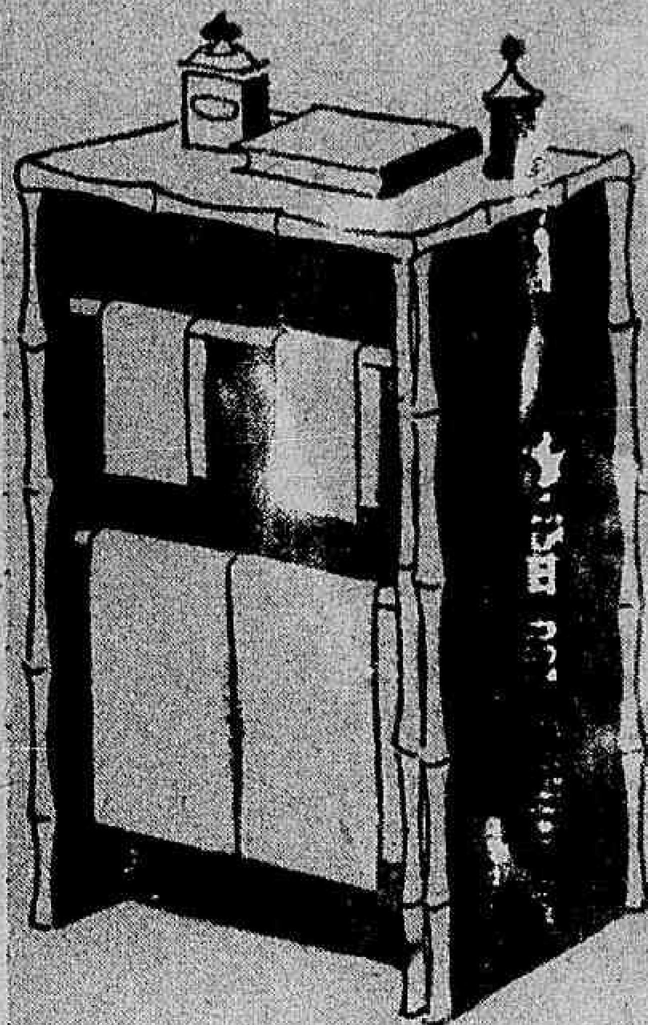
Embaixo: poltronas e mesinha, com pés de madeira compensada, simplesmente aparafusadas. Assento e encôsto de matéria-plástica. Côres à vontade.



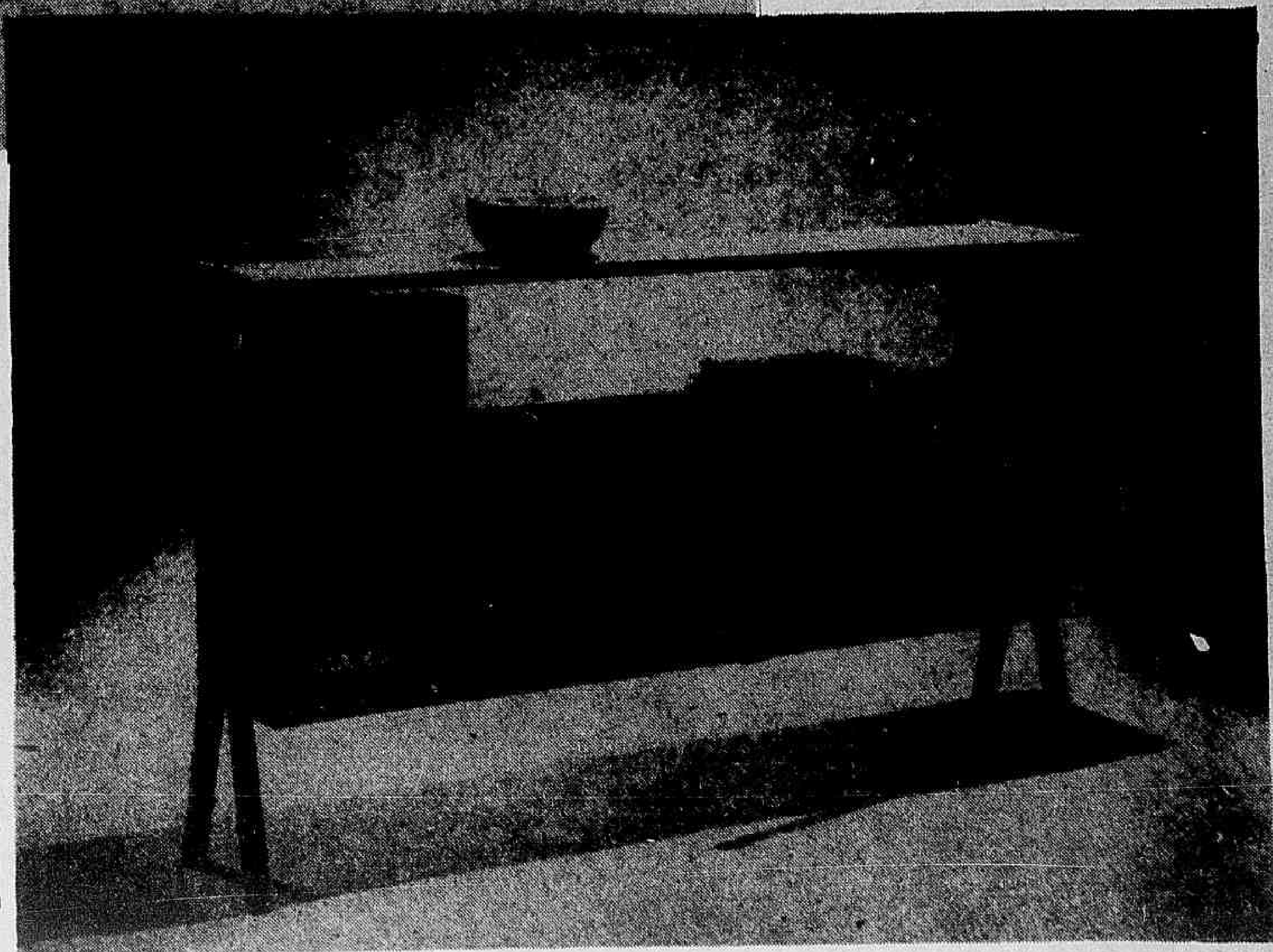
PODEMOS FAZER EM CASA

NA verdade, todos nós temos alguma habilidade de carpintaria. Se no princípio é difícil, em poucas semanas, com pequeno estrago de madeira e ligeiros arranhões nos dedos, podemos chegar a construir pequenos móveis, que muito ajudarão nos arranjos de casa. Os exemplos de hoje são, realmente, tentadores. Por que não começar a experiência?





Ao alto: muito simples, êsse armário para toalhas e que, também, servirá de aparador para utilidades, no banheiro. O friso de bambu dá grande vida ao conjunto.



À direita: da maior utilidade são as mesinhas de canto. Por maior variedade que tenham, sempre são bem recebidas, pois o problema de cada lar é sempre diferente e pede solução especial.

Por isso, aqui está mais uma. Aconselhamos fazer em canela branca, com duas prateleiras para livros, cinzeiros, «bibelots», etc.

A parte inferior é como um armário, com portas fechando com trinco de pressão.



MÚSICA PARA A JUVENTUDE

(Terceira Série)

JOSÉ SIQUEIRA, um dos mais conhecidos compositores e regentes brasileiros, é o autor de — **Música para a Juventude.**

Trata-se de uma obra que, como o nome indica, se destina à mocidade brasileira, essa mocidade que êle tanto ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da **Orquestra Sinfônica Brasileira**, os **Concertos Dominicais para a Juventude.** Dispondo de segura experiência didática, com vários livros publicados como, **Regras de Harmonia, Canto Dado em XIV Lições, Curso de Instrumentação, Modulação Passageira, Sistema Trimodal Brasileiro, José Siqueira** traça neste livro — um programa de ensino, vivo e palpitante, do qual se beneficiará não só a juventude, mas quantos tiverem a oportunidade de o ler e estudar. **Música para a Juventude** está dividido em quatro partes referentes às quatro **séries ginasiais** e envolve conhecimentos de **Teoria Musical**, de **Canto Orfeônico**, de **Música e Músicos Brasileiros**, de **Contraponto**, de **Harmonia**, das **Grandes Épocas** da **História da Música**, das **Escolas Musicais**, do **Folclore Brasileiro**, da **Prosódia Musical**, das **Formas Musicais**, da **Instrumentação**, da **Orquestração** e da **Banda de Música**. É um livro ilustrado com inúmeras fotografias e grande quantidade de exemplos musicais; um trabalho que vem de preencher uma grande lacuna existente no ensino da Música em nosso país e que nos pareceu definitivo em sua forma e em seu conteúdo

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 200,00

Pedidos a ROSA PAULA MACHADO

AVENIDA NILC PEÇANHA Nº 12 — SALA 207 ★ RIO DE JANEIRO



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyentes, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

O ARQUIVO DE GLINKA

Por
WILLIAM BRANDON

MEU amigo Graham apontou, com o polegar, para o homem moreno, no outro extremo do bar, e que lembrava a figura de um coronel de cavalaria. A seguir, explicou:

— Seu nome é Findley Vindabel. Estêve implicado na «chantage» do Arquivo de Glinka.

Graham é um detective privado e tais casos constituem o seu negócio.

Repentinamente interessado, girei o corpo sôbre o banquinho do bar, perguntando:

— Que «chantage»? Nunca ouvi falar.

— Glinka, ou melhor, o nome dela nunca apareceu nos jornais antes do caso **estourar**. Você, com certeza, leu... Mas, deve ter perdido contato, esquecido os principais detalhes, quando, finalmente, tudo foi esclarecido. Vindabel pôde influir nos jornais, a fim de que o escândalo não fôsse grande, permanecendo secretos alguns detalhes. Êle é um advogado importante e sabido.

— Quem é Glinka?

— Mme. Glinka, uma astróloga. Teve uma centena de clientes, todos gente de dinheiro e posição, que, como é natural, ao consultá-la, deixou com a mulher, que lhes dizia o futuro, as principais passagens do próprio passado. Ela, que não era tôla, cuidou de passar tudo o que ouvia para o papel, chegando a organizar um verdadeiro diário de tôdas essas vidas. Mais tarde, êsse diário foi perdido — ou roubado — daí seguindo-se, fatalmente, a «chantage» contra alguns dêsses antigos clientes.

— Madame Glinka estava, ela própria, implicada nessas explorações?

— Não; e tinha, aliás, um grande alibi em sua defesa: estava morta. Muitos dos velhos amigos e clientes de Vindabel foram vítimas dessas explorações, e correram, ao seu escritório, em busca de proteção, a mais discreta que fôsse possível. De fato, êle jamais deixou que as histórias fôssem divulgadas, prometendo, ainda, a seus clientes, que estaria alerta, a fim de colhêr alguma informação capaz de revelar a identidade do autor das «chantages».

A essa altura, ordenamos outro **martini** ao garção, e Graham contou-me tôda a história. Segundo parece, Vindabel desempenhou um curioso papel no transcurso dos fatos. Era homem de quarenta anos, mais ou menos, embora aparentasse ter mais idade. Agia como um advogado da velha escola. Isto significa que era didático, tenaz, observador, inabalável e conservador. Era, positivamente, contra a inclusão, em sua firma, de qualquer moço recém-formado e que, em geral, nos dias de calor, tratavam de tirar o paletó para trabalhar em mangas de camisa. Em seu escritório jamais permitiria isso! Porém, uma noite por semana, às segundas-feiras, quando havia reunião em seu

clube, Vindabel sofria uma certa transformação. Não era coisa, realmente, visível. Para o observador comum, êle conservava, diante do tabuleiro de xadrez e do seu antagonista, a mesma máscara de fria impassibilidade que sempre apresentava aos seus clientes, auxiliares e colegas, no escritório. Sau maneira de jogar era, além de sólida, convencional, um espelho do próprio homem: certa e temível; havia, porém, repentinas fantasias, como os vôos caprichosos de uma dançarina cigana, com inovações radicais e hipermodernismo, que dava à disputa aspeto bonito e empolgante. E, algumas vêzes, para não prejudicar a elegância das jogadas, Vindabel preferia perder uma partida. De qualquer maneira, era êle o incontestado campeão do seu clube, ano após ano.

O grande adversário, que encontrava no clube, o homem que poderia ser o campeão, caso pudesse, alguma vez, vencer Vindabel, era o dr. Timothy Shay. Professor de psicologia numa universidade, usava a sua ciência no jôgo do xadrez. Seu jôgo era, verdadeiramente, acadêmico, embora empregasse algumas jogadas independentes e que estava sempre variando, segundo o adversário.

No correr de uma das competições para o campeonato anual do clube, o dr. Shay teve uma repentina inspiração. Se não podia bater o dr. Vindabel no xadrez, talvez pudesse derrotá-lo com a ajuda da psicologia. Seria preciso que o leitor compreendesse um jogador de xadrez, para entender quão desesperadamente o dr. Shay desejava derrotar Vindabel e, assim, vencer o campeonato. Ser o vice-campeão de xadrez significa uma grande angústia — e uma insuportável mágoa. O dr. Shay explicou sua idéia a uma de suas amigas de confiança, uma jovem atriz. Era, aliás, uma boa atriz, e seu nome era Cathy Jordan.

Segundo ouvi contar, o dr. Shay pretendia até casar com ela. Segundo revelou a essa sua amiga, acreditava — como psicologista — que a única diferença entre Vindabel, prõpriamente dito, e o estilo do xadrez que êle jogava, indicava que alguma coisa, no passado do advogado, havia sido violentamente dominada e que só voltava à superfície durante as partidas de xadrez. Acreditava o dr. Shay que se tratasse de qualquer coisa romântica, alguma experiência sentimental, anos antes dominada. Sabia, além do mais, que Vindabel era um solteirão.

Cathy Jordan nada entendia de psicologia, mas, imediatamente, declarou que o dr. Vindabel era um romântico desiludido e que a sua verdadeira natureza se revelava, ùnicamente, no correr das partidas que disputava no clube.

Porém, o dr. Shay estava convencido de que essa anomalia indicava alguma coisa mais concreta. Tão concreta — dizia — que se pudesse reavivá-la, de maneira bastante convincente, todo o prodigioso contrôle de jôgo de Vindabel ficaria arruinado.

Pediu, a seguir, que Cathy o ajudasse numa experiência. Na manhã da seguinte segunda-feira, quando estava marcado o seu novo encontro com Vindabel para o campeonato, pediu que Cathy fôsse encontrar-se com Vindabel, acidentalmente, na calçada, quando o advogado se preparasse para entrar no clube e falasse com êle, como se fôsse uma velha conhecida. Teria que dizer-lhe: «Oh! Que surprêsa, Jasper! Como está?» O dr Shay conseguira saber que o primeiro nome de Findley Vindabel era Jasper. O advogado, de uma certa época de sua vida em diante, abolirá-o, totalmente, retendo, ùnicamente, os outros dois e o dr. Shay pensou que isso era também, significativo.

Cathy Jordan declarou achar muito razóável a abolição do primeiro nome, principalmente sendo **Jasper**. Findley Vindabel era, sem dúvida, suficiente como nome, sendo mesmo compreensível que abolisse até o J. Findley Vindabel, mas o dr. Shay afirmou que a coisa devia ser tentada e ela, afinal, decidiu ajudá-lo.

Sòmente alguém que tivesse conhecido Vindabel muito bem poderia saber que seu primeiro nome era Jasper — segundo raciocinou o dr. Shay — e o uso dêsse nome por uma criaturinha moça e bonita e que êle não conseguiria reconhecer, tinha, forçosamente, que colocar o advogado em estado de perturbação intensa, esforçando-se por sondar as suas memórias, embaralhando-as, certamente, nesse vasto passado, idéias que predominariam, mesmo durante a partida de xadrez. E, com êsse **handicap**, o dr. Shay venceria.

Na tarde da partida decisiva a experiência foi feita, segundo fôra planejada. Cathy falou com Vindabel, chamando-o por Jasper, e entregando-lhe as duas mãos, como uma velha amiga, com êle conversando banalidades, alguns instantes, enquanto caminhava ao seu lado. Vindabel pareceu surpreendido, inicialmente, e, depois, embaraçado — conforme Cathy previra. Depois, despedindo-se, entrou no clube e no salão de xadrez. Estava, de fato, preocupado e perdeu sua «rainha» em sete movimentos, desistindo da partida. O dr. Shay ganhou o campeonato.

— Êsse — disse eu para Graham, quando êle fêz uma pausa — foi, portanto, mais um triunfo da ciência. Mas, o que não entendo é o que tem êsse fato com o caso do arquivo de Madame Glinka e os golpes dos chantagistas...

— Eu explico. Depois de ter falado com Cathy Jordan, Vindabel ordenou ao seu **chauffeur** que seguisse a desconhecida. Depois do jôgo contra o dr. Shay, pôde encontrá-la outra vez e, eventualmente, ouvir dela própria tôda a história do seu encontro «casual». Na mesma noite, a Polícia deu uma busca no apartamento do dr. Shay... e ali encontrou o diário de Glinka, num cofre secreto, embutido na parede.

«O dr. Shay foi prêso e acusado de tôdas as explorações, sendo condenado a prisão, onde ainda se encontra.

— Você quer dizer que Cathy era sua cúmplice e que Vindabel a reconheceu, por estar envolvida nos diferentes casos?

— Nada disso! Ela nada sabia a respeito das atividades extracurriculares do dr. Shay e nada tinha que ver com as **chantages** por êle praticadas. Foi o nome «Jasper» que abriu os olhos de Vindabel.

«O Diário de Glinka continha, principalmente, nomes de pessoas ricas e importantes, muitas das quais se conheciam e mantinham relações desde muitos anos e, nesse grupo, Vindabel era conhecido, desde menino, como Jasper. Êle sabia que estava mencionado no Diário, embora nada tivesse ocor-

rido com êle próprio capaz de servir para uma **chantage**.

«Entretanto, o nome de Jasper era, absolutamente, desconhecido fora do pequeno círculo de amigos. Quando Cathy Jordan explicou a respeito da «brincadeira» do dr. Shay, Vindabel compreendeu que o dr. Shay devia ter achado o nome no Diário de Glinka. Daí, concluiu que o dr. Shay devia ter sido o secreto cúmplice de Madame Glinka.

«E essa fôra, também, a razão de ter sido ela uma acatada «astróloga» e uma próspera consultante para os problemas pessoais: porque tinha a ajuda constante, os ensinamentos de um psicologista. Quando Madame Glinka morreu, o dr. Shay ficou na posse do seu arquivo cheio de confidências, constante de nomes de pessoas ricas, tão ricas que o dr. Shay não resistiu à tentação de explorá-las.

— Vindabel era, então, homem rápido em deduzir as coisas, para ligar assim o incidente de beira de calçada, com Cathy Jordan, ao Diário de Glinka... De um simples «como vai?»...

— Não tão rápido — declarou Graham. — A idéia da ligação entre o dr. Shay e o Diário de Glinka surgiu mais tarde. Êle próprio contou à Polícia que, a princípio, quis, apenas, encontrar novamente aquela desconhecida que o abordara... e, pela qual, ficara logo muito interessado... Aí está ela chegando!

Olhei. Ela, realmente, chegava. Vindabel também olhou e seu rosto se iluminou, quando ela se aproximou do bar. Cathy enfiou um braço sob o de Vindabel e, juntos, saíram do bar.

Graham explicou:

— Êles casaram um pouco depois.

— E que aconteceu com o campeonato de xadrez? — perguntei, retirando o meu cálice dos lábios.

— Êle hoje joga «canastra». Não muito bem...



AS COISAS DEVEM SER FEITAS COM CALMA

VAI fazer uma semana que minha espôsa disse: — Pedro, pelo que mais adoras neste mundo, conserta a torneira da cozinha. Ela não pára de pingar!

— Qual delas?

— A de água quente. Por favor, conserta-a agora.

— Mas, claro! Podes deixar por minha conta.

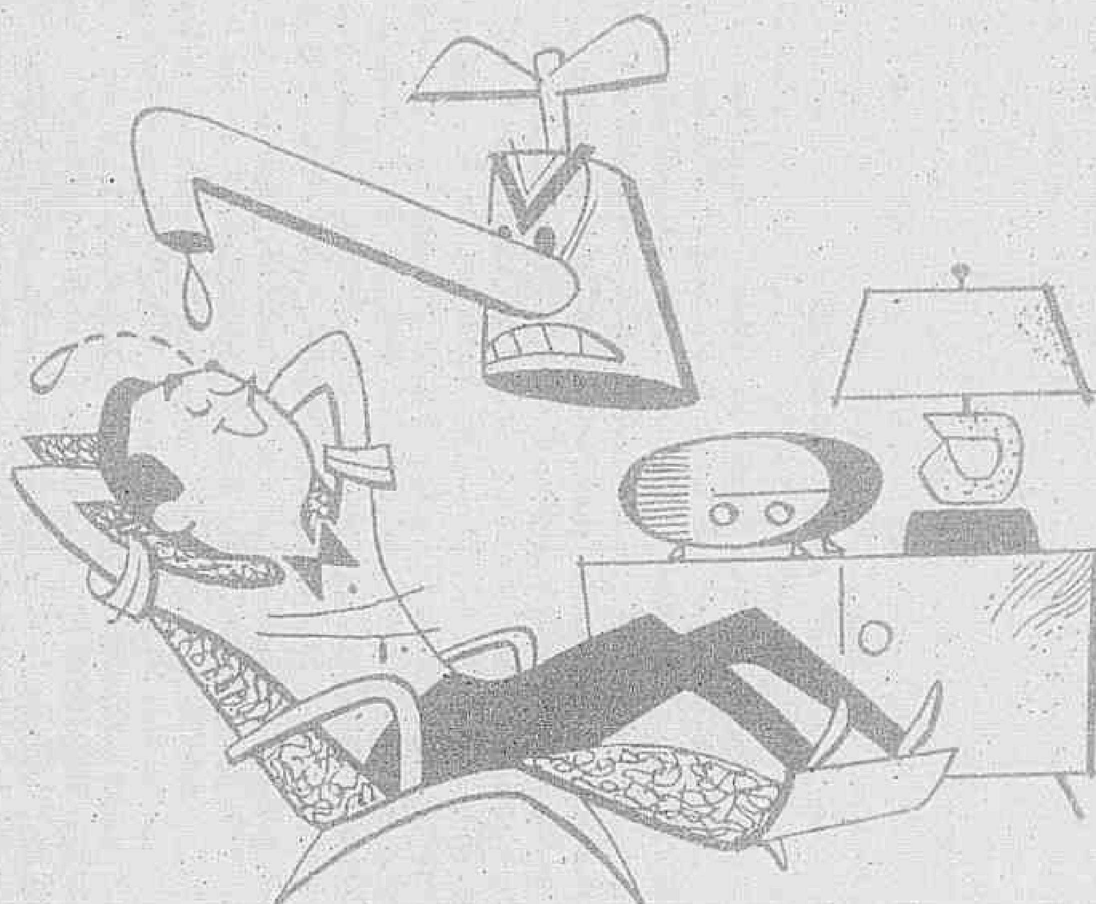
No dia seguinte, minha «cara-metade» voltou à carga:

— Pedro, esqueceste de fazer o que pedi. Não consertaste a torneira da cozinha.

— Realmente!

— Por que não a endireitaste? Preferes que eu chame o bombeiro?

— Absolutamente, não! — protestei, com veemência. — Não há necessidade disso. Êste é um problema que eu mesmo devo resolver e, não tenhas dúvida, vou resolvê-lo convenientemente. Tudo de que necessito no momento é um pouco de concentração.



Naquele momento, dedicava-me à leitura de um interessantíssimo artigo sôbre a forma de captar idéias e enfrentar problemas. Assim, me inteirei de que os grandes homens — os inventores, compositores, magnatas da indústria e do comércio — jamais fazem as coisas **de sopetão** ou tomam decisões precipitadas. A cada problema, fazem frente com uma calma absoluta. Às vêzes, a solução surge quando repousam, tranqüilamente, na cama: a inspiração vem num repente, como um raio rasgando o espaço. E isto também poderia suceder comigo, com tôda a certeza.

Não recordo qual a reação de minha espôsa ante tais explicações; mas, no dia seguinte, enquanto ouvia um programa de rádio, ela tornou a insistir sôbre o consêrto da torneira.

— Não é preciso que me dês recomendações — interrompi, antes de que ela chegasse à metade do seu discurso. — Agora mesmo, estou pensando como consertá-la de vez...

— Sim, mas acontece que não é o botão do rádio que tens que torcer, mas sim a torneira da cozinha.

— Já vens com a constante e inevitável ironia feminina! — repliquei, procurando conter-me, a fim de não causar uma «cena». — Se soubesses o quanto estou pensando no consêrto da torneira! Meu esfôrço é construtivo. Acabo de ler algo a respeito de um homem célebre; — talvez Pasteur — êle comprovou que, nas vêzes em que a inspiração não o acudia, o melhor era esquecer completamente o problema e dedicar-se a ouvir boa música. E isto é, precisamente, o que estou fazendo...

— Pois, a mim, só agrada a música celestial! — comentou minha «cara-metade.»

— O princípio é o mesmo. Por que não haveria de divertir a Pasteur a música celestial? No artigo a que me refiro, são ainda citados muitos outros grandes homens: Gladstone, Franklin, Nelson...

— E, talve, Miguel Ângelo, que sabia fazer e consertar tudo.

Com isto, ficou encerrada a nossa **conversação**. Mas, minha espôsa não se deu por vencida. No dia seguinte, veio até ao local em que me achava, descansando numa espreguiçadeira, com o olhar vagueando pela imensidão do espaço. Antes de que ela abrisse a bôca, comecei:

— Se, por casualidade, continuas pensando que me esqueci da torneira, estás completamente enganada. O artigo de que falei ontem comentava que muitos benfeitores da humanidade verificaram que, nas vêzes em que alguma idéia, que buscavam ansiosamente, persistisse em escapar-lhes, nada existia mais eficaz, para **agarrá-la**, do que entrar em contato com a natureza. Homens como Beethoven, Edison, Spinosa etc., assim lograram ter a mente aclarada e a inspiração tão longamente buscada...

— Quem teve uma **súbita inspiração** fui eu mesma — retrucou ela. — Podes continuar nessa **comunhão com a natureza**. Já consegui dar um jeito na torneira: mudei a borrachinha interna, e ela não está mais gotejando.

— Mas, para que tanta pressa, afinal de contas? Estou certo de que, hoje mesmo, eu daria uma solução para o problema. Tudo o que me faltava fazer era ler umas tantas poesias, as quais são de inigualável eficácia para abastecer a mente. Disto dão testemunho os notáveis Wellington, Fulton, Rembrandt, Churchill, Voltaire...

Porém, minha mulher já não me ouvia...

* *

PROGRESSO? — Uma mocinha regressou ao lar, após as férias. Estava entusiasmada com o que fôra organizado durante êsse período e, principalmente, com as aulas de «ginástica científica» a que assistira e explicava a seu pai um exercício, realizado com um pau, para desenvolver os músculos dos braços.

— Então são êsses os progressos da ciência? — perguntou o pai. E concluiu, com ar aborrecido. — Se houvesse um pouco de palha numa extremidade dêsse pau, estarias varrendo a casa, o que serio muito mais útil! — (Kablegram)



Cientìficamente os fantasmas existem

É de bom-tom, quando alguém se julga possuidor de razoáveis conhecimentos científicos, zombar das pessoas crédulas, convencidas da existência de **fatos ocultos**, particularmente de **fantasmas**.

Essas pessoas pretendem que só o que está cientìficamente demonstrado é digno de sua crença. Não seria possível admitir — aos olhos dêsses mesmos indivíduos — apenas os dados, mais ou menos hipotéticos, dos teósofos, espíritas e, mesmo, dos filósofos e metafísicos.

Êsses céticos põem mesmo em dúvida ou negam, redondamente, os depoimentos formais de certas testemunhas dignas da mais alta confiança, atribuindo suas visões a alucinações.

OS ANIMAIS VÊEM FANTASMAS — Entretanto, a questão cresceu de importância, ùltimamente, quando os biologistas e os fisiólogos descobriram que certos animais, e particularmente os cães e os gatos, tinham a percepção de fatos anormais, nada ou pouco visíveis para os humanos. Êsses animais latiam ou miavam, quando eram desenhados alguns «fantasmas». Em geral, fugiam sem olhar para trás. Mas, devemos reconhecer, para que um animal, desprovido de raciocínio — e mais ainda: de preconceitos — assim reaja, é necessário haver mesmo uma «realidade dos fatos».

Realmente, mesmo atribuindo que, na maioria dos casos, não havia mais que um certo vapor de água, condensado numa ligeira nuvem e esta deslocada por uma ligeira corrente de ar, era necessário admitir que o fato fôra observado em outras ocasiões!

Segundo os exemplos conhecidos, um fantasma se representa sob uma aparência nebulosa, de contornos mal definidos, mas com uma forma, recordando, sempre, um aspecto humano ou animal. Essa forma não caminha jamais, mas apenas avança, vacilante e como se escorregasse. Dá a impressão de flutuar no ar, roçando o solo. Verifica-se, regularmente, que abandona fragmentos de seu sudário nos obstáculos, para terminar sua aparição dissolvendo-se, à maneira de uma fumaça.

HUMANOS PRIVILEGIADOS — O que foi observado, sôbre o comportamento de certos animais, é encontrado, igualmente, entre certos humanos. Êsses dons excepcionais só podem ser explicados pelas possibilidades sobrenaturais dos que são qualificados de «visionários».

Por muito tempo, acreditou-se que o ôlho era «cromático», o que significava que recebia, num só ponto, os raios luminosos e, isto, independentemente das côres. Pesquisas, efetuadas no correr da última guerra, com a finalidade de encontrar meios de realizar **camouflages** perfeitas das luzes, tendo-se em conta as diferenças de perceptibilidade das côres, levaram a considerar êsse dado anterior como falso.

Ao contrário, o ôlho age como um prisma, decompondo, justamente, a luz em suas côres elementares, e são essas que se concentram na retina. Ora — e isto é muito importante — cada côr penetra, mais ou menos profundamente, no aparelho retiniano, ficando o violeta mais próximo da superfície e o vermelho penetrando profundamente. O amarelo fica sôbre a região sensível que, por sua vez, não fica, exatamente, na superfície do conjunto sensitivo.

Da mesma forma, essa observação explica como certos animais distinguem côres invisíveis aos humanos. Uma galinha não come na escuridão, mesmo após prolongada privação de alimentos. Se colocarmos uma galinha esfomeada num quarto escuro, com o chão coberto de milho, ela sòmente comerá os que foram propositadamente iluminados.

Que fizeram os pesquisadores? Deixaram penetrar um raio luminoso, passando através de um prisma de cristal, para decompor a luz em suas côres elementares. Verificaram, então, que as galinhas, segundo suas raças, não comiam certos grãos iluminados a violeta e índigo. Mas tiveram a surprêsa de verificar que, inversamente, outras raças de galinhas — e, também, de pombos — comiam no prolongamento da banda luminosa, além do vermelho. Era a prova de que côres invisíveis aos humanos eram perceptíveis a certos animais.

Foram observados fatos análogos entre os humanos; assim, certos privilegiados percebem os eflúvios de uma corrente elétrica, lançada, secretamente, num electro-imã. Da mesma forma, podem êles ver um halo que seja invisível para a maioria dos assistentes.

AS EMANAÇÕES ÓDICAS — Deram a êsse fenômeno o nome de emanações ódicas, porque êsses mesmos humanos privilegiados, que percebem halos magnéticos, podem ver halos muito semelhantes **em redor de certas pessoas**. E nem é possível falar de alucinações, porque a revelação de chapas fotográficas permitiram êsses registros. São, portanto, realidades. Resta, apenas, encontrar a explicação científica. Certos biologistas pretenderam que se tratava, ùnicamente, de condensações de suores, outros mostrando-se inclinados a apontar como razão as radiações nervosas. Mas, tudo não passava de explicações e controvérsias sôbre as origens. O fato permanece: só certos humanos privilegiados podem ver, apesar de que seus olhos sejam idênticos aos dos demais.

Podemos pensar, todavia, que se há identidade de estrutura de seus olhos, êstes estão **«descentralizados»**, o que se traduz por diferenças de penetração das luzes decompostas em côres elementares, redundando daí verdadeira **cegueira** para certas tonalidades e **hipersensibilidade** para outras, invisíveis normalmente.

A necessidade de uma iluminação muito fraca, em vermelho, aproximou êsse fato do que ocorre com a revelação das chapas fotográficas. Mas, uma outra explicação foi dada, por comparação, com a luz fornecida pelos vagalumes, que é totalmente fria e não resulta de um aquecimento, como ocorre com a luz artificial.

O «ÔLHO-ELETRÔNICO» É INCORRUPTÍVEL — A ciência moderna prova que não existem corpos totalmente obscuros, pôsto que a matéria se transmuta e é sempre radioativa, havendo, apenas, diferenças (imensas) de potencialidade radiante. De fato, o que existe são olhos, mais ou menos sensíveis, para distinguir essas radiações. Eis a simples explicação da percepção dos raios ódicos.

Quando os sábios se resignavam a abandonar seus preconceitos e aceitar a necessidade de examinar a **possibilidade da existência dos fantasmas**, a questão de sua **realidade** ficou resolvida. De fato, puseram em movimento, sem possibilidade de contestação, os aparelhos electromagnéticos de contrôle. Essas «materializações fantasmagóricas» interceptam, igualmente, as radiações infravermelhas invisíveis, **exatamente como a passagem de um homem pelo seu campo**! Êsses aparelhos são, hoje, muito conhecidos, pois que servem para abrir, automàticamente, portas, à aproximação de um visitante, para acionar escadas rolantes, etc.

★

As últimas comunicações do Instituto Metafísico de Paris provam que a morte de um homem se traduz por uma desintegração de sua matéria, provocando uma exeção de matéria ódica no espaço. É esta que, durante um certo tempo, permanece aglomerada e circula no espaço. Sua duração de existência é, atualmente, objeto de estudos, pois varia segundo a idade, o sexo e as causas da morte.

Um fato resta — e é formal: certos humanos podem ver êsses «fantasmas» e êstes também são «vistos» pelo ôlho-eletrônico!

★ ★

ADEUS, CAMISAS BONITAS! (EPISÓDIO REAL)

DAPPER George era um homem de cabelos ondulados, de 37 anos, e que se vestia com luxo rebuscado; porém, a verdadeira alegria da sua vida eram as camisas, que um «ás» da tesoura cortava, especialmente, para o exigente freguês. Em seguida, após meses e meses de pacientes experiências, encontrara, afinal, a lavanderia, no bairro de Hempstead, que se mostrara disposta a tratar, com o devido respeito e habilidade, as suas adoradas camisas

Até 1951, George foi um modêlo, não apenas de elegância como, também, de chefe de família, pai de dois filhos encantadores. Porém, de um momento para outro, renunciou à excelente posição que conquistara numa famosa companhia de navegação aérea, entrando de sócio com um amigo, num serviço de informações telefônicas.

O negócio, como era natural, não foi — inicialmente — uma «fábrica de dinheiro», mas, embora seus rendimentos fôssem agora menores e, principalmente, insuficientes para que continuasse a manter a mesma «linha» com as suas roupas, George, repentinamente, «descobriu» que era muito mais fácil e mais rápido «fabricar» dinheiro. Pensar e agir foi, também, muito rápido



Tratou, pois, de vender sua parte no negócio de «informações telefônicas». Possuía um bom sortimento de cheques, com a numeração da companhia da qual se desligara e, ainda, o necessário carimbo. Nessas condições, entrou a emitir, corajosamente.

Em sete meses, havia embolsado quantia aproximada dos vinte mil dólares.

Pôde, com essa tática (e muita coragem), ludibriar a praça com facilidade. A polícia, porém, «estranhou», quando alertada pelo ex-sócio (bem tarde, aliás). O homem, porém, desaparecera! Não podia ser encontrado o seu hotel ou residência... até que a polícia se lembrou de vigiar as lavanderias, sabedora de que George era freguês exigente.

Na noite de 23 de setembro, quando George saía de casa, altas horas da noite (nos Estados Unidos, as lavanderias ficam abertas até duas e três horas da manhã), a fim de apanhar as suas camisas bem lavadas e passadas, o detective James Fairley o esperava com um par de algemas.

George foi sentenciado a cinco anos de prisão, perdendo, com isso, não apenas a liberdade, mas, também, as suas camisas de luxo, esmeradamente engomadas

Ressurreição

Pearl S. Buck ★ Trad. de Sylvia Jambeiro

DRAKE Forrester acordou, naquela manhã de segunda-fêira, com uma relutância maior do que a usual. Aos sábados e domingos seu agente fechava o escritório e, durante êstes dois dias, êle sabia que não podia fazer a pergunta nem receber a resposta.

A pergunta era sempre a mesma — e a resposta também:

— «Alguma novidade para mim, Nick?»

— «Não, Drake; sinto muito mas, por enquanto, nada. Joguei tôdas as «iscas» mas, até agora, nem um peixe...»

E as próximas frases seguintes também eram sempre as mesmas:

— «Obrigado, Nick; se souber de qualquer coisa...»

— «Eu sei, eu sei, meu velho; chamarei imediatamente.»

E, às vêzes, ainda repetia mais uma frase:

— «Não seria melhor que eu lhe dissesse onde estarei hoje durante o dia?»

— «Não; creio que não há esta urgência, meu velho!»

★

AFINAL, êle não estaria em **outro lugar** senão em seu quarto, naquela pensão barata, a não ser que saísse para andar um pouco ou para fazer uma refeição ligeira, em algum botequim, por ali mesmo.

Estava liquidado, não restava dúvida alguma.

As esperanças radiosas dos primeiros tempos não se haviam concretizado. Os papéis que êle tão bem interpretara, como, por exemplo, na última peça em que tanto se destacara, não o levaram ao sucesso, como êle esperava.

Afinal, êle não era um velho. Estava, apenas, com quarenta anos, e a grande oportunidade ainda não chegara. Sabia que fizera o possível, porém aquêles papéis satíricos, sofisticados e românticos, que êle fazia tão bem, que eram a sua **especialidade**, já estavam fora de moda. Os escritores já não estavam mais interessados. Escreviam, agora, para galãs robustos, rudes e violentos. E isto não lhe agradava; isto êle não faria! Êle nascera fora de época, talvez; ou muito antecipado ou muito atrasado! A velha civilização do mundo desaparecia e a nova civilização ainda não chegara. Pelo menos era assim que êle tentava justificar, a si próprio, o seu fracasso. Não havia lugar para êle no cenário atual! Ainda bem que não se casara. Êle e Sara haviam concordado em esperar mais um pouco. E, então, ela se casara com outro, alguém que êle nem conhecia.

Não a culpou. Afinal, esperar cinco anos era muita coisa, especialmente quando não há coisa alguma em perspectiva... Isto acontecera há anos atrás, doze anos, três meses e dois dias.

E êle nem vira o retrato dela nos jornais, quando o marido morreu, dois anos, quatro meses e seis dias depois. Também não a procurou nem lhe escreveu.

Levantou-se, pois, meio contra a vontade, e encaminhou-se para a porta, a fim de apanhar o jornal da manhã. O melhor momento de seu dia entediado era aquêle em que voltava para a cama ainda quente e lia o jornal.



Naquela manhã, sua cama lhe pareceu um refúgio especial. Chovia, segundo verificou ao fechar a janela por causa do vento frio que começava a entrar.

Afinal, ainda lhe restava o consôlo daquele quarto e, em melhores dias, êle tivera o bom-senso de guardar algum dinheirinho, para não morrer de fome.

Pelo menos, uma refeição diária e o aluguel do quarto estavam garantidos. Não havia muita satisfação naquela escassa segurança, mas sempre restava o consôlo de não ter que sair num dia de mau tempo, como aquêle.

Ajeitou dois travesseiros velhos para recostar-se melhor na cama e abriu o jornal, procurando a página do noticiário de teatro, e começou a ler com atenção. Nada de novo ou especial. Certamente, as peças, para a temporada, já estariam prontas e programadas e sua única es-

A ESTRANHA HISTÓRIA DE UM ATOR ESQUECIDO, QUE VOLTOU À VIDA, JUSTAMENTE, QUANDO FOI CONSIDERADO MORTO.

perança era esperar a próxima estação, a temporada de verão.

É; êle devia falar com Nick para ser mais atento. Nick estava ficando meio negligente; os velhos laços de amizade e camaradagem parece que estavam afrouxando... Não obstante, êle não se atrevia a procurar outro agente, mesmo porque nenhum outro se interessaria por êle. Nick, afinal de contas, conhecia-o bem, e êle não precisava explicar as suas possibilidades.

Neste momento, a lâmpada de cabeceira, sempre mal instalada, apagou. Atirou no chão o jornal, num gesto de impaciência, e pulava da cama para consertar a ligação, quando notou seu nome, em letra-de-fôrma, na página do jornal:

«Drake Forrester encontrado morto em seu quarto.»

Era uma notícia pequena, na última página. Apanhou o jornal, apressadamente, e aproximou-se da janela, para ler o próprio obituário: **«Drake Forrester, ator, foi encontrado morto, esta manhã, em sua cama, pelo empregado da pensão, que lhe fôra levar os jornais. Mr. Forrester foi muito conhecido, há tempos, quando trabalhou na Broadway. Recebeu propostas de Hollywood mas não aceitou, preferindo continuar sòmente no palco. Recentemente...»**

O jornal caiu das mãos de Drake. Correu para telefonar a Nick. Aquela notícia tinha que ser desmentida imediatamente! Nick devia mandar um desmentido ao cronista e êle mesmo moveria uma ação contra o jornal!



NICHOLAS Jansen — Agência teatral — respondeu, no telefone, uma voz fanhosa.

— Sim... sim — gaguejou Drake, como sempre ocorria quando estava aborrecido — e... mr. Jan-Jansen está?

— Hoje, mr. Jansen não virá ao escritório.

— E, n-não sabe onde posso encontrá-lo?

— Não será fácil. Êle não está na cidade. Foi passar o fim de semana no campo, com um cliente.

— Oh!... — e, sem saber o que dizer à voz antipática, que o atendia, gaguejou: — Muito obrigado.

Desligou o telefone, voltou para a cama, cobriu-se e cerrou os olhos.

O jornal caíra no chão e êle se sentia em completa solidão.

Quem se importaria que aquilo fôsse ou não verdade?

Sua irmã não dava notícias há muitos anos; estava casada e morava no Texas. Seus pais haviam morrido quando êle tinha apenas vinte anos; graças a Deus, naquela época, tudo indicava que êle seria muito famoso. Agora, o teatro se distanciava dêle, que não podia aceitar a vida em outro meio. Amigos e parentes não se lembravam dêle...

Tanto fazia que estivesse vivo ou morto — pensou Drake. — Mas era uma sensação estranha aquela de ser dado por morto!

Embora estivesse ali, no seu quarto, respirando, como todos os dias, êle era considerado morto!

Sua imaginação, fantasiosa, começou a funcionar. Já havia lido contos e vivera mesmo uma peça de teatro sôbre aquela situação em que agora se encontrava. O personagem considerado morto começara, então, uma existência completamente nova e diferente, livre de tôdas as dívidas, esquecidos todos os fracassos!

Êle devia, pois, bendizer aquela oportunidade de libertar-se e poder começar vida nova, talvez até com outro nome, e esquecer, completamente, o mundo passado, onde vivera.

Chegou a ver-se viajando pelo mundo; era outra pessoa, em Londres, Paris, Veneza... ou talvez mais perto, mesmo ali em Chicago ou São Francisco.

Mas, havia uma dificuldade: **êle não queria ingressar em outro setor que não fôsse o teatro!**

Qualquer outra tentativa, fora do palco, levá-lo-ia, novamente, a um quarto como aquêle, em alguma cidade como aquela, telefonando para um agente desinteressado, menos interessado ainda, pois lhe seria desconhecido.

Afinal de contas **Drake Forrester** fôra alguém, um dia! E tinha sua memória vagamente respeitada.

Havia muito tempo que êle não chorava, mas, agora, chorou... não, exatamente, por si mesmo, mas **por alguém muito semelhante a êle** foram aquelas lágrimas...

Êle não seria, certamente, o único ator esquecido e naquela situação. Não queria enganar a si mesmo.

Ao menos tinha certa pose, um pouquinho de talento que, combinado com juventude e uma bela aparência — sim, êle fôra muito atraente e ainda era — e conseguira ir um pouco além do medíocre. Mas isto não era o bastante, nunca seria. Portanto, **por que não morrer?** Seria tão fácil! Já pensara muito nisso, pensara como pensam os fracassados e abandonados, isto é: apenas como uma débil possibilidade. Pensara nisto à noite, quando tomava as pílulas contra insônia. Tinha a morte na palma de sua mão, e sorria amargamente, olhando as pequeninas pastilhas brancas, não com alguma idéia objetiva em mente, mas com aquela mentalidade dramática, **pensando que estava ali, à sua escolha: morrer ou viver**.

E, agora, alguém resolvera a questão para êle — de maneira diferente — alguém com seu nome.

Apanhou o jornal e leu novamente. Não procuravam justificar a sua morte. Noticiavam-na, simplesmente, dando uns poucos detalhes sôbre o antigo êxito que tivera no palco e contando como, aos poucos, se retirara. Era quase dignificante e, se êle resolvesse morrer, realmente, agora, estragaria tudo! Aquêle quarto pobre, sua insistência em telefonar para Nick, as camisas velhas, os pijamas rasgados, êsses tristes detalhes sôbre o seu fracasso, que êle podia esconder enquanto vivo, mas que, morrendo realmente, viriam a público. Devia até estar contente de que **alguém tivesse morrido em seu lugar**. O endereço estava certo, era o seu, o número, a rua...

Fêz uma careta zombeteira e sentiu, de repente, que estava com fome. Levantaria, faria um pouco de café e torradas, no pequeno fogareiro, que



tinha no quarto, e não telefonaria para Nick, **nunca mais**.

Podia continuar ali ou ir para o Oeste, por exemplo, amanhã mesmo, ou dar um pulo até Hollywood, por sua própria conta, e aceitar um papel qualquer, mesmo de «extra». Nada, agora, o atrapalharia — **seu nome estava morto!**

O telefone bateu, de repente, com estridência, enquanto tomava o café, na masinha, ao lado da cama. Levantou-se e foi atender. Uma voz feminina, desconhecida, perguntou:

— Quem está falando?

— Com quem deseja falar? — perguntou êle, refreando o hábito de dizer logo o seu nome.

— É que eu acabo de ler o jornal... eu conheci Drake Forrester, há muitos anos. Trabalhamos na mesma peça. Êle era até um bom ator e... nunca mais ouvi falar nêle e, agora, acabo de ler que êle morreu...

Drake hesitou un. pouco, depois respondeu, com voz firme:

— Desculpe, minha senhora, mas deve ter errado o número.

Desligou e sentou-se, novamente, na cama.

O **negócio** estava ficando divertido. De quem seria aquela voz feminina, que se preocupara com êle? E dissera que êle era um bom ator — **não o esquecera!** Ficou uns momentos, ali, olhando para a parede vazia, tentando lembrar-se de quem era a voz, sem conseguir...

Afinal de contas, pelo menos, uma pessoa se lembrara dêle! E isto foi o bastante para o reanimar um pouco.

Foi olhar pela janela, para saber se ainda estava chovendo. Nas manhãs de sol, êle costumava dar uma caminhada pelas redondezas.

Chovia ainda e êle voltou à cama; porém, mal se tinha acomodado, quando ouviu bater à porta. Levantou-se novamente e foi abrir. Era o empregado da pensão que, com uma expressão de curiosidade, lhe entregou uma pequena caixa de flores e disse:

— O florista veio trazer isto!

Certamente, êle não lera o jornal e não podia compreender o motivo por que mandavam flores a Drake.

— Oh! Muito obrigado — disse Forrester. — Espere um pouco!

Procurou, nos bolsos da velha calça, que estava sôbre a cadeira, e achou, finalmente, um níquel.

— Muito obrigado! — agradeceu o empregado, surpreendido.

Depois de fechar a porta, Drake abriu a caixa de flores. Eram rosas brancas e havia, também, um envelope, do qual êle tirou um cartão que trazia: **«Em memória dos bons tempos»** — e estava assinado por sete nomes. Lembrou-se de todos; companheiros que trabalharam com êle em «O círculo vermelho», no ano em que a peça foi um verdadeiro sucesso. Era uma história de mistério e êle fazia o papel do marido da vítima. O galã, porém, era o amante da vítima e não o marido. Não obstante, fôra um bom papel o seu, e êle ganhara bastante dinheiro, chegando até a pensar que êle e Sara poderiam casar naquele ano. Foi, exatamente, no ano em que ela acabou casando com outro. Mas, que diferença fazia isto, agora? Se êle tivesse conseguido revelar um talento invulgar, teria achado, naturalmente, outras que quisessem casar com êle.

Colocou as flores numa lata, com um pouco de água, e botou na janela. Decidiu, então, não deitar mais, levantar-se de uma vez e sair. Estavam em abril e o céu começava a clarear. Tomou um banho de chuveiro, voltou para o quarto e vestiu-se, cuidadosamente. Quando chegou à rua o céu já estava azul e farrapos de nuvens brancas esvoaçavam no espaço.

Deu a habitual caminhada, por seis quarteirões, e, como ali não o conheciam pelo nome, ninguém se admirou de o ver saudável, caminhando pela rua.

Comprou um exemplar de uma revista sôbre teatro, ponderou um pouco se não estaria muito frio para sentar no banco do parque, para ler, e resolveu que era melhor voltar para o quarto.

Como não ia telefonar para Nick, ficou sem ter o que fazer. Mas, estava decidido: não telefonaria mais para Nick! Melhor seria começar logo a pensar para onde iria, **e o que faria**.

Quando chegou à porta de seu quarto, viu que haviam colocado, por baixo, um telegrama. Apanhou-o, abriu e viu que era de Nick, com um apelo frenético: — **«Por favor, telefone escritório. Tenho tentado comunicar-me você há horas. Sigo primeiro trem cidade.»**

Drake sentou, ainda com o chapéu na cabeça. Que significava o telegrama? Nick sabia que êle estava morto — ou não? Possìvelmente lera o jornal e não acreditara. E, mais uma vez, decidiu que não procuraria o agente. Sem tirar o chapéu, colocou o telegrama junto das flores e saiu novamente.

Chegando ao parque, sentou num banco e leu o magazine de teatro, de ponta a ponta. Depois, ficou sentado observando, ao seu redor, outros homens, desempregados como êle; alguns já lhe eram familiares e, certamente, êle também o era para êles; mas, como nunca cumprimentara sequer qualquer dêles, não via por que fazê-lo agora.

Notou, repentinamente, que já devia passar de meio-dia e resolveu ir a um restaurante automático e fazer uma refeição ligeira; depois, iria para casar dormir um pouco.

Sentia-se cansado, depois das emoções daquele dia. Era, em verdade, uma experiência estranha aquela de estar morto — pensou êle, sorrindo para si mesmo.

Quando chegou à pensão, o empregado veio, correndo, falar-lhe:

— Deve ser um aniversário... Chegaram mais duas caixas de flores e três telegramas, enquanto o senhor estêve fora.

— Sim; é um aniversário — disse Drake.

Procurou outro níquel, deu-o ao rapaz e, carregando as caixas e levando no bôlso os telegramas, subiu para o seu quarto. Estava mesmo divertido aquilo; seu quarto cheio de flores e telegramas. E êle se sentia como se voltasse aos velhos tempos e entrasse no seu camarim.

Congratulações! Ironia! Congratulações **pela sua** morte! Mas, ainda assim, ficou comovido. Êle,

(Cont. na pág. 116)



APRENDAM QUANTO ANTES!

Por
HENRY LA COSSITT

ESSAS, realmente, são palavras de Emerson, que encontramos no seu magnífico ensaio «Self-Reliance». Em recente crise da minha vida, pensei nelas, como já havia, antes, pensado, muitas vêzes, em similares ocasiões. Há uma grande, uma imensa e luminosa verdade nessa simples linha; e isso é o que sempre aprendemos, uns mais cedo outros mais tarde. Os mais felizes aprendem depressa. Mas, em geral, só aprendemos depois de esforços e tentativas verdadeiramente infantis e medrosas, no sentido de escapar aos nossos problemas, de fugir às responsabilidades que dêles nasceram.

Êsses esforços são variados: esperanças tôlas, recusa de enfrentar uma situação, o uso do álcool e outras drogas, numa desesperada tentativa de transferir a responsabilidade para uma outra pessoa ou, simplesmente, para adiar o desfecho, o momento que tememos!

Essa verdade, aliás, é muito mais antiga que o próprio Emerson. Tem a própria idade do Homem!

É necessário olhar para dentro de nós mesmos. É necessário revolver tudo o que há dentro de nós. É indispensável conhecer a verdade dos grandes princípios morais — mesmo por meio de experiências amargas, se tanto fôr necessário — e aplicar à nossa vida tudo o que ficamos sabendo.

É necessário organizar a marcha, ter uma finalidade e lutar por atingí-la. **Só isso nos dará a paz.**

E quando conseguirmos conquistar a paz para nós mesmos, fàcilmente poderemos dar paz a outras pessoas, principalmente aquelas que nos cercam.

No mundo difícil em que estamos vivendo, êsse é — no meu conceito — um desfecho especialmente desejável para que a êle nos dediquemos sinceramente.

"Ninguém pode tranqüilizar o nosso espírito, senão nós mesmos!" — Ralph Waldo Emerson.

O fantasma que

AS MAIORES VITÓRIAS OBTIDAS POR NAPOLEÃO FORAM GUIADAS POR FÔRÇAS SOBRENATURAIS. — E ÊLE FALHOU SÒMENTE QUANDO FINGIU IGNORAR ÊSSE VITAL ALIADO.

NA noite de 16 de agôsto de 1769, Frederico, o Grande, da Prússia — um dos mais hábeis chefes militares e um dos maiores líderes políticos de tôdas as épocas — teve um sonho verdadeiramente assombroso.

Viu uma «estrêla brilhante» caindo, vertiginosamente, do céu. O seu brilho era tão forte e terrível, que o soberano acordou em sobressalto, julgando que um meteoro caíra em algum local próximo, e que o seu brilho excessivo o cegara totalmente.

Ao ver as coisas que o cercavam, compreendeu que não caíra qualquer meteoro e que, apenas, acabara de ter um dêsses «sonhos proféticos», de que muita gente, então, falava, cheia de temor.

— **Um líder acaba de nascer!** — declarou êle, mais tarde, com muita convicção. — E está destinado a mudar o curso da história!

Os crentes dos acontecimentos sobrenaturais não ficaram surpreendidos quando descobriram que o sonho de Frederico ocorrera na mesma noite em que, na pequena cidade de Ajaccio, na Córsega, nascia Napoleão Bonaparte, e **«no exato momento»** de sua vinda ao mundo.

A carreira de Napoleão — bem mais extensa do que a dos maiores homens da história — foi salpicada de eventos de caráter, aparentemente, sobrenaturais, dando a julgar que poderes cósmicos o tivessem circundado de uma predestinação especial, concedendo-lhe o dom de atrair e dominar as massas.

Êle próprio acreditava, firmemente, em sua «boa estrêla», e, freqüentemente, efetuou mudanças de planos e táticas em meio a uma batalha, e o fazia com tanta espontaneidade e de forma tão súbita, que seus generais chegavam a classificar tais resoluções como disparates ou verdadeiros atos de loucura e um modo de tentar o suicídio, levando de roldão, para o inferno, as tropas, que eram o orgulho da França daqueles dias.

Mas, enquanto seguiu essa estranha **intuição**, Napoleão jamais falhou na conquista das vitórias. Sòmente quando perdeu a fé **naquilo** que o guiava, o seu gênio e seu poder militar começaram a declinar.

Existem indícios, evidentes, de que o próprio Napoleão — em adição à sua crença na «boa estrêla» — tinha, também, o dom da previsão, em certas ocasiões. Entre outras coisas, previu que a Alemanha acabaria por unificar-se, que a Espanha perderia suas colônias, que os Estados balcânicos acabariam por tornar-se independentes, e predisse, ainda, a formação do Império Austro-Húngaro. Em dada ocasião, estando entregue a uma profunda meditação, o Imperador confiou nada menos do que dez predições a um amigo íntimo, o famoso ator Talma. Quando êste lhe perguntou se tais predições eram baseadas em fatos e motivos razoáveis, o grande general respondeu francamente:

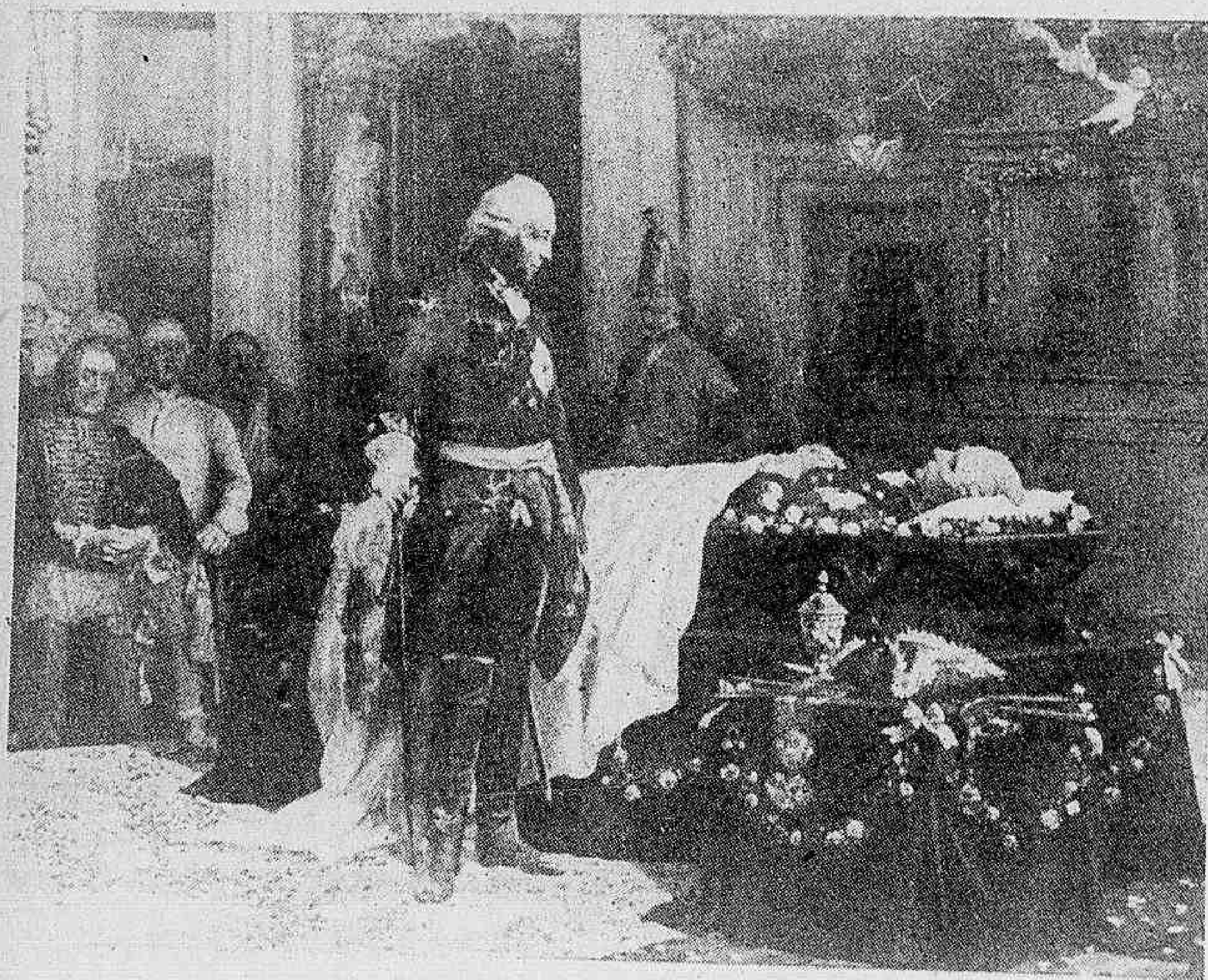
— Não, não tem qualquer base real. Mas, quase todos os meus sonhos e convicções momentâneas se tornam realidade, e não posso jamais deixar de levá-los em consideração.

Talma gravou, cuidadosamente, tudo o que Napoleão profetizara e, para seu espanto, nem um só dêsses fatos anunciados deixou de realizar-se.

As aparições do «Fantasma Vermelho da França» — muitas das quais vistas por outras pessoas — oferecem a mais espantosa evidência de que fôrças ocultas estavam vivamente interessadas pela sorte da França e de seu imperador.

O «Fantasma Vermelho» apareceu, muitas vêzes, sempre em momentos cruciais da história do país. Uma das aparições mais dramáticas — e bem documentada — ocorreu na noite de 13 de maio de 1610.

O rei Henrique IV ocupava, naquela época, o trono da



Frederico, o Grande, da Prússia, em sonhos, previu o nascimento de um líder. No mesmo dia e hora em que ocorreu êsse sonho, nascia, na pequena ilha da Córsega, aquêle que seria Napoleão I, imperador dos franceses e dominador da Europa. A gravura apresenta Frederico diante do corpo do general Schwerin, morto no início da guerra dos Sete Anos.

Falava com Napoleão



O imperador foi advertido pelo «fantasma vermelho», no sentido de celebrar a paz geral na Europa. No entretanto, a ambição de poder do grande general era demasiada e isto acarretou a sua debacle.

França e, devido às tensas e conturbadas condições que êste país atravessava, o monarca acabara de anunciar a sua intenção de tomar o comando pessoal dos exércitos.

Essa resolução ocorreu pouco antes da meia-noite, quando o rei despertou de um sono agitado, em meio ao qual julgou ouvir uma «voz profunda e grave» que lhe fazia uma séria advertência. A convicção de que, realmente, ouvira uma voz humana foi tão grande, que o corpo do rei ficou coberto de suor.

Olhou aterrorizado para o outro extremo do quarto e, com grande espanto, viu a figura do «Fantasma Vermelho», da mesma forma como se apresentara aos olhos de muitas outras pessoas A aparição representava um homem muito alto, de figura robusta e denotando ares de comando e autoridade; vestia longa capa vermelha e tinha o rosto ornado com uma barba completamente ruiva. O quarto fôra invadido por um vento gelado, naquele momento, embora a estação correspondesse aos fins da primavera.

A aparição falou, a seguir, com a mesma voz profunda e grave, que Henrique IV ouvira durante o sonho.

Você morrerá ao amanhecer! — advertiu o fantasma. — Será assassinado por aquêles que considera seus mais fiéis amigos.

Sem fazer qualquer pausa para aguardar uma resposta ou um protesto, a aparição caminhou para a parede, desaparecendo, como se a tivesse cruzado.

O rei reuniu, prontamente, seus súditos mais chegados, contando-lhes o que ocorrera. Êles repeliram qualquer idéia referente a uma conspiração para matar o soberano. Um tanto reconfortado, Henrique IV voltou ao leito, procurando retomar o sono. Porém, menos de doze horas depois, na manhã de 14 de maio, êle foi assassinado, quando se encontrava cercado pelos seus camaradas mais íntimos. O golpe fatal foi desferido por Ravaillac, que, às ocultas do rei e de

muitos dos demais companheiros, levara a efeito uma conspiração contra a vida do soberano.

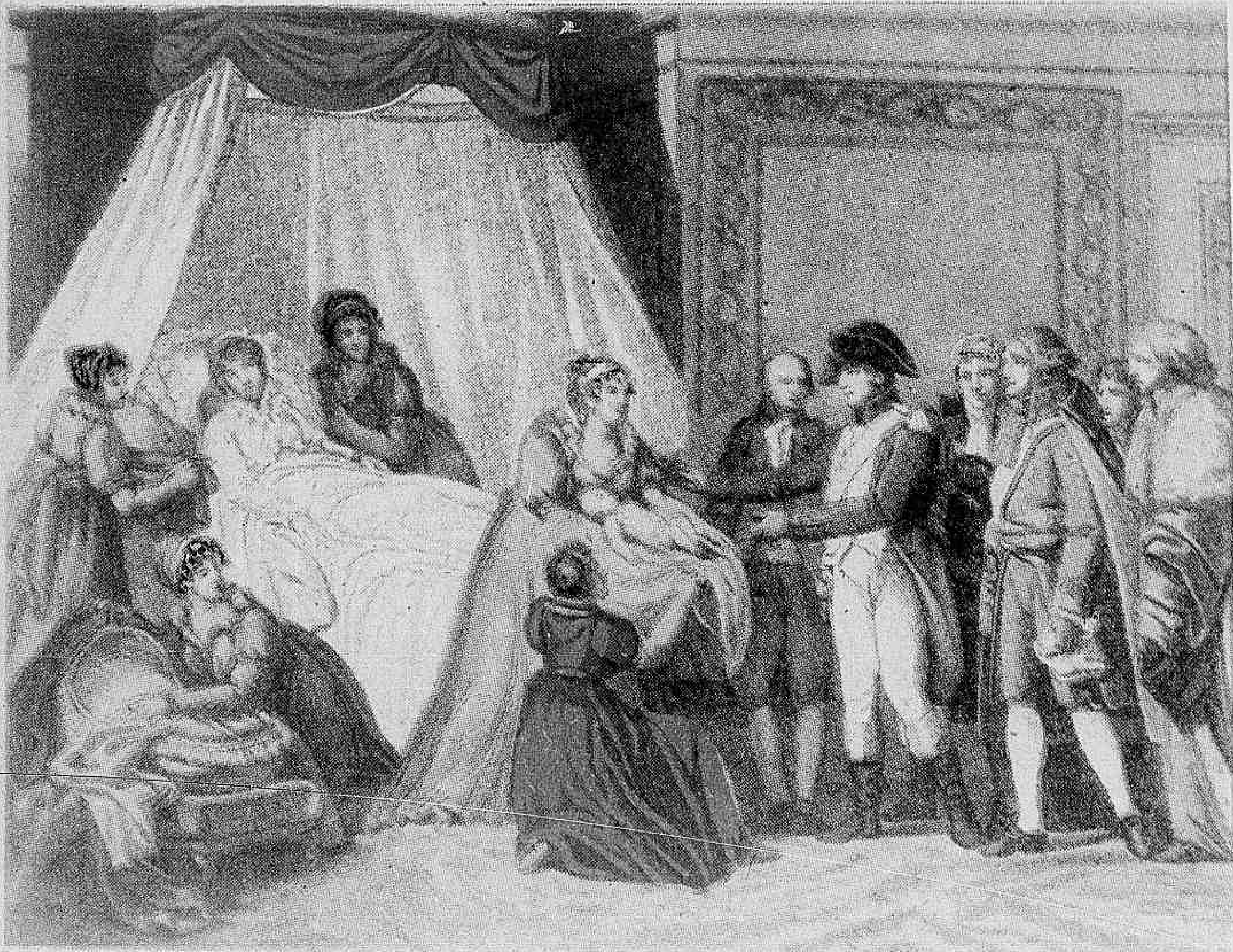
A história podia ter sido mudada, se Henrique IV tivesse tomado as devidas precauções, após receber esta fantasmagórica sentença de morte.

Napoleão, que estava bastante familiarizado com as histórias do «Fantasma Vermelho», ficou bastante impressionado com essa ocorrência. Sabia, também, de mais recente, do **homem de barba ruiva**, uma aparição, muito que se apresentara a Luís XVI, predizendo o advento da Revolução francesa e a morte, pela guilhotina, do rei e de sua espôsa, a famosa Maria Antonieta. Por tais motivos, o grande general permaneceu sempre alerta contra o fantasma, que o «visitou» diversas vêzes.



O nascimento de Napoleão provocou muitos sonhos proféticos Temos, acima, o que foi a visão de uma senhora holandesa: — «Forte diante da morte».

A primeira dessas aparições, diante de Napoleão — da qual existem dados merecedores de fé — ocorreu em 1798, quando o homem que dominou a Europa contava, apenas, vinte-e-nove anos de idade e era, ainda, um simples, mas promissor, comandante de exército. Isto se deu anteriormente à batalha das Pirâmides, no Egito, e incluía o aviso de um grande desastre **no mar**. A batalha das Pirâmides, como todos sabem, Napoleão conseguiu vencer, mas a derrota da esquadra francesa, pelos navios do almirante Nelson, em 1º de agôsto daquele ano, diante de Abukir, constituiu um desastre de graves conseqüências para a França.



Com o casamento de Napoleão com a princesa Maria Luísa, da Austria, o Império ganhou um herdeiro, que recebeu o título de Rei de Roma.

Anos mais tarde, depois que se tornou imperador, Napoleão persistiu em sua determinação de derrotar a Inglaterra **no mar**; porém, a sua magnífica esquadra, composta da combinação de navios franceses e espanhóis, foi completamente destroçada, na grande batalha de Trafalgar.

A segunda aparição do «Fantasma Vermelho» ao imperador e comandante de exércitos ocorreu após a desastrosa batalha de Wagram, quando a aparição deu, a Napoleão, quatro anos **para estabelecer** a paz. A êste aviso, Napoleão fechou os ouvidos.

Aparentemente, o imperador da França estava sòzinho nessas duas ocasiões em que ocorreu a aparição, e a verdade das mesmas está baseada em breves frases que êle pronunciou, vez por outra. Sôbre a terceira «visita», porém, existe uma afirmação, indubitável, por parte de uma testemunha que presenciou todo o período da aparição, e por parte de uma segunda testemunha, que assistiu a quase todo o tempo de duração da mesma.

Êste fato ocorreu numa das manhãs de janeiro do ano de 1814. Napoleão já experimentara tremedas **derrotas** e as fôrças que agora o atacavam eram numerosas e mais bem aparelhadas. O imperador estava sentado em seu gabinete de trabalho, no Palácio das Tulhérias, em companhia do Secretário de Estado, conde Mole, e do seu secretário pessoal, Nieuval.

Para compreender, exatamente, o que aconteceu, é necessário que o aposento seja descrito. Era uma sala bastante confortável e agradável, que servira, anteriormente, de quarto de dormir de Maria Teresa, a mulher de Luís XIV. As paredes estavam cobertas por estantes de livros. Havia, apenas, uma janela e uma porta — esta última conduzindo a uma pequena ante-sala. A mesa de Napoleão estava colocada no centro da sala. Nieuval, por sua vez, estava sentado diante de uma outra escrivaninha, defronte à janela.



Napoleão aparentava bastante preocupação, absorto em seus negros pensamentos, e prestando pouca atenção ao que o conde Mole dizia. A certa altura, levantou-se e passeou pelo aposento, distraìdamente, e, finalmente, pediu ao conde que fôsse para a ante-câmara, enquanto êle punha em ordem tudo aquilo que lhe ocorria, no momento. Com isto, apenas o imperador e Nieuval permaneceram no estúdio.

Na pequena ante-câmara, onde agora se encontrava a sós, o conde Mole, sentou-se, dando início à leitura de um livro. Tanto a porta do corredor como a que dava para o estúdio de Napoleão estavam fechadas.

Sùbitamente, o conde notou que o pequeno aposento, onde se encontrava, tornava-se extraordinàriamente f r i o. Levantou a cabeça e, para seu espanto, viu «um homem alto, en-

Sob a influência do «fantasma vermelho», Napoleão abandonou Josefina e casou com Maria Luísa. Esta é uma reprodução do ritual da pomposa ← cerimônia nupcial.



Napoleão assina a sua abdicação.

anos para estabelecer a paz geral e o adverti de que, se não me atendesse, deixaria de protegê-lo. Apesar disso, não obedeceu às minhas instruções... Agora, previno-o de que lhe restam três meses para completar os desígnios que já tem em mente ou concordar com a paz que lhe é oferecida pela Aliança. Se não tiver sucesso naquela ou não aceitar êsse oferecimento, sua carreira estará encerrada. Lembre-se bem disto.

Napoleão retrucou de modo enfático, dizendo que três meses não eram suficientes para reconquistar o que havia perdido ou para assinar um honroso tratado de paz.

— Desculpas não importam, para mim! — interrompeu o homem da barba ruiva. Dou-lhe três meses e não mais!

vôlto numa capa vermelha e com uma espêssa barba ruiva». Ambas as portas continuavam fechadas.

— Preciso falar ao imperador, com urgência! — disse o recém-chegado, que, de alguma forma, conseguira passar pelos guardas e através da porta fechada. Sua voz era profunda, como se viesse das entranhas da terra.

Embora bastante surpreendido, o conde respondeu, cortêsmente:

— O imperador não pode ser perturbado por quem quer que seja, no momento! Deseja ficar a sós, sem sofrer qualquer interrupção.

O estranho — que era «alguém» que Mole jamais vira em tôda a sua vida — avançou alguns passos. O conde se levantou, com o intuito de guardar a porta que comunicava com o gabinete de Napoleão. Como o homem continuasse a avançar, Mole levantou os braços, como visando repelir o estranho com um empurrão. Mas, para sua surprêsa (e horror), os braços trespassaram o «corpo» do homem, e a sensação que sentiu foi a de meter as mãos numa camada de ar gelado.

O homem de barba ruiva encarou o conde Mole, com ar autoritário, e falou:

— Vá lá dentro e diga ao imperador que o homem da barba vermelha deseja vê-lo, com urgência!

Tremendo, o conde obedeceu e, para seu maior espanto, tão logo acabou de transmitir o recado a Napoleão, êste ordenou-lhe que deixasse o estranho passar. Uma vez isto feito, Mole fechou a porta, permanecendo na antecâmara. A esta altura, o conde não mais podia conter a sua curiosidade, permanecendo na ante-câmara. A esta altura, o conde não mais podia conter a sua curiosidade, e ficou a espiar e ouvir, pelo buraco da fechadura. Cuidadosamente, gravou, na memória, tudo o que aquela voz cavernosa dizia, da mesma forma que as palavras pronunciadas por Napoleão:

— Esta é a terceira vez que apareço diante do senhor. Da segunda vez, dei-lhe o prazo de quatro

E o silêncio tornou a reinar no gabiente.

Embora Mole escutasse e procurasse ver o que se passava no outro aposento, com todos os sentidos alerta, não conseguiu ver ou ouvir o estranho deixar o gabinete. Minutos depois, o secretário Nieuval abriu a porta e pediu a Mole que entrasse. Napoleão apareceu, «trêmulo e pálido» e transferiu a entrevista com o conde para outra ocasião.

Mais tarde, o conde Mole discutiu a ocorrência com Nieuval, em particular. Êste insistiu em afirmar que não vira nenhum estranho de barba ruiva, metido numa capa vermelha, ingressar no gabinete, mas não negou que ouvira a voz cavernosa, vindo, aparentemente, **do nada**! Ouvira, também, a resposta de Napoleão. A conversação entre o fantasma e o imperador deixou êste último bastante desalentado. Por alguma razão, Napoleão não abandonou o gabinete em todo o resto daquele dia.

A história nos conta o que aconteceu, posteriormente. Napoleão inclinou-se para a luta, mas os seus adversários estavam, agora, muito bem preparados e êle acabou sendo fragorosamente derrotado. Exatamente três meses depois da advertência feita pela aparição, em 11 de abril de 1814, Napoleão abdicou, «renunciando por êle próprio e por seus herdeiros, aos tronos de França e da Itália...»

O grande cabo-de-guerra morreu, prematuramente, com a idade de cinqüenta-e-dois anos, exilado na solitária ilha de Santa Helena. Muitas pessoas acreditam que êle tenha morrido de desgôsto. De qualquer forma, quando jazia, agonizante, na tarde de 5 de maio de 1821, ocorreram diversos fatos, aparentemente sobrenaturais, e todos no espaço de menos de uma hora, enquanto Napoleão atingia o estado de coma.

Uma súbita tempestade, de violência verdadeiramente assombrosa, caiu sôbre a casa, derrubando várias árvores das cercanias. Um raio fendeu a

árvore favorita do imperador — aquela sob a qual êle costumava sentar, trabalhando em suas «Memórias». A tempestade cessou tão sùbitamente como tivera início e, conforme várias pessoas afirmaram, jamais caíra uma intempérie como aquela na ilha, em qualquer época, anterior ou posterior à morte de Napoleão.

Poucos minutos ántes das dezessete horas, um dos médicos, que se encontrava no quarto do moribundo, o dr. Antommarchi, viu, para seu completo espanto, a figura de um estranho, de pé, ao lado da cama. Era um homem muito alto, robusto, envôlto numa capa vermelha e portador de uma espêssa barba ruiva. A figura olhou para o imperador, que agonizava, mas não pronunciou qualquer palavra. Enquanto o dr. Antommarchi hesitava, completamente paralisado pelo susto, a estranha figura levantou os braços, esticando-os sôbre o corpo do moribundo, como a abençoá-lo. Simultâneamente com a invasão dos raios do sol no aposento, o homem da barba ruiva desapareceu, no ar, e Napoleão exalou o último suspiro. A hora, como foi cuidadosamente registrado, correspondia aos seis minutos antes das dezoito.

POUCOS minutos antes das seis horas, daquela mesma tarde, Mme. Bonaparte, mãe de Napoleão, estava sentada na sala de palestra do Palácio Bonaparte, a milhares de milhas de distância da ilha de Santa Helena. Um criado anunciou um visitante, que dizia ser portador de más notícias a respeito do filho. A anciã ordenou que o homem fôsse conduzido à sua presença imediatamente. Outro não era o recém-chegado senão o «fantasma vermelho»!

Madame Bonaparte encarou o estranho, um tanto assombrada, na esperança de que êle fôsse portador da notícia de que Napoleão escapara da ilha de Santa Helena e que pudesse, até mesmo, ser o imperador disfarçado.

Mas, logo se convenceu de que a estranha figura era uma espécie de emissário da morte. Seus olhos eram afundados e escuros e do seu corpo emanava como que uma onda de ar gelado. Finalmente, o recém-chegado falou, com voz profunda e que assustava:

— Madame, seu filho está morto!

E, sùbitamente, o «fantasma vermelho» desapareceu. Recobrando o domínio de si mesma, após alguns instantes, e acreditando ter sido vítima de uma ilusão ou alucinação, Madame Bonaparte correu para o «hall». Ali deparou com o criado, que introduzira o homem da barba ruiva na sala-de-palestra.

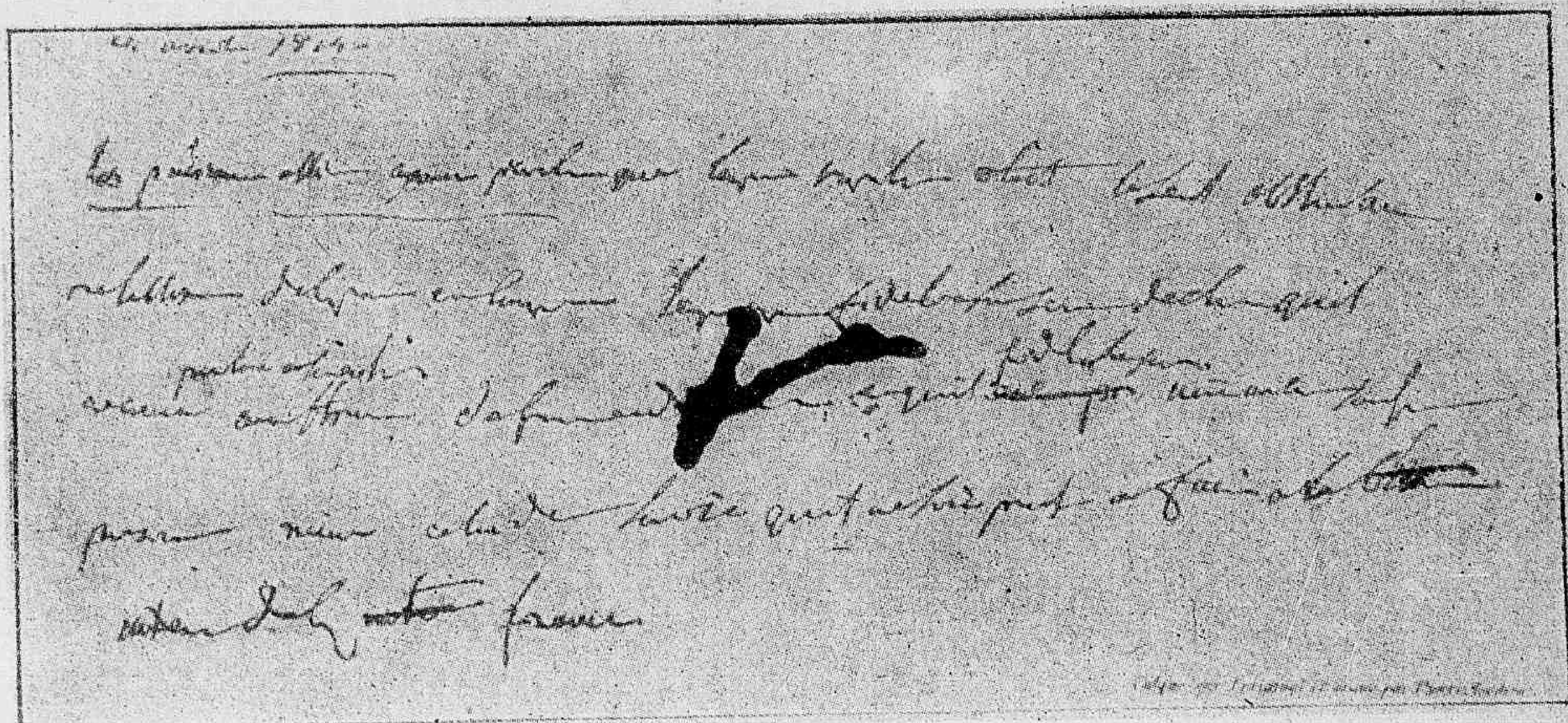
— O cavalheiro que você levou à minha presença, alguns minutos atrás... Viu quando êle saiu? — perguntou ela.

— **Signora Madre** — replicou o criado — ninguém passou por aqui, desde que levei o estranho à vossa presença. E não me afastei do meu pôsto por um só instante!

Madame Bonaparte anotou a data e a hora em que o misterioso visitante chegara e desaparecera. Não foi senão alguns meses depois — em julho — que ela teve notícia oficial da morte de Napoleão. Êste falecera no exato momento em que ela vira a estranha aparição e ouvira a voz do «Fantasma Vermelho da França».

EXISTIRÃO poderes ocultos a presidir o destino das nações e a guiar os seus governantes, retirando a sua proteção sôbre êles quando as suas advertências não são levadas em conta? Terão alguns grandes chefes, como Napoleão, a faculdade de conversar com visões e predizer o futuro?

A história registra que misteriosas «visitas sobrenaturais» — como as mencionadas neste artigo — ocorreram, muitas e muitas vêzes. Talvez a única explicação para êsses fatos inacreditáveis seja que o Poderoso Governante do Universo controla — até mesmo contra a nossa vontade — os destinos de nós todos.



As potências estrangeiras proclamaram que o Imperador era o único obstáculo para o restabelecimento da paz na Europa; o Imperador, fiel ao seu juramento, declara que renuncia, por si e seus filhos, ao trono da França e da Itália e que não há sacrifício, mesmo a de vida, que não esteja pronta a fazer pela França.



ONDE ESTAMOS
PARALISIA

TANTO os jornais têm tratado do assunto, pelas vozes mais autorizadas, que os leitores, com certeza, já sabem muito a respeito da paralisia infantil. Sabem que a poliomielite é uma doença devida a um vírus infinitamente pequeno; que começa, na maioria dos casos, como uma simples gripe e pode terminar com uma paralisia quase definitiva. Já houve tempo em que a morte era, muitas vêzes, o desfecho da moléstia, pela paralisia dos músculos respiratórios; hoje, o «pulmão de aço» permite evitar, em quase cem por cento dos casos, a morte do enfêrmo.

ONDE ESTAMOS, HOJE, COM A POLIOMIELITE ?

No artigo que hoje publicamos, procuramos reunir e descrever certos fatos, recém-descobertos, e que transformaram, completamente, as teorias e as possibilidades da medicina, com respeito a essa enfermidade.

A POLIOMIELITE NÃO É MAIS UMA DOENÇA, EXCLUSIVAMENTE, DA ESTAÇÃO QUENTE — O fato principal, que até aqui distinguia a poliomielite, era o seu caráter de **estação**. A poliomielite é, em princípio, um mal da **estação quente**. Hoje, porém, quando ela se espalhou pelo mundo inteiro, verifica-se, por tôda parte, que suas epidemias seguem o ritmo do calor. Assim, na América do Norte, os meses temíveis são, como para a Europa Central, os de julho, agôsto e setembro. Já na Austrália é o período de fevereiro a abril e, entre nós, de novembro a Março que ocorrem as epidemias. Não há, portanto, qualquer dúvida quanto à influência do calor (não mais, porém, para o aparecimento do mal, mas para a sua **recrudescência**).

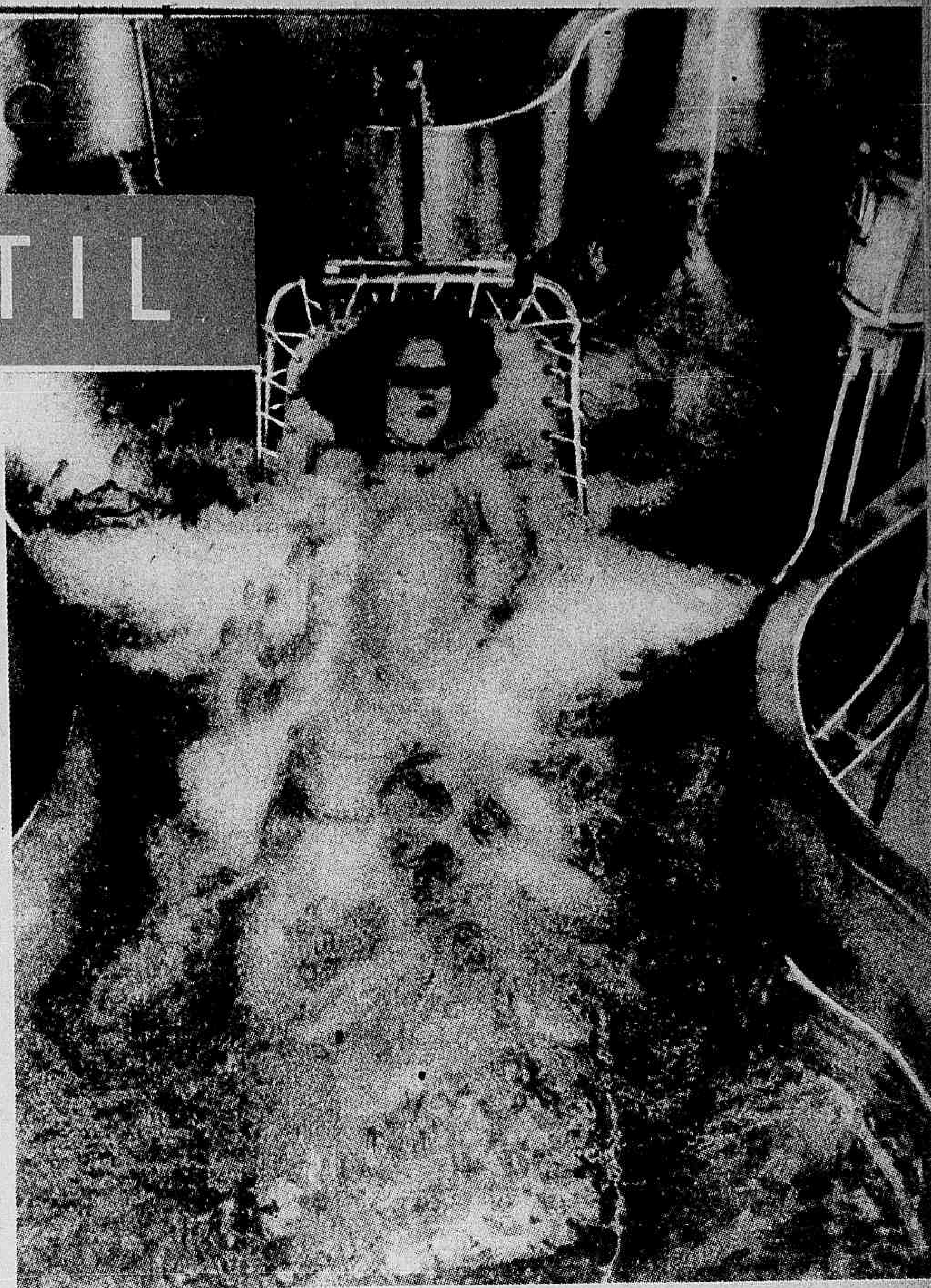
ESTAMOS AMEAÇADOS EM QUALQUER IDADE — Sempre se fala da poliomielite, chamando-a por seu velho nome: **Paralisia Infantil**. Nisto, porém, vai um grande êrro. De fato, se — até 1930 — 95 por cento dos doentes tinham menos de dez anos, de 1935 a 1941 a proporção não ia além dos 75 por cento; em 1944, já havia caído para os 46 por cento. Atualmente,







COM A ... INFANTIL



mais da metade dos enfermos tem mais de dez anos.

Em certos países, os casos, em sua maioria, são assinalados na época mais próxima da puberdade, estendendo-se até aos vinte-e-cinco anos. Na França, como na Inglaterra, Espanha — e, também, entre nós — embora os casos, em sua maior parte, se situem ainda na segunda infância, observa-se uma recrudescência inquietadora entre os quinze e vinte-e-um anos.

Não apenas o número de adultos atingidos aumenta sem cessar, mas, também, a idade-limite parece avançar progressivamente. Em 1930, nesses países, não podia ser assinalado nenhum caso além dos vinte-e-três anos. Atualmente, tem surgido o mal em pessoas já passadas dos cinqüenta!

Seria inútil recordar, aqui, o exemplo do presidente Roosevelt, atacado pela poliomielite depois dos quarenta anos, e que conservou, durante tôda a sua vida, uma paralisiá parcial das duas pernas.

O VÍRUS ACABA DE SER DESCOBERTO — Desde 1909 os cientistas suspeitavam da existência de um micróbio da poliomielite. Êste pertence à classe dos vírus, isto é: a uma família de micróbios infinitamente pequenos e invisíveis, mesmo ao microscópio comum. Tornaram-se visíveis, recentemente, graças ao microscópio eletrônico, depois que o preparado foi revestido de uma couraça de vapores de ouro.

Mais ainda. Trata-se de UM DOS MENORES VÍRUS conhecidos: sua dimensão é de cêrca de **15 a 20 milionésimos de milímetro**. Isto significa que êsse vírus é, com relação aos micróbios ordinários, o que os micróbios ordinários são com relação ao milímetro! A título de comparação, supondo-se que o milímetro seja aumentado de maneira a ter a altura da Tôrre Eiffel, o vírus da poliomielite, aumentado na mesma proporção, teria uma estatura de ... 6 milímetros.

É, além do mais, **muito resistente ao calor**, suportando, durante trinta minutos, uma temperatura de 42º e só morrendo além dos 50º. **Também é muito resistente ao frio**, à glicerina e à maioria dos antissépticos. Em particular, só é destruído pelo cloro, na dose mínima de 4 miligramas de cloro livre por litro d'água, o que constitui uma dose muito forte.

Isto significa que um tratamento das águas das piscinas (por exemplo), em doses menos fortes, não seria suficiente para impedir a poliomielite. **Êsse fato é importantíssimo, não apenas no que concerne às águas de piscina, mas, também, as que são bebidas**. Assim, para afastar qualquer risco, a água deve estar fortemente clorada.

NÃO HÁ UMA SÓ, MAS «VÁRIAS» POLIOMIELITES — Última descoberta — inesperada: acredita-se, hoje, que não existiria um vírus poliomielítico único, mas **vários** vírus (no mínimo três), acreditando-se que o seu número seja maior.

Êsses vírus se diferenciam, nìtidamente, em certos pontos, como, por exemplo: uns são inoculáveis no macaco, outros não; uns existem na natureza de certos animais e insetos, outros não. Além do mais, suas reações em laboratório (aglutinação, etc.) são bem diferentes.



O que se considerava, outrora, simples formas diferentes de uma mesma moléstia, constituíria, na realidade, uma **série de moléstias diferentes**, umas atacando os nervos, outras os músculos, os intestinos, as meninges, etc.

Essas moléstias podem, também, co-existir: um doente pode ser atingido, a um tempo, por vários vírus. A forma nervosa é, entretanto, a mais vulgar.

COMO UM INDIVÍDUO «APANHA» A POLIOMIELITE — A poliomielite é eminentemente contagiosa. Os fatos o provam: o vírus acompanha o homem em suas viagens.

Tomemos, por exemplo, a Alsácia, França, que era, desde 1930, um dos departamentos mais atingidos pelo mal. Em 1939, a poliomielite já havia atingido o centro da França e, também, o Sudeste, para onde fôra evacuada uma parte da população alsaciana, durante a ocupação alemã.

Outro exemplo. A poliomielite, que era muito conhecida nos Estados Unidos e quase nada no Japão, depois da ocupação norte-americana do território japonês, ali se manifestou com maior intensidade, o que prova que as tropas, ali estacionadas, transportaram o vírus.

Por muitos anos, tem sido discutido o MODO DE CONTÁGIO. Hoje, os cientistas sabem que êsse modo é duplo:

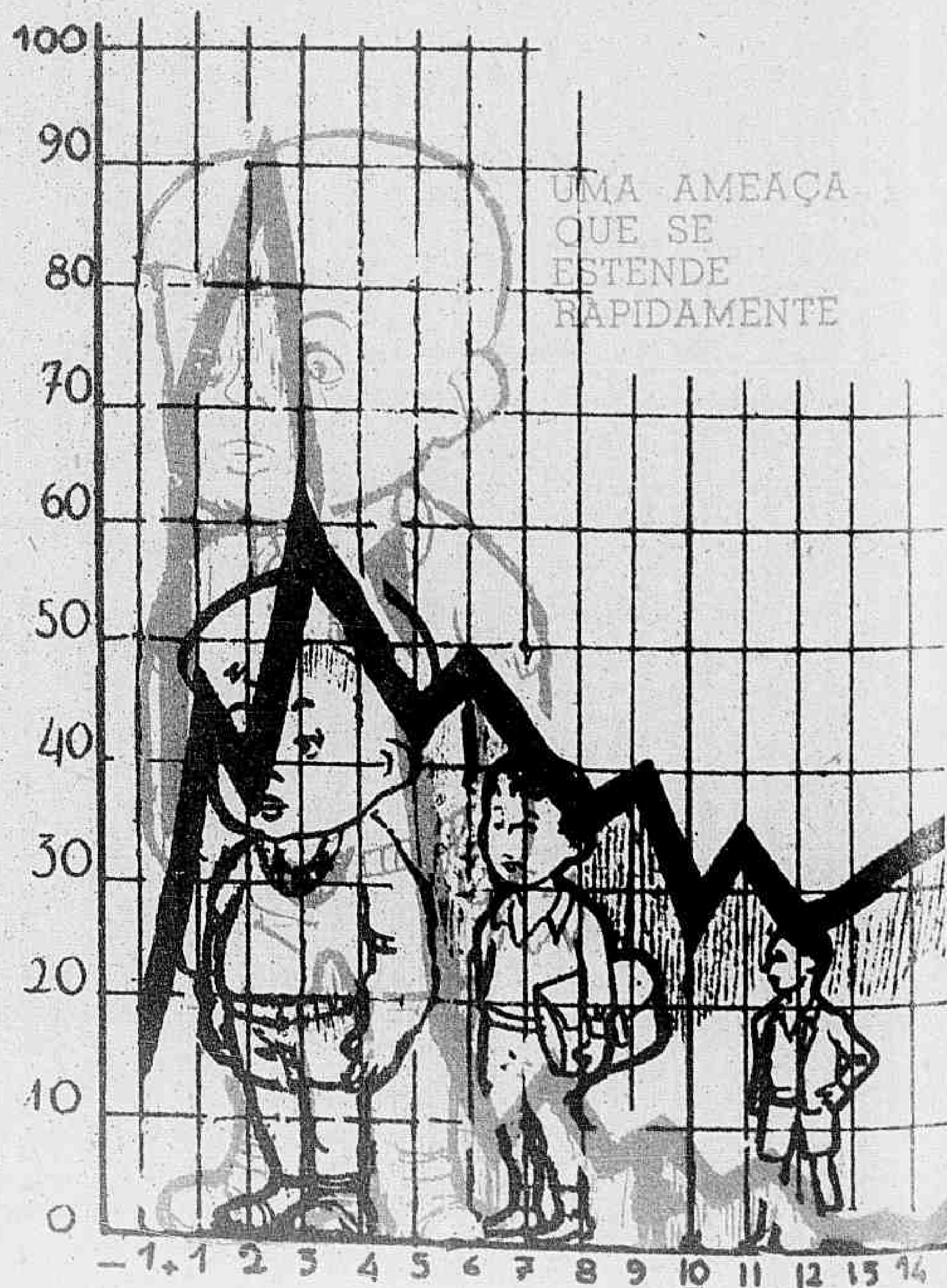
a) — Pode ser **respiratório**. E, de fato, o vírus é encontrado nas amígdalas e nas secreções faríngeas dos enfermos, algumas vêzes, ANTES do início do mal. Neste caso, o contágio é chamado DIRETO, não podendo a moléstia ser transmitida pelo ar respirado, mas, apenas, pelo contato direto com as mucosas de partículas de secreção, carregadas de vírus. Tal o caso do espirro, por exemplo, que dissemina gotículas carregadas de micróbios.

b) — Mas o contágio é, principalmente, **digestivo**. O vírus, que só se encontra nas secreções faríngeas no início da moléstia, é encontrado, ao contrário, em abundância, nas matérias fecais (isto durante a moléstia).

Além disso, é, também, encontrado nas matérias fecais dos indivíduos NÃO ATACADOS, mas PORTADORES DE GERMES, **após contato com um poliomielítico**. Entre êsses portadores, a eliminação do vírus, por êsse processo fecal, pode prolongar-se DURANTE QUATRO MESES!

Como se sabe, as matérias fecais vão para os esgotos e dêles para os vazadouros naturais. A água, em seguida, vai contaminar os alimentos destinados ao homem: água potável, leite, manteiga. Sem contar o banho de rio ou de poços, êste último particularmente perigoso porque a água não é corrente.

AS MÔSCAS — As môscas transportam, igualmente, o vírus, contaminando os alimentos e, particularmente, o leite. O papel dêsses insetos é importante. Por isso mesmo, dois sábios fizeram a seguinte experiência: espuseram alimentos (açúcar, pão) no quarto de um doente; dando, em



seguida, êsses alimentos para um chimpanzé consumir (o chimpanzé é um animal muito sensível à poliomielite), verificaram que o animal contraía a moléstia.

Portanto, **muita atenção**: aos doentes, à água dos rios, piscinas e poços, ao leite não fervido, principalmente ao leite das fazendas, que não foi pasteurizado.

... **E AS AMÍGDALAS** — Uma última pergunta fêz correr, ùltimamente, rios de tinta, principalmente na América do Norte. A ablação das amígdalas favorece a poliomielite?

Alguns exemplos infelizes, surgidos nos Estados Unidos, provocaram desconfiança. No entanto, o perigo suplementar só diz respeito a **operados recentes**, nos quais a mucosa da garganta — ainda mal cicatrizada — se deixa, fàcilmente, atravessar pelo vírus. Os antigos operados não correm maior risco que os não-operados. O fato de haver conservado as amígdalas não constitui, pois, para a criança, uma proteção contra a poliomielite.

EXISTE UMA VACINA? — Salvo raríssimas exceções, não se é atacado duas vêzes de poliomielite. Por outro lado, verificou-se que as pequenas povoações atingidas por uma epidemia eram, geralmente, poupadas ou muito menos atingidas no correr das epidemias seguintes: uma parte de sua população, **mesmo não atacada pela poliomielite, da primeira vez, tornara-se resistente**.

Existe, portanto, uma imunidade, com respeito à poliomielite. Em conseqüência, poderá ser encontrado um sêrum ou uma vacina, transmitindo ou provocando, artificialmente, essa imunidade.

Foram, efetivamente, encontrados **anticorpos** (2) antipoliomielíticos. Êstes existem não apenas no sêrum dos convalescentes, mas no de muitos indivíduos normais. Nos países em que existe a poliomielite, 85 a 95 por cento das pessoas sadias possuem êsses anticorpos, mesmo a despeito de qualquer doença ou epidemia recente.

Entre as crianças acima de três meses, o sêrum sanguíneo neutraliza o vírus (isto é: mostra-se imunizado) em 85 por cento dos casos, enquanto êsse fenômeno só existe em 15 por cento dos casos entre o sexto e o undécimo mês, anticorpos provenientes de sua mãe, e que êstes desaparecem, pouco a pouco. Mas, a partir de um ano, a criança começa a fabricar seus próprios anticorpos. Aos 3 anos, 30 por cento das crianças já possuem anticorpos; aos quatro anos, 68 por cento; de cinco aos nove anos, 79 por cento; aos catorze anos, 85 por cento.

A conclusão tirada pelos especialistas é que a imunidade poliomielítica latente existe entre todos os civilizados, e que a moléstia surge, sòmente, entre os que são incapazes de fabricar anticorpos.

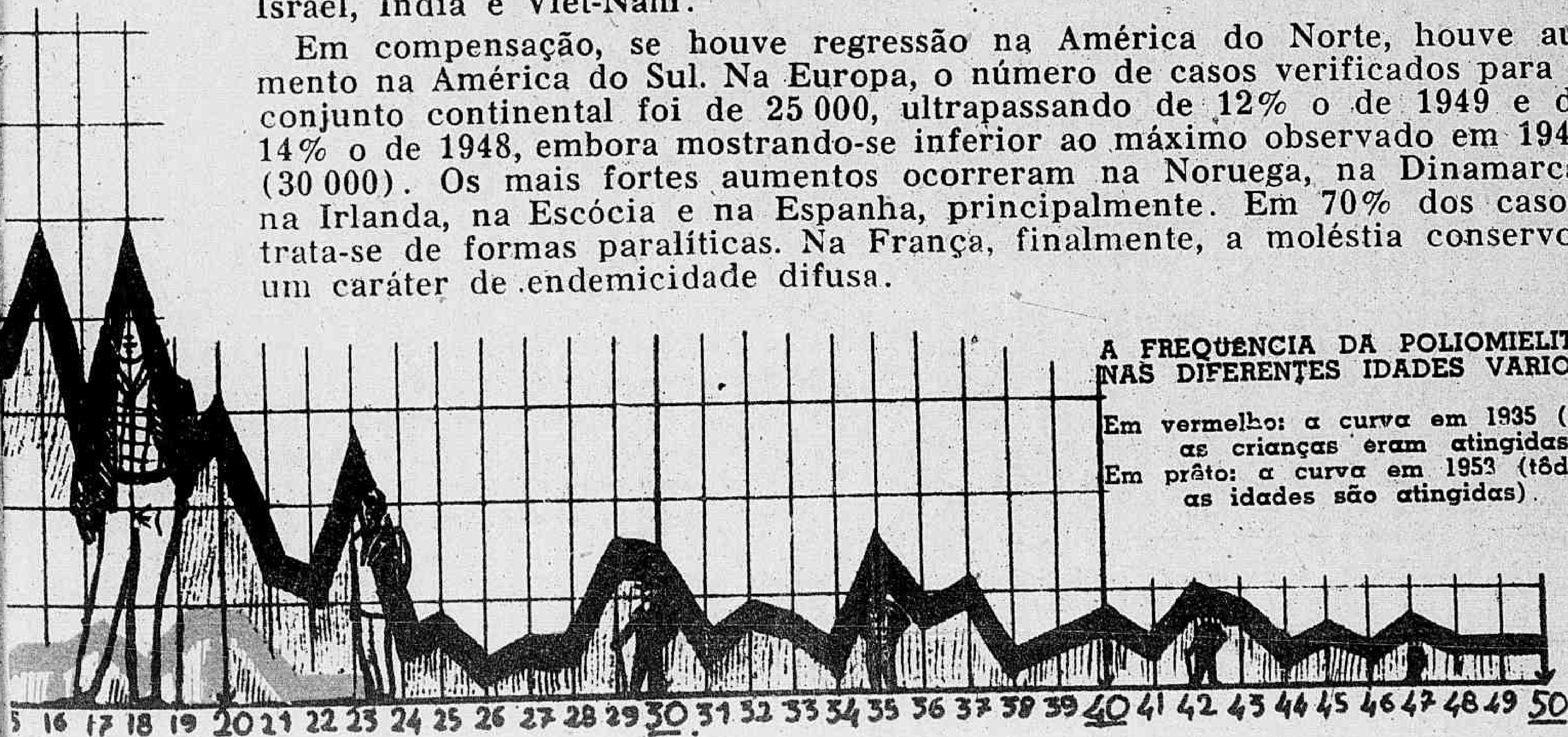
É, exatamente, o mesmo fenômeno observado para a tuberculose. Sabe-se que cada um de nós, em um dado momento, **apanha** a sua primeira infecção. Mas, só um pequeno número de pessoas é atacada pelo mal: justamente aquêles cuja imunidade não se distilou ou, simplesmente, enfraqueceu.

A PROGRESSÃO DA POLIOMIELITE NO MUNDO

Em 1950, a poliomielite estava em crescimento na Europa, particularmente nas Ilhas Britânicas e alguns países escandinavos, enquanto diminuía nas regiões outrora mais atingidas (Estados Unidos e Canadá). Entretanto, devemos observar que há numerosos casos em que a moléstia passa despercebida.

É, principalmente, nas nações em que a doença tomara maior extensão e é mais conhecida (EE.UU. e Inglaterra) que as cifras estão mais próximas da realidade. Ao contrário, em vários países da África e da Ásia, faltam dados positivos. Dessa maneira, sabemos que, na África, a moléstia progrediu, porém as estatísticas nada dizem. Na Ásia, onde faltam as informações, sabemos, apenas, que houve, no correr do ano último, surtos em Israel, Índia e Viet-Nam.

Em compensação, se houve regressão na América do Norte, houve aumento na América do Sul. Na Europa, o número de casos verificados para o conjunto continental foi de 25 000, ultrapassando de 12% o de 1949 e de 14% o de 1948, embora mostrando-se inferior ao máximo observado em 1947 (30 000). Os mais fortes aumentos ocorreram na Noruega, na Dinamarca, na Irlanda, na Escócia e na Espanha, principalmente. Em 70% dos casos, trata-se de formas paralíticas. Na França, finalmente, a moléstia conservou um caráter de endemicidade difusa.



A FREQUÊNCIA DA POLIOMIELITE NAS DIFERENTES IDADES VARIOU

Em vermelho: a curva em 1935 (só as crianças eram atingidas). Em prêto: a curva em 1953 (tôdas as idades são atingidas).

Até o presente, os ensaios de vacinação da poliomielite não deram resultado: os vírus mortos não criam uma resistência durável; se forem apenas atenuados, podem provocar a moléstia. Além disso, a existência — hoje reconhecida — de **vários** vírus complica a questão da vacina, pois que uma só imunização — mesmo sendo realizável — não preservaria de um assalto, devido a um vírus diferente.

EM BUSCA DE UM TRATAMENTO «ESPECÍFICO» — Infelizmente, nenhum dos antibióticos atualmente conhecidos (penicilina, estreptomicina, aureomicina, etc.) tem ação sôbre o vírus da poliomielite. A razão é, provàvelmente, a seguinte: no momento em que surge a moléstia, já o vírus penetrou nas células nervosas — e é tarde para atacá-lo.

Nos Estados Unidos, haviam baseado, recentemente, grandes esperanças num novo antibiótico, o «daroisul». Os resultados, porém — no curso da recente epidemia — foram desanimadores.

A afinidade de certas matérias colorantes para o sistema nervoso orienta, atualmente, as pesquisas na direção seguinte: esperam descobrir **colorantes** que combinem com o vírus **no próprio interior** das células nervosas. Mas, infelizmente, os primeiros resultados, embora satisfatórios, não permitem ainda a aplicação prática dessa descoberta.

Além do mais, existe um corpo, extraído do veneno da «víbora daboia», que impede a paralisia da poliomielite em certo número de animais. Porém, a diferença entre a dose ativa e a dose tóxica é muito frágil para que os cientistas se animem a realizar experiências sôbre sêres humanos.

Prosseguem, igualmente, as pesquisas sôbre a **própria vida da célula nervosa**. Esperam os cientistas, se obtiverem êxito, encontrar o meio de impedir o vírus da poliomielite de se fixar sôbre o sistema nervoso. E sabemos que as formas nervosas são as mais graves. Nessas condições, muitas esperanças são permitidas nessa direção.

A GAMA GLOBULINA — Recentemente, uma equipe de médicos da Fundação Nacional de Paralisia Infantil, após teimosos esforços, pôde isolar do sangue do poliomielítico uma globulina, a que deu, inicialmente, o nome de Alifa-Globulina. A seguir, avançando em seus trabalhos, pôde isolar a que chamou de Beta-Globulina e, finalmente, o tipo Gama Globulina.

Com a Gama Globulina, vacinaram nada menos de 625 000 crianças de três até nove anos, empregando, nessa operação colossal, mil médicos e enfermeiros da própria Fundação e da Cruz Vermelha norte-americana e usando 33 000 agulhas de injeção!

Os resultados foram acima das melhores expectativas, pois dessas crianças nem uma só foi atingida pela poliomielite.

A grande dificuldade dêsse tratamento está no seu elevado custo, pois que, para êsse tratamento, que foi efetuado em Montgomery, no Estado de Alabama (um dos mais atingidos pelo mal), foram empregados nada menos de 62½ galões de Globulina, ao preço de 400 000 cruzeiros o galão, o que dá 133 000 cruzeiros para o litro, 13 300 para cem gramas e 1 330 para dez centímetros cúbicos da injeção. E como, para o tratamento individual completo, são necessárias 60 injeções de 5c.c., a despesa se elevou a cêrca de 40 000 cruzeiros **per capita**! Entretanto, de cada responsável, foi cobrado um preço equivalente a 20 cruzeiros, para não se dizer que nada pagaram — e para ajudar a Fundação a prosseguir em seus trabalhos.

ESTAMOS, TOTALMENTE, DESCANSADOS? — Não é bem isso. Entretanto, as nossas armas são ainda insuficientes. Apesar disso, esperando os resultados práticos das pesquisas em curso, podemos recorrer aos seguintes processos:

ANTES — Já insistimos sôbre o perigo dos banhos de rio ou de poço, em caso de epidemia. Os banhos de mar, ao contrário, não devem causar receio, em razão da grande quantidade de água e do seu movimento perpétuo.

É preciso desconfiar da água, mesmo filtrada, e do leite não fervido, que, nas fazendas, pode conter o vírus. Assim, a ebulição é precaução indispensável.

Finalmente, evitem, absolutamente, o contato com todo enfêrmo de poliomielite — e afastem dêle as crianças.

DURANTE — Chamem o médico logo aos primeiros sintomas suspeitos: fadiga, dor de cabeça, vômitos. Nesse momento, e sem esperar o aparecimento das dores, ponham a criança em REPOUSO MUSCULAR ABSOLUTO. No correr de uma epidemia, é recomendado colocar em repouso **mesmo os suspeitos**, o que evitará muitas paralisias.

Mas, sabe-se que a poliomielite é difícil de distinguir, no início. O electrodiagnóstico presta grandes serviços, permitindo estudar a reação dos músculos e nervos, submetidos a uma dada estimulação elétrica. Quando êsse diagnóstico é efetuado logo no segundo ou terceiro dia, suas indicações podem ser de grande importância no tratamento da enfermidade. Daí por diante, êle informará, exatamente, sôbre a evolução da mesma e o grau da paralisia a temer. Quando a mobilização dos músculos é possível durante a própria moléstia, há o maior interêsse em praticá-la (método da irmã Kenny, recentemente falecida).

Naturalmente o doente será isolado. Os que com êle viviam serão rigorosamente examinados. Isso porque, apesar de NÃO ATACADOS, podem ser portadores de germes. É, ainda, indispensável não deixar alimentos expostos no quarto do pequeno enfêrmo.

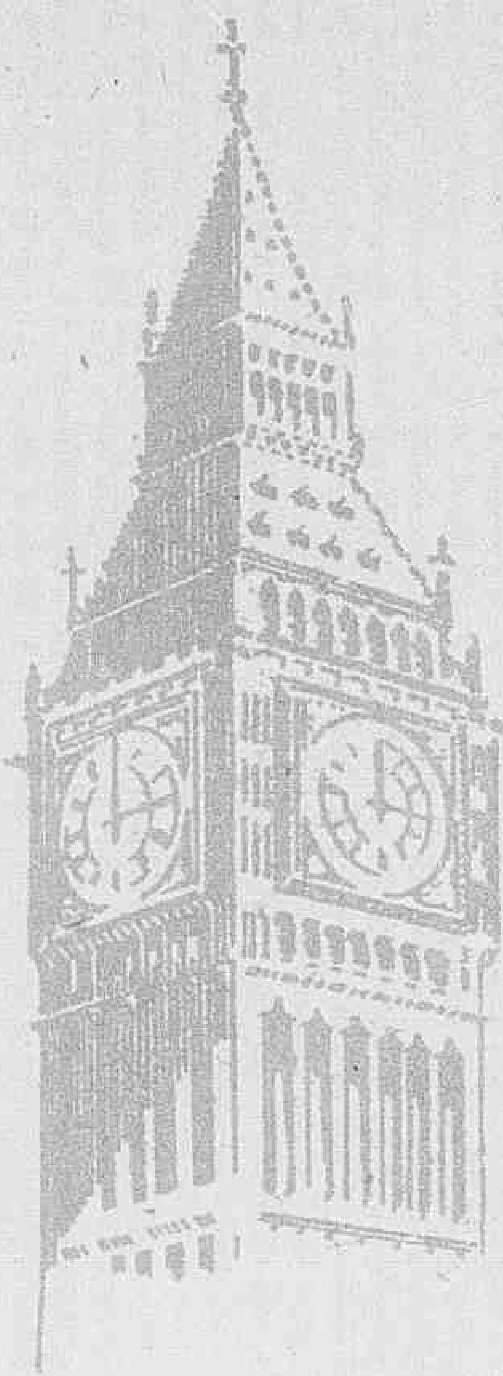
DEPOIS — Se a criança permanecer paralítica, é necessário recomeçar sua reeducação **o mais** cedo possível, continuando-a com paciência durante meses e mesmo anos. Os resultados obtidos são, muitas vêzes, surpreendentes e mais de uma criança, que se acreditava inválida, pôde retomar uma vida perfeitamente normal.

Sabe-se, hoje, que essa reeducação é melhor quando feita **sob a água**. As pernas são mobilizadas no próprio banho, a princípio passivamente; pouco a pouco, o doente é animado a fazer todos os seus esforços para mover, sòzinho, o membro paralisado.

Mas, o essencial é que a retomada dos movimentos seja muito precoce, tão logo termine o período agudo da moléstia.

OS «GUIAS» LONDRINOS

TREZENTOS homens e mulheres, dotados de memória enciclopédica, foram arregimentados, durante os preparativos para a coroação de Elizabeth II, a fim de que pudessem atender, convenientemente, aos 800 000 visitantes, que afluíram para presenciar o notável acontecimento. Essas trezentas pessoas foram designadas como *guias-oficiais*, na Grã-Bretanha, sendo recrutadas e treinadas pela "Associação de Turismo."



Essa Associação não emprega os guias. Cuida, apenas, de sua convocação, treinamento, além de examinar e registrar os mesmos, dando-lhes, ainda, um *distintivo*, a fim de proteger essa relevante profissão da concorrência dos oportunistas. Alguns dêsses 300 guias trabalham com agências de turismo e proprietários de veículos; outros, trabalham por conta própria, como verdadeiros cicerones.

Entre os novos recrutados, contavam-se professôres, donas-de-casa, um motorista de ônibus e outro de táxi. Os exames a que foram submetidos não deixaram de ser difíceis. Eis algumas das questões típicas:

1 — Qual o maior dêsses sinos famosos: *Great Paul? Big Tom? Big Ben*?; 2 — Quem desenhou o "*Cenotaph*": Lutyens, Giles Gilbert Scott, Ralph Knott?; 3 — O quadro "Rokeby Venus" é de autoria de: "Reynolds, Ticiano, Velasquez, Rubens?; 4 — Onde foi erigida a estátua em homenagem a Dickens, em Londres?; 5 — Quem foi o primeiro poeta a ser enterrado no "Recanto dos Poetas", na Abadia de Westminster?; 6 — Onde está guardado o punhal que matou Wat Tyler?; 7 — Quantas pontes, sôbre o rio Tâmisa, são destinadas aos pedestres, a partir de Hammersmith, descendo o rio?; 8 — Qual o número médio de passageiros que a "London Transport" carrega, diàriamente?; 9 — Quem viveu em Leicester Square, no n. 47?

Respostas: 1 — Great Paul; 2 — Lutyens; 3 — Velasquez; 4 — Não existe; 5 — Chaucer; 6 — Em Fishmongers'Hall; 7 — Quinze; 8 — Doze e meio milhões; 9 — Sir Joshua Reynolds.

Mentes entulhadas por todos êsses fatos, vozes suaves em bem calculado sistema de trabalho, êsses guias ficaram, após o curso intensivo, aptos a responder a tôda sorte de perguntas, como esta, por exemplo: — Qual o nome do Soldado Desconhecido?

* *

QUESTÃO DE HIERARQUIA

DURANTE a Segunda Guerra Mundial, o general Theodore Roosevelt (que tem o nome de seu pai, que foi presidente dos EE.UU. de 1901 a 1909) estava em um aeroporto, esperando o avião que pretendia tomar, para uma viagem de urgência. Um marinheiro se aproximou da bilheteria e pediu uma passagem no mesmo avião.

A encarregada da venda das passagens não se deixou impressionar.

A guerra impõe prioridades — explicou.

Ouvindo-a, o general mandou que entregasse a sua própria passagem ao marinheiro.

Um amigo, que acompanhava Roosevelt, não escondeu a sua surprêsa:

— Mas, Teddy... Você não estava apressado?

— Em questão de hierarquia — respondeu Roosevelt — eu sou apenas um general. Êle é um filho.

BEBIDA DOCE DE PREÇO AMARGO

NA próxima vez em que fôr a Paris, caro leitor, procure o restaurante *i n d i a n o*, que costuma servir um drinque denominado «Asha». «Asha» é diferente! De acôrdo com um anúncio de publicidade, é uma excelente bebida, enriquecida por pérolas muito bem cultivadas, diamantes e rubis. Curioso é que o anúncio ainda estampe, corajosamente, o preço dêsse drinque: 27 libras e dez shillings. (Mais de três mil cruzeiros!)



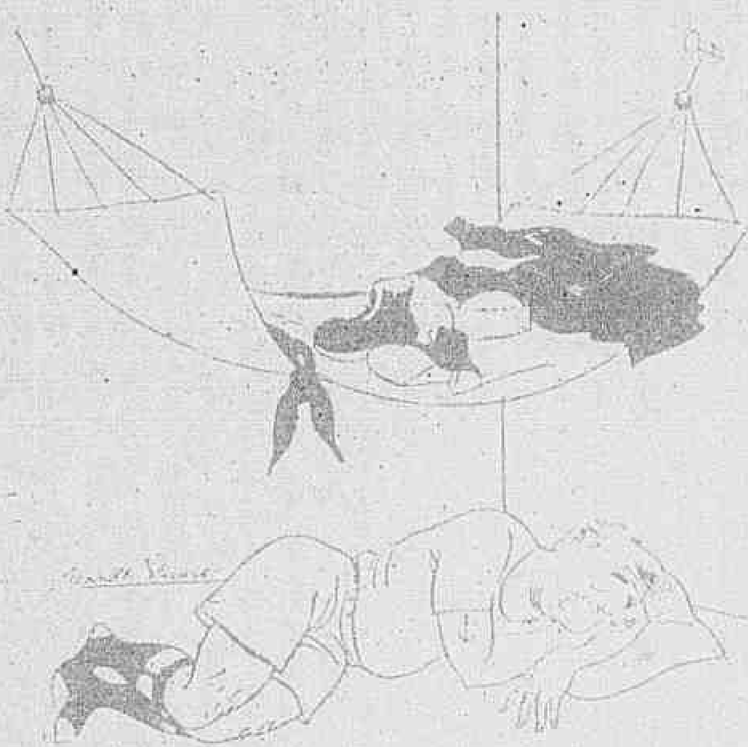
*

A respiração pelo nariz filtra, umedece e aquece o ar. Quando, por alguns minutos, se tapam as narículas ou ventas para impedir a entrada de poeiras nos pulmões, a respiração se faz pela bôca, através da qual, mais fàcilmente, as poeiras penetram nas vias respiratórias.

"MARINHEIROS DE ÁGUA-DOCE"

Por DAVENPORT STEWARD

A Marinha dos Estados Unidos tem adotado, há alguns anos, o sistema de treinamento, de alguns de seus recrutas, em terra, num campo distante do mar. No entanto, se alguém visitar o campo de treinamento e fechar os olhos, prestando atenção ao que dizem êsses "marinheiros de água-doce", terá a nítida impressão de que está a bordo de um navio. Isto porque a Marinha se esforça em proporcionar a êsses recrutas um ambiente naval verdadeiro, apesar de instalados em terra. Os marinheiros, embora jamais tenham entrado num navio de guerra, e só conhecendo a água das piscinas e dos parques, são treinados de tal forma, que falam em têrmos náuticos, como verdadeiros veteranos do mar.



Por meio de um manual mimeografado, contendo os têrmos utilizados nos serviços dos diversos setores da Marinha, são encorajados a falar em *gíria* naval, em qualquer momento de sua conversação.

Assim, quando um homem chega à base, acaba de entrar *a bordo* e, quando deixa a mesma, vai *à terra*. Escadas são chamadas, naquela linguagem marítima, *ladders*. Um marinheiro nunca vai *para cima* ou *para baixo*, mas, sim, para o *convés superior* ou *inferior*, para a *coberta*, etc. conforme seja o caso. As ordens dos oficiais são, naturalmente, recebidas com a frase peculiar: —"*Aye, aye, sir*", que tem um significado semelhante a "eu ouço, senhor". Para êles, outrossim, café e "*jamoke*", "*Java*" ou "*joe*"; "tirar uma soneca" é "dar uma calafetada". Um homem que esteja bêbedo é "uma fôlha ao vento" e um que esteja fingindo de bêbedo é um "canhão de coberta"; três fôlhas ao vento" significa um "pileque" completo. O marinheiro, que está na carreta de água, está no "polo". "Blu" significa a blusa, "cal" significa calças. A aparência de um homem é referida segundo "o corte de sua bujarrona", e um marinheiro que procura progredir, galgar outros postos, é um "cortador de gargantas" ou um "saltador de números".

Assim, os recrutas são adaptados à "atmosfera" marítima, muito antes de colocarem os pés sôbre o tombadilho de um navio.

E a única nova experiência que os mesmos têm, verdadeiramente, é o constante balanço da embarcação, em alto mar, o que acarreta, muito comumente, o *enjôo*, nos primeiros dias a bordo. Esta é a única característica que a Marinha ainda não conseguiu imitar, a fim de possibilitar aos novos marinheiros uma ambientação mais perfeita.



DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS — Um jornalista entrevistou uma pobre mulher, cuja vida era, verdadeiramente, bem diversa do comum. Ficara viúva, porém, além de haver sabido educar seus seis filhos, adotara doze mais.

— Como póde a senhora educar tôdas essas crianças com tanto êxito? — perguntou o homem da imprensa.

— Foi muito simples — respondeu a viúva. — Fiz um trato com Deus. Um dia eu lhe disse: — **«Senhor, eu fico com o trabalho e a Ti deixo a preocupação»**. Desde então, nunca tive que preocupar-me. — (De A. Welsh, em «Heathways».)



D A V I D A I N F A N T I L

Duas meninas brincavam. Uma fingia querer alugar a casa de bonecas da outra.

— Você tem pais? — perguntou a «proprietária».

— Sim; pai e mãe — respondeu a suposta «inquilina».

— Sinto muito. Não alugo a minha casa a crianças com pais. As pessoas grandes são muito irrequietas e estragam tudo. **(Mine Workers Journal)**

O garotinho perguntou:

— Mamãe; é verdade que somos feitos de pó?

— Sim, queridinho.

— É verdade que depois voltamos a ser pó?

— É sim, queridinho.

— Pois então, lá no sotão, há alguém que está para vir ou que já foi!

(Our Young People)

PORQUE AS MULHERES SE VESTEM DE HOMEM

HÁ alguns anos, o têrmo «bloomers» foi tão familiar, nos países de língua inglêsa — e no resto do mundo — como é hoje o «slack». Milhões de mulheres usam «bloomers» — uma espécie de calças retas, sustentadas por um cinto próprio, da mesma fazenda, ou mesmo por um cinto postiço e bem masculino.

Êsses «bloomers» surgiram como um artigo feminino, há cêrca de um ano, na França, um pouco mais justos que o tipo anglo-saxão; mas tiveram pouca duração. Eram considerados «muito masculinos» e a sociedade de então **torceu o nariz**, condenando a novidade.

Hoje, porém, tudo é diferente. As mulheres usam «slack» masculino, calças, sapatos, camisas e até chapeus, gravatas, abotoaduras, etc. — e ninguém condena ou sequer presta atenção.

Desde tempo imemorial, sempre existiram mulheres que preferiram vestir roupas masculinas. Os psiquiatras sempre as conheceram e classificaram como **travestidas**.

Travestismo é um dos mais interessantes entre os fenômenos psicológicos. É, também, um dos menos compreensíveis. Contrariando a crença geral, as travestidas não são — em geral — sexualmente anormais. São, apenas, mulheres que gostariam de ser homens. Vestem-se, permanentemente, ou não — com roupas masculinas, preferem a companhia dos homens e com êles lidam **de homem para homem**, adotando ocupações masculinas e pontos-de-vista masculinos, embora, quando casadas, vivam normalmente com seus respectivos maridos.



Merle Oberon, no papel de George Sand, quando, há cem anos, escandalizou a sociedade internacional, vestindo-se da mesma forma que os homens.

Não há muito tempo, escrevendo no «The Lawyer», Eugene Bertram Willard disse sôbre o travestismo:

«— ... os psiquiatras e outros cientistas, que se dedicaram ao estudo dessa bizarria, concordam, ao afirmar que, de tôdas as inversões sexuais, o travestismo é a que apresenta menos possibilidades de cura. Da mesma forma, não envolve qualquer ameaça séria à sociedade. Um cuidadoso inquérito revelou que as mulheres, que se vestem como os homens (ou homens que se vestem como as mulheres), raramente ingressam no cadastro da criminalidade.»

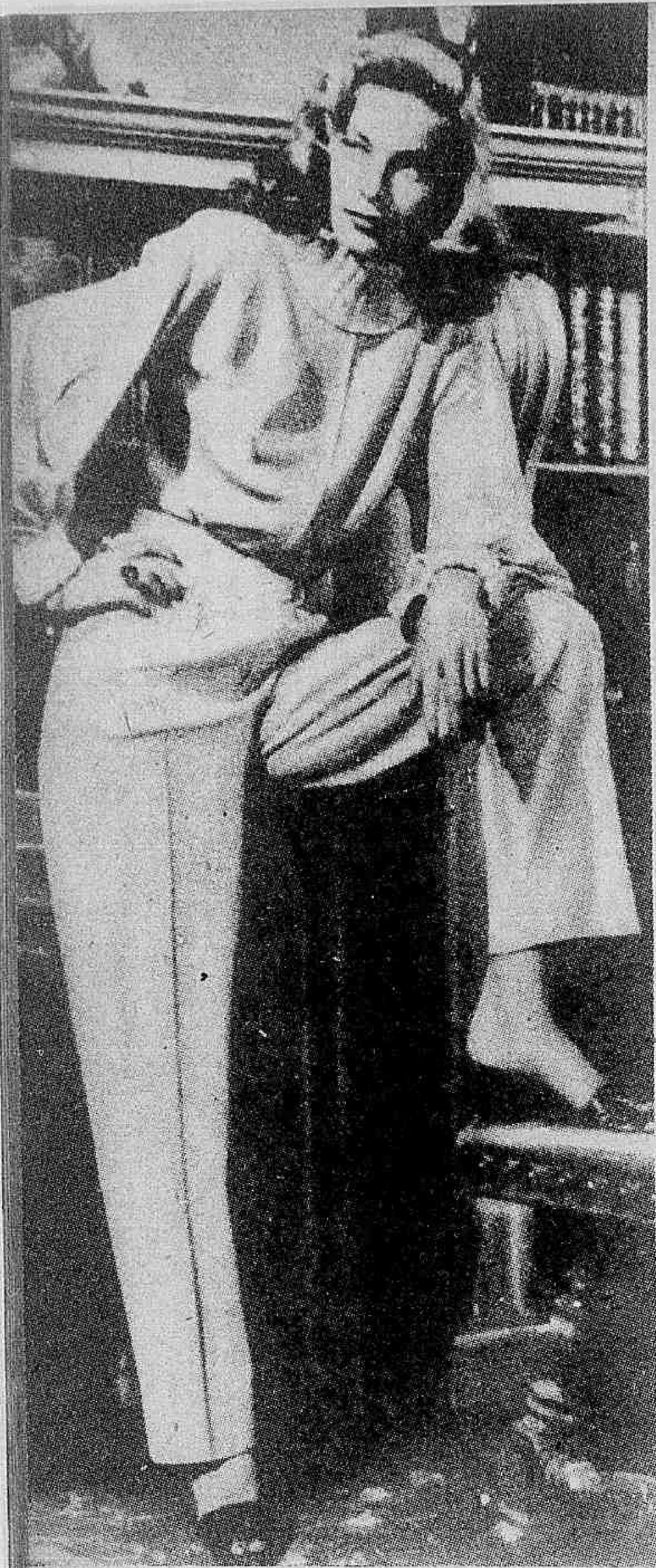
Willard menciona, a seguir, que, em certas localidades, há severas penas contra os homens que se vestem como as mulheres, não havendo, porém, qualquer penalidade contra as mulheres que se vestem como os homens.

«... a atitude popular, com respeito aos homens que adotam roupas femininas, é, geralmente, hostil; quanto às mulheres, é justamente oposta. Em uma hora, apenas, e numa só cidade, contei 41 mulheres, de diferentes idades, vestindo calças e outras peças do vestuário masculino e mesmo **smoking** completo, em lugares públicos, sem que fôssem olhadas como criaturas anormais.»

★

AS raízes — digamos assim — do travestismo estão profundamente enterradas no subconsciente, sendo, em geral, o resultado de

OS PSICOLOGISTAS APONTAM AS RAZÕES INICIAIS QUE FAVORECERAM A SEMPRE CRESCENTE TENDÊNCIA FEMININA PARA USAR ROUPAS MASCULINAS.



A encantadora Laureen Bacall é uma das que têm preferência pelas calças.

desejos contrariados. Meninas que desejaram entrar nos folguedos de meninos e que foram repelidas, com graçolas, ou viram suas faixas ou laços de fita ridicularizados. Essas criaturas, que se viram humilhadas nas competições com seus colegas de calças, tornam-se, mais tarde, travestidas.

Poucas pessoas sabem que o têrmo «bloomer» é o último nome de uma famosa travestida, chamada Amélia Bloomer. Nascida em New England, em 1818, rebelou-se contra a vida obscura das mulheres, que ela considerava uma subjugação. Achava que as mulheres deviam ir onde bem quisessem e fazer o que os homens faziam; de fato, foi ela uma das mais antigas advogadas dos «difeitos iguais para as mulheres». Naturalmente, ela teria preferido ser homem.

Mas, desde que não o era, procurou imitar os homens em quanto pôde. Bloomer e uma simples blusa eram as suas roupas favoritas. Porém, sua vida sexual era perfeitamente normal; casou com um «attorney» chamado Jenks e viveram muito felizes. Com o tempo, os **bloomers** foram adotados, entusiàsticamente, por incontáveis e corajosas mulheres.

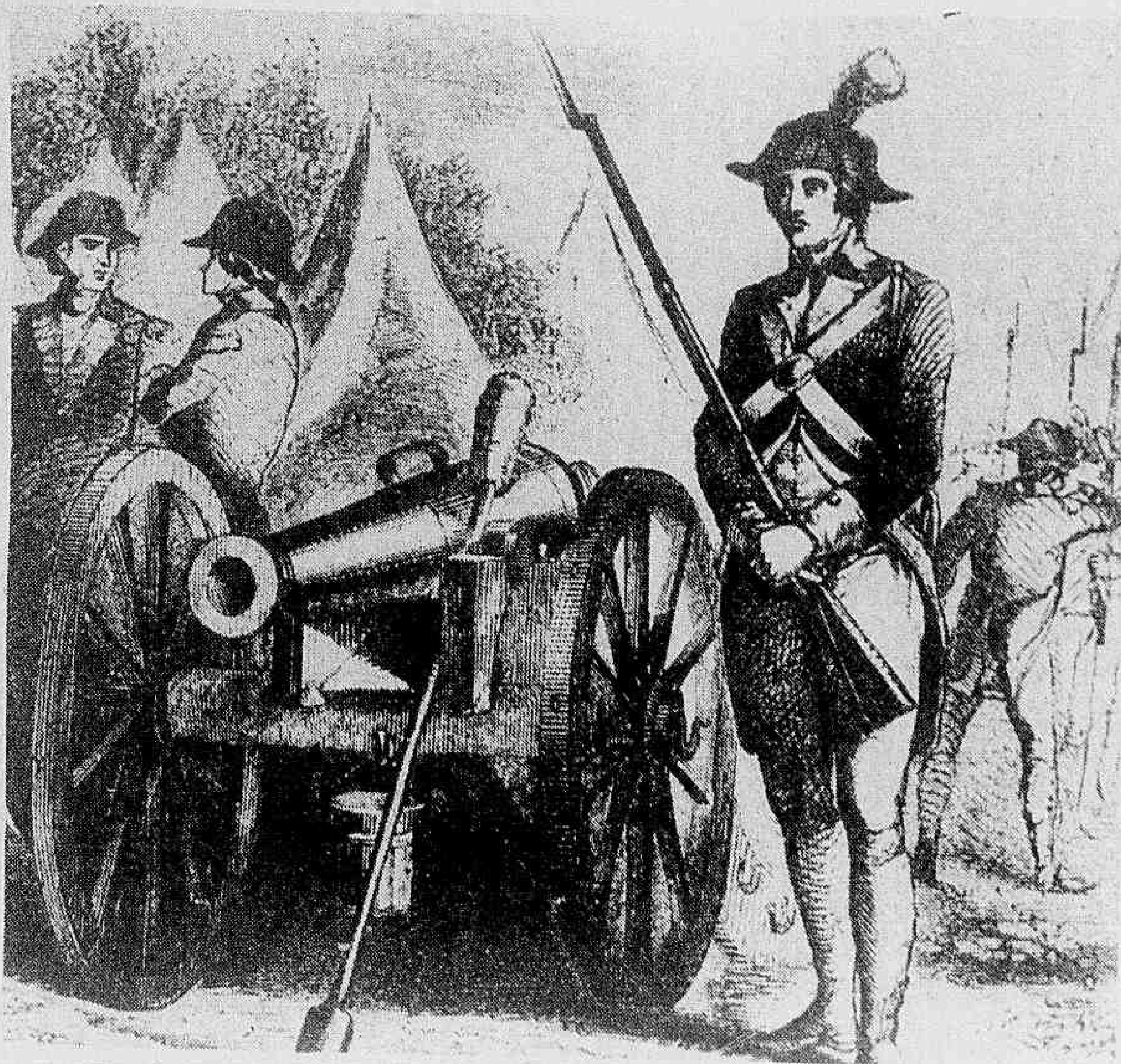


TÔDAS as pessoas, amantes da música, conhecem as composições e a vida de Frederico Chopin. Entretanto, poucas sabem que o grande amor de sua vida foi uma mulher de espírito poderoso, idealista e altamente talentosa, chamada Amandine Aurore Lucie Dupin — mais conhecida como a novelista **George Sand**.

A história de George Sand é, verdadeiramente, a história típica de quase tôdas as mulheres travestidas. Nascida em 1804, era oriunda de uma família respeitável, porém de exagerada austeridade. Sempre se vestira com roupas sombrias e isentas de ornamentos, sem nenhuma faceirice, em razão do que, com o tempo, tôdas essas pequeninas delícias, que servem para ornar as mulheres, não tinham para ela o menor atrativo. Quando ainda não havia atingido os vinte anos, seus pais — que conheciam o valor das alianças importantes — casaram Amandine com um riquíssimo, porém brutal, senhor, muitos anos mais idoso do que ela: o barão Dudevant.

A jovem baronesa suportou, oito anos, a brutalidade do marido rico e, durante êsse tempo, deu a Dudevant dois filhos. Finalmente, revoltou-se. Cortou, pura e simplesmente, os cabelos e passou a usar calças. Sempre apaixonada pelas artes, convidava, constantemente, numeroso grupo de músicos, pintores, poetas, etc., recrutados entre os mais brilhantes e mais boêmios, para a sua casa, iniciando, então, a longa série de amôres que encheriam tôda a sua vida.

Finalmente, sentindo-se desmoralizado em suas terras, o barão concordou com o desejo da espôsa, consentindo que fôsse passar, anualmente, vários meses em Paris. Ali, a baronesa abandonou,



Deborah Sampson serviu na guerra da Independência norte-americana três anos, antes que alguém descobrisse que era mulher.



As «pantolettes» parisienses deram o que falar, principalmente porque as moças usavam as calças, mas os «papais» é quem pagavam as contas — sempre astronômicas — dos costureiros.

definitivamente, as roupas femininas, passando a usar fraque, casaca, gravata, capa, cartola e bengala. Também fumava e bebia como um homem.

Foi, então, que começou a escrever a primeira de suas quase três dezenas de vitoriosas novelas, que não tardaram a lhe dar inteira independência da bôlsa do marido. Um dos seus primeiros livros, que escreveu em colaboração com Jules Sandeau, foi «Rose Blauche». Foi, então, que resolveu compor um nome literário, aproveitando **Sand**, de Sandeau e trocando Jules por **George**.

Como ocorre com muitos homens, a escritora teve inúmeros amôres e, como costumam fazer, também, os homens, selecionava êsses amôres entre os homens fracos, de natureza vacilante, embora talentosos.

Com exceção do seu caso com Chopin, nenhum dos seus romances amorosos durou muito. Como um Casanova feminino, desejava, apenas, conquistar, mas nunca conservar.

Embora dominasse Chopin, George Sand revelou, pela primeira vez, com o genial compositor, alguma coisa de sua ternura feminina e quase maternal. Negociava com os editôres de música em favor de Chopin, conseguia contratos para concertos, cuidava de sua casa e obrigava-o a repousar quando se mostrava exausto (como sabem os leitores, Chopin era tuberculoso, tendo morrido dêsse mal em 1849, com a idade de quarenta anos). Não tivesse êle os carinhos e cuidados de George Sand e teria morrido muito antes, perdendo, assim, o mundo, muitas de suas mais estupendas composições.

Paris, com a sua tolerância cosmopolita por essas aberrações entre as personalidades artísticas, conheceu e amou outras famosas mulheres travestidas. Entre elas figurou a grande autora dramática Jeanne Dieulafoy, cujo drama **Paryşatis** foi, mais tarde, transformado em ópera pelo imortal Camille Saint-Saens.

Como muitas mulheres travestidas, Mme. Dieulafoy era casada e teve vida marital normalíssima. De qualquer modo, dispensou a proteção material do espôso e recusou aceitar sempre qualquer uma das prerrogativas, geralmente concedidas ao sexo chamado frágil. Adotou inúmeros pseu-



Marlene Dietrich é, talvez, a responsável pela popularidade mundial das calças masculinas usadas em pernas femininas.

dônimos masculinos e negociou a venda de seus trabalhos como um homem, geralmente por correspondência. Embora fôsse miúda e sedutora, desprezou as prendas femininas, jamais usando um vestido ou um laço de fita. Suas atitudes e sua gesticulação eram tão acentuadamente masculinas que, quando aparecia em público, muitos parisienses, que não conheciam o seu segrêdo, juravam que se tratava de um homem.

Êsses fatos são contados por Laurent Tailhade, que os descreve afirmando que Mme. Dieulafoy era **«como um cavalheiro de pequena estatura e de meia idade** (quando se tornou famosa), **com um rosto calmo e agradável, que usava sapatos com saltos muito altos, sobrecasaca negra, capa esvoaçante, cartola de sêda e bengala...»**

Vestia-se, geralmente, de prêto ou côres sombrias, fazendo questão das linhas severas (uma característica das muitas mulheres travestidas, que, subconscientemente, detestam tôdas as brilhantes côres que são a alegria e a faceirice da maioria das mulheres). Há, no entanto, certas travestidas que, embora adotando, exclusivamente, roupas masculinas, preferem usar côres jamais adotadas pelos homens.

Um excelente exemplo dêsse tipo está representado por Mme. Marcos de Montifeud, que preferia côres delicadas ou vistosas, tais como cartolas côr-de-pérola e gravatas laranja-púrpura. Atualmente, nas ruas das grandes cidades, podemos ver mulheres travestidas, que, embora adotando roupas masculinas, não dispensam um toque de faceirice, jamais perdendo o ar de feminilidade, tanto no corte audacioso, como na escolha das côres.

Um dos grandes heróis da Guerra Civil Norte-Americana foi a travestida Emma Edmonds, que prestou relevantes serviços militares, vestindo-se como um homem e agindo, entre as fileiras dos Confederados, como espiã das fôrças do Norte. Originalmente, pretendera formar-se em medicina, mas acabou sendo, apenas, enfermeira, dado que a medicina estava, pràticamente, proibida às mulheres do seu tempo.

Seu desencanto por não ter nascido homem era coisa aparente em seu rosto, descrito como «resoluto e severo». Mas só se decidiu a usar roupas de homem quando a luta fratricida teve início.

Oferecendo seus serviços, como espiã, ao general Mc Clellan, teve a cabeça raspada pelo próprio barbeiro do general e o corpo pintado de prêto, da cabeça aos pés. A seguir, vestiu-se como um negro das plantações de algodão. Sabia ter a voz masculina, quando queria. Ninguém, jamais, a reconheceu sob êsse disfarce, tão perfeita era a impressão.

Infiltrando-se entre as linhas Confederadas, iniciou uma perigosa e incessante espionagem, que só encerrou com a vitória final das fôrças do Norte. Terminada a guerra, continuou vestindo-se como homem e, como tal, foi aceita em todos os lugares. Serviu como «empregado» de balcão num bar de Louisville, casando-se, mais tarde, e tendo vários filhos.

Essas são, apenas, algumas das mais conhecidas mulheres travestidas da história recente.

O ponto mais importante a observar, com relação aos travestidos dos dois sexos — como foi apontado — é que (excluídos os homo-sexuais) não são, anormalmente, atraídos por indivíduos do seu próprio sexo. Ao contrário, nesse sentido levam vida absolutamente normal e sadia. Apenas vivem acabrunhados com a própria sorte e mesmo revoltados contra o destino, que não os fêz pertencentes ao sexo oposto. Por isso, êles se vestem, às vêzes, com as roupas do sexo preferido, **como um meio fácil de satisfazer seu desejo e atenuar um grande desgôsto**.



Entretanto, as mulheres nem sempre ficam tão bem (de calças masculinas) como muitas das filhas de Eva julgam. Depende do tipo

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— E então procuro esquivar-me. Mas, elas continuam: "Nesse caso é filha!... Ah! Mas se não é filha, é mulher!... Nem uma coisa, nem outra — respondi. "Ah! Mas, se não é sobrinha, não é filha, não é mulher... é uma órfã que êle recolheu por caridade..." Não!... Não!... — respondi.

Aurora colocou-lhe a mão branca sôbre o braço e disse em voz triste e meiga:

— Fêz mal, Berrichon, mentiu... Sou, na verdade, uma criança que êle recolheu, uma órfã educada por caridade... Quando elas tornarem a interrogar, digalhes isso mesmo... Não tenho vergonha... além disso, por que ocultar a bondade do meu amigo?

"Sou uma criança abandonada e se não fôsse êle...

— Ah! Menina! — exclamou Berrichon. — Se mestre Luís ouvisse uma coisa dessas, ficava furioso!

— Deus permitisse que nunca pronunciassem outras palavras falando dêle e de mim! — observou Aurora, cujo rosto pálido se coloriu levemente.

Berrichon aproximou-se dela vivamente e balbuciou:

— Então, já sabe?...

— O que? — perguntou Aurora, trêmula.

— Fale, Berrichon...

E, como o rapaz hesitasse, ordenou.

— Já lhe disse que falasse!... Vamos, diga!...

Berrichon baixou os olhos e, embaraçado, principiou a torcer o guardanapo que tinha na mão.

— Que há de ser?... Dizem coisas assim: "Êle é muito novo para ser pai dela e, visto que toma tantas precauções, se não é pai, nem irmão, nem marido..."

— Vamos, continue! — disse Aurora, cuja fronte lívida estava banhada de suor.

— ... Se êle não é pai, nem irmão, nem marido... só pode ser...

(RESUMO)

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo do Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde do outono de 1699, em uma estalagem próxima ao costelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Pessepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se possa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins do seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Ésopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Neves. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua de Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitôra, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, emfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique.

Aurora, envergonhada, cobriu o rosto com as mãos...

XXVI

MESTRE LUÍS

Berrichon arrependeu-se amargamente de ter pronunciado aquelas palavras, embora Aurora lhe tivesse ordenado.

Ao vê-la soluçar, pensou com horror:

— Ah! E se mestre Luís chegasse neste momento!...

A pobre pequena conservava a cabeça inclinada, mas, quando a ergueu, o sangue já lhe voltara de novo ao rosto...

— Se um homem não é pai, nem irmão, nem marido, de uma pobre moça abandonada e êsse homem é o cavalheiro Henrique de Lagardère, um amigo, um salvador, um benfeitor... Oh! — exclamou, pondo as mãos. — Mas essas calúnias só me provam quanto êle vale!... Talvez outro não tivesse sido tão nobre, tão cavalheiro, nem tão amigo! Ah! Como o amo!... Êle é quem têm a culpa de o adorar como a um Deus!

— Exatamente! — exclamou Berrichon.

— Adóre-o para êles ficarem furiosos!

— Henrique... — murmurou a jovem — o único ente no mundo que me protegeu e estimou...

— Quanto a estimá-la — disse Berrichon, que continuava o seu serviço, interrompido por algum tempo — pode ter diz!... Tôdas as manhãs a avòzinha e eu vemos isso perfeitamente... "Como passou ela a noite?... O sono foi tranqüilo?... Ontem fizeram-lhe compa- a certeza que sim... sou eu quem lhe nhia?... Quererá alguma coisa?..." E, quando nós conseguimos surpreender-lhe um desejo, fica tão feliz... tão contente!... Ah! Pode ter a certeza de que a ama muito!

— Sim... — disse Aurora, como se falasse consigo — é bondoso e ama-me... porém, como filha...

— E ainda de outra maneira... — murmurou Berrichon, com certa malícia.

Aurora meneou a cabeça. Abordar aquêle assunto era uma necessidade tão grande do seu coração, que não pensava na idade, nem na posição do seu interlocutor.

João Maria Berrichon, enquanto punha a mesa, passava a confidente.

— Estou sempre tão triste e só!... — disse ela.

— Ora — respondeu o rapaz. — Quando êle entrar, isso passa...

— Pois sim, mas já é tão tarde — prosseguiu Aurora — e continuo à sua espera... desde que estamos em Paris é assim tôdas as noites...

— E' o efeito da capital... A mesa está posta... O jantar está pronto, avòzinha?

— Pelo menos há uma hora... — respondeu Francisca, do fundo da cozinha.

Berrichon coçou uma orelha.

— Ia apostar em como está lá em cima com o diabo do corcunda. Tenho tanta pena, quando a menina está triste!... Se eu pudesse...

João Maria atravessou a sala e o pé já tocara o primeiro degrau que conduzia aos aposentos de mestre Luís, quando pensou:

— Não posso fazer uma coisa destas nem gostaria de o ver zangado, como da outra vez. Ah! Menina! — exclamou, voltando para trás. — Não percebo porque êle se esconde tanto! Ora, isto dá lugar a ditos e contos e, naturalmente, se eu estivesse no lugar dos vizinhos e muito embora não seja um tagarela, também diria: Ou é conspirador ou bruxo!

— Quê?... Êles dizem isso? — perguntou Aurora.

Em vez de responder, Berrichon pôs-se a rir.

— Ah! Meu Deus! — exclamou o rapaz — e se êles soubessem, como eu, o que há em cima!... Uma cama, um baú, duas cadeiras, uma espada pendurada na parede!... No entanto, na outra sala, que está fechada, só vi uma coisa...

— Que foi? — perguntou Aurora, com interêsse.

— Nada de especial... Uma vez esqueceu-se de tapar o buraco da fechadura... A menina tinha-me dito para o ir chamar e espreitei... O corcunda não estava lá. Só vi mestre Luís sentado diante de uma mesa, onde estava colocada aquela caixinha, que nunca abandona quando viaja. Ora, eu sempre tive grande desejo de saber o que ela continha... pensava que estava cheia de ouro, mas não! Ao abrí-la, mestre Luís tirou um maço de papéis, uma espécie de sobrescrito quadrado com três sinetes de lacre encarnado.

Aurora compreendeu logo de que se tratava, mas conservou-se silenciosa.

— Pois calcule — continuou Berrichon — que o sobrescrito estêve quase a custar-me caro... Parece que fiz barulho, embora tivesse sempre o máximo cuidado... Êle foi abrir a porta e só tive tempo de fugir, descendo a escada, mas, não sei como, caí sôbre os rins e ainda hoje me doem quando lhes toco... Nunca mais me meto noutra!...

"Mas à menina, a quem tudo é permitido, vou dizer agora uma coisa: gostava imenso que jantassem cedo, para eu poder ir ver entrar os convidados para o baile do Palácio Real... Se subisse e lhe fôsse pedir com a sua voz meiga e terna?....

Aurora não respondeu.

— Tem visto passar, durante todo o dia, os criados com flores e folhagens, doces

e vinhos? — insistiu Berrichon, passando a língua pelos lábios, num gesto guloso.

— Vai ajudar a tua avó — disse-lhe Aurora.

— Pobre menina — pensou êle, enquanto se retirava — tenho a certeza de que morre de desejos para ir ao baile!

Aurora descansou a cabeça em cima da mão. Não pensava, porém, nem em bailes, nem em festas. Dizia para consigo:

— Chamá-lo... Para que serve chamá-lo? Tenho a certeza de que não está em casa. De dia para dia, as suas ausências prolongam-se mais. Tenho medo — disse estremecendo — tenho medo, quando penso nestas coisas... Êste mistério apavora-me. Não me deixa sair, nem ver, nem receber seja quem for. Oculta o nome, dissimula os seus passos. Tudo isto, eu compreendo perfeitamente, é devido ao perigo das outras vêzes que continua a ameaçar-nos... Enfim, a eterna perseguição: a guerra surda dos assassinos...

"Mas quem serão esses bandidos?... — prosseguiu, após um curto silêncio — devem ser, com certeza, pessoas poderosas. Serão inimigos dêle ou meus? Meus... e dêle porque me defende. No entanto, nunca me diz nada, mas eu compreendo tudo!... O meu coração adivinha; é impossível fechar os olhos de quem ama! Entra, sai, recebe o meu beijo, faz o que pode para sorrir, mas não repara que sua alma está diante de mim, tôda a descoberto... Não quer que eu saiba o esfôrço enorme que faz, para ocultar o combate que se trava no coração e não compreende, Deus meu!... que me é necessária mil vêzes mais coragem para ocultar as minhas lágrimas, do que para compartilhar da sua tarefa e combater a seu lado!

Ouviu-se na sala um ruído que já devia ser muito conhecido de Aurora, porque se pôs imediatamente de pé, transfigurada pela alegria. Um grito de prazer saiu-lhe dos lábios... Aquêle ruído era causado por uma porta que se abria no alto da escada interior...

Mestre Luís descia. Berrichon segurava um candeeiro para iluminar o caminho. Os olhos do cavalheiro, ainda lá de cima, procuraram Aurora. Logo que a viu, porém, reprimiu um movimento. Baixou-os e o andamento, que desejaria apressar, retardou-se. Qualquer observador — daqueles que tudo vêem e analisam — descobriria logo, à primeira vista, o segrêdo daquele homem. Passava a vida a constranger-se... estava perto da felicidade mas não ousava tocar-lhe. A fôrça de vontade de mestre Luís era de ferro. Sentia até mesmo a coragem necessária para dar uma estocada no seu coração terno, apaixonado e ardente como o de uma mulher, se necessário fôsse!

— Esperou por mim, Aurora?... — perguntou, enquanto descia as escadas.

Francisca Berrichon foi espreitar à porta da cozinha e disse com a sua voz forte:

— Ah! mestre Luís, não há o direito de fazer chorar assim uma pobre menina!

— Chorou, Aurora? — Perguntou vivamente o recém-chegado.

Entretanto, como atingira o fim das escadas, a jovem lançou-lhe os braços em redor do pescoço e disse, enquanto estendia a fronte para o beijo habitual:

— Henrique, meu querido amigo!... Bem sabe que tôdas as raparigas novas são umas loucas!... A boa Francisca viu mal... eu não chorei... veja os meus olhos... encontra neles vestígios de lágrimas?...



E sorria tão feliz, tão completamente venturosa, que o cavalheiro ficou a contemplá-la durante alguns momentos.

— Ah ! rapaz !... — exclamou Francisca, olhando severamente para João Maria. — E você dizendo que a nossa menina passara o tempo chorando !

— Olhe, avó... — respondeu Berrichon — talvez tivesse percebido mal, ou não tivesse visto bem... mas também pode ser que a menina não queira mostrar-lhe que chorou !...

Entretanto, mestre Luís e Aurora sentaram-se à mesa, defronte um do outro.

Berrichon, na forma do costume, colocou-se por detrás de Aurora a fim de a servir.

Ao cabo de alguns minutos, durante os quais mestre Luís fingia comer, disse-lhe:

— Podes retirar-te... não precisamos de ti...

— Posso trazer os outros pratos? — perguntou ainda Berrichon.

— Não ! — apressou-se Aurora a responder.

— Então vou buscar a sobremesa...

— Desaparece ! — exclamou mestre Luís, aborrecido, indicando-lhe a porta.

Berrichon saiu, rindo baixinho.

— Avòzinha ! — disse ao entrar na cozinha — Parece-me que êles vão tratar de assuntos importantes...

A boa mulher encolheu os ombros.

— Mestre Luís tinha ar de quem estava zangado !... — prosseguiu João Maria.

— E que tem você com isso?... Va trabalhar, ande !... Ainda é muito novo para se meter nesses assuntos !...

Mal Berrichon saiu, mestre Luís voltou-se para Aurora e disse-lhe:

— Segundo parece, não é feliz...

— Vejo-o tão poucas vêzes... — respondeu a jovem.

— E acusa-me por isso, querida filha?

— Deus me livre ! Ás vêzes sofro... é verdade ! Mas... quem pode impedir uma pobre reclusa de pensar?... Como sabe, Henrique, as crianças quando estão às escuras têm medo, mas, logo que vêem a luz do dia, esquecem todos os receios... Comigo acontece precisamente a mesma coisa: basta-me a sua presença para dissipar os meus caprichosos aborrecimentos!

— Sente por mim a ternura de uma filha submissa... — observou mestre Luís, desviando o seu olhar — ... Não calcula como lhe agradeço !

— E Henrique sente por mim a amizade de um pai por sua filha?... — perguntou Aurora.

Lagardère ergueu-se da mesa, aproximou-se de Aurora, que lhe puxou uma cadeira e, com verdadeira alegria, disse-lhe:

— Exatamente !... Venha para aqui !... Há muito tempo que não conversamos assim... Recorda-se como antigamente passávamos o tempo?

Mas Henrique, preocupado e triste, respondeu:

— O tempo, agora, já não nos pertence !

Aurora pegou-lhe nas mãos, olhou-o com ternura e com tanta meiguice, que Lagardère sentiu nos olhos aquêle ardor que precede e provoca as lágrimas.

— Também sofre, Henrique? — murmurou ela.

O cavalheiro meneou a cabeça, procurando sorrir e respondeu:

— Engana-se, Aurora... Uma vez tive um lindo sonho... um sonho tão lindo que me tirou todo o sossego... Aquilo, porém, foi só uma vez e não passava de sonho... Despertei. Fiz um juramento, cumpri a minha palavra. Chegou o momento da minha vida mudar. Agora, minha filha, sinto-me velho para recomeçar a minha existência...

— Velho ! — repetiu Aurora, mostrando os seus dentes brancos, numa gargalhada alegre.

Mestre Luís, porém, não ria.

— Na minha idade — pronunciou êle em voz baixa — já os outros têm família...

Aurora, de repente, tornou-se muito séria.

— E Henrique não... Tem apenas a mim !... E que represento eu para si?... Um obstáculo à sua felicidade !

Henrique quis fazê-la calar-se, mas ela prosseguiu:

— E sabe o que se diz?... "Se ela não é sua filha, irmã, nem mulher..."

— Aurora ! — interrompeu Henrique — Há dezoito anos que representa tôda a minha felicidade, o meu único afecto...

— E' muito generoso e agradeço-lhe de tôda a minha alma — murmurou a jovem. Durante alguns momentos, conservaram-se silenciosos. O embaraço de mestre Luís era bem visível. Aurora foi a primeira a romper o silêncio.

— Henrique — disse ela por fim — não sei absolutamente nada acêrca dos seus pensamentos, nem das suas ações; assim, com que direito lhe poderia dirigir uma censura? No entanto, quando estou só, penso em si, o meu único amigo. Tenho a certeza de que algumas vêzes adivinho tudo... Quando o coração se oprime e as lágrimas me chegam aos olhos, digo para comigo: "Se não fôsse eu, uma mulher amada alegrar-lhe-ia a solidão; se não fosse eu, a sua casa seria grande e rica; se não fosse eu, poderia aparecer em todos os lados de rosto descoberto !..."

"Henrique: eu compreendo que faz mais do que amar-me como um pai... respeita-

me e, por minha causa, retrai os impulsos do seu coração!

Estas palavras saíam-lhe da alma. Aurora, realmente, muita vez as pensara, mas a diplomacia é inata nas filhas de Eva e, naquele momento, não passavam de um estratagema para provocar uma explicação. O golpe, porém, não deu resultado, pois obteve apenas esta resposta fria:

— Engana-se, minha filha.

E o olhar de mestre Luís perdeu-se no espaço.

— O tempo passa... — murmurou êle.

Depois, sùbitamente, como se fôsse impossível conter-se:

— Quando chegar o momento de não me poder tornar a ver, recordar-se-á de mim?...

A cor do rosto de Aurora desapareceu. Se mestre Luís tivesse erguido os olhos, ter-lhe-ia visto a alma no olhar profundo que ela lhe lançou.

— Vai tornar a deixar-me?... — balbuciou Aurora.

— Não — respondeu mestre Luís em voz pouco segura — não sei... talvez...

— Tenha pena de mim!... — murmurou ela. — Se partir, Henrique, leve-me consigo!

Como o cavalheiro não respondesse, ela, com as lágrimas nos olhos, prosseguiu:

— Está aborrecido comigo porque sou exigente e injusta. Oh! Henrique, meu querido amigo, não fui eu quem lhe falou nas minhas lágrimas! Nunca lhe diria, Henrique!... Escute-me e acredite: não torno mais! Meus Deus!... Eu sei que não procedi bem... Sou feliz porque o vejo todos os dias... Henrique, não me responde?... Henrique, não me ouve?...

O cavalheiro tinha o rosto voltado. Num gesto infantil, Aurora lançou-lhe os braços em volta do pescoço, obrigando-o a olhar para ela. Os olhos de mestre Luís estavam banhados de lágrimas. Aurora deixou-se cair de joelhos.

— Henrique!... Henrique!... — dizia ela. — Meu amigo, meu pai! A felicidade podia guardá-la inteiramente para si, se fôsse feliz; nas suas lágrimas, porém, quero o meu quinhão!

Num gesto de paixão louca, Henrique puxou-a contra si. De súbito, porém, os braços abriram-se e disse com um sorriso amargo e constrangido:

— Somos dois loucos, Aurora!... Se alguém nos visse!... Que significa tudo isto?...

— Isso significa — replicou Aurora, que não renunciava com facilidade — que esta noite o meu querido amigo está mau e egoísta! Desde o dia em que me disse: "Não és minha filha!", modificou-se muito...

— Quando me pediu misericórdia para o marquês de Chaverny?... Recordo-me, Aurora, e posso anunciar-lhe que êle se encontra agora em Paris.

A jovem não respondeu, mas o seu olhar nobre e meigo revelou uma surprêsa tão grande, que mestre Luís mordeu os lábios, e pegou-lhe na mão que beijou, como se fosse partir. Ela reteve-o.

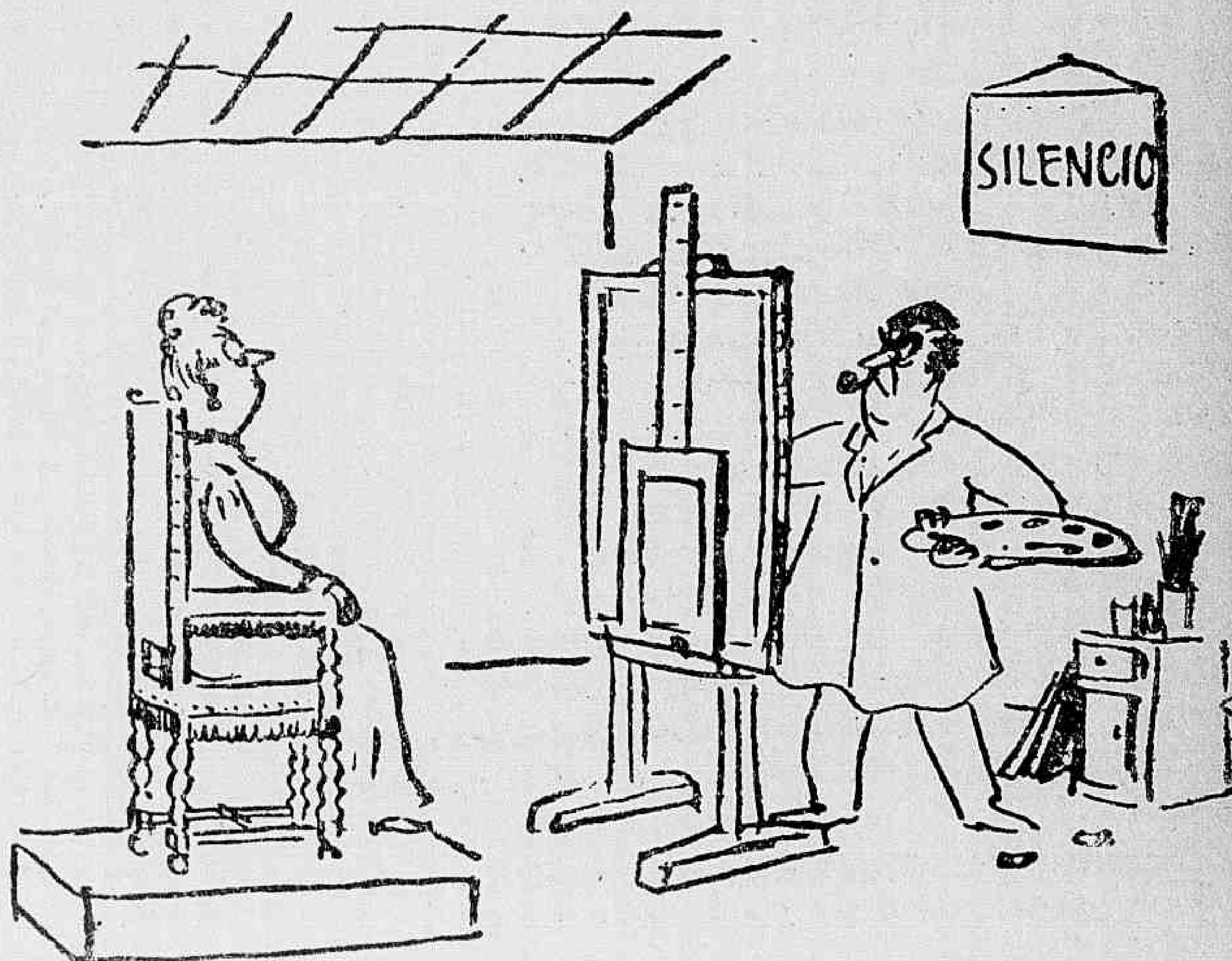
— Fique! — pediu. — Se isto continua, um dia, quando regressar, não me encontra em sua casa! Vejo que o aborreço... saio! Meu Deus! Não sei bem o que farei, mas ao menos aliviá-lo-ei de um pesado fardo...

— Não é preciso — respondeu mestre Luís — Para me deixar, Aurora, não terá necessidade de fugir...

— Expulsa-me? — exclamou a pobre rapariga, que se endireitou como se tivesse recebido uma violenta punhalada no peito.

Mestre Luís escondeu o rosto com as mãos. Ainda se conservavam um perto do outro: Aurora, sentada numa almofada com a cabeça apoiada nos joelhos de Henrique.

— O que eu precisava para ser feliz — murmurou ela — era tão pouco... Há muito que perdi o meu sorriso?... Não estava sempre alegre, quando antigamente corria ao seu encontro?...



Os dedos de mestre Luís alisavam os cabelos da jovem, que à luz do candeeiro tinham reflexou dourados.

— Trate-me como nesse tempo — prosseguiu ela — é só o que lhe peço... Conte-me as suas alegrias e, principalmente, as suas tristezas, para um bocadinho da sua mágoa passar para o meu coração. Vamos! Isso alivia!... Se tivesse uma filha, uma filha muito querida, não era assim que procederia, Henrique?

— Uma filha! — repetiu mestre Luís, cuja fronte se obscureceu de novo.

— Já sei que não lhe sou nada... Não torne a dizer!...

Mestre Luís passou a mão pela fronte.

— Aurora — disse êle, como se não tivesse ouvido as últimas palavras. — Há uma vida brilhante, cheia de prazeres, de honras e de riquezas: é a vida dos grandes da terra... Ainda não a conhece, minha filha...

— E que necessidade tenho de a conhecer?

— Quero que a conheça... é preciso!

E acrescentou, baixando a voz, quase sem querer:

— Talvez seja preciso fazer uma escolha e para escolher é necessário conhecê-la...

Ergueu-se. A expressão do seu rosto nobre era firme e serena.

— Hoje é o seu último dia de dúvida e de ignorância, Aurora — pronunciou, lentamente. — Para mim, é talvez o último de mocidade e esperança!

— Henrique! Por Deus, explique-se! — exclamou Aurora.

Mestre Luís ergueu os olhos ao céu e murmurou:

— Procedi de acôrdo com a voz da minha consciência. Aquêle que está no Céu vê-me... nada tenho a ocultar-lhe! Adeus, Aurora! Esta noite não conseguirá dormir... Veja bem e reflita... consulte a sua razão antes de consultar o coração. Não lhe direi mais nada... quero que a sua impressão seja súbita e completa. Ao preveni-la, recearia proceder movido pelo egoísmo. Recorde-se apenas que, por mais estranhas que sejam as suas aventuras desta noite, elas serão originadas pela minha vontade, tendo como objetivo o seu interêsse. Se decorrer tempo antes de me tornar a ver, tenha confiança! Lembre-se de que, perto ou longe, continuo a velar por si!...

Dizendo isto, Henrique beijou-lhe a mão e dirigiu-se para os seus aposentos.

Muda e impressionada, Aurora seguiu-o com o olhar...

XXVII

AS DUAS JOVENS

Aurora estava sòzinha. A sua conversa com Henrique, o grande amigo, tivera um desfecho de tal forma imprevisto, que ficara estupefacta e como que moralmente cega. Os pensamentos confusos misturavam-se no cérebro em desordem, sentia a cabeça em fogo. Entretanto, o coração ferido contraía-se dolorosamente.

Acabava de fazer os maiores esfôrços para saber; provocara uma explicação; perseguira-o com os mais engenhosos ardis, que a ingènuidade não exclui na mulher, e, afinal, não sòmente a explicação não se dera, como também um horizonte misterioso e impenetrável, cheio de promessas ou ameaças, se acabava de abrir diante dela.

Henrique dissera-lhe: "Esta noite não dormirá e, por mais estranhas que lhe pareçam as aventuras desta noite, lembre-se de que foram provocadas pela minha vontade, tendo como objetivo o seu interêsse!"

Aventuras!... A sua vida errante fôra, até ali, tôda cheia de aventuras. Mas Henrique estivera sempre junto dela como vigilante guarda, como salvador infalível, poupando-lhe os sustos e o terror... As aventuras dessa noite seriam diferentes?... Que espécie de aventuras? E porquê aquelas meias palavras? Era preciso conhecer uma vida diversa da que levara até então, uma vida brilhante, de luxo, a vida dos grandes e dos felizes?... "Para escolher..." — dissera Henrique. Escolher entre as duas vidas... A escolha, porém, não estava antecipadamente feita?...

Tratava-se de saber de que lado da balança se encontrava Henrique. O pensamento da mãe atravessou-lhe o espírito. Sentiu os joelhos vergarem-se. Escolher!... Pela primeira vez lhe surgiu êste pensamento perturbador: e se a mãe estivesse de um lado da balança e Henrique do outro?...

— E' impossível! — exclamou, repelindo esta ideia com tôda a energia. — Deus não pode querer uma coisa dessas!...

E entreabriu a janela para banhar a fronte escaldante ao ar fresco. Na rua havia um movimento desusado. A multidão comprimia-se junto da entrada do Palácio Real, para ver entrar os convidados, enquanto se formava uma fila de liteiras e cadeirinhas entre duas alas de curiosos.

A princípio, Aurora não prestou grande atenção. Que lhe importava aquêle movimento e ruído? Mas, de súbito, viu, numa cadeirinha que passava, duas mulheres; mãe e filha... As lágrimas inundaram-lhe

os olhos. Depois, passou-lhe pela vista uma espécie de deslumbramento!

— E se a minha mãe também lá estivesse?... — pensou.

Era possível... era mesmo provável... Então, principiou a olhar com mais atenção para o que se podia ver dos esplendores da festa. Para além dos muros do Palácio, adivinhou outras maravilhas. Sentiu uma espécie de vago desejo... invejou as raparigas ricamente vestidas, com os seus colares em volta do pescoço e flores e pérolas nos cabelos, mas não por causa das pérolas, nem das flores... era apenas por estarem sentadas junto das mães! Em seguida resolveu não ver mais nada, pois tôdas aquelas alegrias eram como que um insulto à sua tristeza.

As exclamações de alegria, as pessoas que se agitavam, o barulho, as gargalhadas, as cintilações, os ecos longuíquos da orquestra, tudo aquilo lhe fazia mal. Escondeu a cabeça entre as mãos...

Na cozinha, João Maria Berrichon representava, junto da avó, o papel de serpente tentadora.

— Agora que já acabei a minha tarefa, vou ver a entrada dos convidados para o Palácio!

E, dizendo isto, Berrichon desapareceu a correr.

Francisca foi à porta da cozinha e olhou para o quarto de Aurora.

— Ora esta! — exclamou. — A pobre menina já está novamente sòzinha!

Resolvera ir fazer-lhe companhia, quando João Maria tornou a entrar.

— Avòzinha! — exclamou o garôto. — Não calcula o que eu vi!... Soldados a cavalo, senhoras cheias de diamantes, uma maravilha!... Venha ver também!...

A boa mulher encolheu os ombros.

— Não me interessa nada! — respondeu ela.

— Ah! Venha só ali ao fundo da rua... a senhora Balahault diz os nomes de tôda a gente e conta-nos a história das senhoras e dos cavalheiros que passam!... Venha, não se demore nada!

— Mas quem fica guardando a casa? — perguntou Francisca, já um pouco convencida.

— Não vamos para longe... olharemos pela porta. Venha, avó! Venha, sim?

E João Maria pegou-lhe pelo braço, levando-a consigo.

A porta ficou aberta.

Não se afastaram mais do que dez passos, mas a Balahault e outras, que estavam com ela, logo que conquistaram Francisca, não a tornaram a largar...

Isto entraria nos planos de mestre Luís?... Permitimo-nos duvidar...

Entretanto, Aurora, que continuava à janela, não vira a onda humana que arrastara Francisca e o neto. A meditação cegara-a...

— Nem uma amiga! — dizia para consigo. — Nem uma amiga a quem pedir conselho!

Naquele momento, ouviu um ligeiro ruído no quarto. Voltou-se vivamente. Em seguida soltou um grito de terror, ao qual respondeu uma gargalhada fresca.

Diante dela encontrava-se uma mulher, com um dominó cor-de-rosa, mascarada e pronta para o baile.

— *Mademoiselle* Aurora?... — perguntou numa reverência.

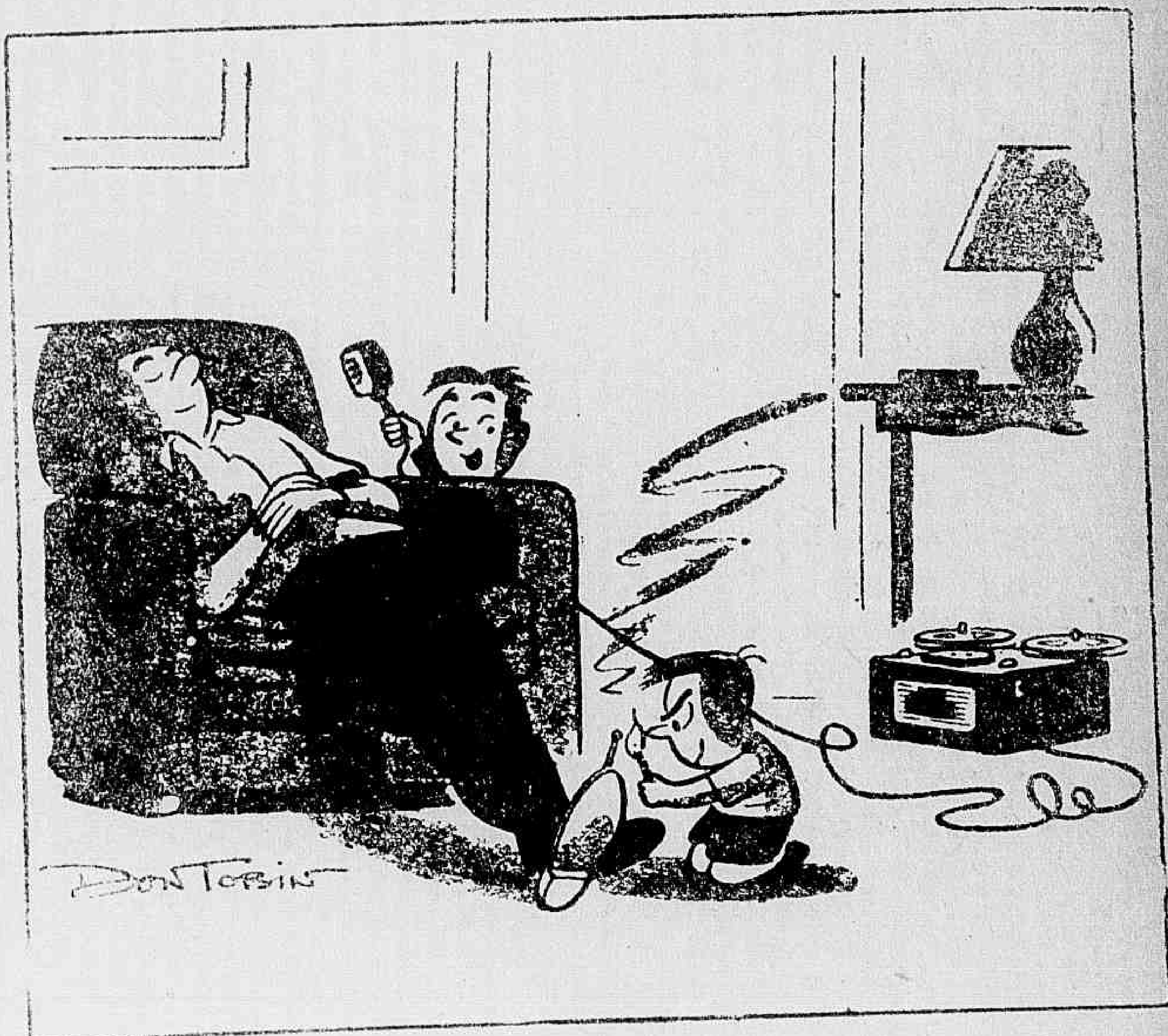
— Estarei a sonhar? — disse Aurora. — Esta voz...

A máscara caíu e surgiu o rosto vivo de dona Cruz.

Dona Cruz, ligeira como uma sílfide, correu para ela de braços abertos.

— E eu lastimando-me por não ter uma amiga!... Flor, minha querida Flor, como estou satisfeita por te ver!

Depois, tomada de súbito pavor, acrescentou:



— Tudo pronto?

— Mas, quem te deixou entrar?... Estou proibida de receber visitas...

— Proibida? — repetiu dona Cruz, com ar malicioso.

— Não... pediram-me, se preferes o termo — disse Aurora, corando.

— Pois, nesse caso, digo-te que isto é o que se chama uma prisão bem guardada... A porta aberta de par em par e ninguém entravando o passo!

Aurora foi imediatamente passar revista à casa. Chamou Francisca e João Maria, mas não obteve resposta.

Então, recordando a estranha saída de mestre Luís e a sua prevenção de que aquela noite seria fértil em aventuras, pensou apenas:

— Foi êle com certeza quem assim o determinou!

E, depois de fechar a porta, voltou para junto de dona Cruz, que se encontrava diante do espelho.

— Permite-me que te veja à minha vontade!... Meu Deus! Como cresceste e que linda estás!...

— E tu?...

Ambas se contemplaram com alegre admiração.

— E êsse vestido?... — disse Aurora.

— E' a minha *toilette* de baile! — respondeu Flor com ar importante. — Que tal te parece?... Bonita?...

— Encantadora! — respondeu Aurora.

— E muito rica!... Aposto em como adivinho... Trabalhas no teatro, não?

— Isso sim! — exclamou Flor. — Eu, comediante... Vou ao baile!...

— A que baile?

— Ao único que há esta noite...

— Ao baile do Regente?

— Sim... Ao baile do Regente! Esperam-me no Palácio para ser apresentada a Sua Alteza, pela princesa Mãe...

Aurora abriu os olhos desmesuradamente.

— Estás surpreendida? — perguntou dona Cruz, repelindo com o pé a cauda do vestido de noite. — Mas, por que te surpreendes tanto?... Verdade seja que a mim também me admirou... enfim... histórias, longas histórias que depois te contarei.

— Mas... como descobriste a minha casa? — perguntou Aurora.

— Sabia onde era e obtive autorização para te ver... sim, porque eu também tenho uma pessoa que manda em mim...

— Mas eu não! — exclamou Aurora com altivez.

— Ou se preferes, um escravo... um escravo que manda... Devia vir amanhã de manhã, mas disse para comigo: "Ah! muito gostava de fazer uma visita à minha querida Aurora!"

— Continuas a estimar-me?

— Loucamente! No entanto, primeiro, deixa-me contar-te a história, a primeira... Depois de chegar, nunca mais puz o pé na rua e tratava-se de encontrar o meu caminho nesta grande cidade desconhecida, desde a igreja de Saint-Magloire até aqui...

— Desde a igreja de Saint-Magloire?... — interrompeu Aurora — Moras para êsse lado?

— Sim, uma gaiola como tu tens, gentil passarinho, mas com uma diferença: a minha é mais bonita, o meu Lagardère trata melhor das coisas...

— Cala-te! — disse Aurora, levando um dedo aos lábios.

— Bem!... Já percebi que continuamos a viver na terra dos mistérios. Estava, pois, embaraçada, quando ouvi arranhar na minha porta e alguém entrou antes de eu poder abrir. Era um homenzinho muito moreno, feio, contrafeito... Cumprimentou-me; retribuí-lhe sem me rir e parece-me que foi uma grande coisa... Êle disse-me então: "se quizer ter a bondade de me seguir, conduzi-la-ei onde desejar ir..."

— Era um corcunda? — perguntou Aurora.

— Sim... Foste tu que o enviaste?

— Eu, não...

— Conhecê-o?

— Nunca lhe falei.

— Palavra de honra: nunca pronunciei palavra que podesse dar a entender, a qualquer pessoa, que pretendia antecipar a minha visita projetada para amanhã de manhã. Preferia que não conhecesses o corcunda... gostava de o considerar um entre sobrenatural... Sim... é preciso êle ser um pouco feiticeiro para iludir a vigilância de que sou objeto... sem vaidade, estou melhor guardada do que tu. Bem sabes como sou corajosa. A proposta do homem tentou a minha mania das aventuras: aceitei sem hesitar. Fêz segundo cumprimento, ainda mais respeitoso do que o primeiro, abriu uma portinha que eu desconhecia, no meu próprio quarto... podes imaginar uma coisa destas?... e em seguida fez-me passar por corredores de que não faço idéia alguma. Saímos sem ser vistos. Na rua estacionava uma carruagem. Ofereceu-me a sua mão para eu subir e dentro do carro foi de uma cortesia inexcedível. Descemos ambos à tua porta, a carruagem partiu a galope, subi os degraus e quando me voltei para lhe agradecer... ninguém!

Aurora, enquanto escutava, tornara-se pensativa.

— É êle — murmurou — deve ser êle!

— Que estás dizendo? — perguntou dona Cruz.

(*Continua no próximo número*)



HENRIQUE VAN SEBEN (Nascido em Bruxelas, em 1825)

"Manhã de Outono" — Na Bélgica, a pintura a aquarela sempre teve grande beleza e vigor, embora — segundo parece — os pintores a óleo a ela se tenham dedicado, inicialmente, como uma ocupação acessória. Mas, sempre foram numerosos os que também a ela se dedicaram, exclusivamente, exibindo grande virtuosismo nesse gênero pictórico. Eis porque as Exposições da Real Sociedade Belga dos Aquarelistas, realizada, juntamente, com a Exposição da Sociedade Nacional, criam sempre um ambiente de grande expectativa. Um dos fundadores da Sociedade Real foi Henrique Van Seben, um holandês nascido em Bruxelas e levado por seus genitores para a Holanda, quando tinha, apenas, cinco anos de idade. Ali estudou na Academia de Aix, onde conquistou um primeiro prêmio e, embora tenha, mais tarde, transferido sua residência para a capital da Bélgica, podemos dizer que tôda a sua obra de artista está, ìntimamente, ligada à Holanda. Inicialmente, Van Seben foi, apenas, desenhista e litógrafo, sob a direção do grande artista holandês Hugo van Hoven. Experimentou o retrato, mas surgiu em todo o seu talento sòmente na paisagem, pintando, de preferência, assuntos invernais, quando penetrou no mais íntimo do seu significado. Soube reproduzir tôda a beleza do inverno holandês. Mas, nas suas aquarelas predominaram sempre os canais e os moinhos-de-vento, representando-os, entre brumas melancólicas, numa atmosfera fria e chuvosa. Com isso, parece render homenagem à paisagem holandesa, que, para produzir todo o seu efeito sôbre o ânimo do espectador, precisa ser vista através de um véu de névoa. A êsse céu chuvoso, com o qual contrastam a vivacidade das extensões floridas, dos canais e dos moinhos-de-vento, que formam aquela doce harmonia, que é caráter específico do colorido holandês, Henrique Van Seben dedica tôda a sua intensa atividade de aquarelista. Dêle são encontrados muitos quadros nos museus de Bruxelas, Gand, Ixelles e Budapest. — *Alfred Ruhemann*

A LUMINOSA INVASÃO DOS METEÓROS

NA SUA VIAGEM PELO INFINITO, O GLOBO TERRESTRE COLIDE COM MUITOS ASTROLITOS ERRANTES.

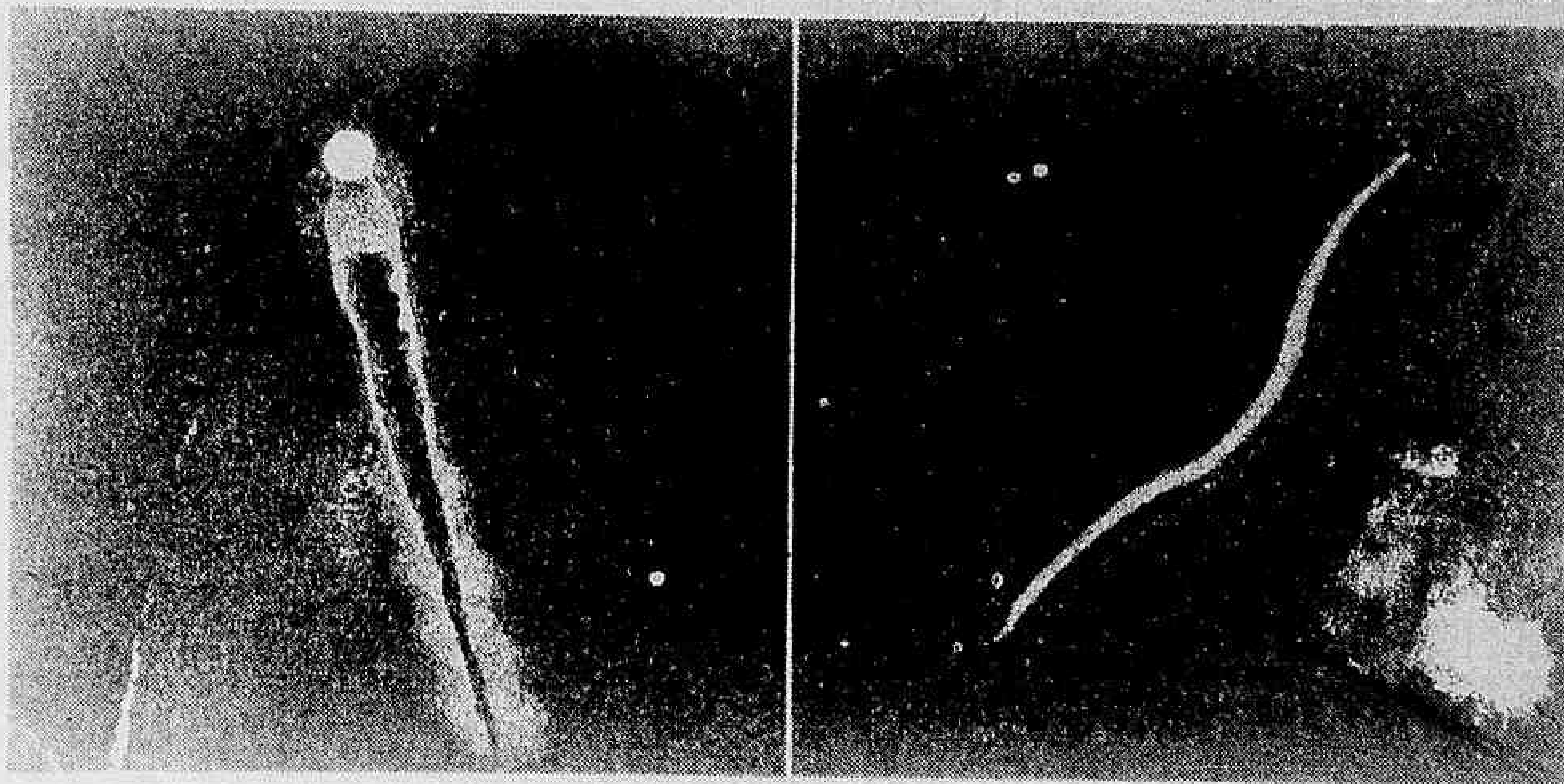
O extremo movimento conduz o homem a mais perfeita ilusão do repouso que se conhece e impõe, de forma esmagadora, a fraqueza dos seus sentidos. Tudo concorre para criar o sentimento de uma imutabilidade que não existe, desde o quieto horizonte, as nuvens que vogam no fundo azulado, até as constelações aparentemente estacionárias. E, no entanto, com o globo, viajamos, em cada segundo, trinta quilômetros pelo espaço afora. Se a velocidade da luz nos impede de sentir e apreciar o deslocamento dos astros, que mudam de posição, outros fenômenos físicos nos revelam a corrida através do infinito sideral. Os enxames radiantes das Perseidas, das Andromédidas e das Leônidas, significam que, no percurso da órbita anual, a Terra atravessa massas de corpúsculos e que os mesmos, ao contacto da atmosfera, incandescem num esplêndido fogo celeste. Que representam êsses maravilhosos bólidos, senão encontros imprevistos do nosso orbe com outros volumes planetários? As estrêlas fugazes e os astrólitos provam que a Terra se move no firmamento, que os aspectos siderais mudam a todos os minutos do tempo. E não há espetáculo mais propício para nos exibir a variedade imensurável do Cosmos.



Camponeses, cheios de terror, fogem da queda de um meteoro, que rasga a abóbada celeste com a sua violenta explosão. Em tôdas as épocas, caem pedras misteriosas do espaço sideral.

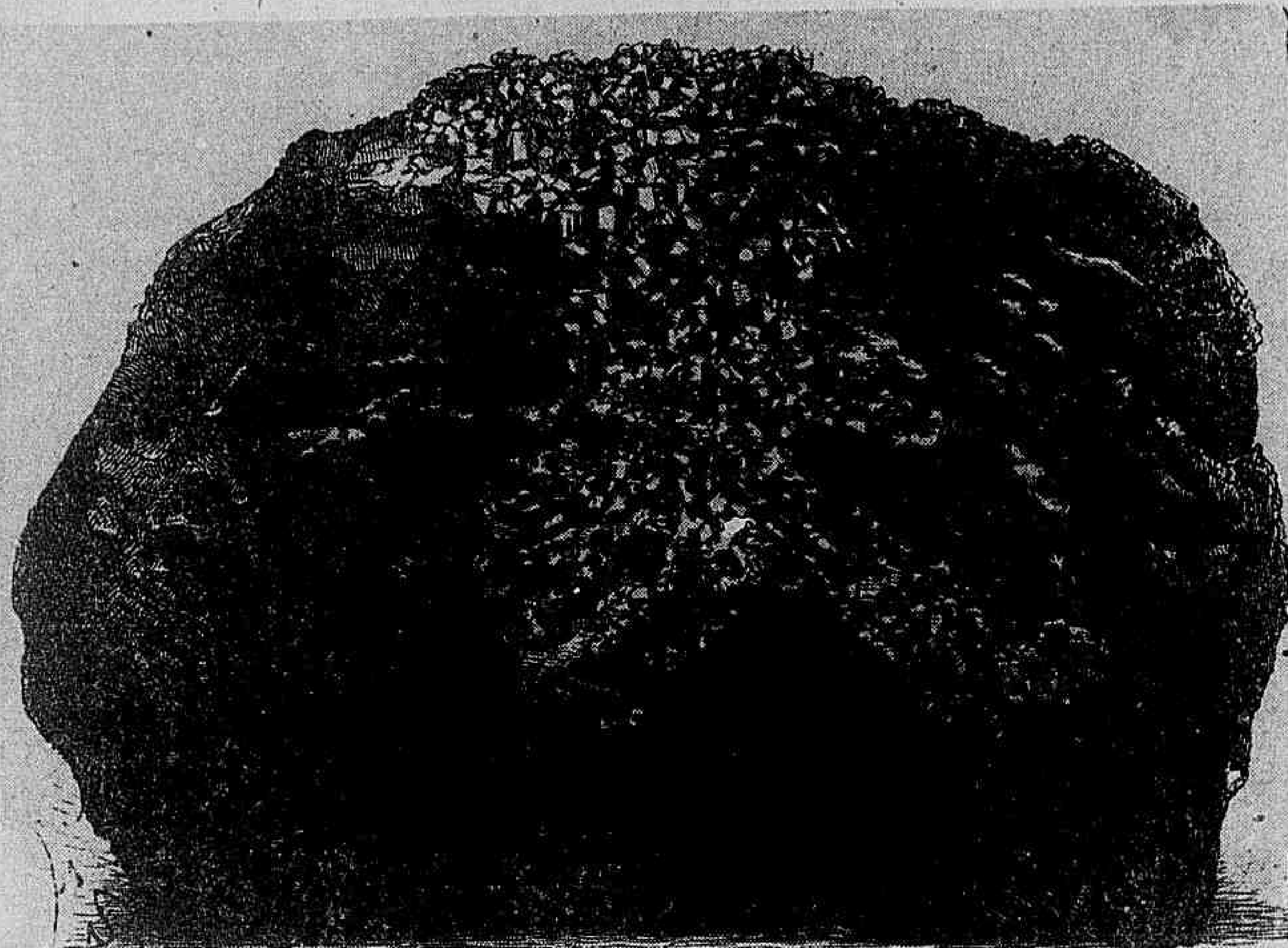
AS APARIÇÕES INFLAMANTES NA IMUTABILIDADE DA NOITE

Um risco luminoso altera a serenidade da noite, o ôlho estremece um instante, acompanha rápido a linha que brilha, apaga-se e confunde-se com as trevas do alto. Tudo se passou como uma vertigem, mas a impressão perdura e força o raciocínio a especular. Em certos dias do ano, nos meses de agôsto e de novembro, o improviso radiante se reproduz e aumenta de intensidade com anormal beleza. Centenas de sulcos lampejam e fulgem na atmosfera escura, que parece arder. A antigüidade não ficou indiferente a essa categoria de fenômenos, que formam um dos capítulos mais intrincados da astronomia sideral. Em remotas crônicas, deparou E. C. Harrick com referências às estrêlas cadentes, que tombam em forma de chuva. Um documento menciona certa aparição, no ano 686 antes da nossa era. Sôbre o grupo periódico das Perseidas, há notas que datam da Idade-Média. Para vê-las entrar na história da ciência, devemos nos aproximar do século XVIII, quando os exploradores geográficos e os naturalistas começam a examinar os fatos, não como um divertimento meteorológico, antes como a manifestação de alguma causa mais complexa,



Ora faiscando em retas fulgurantes, em sinuosidades, em esteiras de luz, ora isolados, em grupos pequenos, ora em quantidades incontáveis, os meteoros apaixonam os astrônomos por sua origem desconhecida.

Por DE MATTOS PINTO



Chuva de estrêlas cadentes, observada na noite de vinte e sete de novembro do ano de 1872, data em que deveria reaparecer o cometa de Biela, que se havia bipartido e, afinal, se esfacelado.

mais geral na ordem da natureza. Em novembro de 1799, Alexander Humboldt e Aimé Bompland, que viajavam pela América do Sul, admiraram magnífica chuva radiante. As características variam muito, o que imprime a cada espetáculo novos efeitos, sempre úteis de classificar. Algumas cintilam poucos segundos, apenas o tempo suficiente para ferir a retina e fogem do campo de observação. Há as mais sólidas e mais volumosas, que percorrem longo espaço, brilham com energia e deixam atrás uma linha de luz, que dura até uma hora. Comumente, manifestam uma cor branca que se distingue, pela sua carreira homogênea, dos golpes bruscos dos relâmpagos. As estrêlas fugazes, amarelas e vermelhas, aparecem com mais freqüência do que julgam os observadores superficiais. De brilho inferior, não podem ser confundidas com os astros, porém, certas delas superam em brilho Júpiter e Venus.

CORPÚSCULOS CÓSMICOS INCENDEIAM-SE NA ATMOSFERA

Na sua translação anual, o globo encontra correntes filiformes ou isoladas, opostas, e às vêzes em grupos compondo multidões. Um fenômeno dessa última classe, o mais fantástico e histórico que se conhece, ocorreu no dia 12 de novembro de 1833, depois da meia noite. Faixas de fogo rasgaram o céu sôbre o horizonte, em inopinadas aparições, que se sucediam umas às outras com rapidez, sobretudo com assombrosa abundância. Pequenos bólidos encheram a noite em declínio de grossos relâmpagos retilíneos. Esteiras brancas feriam as trevas durante minutos inteiros e quando se desfaziam, novos rastros replicavam o fenômeno. A chuva de estrêlas cadentes, de 12 de novembro de 1833, durou quatro horas seguidas, constituindo um admirável acontecimento. Que se passava nas vastidões do espaço? O nosso planeta tocara uma massa de corpúsculos cósmicos, que se inflamou, penetrando na atmosfera. Nos Estados Unidos, assistiu o fenômeno o físico Denison Olmsted, da Universidade de Yale. Os cálculos fixaram em dez mil por hora, o número das quedas radiantes. Denison Olmsted e seu companheiro Twineng determinaram que o fenômeno obedece a um ciclo de trinta e



Enxame de estrêlas cadentes observado nos dias 9 e 13 de dezembro, conforme o densenho de A. S. Herschel. O foco radiante, segundo o mesmo desenho, estava localizado na «Constelação dos Gêmeos».

três anos, após o que volta a aparecer na órbita terrestre. Também o astrônomo alemão Heinrich Wilhelm Olbers, grande calculador e estudioso das órbitas cometárias, inclinou-se pela periodicidade e reconheceu que existe, realmente, um intervalo de trinta e três a trinta e quatro anos. E. C. Harrick confirmou a mesma verdade e se nas datas assinaladas, 1866 e 1899, a chuva luminosa deixou de se reproduzir com os efeitos anteriores, atribuíram a anomalia às influências de outros planetas. G. H. Stoney e M. W. Downing pesquisaram o assunto, repisaram as cifras estipuladas e reconheceram que, na passagem pelas órbitas de Júpiter e de Saturno, a corrente dos corpúsculos sofreu desvios. Outros grupos periódicos salientam-se em duas datas, 9 a 11 de agôsto, 12 a 15 de novembro, com regularidade quase matemática, cuja evidência ninguém pensa em contestar. Uma incerteza se levantou no espírito dos observadores, nas sucessivas observações. Deveremos tratar êsses originais fenômenos de meteoros? Certa particularidade, que não se saberiam colocar de lado, faz vacilitar sôbre a resposta afirmativa. As estrêlas cadentes, periódicas, de 10 de agôsto, receberam o nome de "Perseidas", porque parecem convergir da Constelação de Perseu. O segundo enxame, de 15 de novembro, qualificara-o de "Leônidas", porque o seu ponto radiante fica situado na Constelação do Leão. Os astrônomos sabem, perfeitamente, que se trata de ilusão ótica, sem realidade cósmica alguma. Os astrólitos vogam em linhas paralelas e, na sua aproximação com a Terra, produzem o sentimento de perspectiva de um berço radiante. Estrêlas fugazes saem das Constelações da Virgem, Escorpião, Capricórnio, Aquário, Touro e Gêmeos, de muitas outras zonas siderais. Dêsse fato geral, prevaleceu a verdade física, de que essas linhas de luz, cujos improvisos tanto nos sensibilizam, remontam de outras paragens celestes, de muito longe, além das fronteiras terrestres e só assim se explica o efeito de ótica. No ano de 1867, apresentou E. Heis o primeiro catálogo no gênero, contendo oitenta e quatro radiantes, nome com que os astrônomos desígnam o suposto ponto de emanação. Gio-



Bloco de ferro meteórico descoberto, em Ovifak, em 1870, por Nordenskiold. Na sua viagem de translação em volta do Sol, a órbita da Terra atravessa várias poeiras cósmicas, desde os enxames de estrêlas cadentes aos grandes astrolitos, que abrem crateras quando caem ao solo.



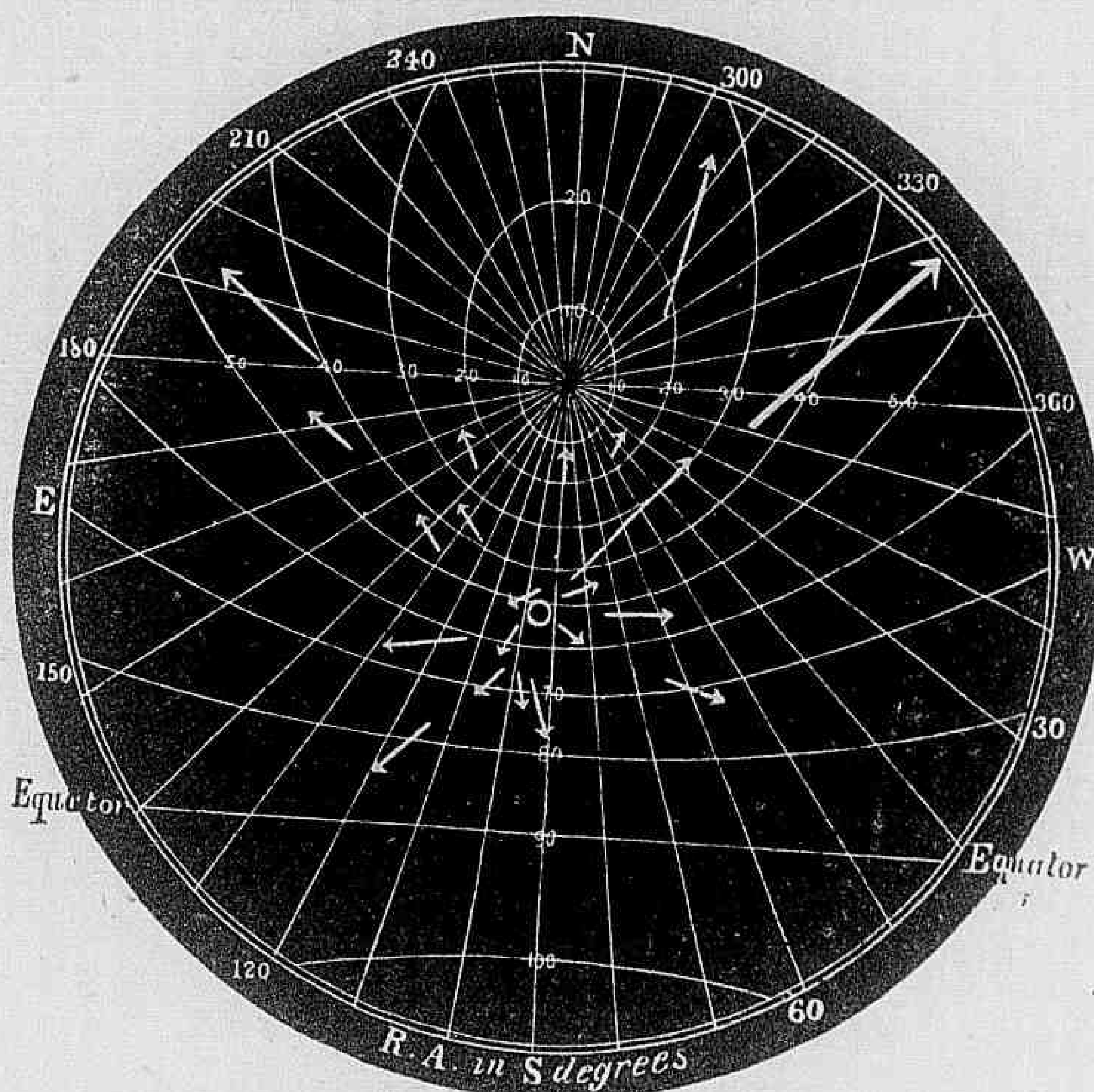
A explosão do bólido de Quenngouck produziu grande luminosidade, fato êsse que teve lugar no dia vinte e sete de dezembro do ano de 1857, tomando a forma de um leque em sentido horizontal.

vanni Schiaparelli se dedicou à mesma especialidade, conseguindo registrar mais de cento e oitenta e nove radiantes. Depois, vários pesquisadores entregaram-se a exaustivo labor, destacando-se entre êles o astrônomo inglês William Frederick Denning, a cuja tenacidade devemos a análise de cento e vinte mil fatos. O seu admirável catálogo, que publicou no ano de 1899, trouxe quatro mil, trezentos e sessenta e sete radiantes, que mal poderíamos imaginar. Posteriormente, sôbre o mesmo assunto, apareceram, em 1911, 1914 e 1920, três catálogos da autoria de C. P. Olivier, em cujas páginas verificamos que trinta e uma mil observações passaram por meticuloso exame. Das mesmas resultaram mil e duzentos focos radiantes, que nos fazem sentir a imensidade do Cosmos, que desafia as tentativas das nossas medidas. C. P. Olivier situa a radiante das Leônidas a dois mil e setecentos quilômetros do Sol.

———

DESVENDANDO A ORIGEM CÓSMICA DAS ESTRÊLAS CADENTES

Enquanto determinavam a convergência das estrêlas meteóricas, os estudos sôbre a sua origem extra-terrestre seguiam o seu curso. Trabalhavam para esclarecer a natureza dos astrólitos, que não podiam ficar incluídos na categoria exclusiva dos meteoros, dadas as suas características planetárias. Vacilavam na preferência das hipóteses, quando sucedeu a descoberta do Cometa de Biela, fato que marcou um rumo decisivo na futura orientação das pesquisas. Wilhelm de Biela, barão e oficial do exército austríaco, depois de conquistar renome em campanhas militares, apaixonou-se pela astronomia. Descobriu em Johannesburg, no dia 27 de fevereiro de 1826, um cometa aparentemente desconhecido. Pouco depois, no mês seguinte, o astrônomo francês Jean Adolphe Gambart encontrou, no Observatório de Marselha, o mesmo astro. Observador consciente e meticuloso, examinou os catálogos cometários para verificar a autenticidade da descoberta. Jean Gambart havia sido iniciado na ciência do firmamento pelo emérito calculador Alexis Bouvard, que lhe incutiu o espírito da probidade científica. Verificou o astrônomo de Marselha, que o tal cometa, supostamente ignorado, possuíra, em 1772, um observador, na pessoa de Montagne, que o viu em Limoges. Registros diferentes o assinalaram em 1789, 1795 e 1805, sendo que, nesse último ano, viu-o em boas condições o astrônomo Jean-Louis Pons. A sua descoberta passou a ser considerada histórica em 1826, pelos fatos que se sucederam em seguida, pondo-o em saliência. Charles-Théodore Damoiseau estabeleceu a sua periodicidade em seis anos e meio, fixando o dia 27 de novembro de 1832, como a data do seu regresso. Entrementes, anunciou Heinrich Wilhelm Olbers, que o Cometa de Biela passaria apenas a trinta mil quilômetros da órbita da Terra, dez vêzes mais próximo do que a Lua. Houve alarmas públicos e profecias do fim de mundo, que não se realizaram, porque o cometa tocou no ponto fatal da órbita terrestre, um mês antes do nosso orbe. No dia 27 de novembro de 1832, o astro de Biela fêz a aparição prevista pelos calculadores, sem nada acontecer de catastrófico. Mal o puderam notar sete anos depois, em 1839, em virtude da sua posição em frente do Sol. Um ano antes do seu próximo regresso, no mês de dezembro de 1845, James Bradley e E. C. Harrick, que o acompanhavam no telescópio, distinguiram alterações na sua massa. Grande protuberância se formou, cresceu, condensou-se e fragmentou o núcleo. Pareciam dois novos corpos celestes e só o cálculo demonstrava ser o mesmo astro. Em 19 de fevereiro de 1846, os astrônomos contemplaram o raríssimo espetáculo de um cometa que se esfacelava sob os olhos humanos. Uma distância de trezentos mil quilômetros separava as duas partes. Continuaram a gravitar uma ao lado da outra, até 1852, quando a distância de intervalo alcançou dois milhões de quilômetros. Esgotaram-se os dois ciclos de sete anos referentes a 1859 e 1866, sem que ninguém mais visse o Cometa de Biela. Julgaram que a sua trajetória se desviara sob a ação de causas ignoradas. Entrementes, o astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli, que tentava desvendar a origem cósmica das estrêlas cadentes, no Observatório de Milão, comparou pela primeira vez, no ano de 1866, os seus movimentos com as evoluções cometárias. Provou que os enxames luminosos das Perseidas coincidem com a órbita do Cometa de Tuttle e as Leônidas ajustam-se ao cometa de Temple. À verdade enunciada pelo astrônomo italiano, aliaram-se as observações dos matemáticos germânicos Christian Friedrich Peters e Theodor Oppolzer, que reconheceram o fato da coincidência das órbitas cometárias com as órbitas das estrêlas ca-



Entrando em atrito com os gases da atmosfera, os bólidos aquecem ràpidamente, inflamam-se e provocam explosões. A gravura representa o meteorito descoberto em Juvinas, na Ardeche, em 15 de junho de 1821, pesando quarenta e dois quilos.

dentes. Outro afamado calculador, o francês Urbain Le Verrier, asseverou que o planeta Urano capturou o cometa de Temple, no ano 126 da era atual, datando dessa época a origem das Leônidas. Não tardou que um inesperado acontecimento viesse confirmar a teoria cometária de Giovanni Schiaparelli. Em 27 de novembro de 1872, quando deveria reaparecer o Cometa de Biela, uma chuva de estrêlas cadentes inundou o céu de fagulhas. Durante seis horas, trinta mil riscos luminosos precipitaram-se uns sôbre os outros. Às estrêlas cadentes, que resultaram do esfacelamento do Cometa de Biela, aplicaram o nome de Biélidas, ou, conforme a preferência de outros, de Andromédidas, porque o seu fogo radiante parece ficar localizado na Constelação de Andromeda. A órbita das Biélidas sofre a influência simultânea da Terra e de Júpiter, provando assim que êsse grupo de estrêlas cadentes pertence ao sistema planetário.

O ESPETÁCULO PERIÓDICO DOS ENXAMES ÍGNEOS

As correntes filiformes, que rasgam a noite, resultam de matérias que se chocam com o ar. Só o fato de existir certa periodicidade, de que não se produzem a esmo e que freqüentam certas épocas do ano, indica a sua origem extra-terrestre. A experiência acumulada nos convence de que a cauda dos cometas aumenta, quando se aproxima do Sol. A pressão dos raios solares acelera a velocidade das partículas e as mesmas tendem a se desagregar no decurso do tempo. Corpúsculos diversos circulam no espaço e escapam à investigação dos telescópios. Muito pequenos, não recebem e não refletem a luz solar, suficientemente, para se tornarem luminosos. Só brilham ao atravessar a órbita do nosso planeta, circunstância que provoca o atrito com os gases atmosféricos. Revelaram, dessa maneira, a sua presença por trajetórias brilhantes. Os trabalhos de G. Von Niessel forneceram medidas precisas sôbre a altura das estrêlas cadentes. O grupo das Leônidas se inflama a cento e cinqüenta e cinco quilômetros da altitude e se extingue a oitenta e nove quilômetros, enquanto o grupo das Perseidas arde a cento e treze quilômetros e deixam de faiscar, como o primeiro, a oitenta e nove quilômetros. A velocidade média oscila de quarenta a quarenta e dois quilômetros por segundo, o que, acrescentando os trinta quilômetros do movimento de translação da Terra, perfaz a soma de setenta e dois quilômetros. Geralmente se cai em êrro, ao avaliar, por um simples golpe de ôlho, a dimensão das estrêlas cadentes. A exigüidade material que apresentam, aliada à rapidez de movimento, impedem de situar os respectivos volumes. Revela a análise espectrográfica, que se compõem de uma matéria rarefeita, que se aproxima da estrutura dos cometas. Argumentaram os adversários da teoria de Schiaparelli, que, se o Sol tende a desmantelar os cometas, existindo como existe a milhões de anos, já os deveria ter aniquilado. Contra êsse raciocínio, podem formular outra hipótese não menos robusta, que os cometas se refazem desde que se afastam do astro central do sistema planetário. A duração da vida humana, excessivamente curta, não pode apreciar os efeitos seculares, que agem sôbre os corpos imensamente remotos. Uma certeza resta entre tantas dúvidas teóricas: as estrêlas cadentes pertencem ao sistema planetário, a cuja atração obedecem. Os grupos periódicos de 9 e 11 de agôsto reaparecem todos os anos, com regularidade. O enxame periódico de 12 a 15 de novembro só volta depois de trinta e três anos de intervalo. Ao longo da sua marcha anual, multidões de partículas invadem a nossa capa atmosférica e constituem outros tantos improvisos luminosos. Os detritos cósmicos contribuem para alargar os conhecimentos da identidade universal da natureza, já pressentida pelos filósofos especuladores.



Massa de ferro meteórico, proveniente da queda de um astrolito, encontrada em 1776, em Krasnojarsk, na Sibéria, descoberta pelo naturalista alemão Peter Simon Pallas.

* *

O Escritório de Prevenção do Crime, de Salt Lake City, anunciou que a sua coleção de pistolas e revólveres de brinquedos, para distração das crianças encontradas perdidas, foi roubada.

* *

UM diabético foi prêso, num jardim público da Itália, por haver tomado, a fôrça, o picolé de açúcar de uma criança.

QUANDO O CRIME CAUSA RISO

Atendendo a uma solicitação do corpo de bombeiros, a polícia de Detroit acabou prendendo o indivíduo que, no correr de um mês, havia dado 12 falsos «alarmas» de incêndio. Tratava-se de um... bombeiro, que alegou ter assim agido, «só para brincar com os seus colegas.»



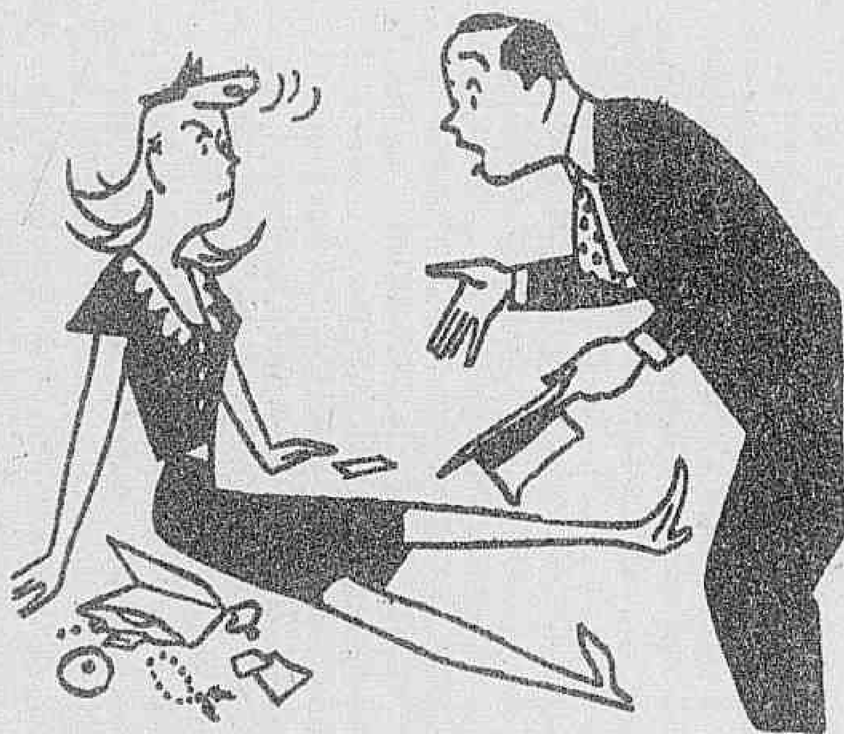
EM Juiz de Fora, Minas Gerais, um salteador noturno apontou a pistola para Guilherme de Sousa, dizendo-lhe: «A' bôlsa ou a vida". Quando, porém, verificou que o roubado tinha, apenas, quatro cruzeiros, devolveu-lhe dois, declarando: — **«Vamos, apenas, dividir êsse capital.»**

*

PRÊSO quando, tranqüilo e satisfeito, fumava um cigarro, no interior de um bar-confeitaria, que se achava fechado, Steve Lazic, de 28 anos, residente em Brooklin, explicou, na delegacia: «Acordei e verifiquei que não tinha cigarro em casa. Sabia que aqui embaixo devia haver. Por isso, desci para fumar.»

*

DOIS ladrões assaltaram John Cavallari, de New York, e tomaram-lhe a carteira com 200 dólares, além do sobretudo que vestia. Quando Cavallari reclamou o vidro de remédio, que se achava num dos bolsos do sobretudo, um dos bandidos, prontamente, restituiu o que era pedido, com um: «Estimo a sua melhora».



MRS. Júlia Abaron queixou-se à polícia de Niagara Falls de que fôra surrada por um desconhecido. Voltava da igreja quando foi detida por um senhor bem vestido e que, sem uma palavra, começou a dar-lhe tapas, sôcos e pontapés. Repentinamente, parou, desculpou-se e ofereceu-lhe cinco dólares, a fim de que não fôsse dar parte à polícia. E Mrs. Abaron acrescentou: «Êle explicou que se enganara, pensando que eu fôsse a sua espôsa.»

JACK Regan, fabricante de caixões mortuários e dono de uma Agência Funerária em Chicago, foi prêso pela polícia por haver roubado garrafas de «whisky» no valor de 10 000 dólares, do bar do infeliz que acabara de enterrar, tendo, ainda, usado aquela bebida numa grande farra, que durara três dias.

*

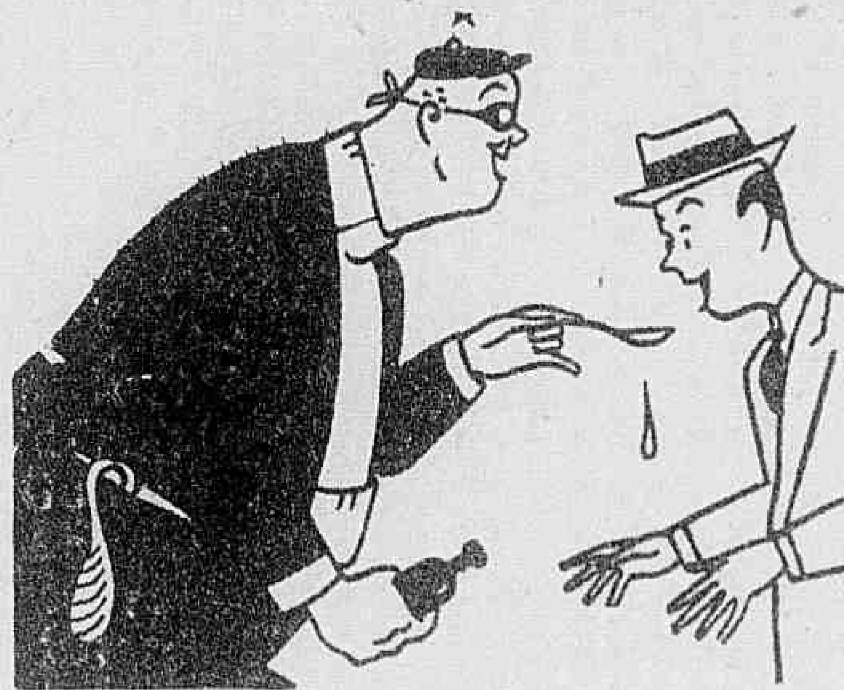
A polícia de Baltimore marcou com um **finis** a sua longa caçada para encontrar um **ladrão-fantasma**, responsável por 48 roubos, no valor total de 27 658 dólares, com a prisão de Paul H. Haenhoudt, policial de Baltimore.

*

UM policial de Hamburgo admitiu ter usado um carro roubado, durante três anos, explicando que, quando havia encontrado o veículo roubado, sua intenção fôra a de levá-lo para a delegacia em que estava lotado, mas que o automóvel era tão velho e funcionava tão mal que decidira ficar com êle.

*

A polícia de Pueblo, Colorado, perseguiu um automóvel roubado e acabou verificando que o mesmo era dirigido por dois garotos. Um empunhava o volante, enquanto o outro, agachado no fundo do veículo, acionava o acelerador e o freio.



RECENTEMENTE, Peter Pasteck foi prêso por um dos seus numerosos roubos e, interrogado sôbre o seu domicílio, declarou que não tinha, realmente, mas que, tôdas as noites, penetrava numa luxuosa casa de móveis de Filadélfia e, ali, escolhia a melhor cama para dormir.

*

JACK Alen e David Duval, numa tentativa para fugir de uma prisão de Londres, retiraram um fuzível, a fim de cortar a luz do edifício. Infelizmente, com isso, provocaram o «alarma geral» e, assim, foram apanhados.

*

GEORGE Lambert, pequeno comerciante do Havre, França, queixou-se à polícia de que um ladrão penetrou em sua residência e roubou cinco poltronas para o teatro e duas bananas.

*

UM ladrão-humorista quebrou a vitrina de uma casa de bebidas de Syracuse, Estado de New York, dali roubando uma garrafa de champanha. No dia seguinte, tornou a quebrar o novo vidro colocado na vitrina... a fim de restituir a garrafa... vazia.

O PRINCIPE QUE TROCOU O TRONO POR UM AMOR

O QUE NÃO DISSE O DUQUE DE WINDSOR

(VI)

A HORA DO ESCÂNDALO

A entrevista entre os dois enamorados não teve testemunhas e prolongou-se até tarde da noite. Dela sabemos pouca coisa. Mme. Simpson jamais falou sôbre êsse episódio dramático. Apenas Eduardo, no curso da última guerra, aludiu ao fato com um de seus amigos mais íntimos, em Nova York. Ao que parece, teria declarado que mme. Simpson fôra a Forte Belveder, ùnicamente, para suplicar ao rei que não abdicasse, sendo preferível a separação de ambos. Desejava deixar a Inglaterra quanto antes, desaparecer da vida do rei, antes de que se consumasse o irreparável.

Eduardo recusou aceitar essa solução. Amava-a muito para se decidir a abandoná-la. No entanto, concordou num ponto: a saída de mme. Simpson da Inglaterra. Na luta final, que estava prestes a travar, preferia deixá-la em segurança, longe de qualquer golpe e evitando-lhe, na medida do possível, dissabores e até represálias.

Ao alvorecer do dia 3 de dezembro, a *limousine* preta, de mme. Simpson, sai, em segrêdo, de Fort Belveder. Na mesma noite, a norte-americana deixa a Inglaterra. É uma verdadeira fuga, preparada com tão grande mistério que é coroada de êxito, pelo menos inicialmente. Dois detectives, de Scotland Yard, realizam êsse *tour de force*, quase à vista dos jornalistas, postados em todos os pontos estratégicos e que, no entanto, foram logrados.

Num subúrbio de Londres, Lord Borwnlow, um dos melhores amigos do rei, aguardava mme. Simpson. É um homem ainda moço, louro, de físico atlético. É êle quem acompanharia a fugitiva até Newhaven.

O automóvel chega em tempo justo para alcançar o navio para Diepe, às 21 horas e 30. A essa hora, ninguém, em tôda a Inglaterra, desconfiava da fuga de Wallis Simpson.

Na sexta-feira, 4 de dezembro, às 3 horas e 30 da madrugada, lord Brownlow e mme. Simpson se detêm diante do *Hotel da Posta*, em Rouen. Penetrando no *hall*, encontram, apesar da hora insólita, a atriz



Diante do Parlamento, a multidão aguarda boas notícias (boas, se favoráveis ao rei). Ouvem-se, então, gritos de «Viva o rei!» e «Abaixo Baldwin» ou «Para o inferno o Gabinete». Enquanto isso se passava na capital inglêsa, tôdas as linhas telegráficas permaneciam em comunicação com os Domínios britânicos...



ÊLE ESCOLHEU O AMOR

Quando David se tornou rei, sua popularidade era muito grande, no Império britânico. Era simples, simpático e mostrava-se interessado pelo problema do proletariado industrial. Surgiu, porém, mme. Simpson. Êle, então, abandonou tudo, tudo por seu amor.

francesa Nadia Daury, que reconhece, imediatamente, os ilustres visitantes.

Enquanto mme. Simpson repousa algumas horas, Nadia Daury previne a imprensa mundial. Os jornalistas caem, sôbre o hotel, como nuvem de gafanhotos. Chegam, em automóvel, de Paris e, em avião, de Londres. O hotel está cheio de homens, preparados para reportagens de sensação. Pouco depois, mme. Simpson desce ao salão.

Começa, então, uma verdadeira caçada. A "limousine" preta de mme. Simpson e de lord Brownlow sai de Rouen a tôda velocidade, seguida por uma caravana de táxis e motocicletas, levando redatores e fotógrafos.

Primeira parada: *Hotel des Grand Cerf*, em Evreux. Mme. Simpson almoça com seu companheiro. Finda a refeição, mme. Simpson fala ao telefone com Eduardo. Os jornalistas anotam que a conversa durou dezesseis minutos.

A viagem prossegue, não na direção de Paris, mas na direção de Blois. Madame Simpson recolhe-se, para dormir, às 22 horas e desperta às 2,30 da madrugada. Cêrca das 3 horas, a "limousine" preta corria, velozmente, para o sul, seguida, ainda, pela caravana, agora aumentada de uns trinta veículos, onde, também, viajam cinematografistas.

Detem-se em Châtellerault, para a compra de aspirina. Em Moulin, nova parada, para o *breakfast*. Depois, sucessivamente, Viena, Valence e Avignon são as principais etapas, antes de chegar, no sábado, 5 de dezembro (11h., 57) a Cannes, diante de uma grande "vila": "Louciel", pertencente aos Rogers, uma família norte-americana. Mme. Simpson recolhe-se, imediatamente, aos seus aposentos. Ao mesmo tempo, o grande portão de ferro, que dá acesso ao imenso jardim, fica sob rigorosa vigilância. Os jornalistas, porém, teimosos, montam guarda incessante, mas que não lhes renderá grande coisa, com relação a mme. Simpson.

De fato, a norte-americana pouco sai do seu quarto, só aparecendo raramente no jardim ou na varanda — e, assim mesmo, por ligeiros instantes. Não quer ser vista, não quer ler os jornais, nem ouvir rádio. Apenas aguarda.

Às vêzes, conversa com os amigos que lhe deram asilo, mas não diz uma pa-



ELA ESCOLHEU O DEVER

A rainha Mary sofreu muito com essa abdicação. O rei era o seu filho preferido. Pressentia que, pelo seu não conformismo, muito poderia servir ao Império. Por isso, jamais perdoou a madame Wallis Simpson o ter transformado David num apaixonado sem remédio...

lavra do que está para acontecer em Londres. Não diz, sequer, que seu destino está para ser decidido a qualquer momento... assim como o destino do homem a quem ama. E, no entanto, só fala nêle, recordando a primeira vez em que o viu — quando nem êle mesmo sabia que a viria a amar tanto, algum dia.

E quando foi isso? No início de 1920, quando o jovem príncipe de Gales se dirigia, pela primeira vez, aos Estados Unidos e ela mesma era, ainda, a espôsa do tenente Spencer.

Foi no correr de um baile... Um baile em San Diego, ao qual compareceu, em companhia do espôso. Parece-lhe, ainda, ver o moço-príncipe, magro e louro. Era o primeiro príncipe que via em sua vida. E, durante longas semanas ainda, pensaria nêle, como tôdas as moças de San Diego, que, sem exceção de uma só, ficaram loucas por Eduardo.

Pôde vê-lo, uma segunda vez, vários anos mais tarde, em Londres, e conseguiu ser apresentada à côrte, o que não era fácil, pois que a rainha Mary dedicava pouca consideração às mulheres divorciadas. Viu, por alguns instantes, o seu príncipe de conto de fadas. Estava em grande uniforme, ao lado da mãe — e parecia aborrecer-se profundamente.

"— Como tinha os olhos tristes — disse mme. Simpson, recordando a cena para os seus amigos Rogers, na "vila" de Cannes. E pensou, então, como êsses mesmos olhos deviam estar tristes, no instante em que o homem amado se propusesse a travar o combate mais difícil de sua vida — e sem que ela pudesse lutar ao seu lado!

Em seu palácio, Eduardo se sentia muito só, desde que, às 18 horas e 30, o inspetor David Storier o informou de que o seu colega pôde "escamotear" madame Simpson. Essa solidão lhe pesou muito mais quando, duas horas mais tarde, o conselho de família real se reuniu, no palácio de Buckingham. Eduardo só apareceu no último minuto.

A rainha Mary e os duques de York e Gloucester, com suas respectivas espôsas, assim como o duque de Kent, faziam parte do conselho. Era essa a primeira vez, desde a morte do rei George V, que tôda a família se encontrava reunida. A sessão durou duas horas. A seguir, deixaram



O rei George V jamais tentou esconder a sua adoração especial pelo filho, que criou para que fôsse, um dia, o seu sucessor no trono. Ao menos, não sofreu o golpe de ver o seu caro sonho desfeito tão ràpidamente...

Eduardo só, e êle trabalhou, em seu escritório, até depois da meia-noite.

Então, saiu, para ir a Marlborough House encontrar-se com a rainha Mary. Até às primeiras luzes da manhã, conferenciou com sua mãe. Esta não escondeu um grande abatimento e uma profunda tristeza. Nos últimos vinte dias, recebera centenas de cartas, nas quais o povo lhe rogava que tomasse o partido do filho e aceitasse madame Simpson. Isto, porém, era coisa que a respeitável dama não podia fazer. Tinha sido educada na velha escola e não podia admitir que a vida privada pudesse prevalecer sôbre as obrigações de um monarca, relativamente ao seu povo e à tradição. No entanto, tinha verdadeira adoração por seu filho mais velho e, por isso, sofreu profundamente ao pensar que, destinado desde o berço a subir ao trono da Inglaterra, a êle devesse renunciar, bruscamente.

A mãe sofreu, realmente... Mas, também, era rainha!

Quarenta-e-oito horas mais tarde. O "Movimento Para a Liberdade e a Paz" está reunido em Albert Hall. Trata-se do grupo que consentiu em seguir Churchill, para tratar do importante conflito, tomando o partido do rei. Mr. Churchill é de opinião que Eduardo deverá esperar ainda vários meses, antes de poder desposar mme. Simpson.

Após essa reunião, Churchill vai procurar o soberano, ao qual roga que não tome uma atitude apressada, que não se entregue a atos precipitados e que, apesar do que declarou o arcebispo de Canterbury, o país não está com Baldwin, mas com o seu soberano!

Quatro possibilidades se apresentam, então:

1ª — Seguir os conselhos de mr. Baldwin, abandonando mme. Simpson;

2ª — Declarar a guerra ao seu primeiro ministro, forçando-o a demitir-se, com a esperança de encontrar uma aliança com o seu sucessor;

3ª — Reinar, provisòriamente, sem Parlamento.

4ª — Abdicar, pura e simplesmente.

Qual será a decisão do rei?

Tôda a Inglaterra, o Império britânico, o mundo inteiro fazem a mesma pergunta.



A mãe do rei Eduardo VIII sofreu muito. Mas, antes de tudo, era rainha.

O dia 6 de dezembro é um domingo. As igrejas da Inglaterra estão mais cheias que de costume, e os fiéis fazem preces por seu soberano.

Ao entardecer, o presidente do Conselho, Baldwin, aparece em Marlborough House e conferencia com a rainha Mary.

Na manhã seguinte, os jornais de Londres falam, pela primeira vez, da possibilidade de uma abdicação. Anunciam, mesmo, que o projeto já está pronto.

Lá para o fim da tarde, o assunto é discutido, pela primeira vez, no Parlamento.

Durante êsse tempo, mme. Simpson continua na "vila" de Cannes, com seus amigos Rogers e os redatores e fotógrafos, postados diante do gradil, em número aproximado de cem. Quase todos estão desanimados de obter notícias. Para matar o tempo, jogam cartas e bebem *whisky*. Bruscamente, todos se sobressaltam. Lord Brownlow sai da "vila" e convida os repórteres para uma entrevista coletiva. Tem uma declaração a fazer, em nome de mme. Simpson.

Quando a coorte da imprensa se reúne no *hall*, o lord aparece. Tem a fisionomia de um homem fatigado e gagueja de emoção. Penosamente, lê a seguinte declaração, assinada por mme. Simpson:

"— Se, desta forma, é ainda possível resolver, satisfatòriamente, a situação, estou pronta a partir, de uma vez por tôdas, pois o momento é grave e mesmo intolerável para todos."

Quando lord Brownlow termina essa leitura, os jornalistas perguntam se essa declaração significa o afastamento de madame Simpson.

E os jornais da noite publicam logo, em títulos enormes:

A Crise Chega ao Fim. Madame Simpson Se Retira!

Outros julgam poder anunciar a seus leitores que madame Simpson declarou não desejar jamais tornar a se avistar com o rei, e que já se encontra a caminho dos Estados Unidos...

Na mesma noite, é possível ver a primeira fotografia de mme. Simpson. Um dos repórteres encontrara meios de penetrar no parque da "vila", onde, no correr de um passeio, pudera descobrir "por acaso", mme. Simpson, que consentiu em se deixar fotografar. O repórter ficara surpreendido com a tristeza que se estampava no semblante da norte-americana. Chegara mesmo a pedir:

— Sorria, por favor!

— Isso é coisa que não tenho vontade de fazer — respondera ela. A essa altura dos acontecimentos, começaram a circular os boatos mais sensacionais. Um jornal da tarde acreditou poder anunciar que um famoso médico ginecologista visitara mme. Simpson. O articulista nada mais dissera, mas já era suficiente para



Uma recente foto do duque de Windsor (aos 60 anos), por ocasião dos funerais da rainha Mary.

fazer o leitor imaginar que mme. Simpson estivesse esperando um filho de Eduardo!

Isso forçou lord Brownlow a aparecer, a fim de opor enérgico desmentido.

Na quarta-feira, 9 de dezembro, a expectativa era quase intolerável. Em Londres, como no resto da Inglaterra, e no mundo inteiro. O assunto único, pelo qual a imprensa se interessava, era o "Caso Simpson". No correr da noite, na capital britânica, são ouvidos gritos de *"Viva o rei!"*, *"Abaixo Baldwin!"* e, também, *"Para o inferno com o govêrno!"*

Um pouco mais tarde, os ministérios se mostram brilhantemente iluminados. Incessante, funciona o telégrafo com a Austrália, o Canadá e a África do Sul. Os presidentes dos Conselhos dos Domínios conferenciam com os seus colegas de Londres. Novas medidas, novas combinações, novas propostas são estudadas. O presidente do Conselho do Canadá, Mackenzie King, passa a noite em seu gabinete de trabalho. O Conselho de Ministros sul-africano é convocado para a manhã seguinte, às dez horas, e o da Nova-Zelândia, para o meio-dia.

Na quinta-feira, 10 de dezembro, às 9 horas e 50, o duque de York chega a Fort Belveder. Também êle não dormiu, tendo conversado com a Rainha Mary até alta madrugada. Poucos minutos depois, chegam seus dois irmãos mais moços, os duques de Gloucester e de Kent.

Eduardo os recebe imediatamente. Está mais triste que nunca e, verdadeiramente, esgotado fìsicamente.



No próximo número:

EDUARDO SE LANÇA, CHORANDO, NOS BRAÇOS DE SUA MÃE

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRACIELA ELIZALDE

SE a leitora já teve ocasião de visitar os Estados Unidos, terá saboreado, sem dúvida, um dêsses deliciosos refrescos, que os americanos chamam de «soda». Se assim é, tenho certeza de que a leitora não se contentou de saborear tal «soda» nos Estados Unidos, mas quis, também, aprender como se prepara êsse tipo de refrêsco.

Mas, naturalmente, a maior parte de minhas leitoras ainda não conhece a América do Norte e é, principalmente, para essas que apresento as receitas abaixo.

«SAÚDE E PESETAS»

4 xícaras de sorvete de baunilha
1 xícara de leite
1 coca-cola

Coloque o sorvete no depósito pequeno da batedeira elétrica, bata-o a uma velocidade moderada, até que se torne cremoso, ajunte o leite e a coca-cola e continue batendo, até que a mistura fique espumosa. Ponha, em cada copo, duas colheradas de sorvete, coloque por cima o que foi batido e sirva imediatamente. Dá para quatro pessoas.

«SODA» DE SORVETE E MORANGO

2 xícaras de morangos
1 xícara de leite
6 xícaras de água mineral

Coloque as frutas numa batedeira de coquetel, ajunte o leite e bata a mistura durante um minuto e meio. Coloque a mistura nos copos, ajunte água mineral, até quase encher os copos, mexendo, ligeiramente, com uma colher larga e, no momento de se servir, coloque, em cada copo, uma porção apreciável de sorvete.

BÔLO DE TÂMARAS

1 xícara de açúcar mascavo
1 xícara de farinha de trigo
1/4 de colherinha de fermento
1/2 colherinha de essência de baunilha
1/2 colherinha de sal
1/2 xícara de tâmaras esmagadas
1 xícara de nozes cortadas
2 ovos

Quebre os ovos, dentro de uma xícara, e bata-os bem. Ajunte o açúcar, pouco a pouco, batendo a mistura. Coloque a farinha de trigo, fermento e sal, já misturados, na massa do ôvo e açúcar. Misture bem e ajunte a essência de baunilha, as tâmaras e as nozes. Ponha a massa, depois de bem batida, numa fôrma de assar, untada, e asse-se, em forno quente, por espaço de 20 a 25 minutos. Serve-se o bôlo, quente o frio, com creme de leite batido.

UMA AJUDA DO CÉU

Por Z. J. WHEELER

UMA brusca língua de fogo iluminou, de repente, a escuridão da noite, lá para os lados do oeste, e, quando um outro relâmpago brilhou na vidraça da janela do reverendo Adam Brent, êle levantou o olhar do relatório que estava escrevendo e olhou para o relógio sôbre a mesa em que trabalhava.

Eram sete horas, quase hora da cerimônia na qual iria ler o relatório para os seus congregados, a fim de contar-lhes que os quatro mil e quinhentos dólares, que haviam arrecadado para o hospital das crianças, já estavam contados e ali sôbre a mesa. Passou as mãos pelos cabelos prateados e sorriu, imaginando a preocupação que se estamparia nas fisionomias de seus congregados, quando soubessem que o dinheiro estava protegido, apenas, por uma frágil fechadura e pela sua confiança na misericórdia Divina. A porta, atrás dêle, abriu-se, com um leve ranger, e uma lufada de vento frio invadiu a sala, seguida da sua secretária, a eficiente e correta miss Hagen. Ela o olhou, com desaprovação e disse: — O senhor continua estragando os olhos escrevendo o relatório nesta penumbra... quando seria tão fácil na nova máquina e eu dactilografaria direitinho, depois...

O reverendo abanou a cabeça, olhando para a caixinha instalada perto do relógio, na sua mesa. A caixinha e tôda a aparelhagem tinham sido presente de seus congregados, os mesmos que se assustariam quando soubessem que o dinheiro do Hospital estava ali na sua sala desprotegida. Dentro da tal caixinha havia um microfone, ligado por fios ao compartimento seguinte, onde havia um aparelho gravador, que miss Hagen, depois, ligava e dactilografava o que fôra ditado.

O que ela dissera era verdade; êle teria, apenas, que apertar um botãozinho, na caixa, e falar, para que o relatório ficasse gravado. E, já agora, êle teria tudo ali, batido a máquina, meticulosamente bem escrito, em vez daquelas tiras de papel, rabiscadas pela sua letra angulosa. E, também, teria tido tempo para jantar antes da cerimônia. Talvez pudesse até descansar um pouco o velho corpo fatigado, num sono reparador. Mas, o reverendo tinha lá suas razões para preferir o modo mais antigo.

— Não, miss Hagen — disse êle. — Êste dinheiro significa o resultado de muitas preces, trabalho e sacrifício e, se eu entregasse êste final à máquina seria assim como se esperasse que o Anjo da Anunciação usasse um ditafone!

Miss Hagen pigarreou:

— O que o senhor é, é antiquado!

E ela se foi da sala e o ruído que a porta fêz, quando bateu, foi seguido pelo ronco de um trovão. O reverendo sorriu outra vez. Apesar de seu modo brusco, miss Hagen só pensava no bem-estar dêle. Molhou a pena no tinteiro e curvou-se sôbre a mesa para terminar a última página do relatório. Mas, as palavras se confundiam à sua frente e, só então, êle reparou como escurecera, desde que começara o temporal.

Ergueu o seu corpo frágil, dirigindo-se para o interruptor, a fim de acender a luz. Mas, lá, com a mão no botão do interruptor, parou, olhando pela janela, para o oeste, onde os raios, de vez em quando, cortavam a noite.

Como sempre, acontecia, seu espírito foi tocado pela visão do temporal. Segundo sempre pensava, nessas ocasiões, ali estava a fôrça de Deus, visível aos olhos dos homens! **Ali estava Deus!**

O brilho da luz elétrica tiraria muito da grandiosidade dos relâmpagos — conforme refletiu — e, por isso, tirou a mão do comutador.

Dirigiu-se, então, para o armário e de lá tirou o candelabro de sete velas pequenas, que acendeu com um fósforo e colocou sôbre a mesa, para iluminar seu trabalho.

Mal tinha êle recomeçado a trabalhar no seu relatório, quando ouviu, novamente, o ranger da porta, atrás de sua cadeira e, sem voltar a cabeça para olhar, falou:

— Já está aí para implicar comigo, outra vez, miss Hagen?

Não ouviu resposta e, então, voltou-se, para deparar com a luz trêmula do candelabro brilhando no aço azulado de uma pistola automática.

Levantou a cabeça e viu um rosto escuro, duro como o aço da pistola.

— Que deseja? — perguntou.

— Quero o dinheiro que está aí, na gaveta! — o homem falou, com voz baixa e rouca. — E, não adianta dizer que não está aí, porque eu estive vigiando pela janela. Vamos com isso que eu tenho pressa!

O reverendo Brent, lentamente, juntou as mãos, enquanto seu olhar se perdia pela janela, na noite escura, cortada, de vez em quando, pelos relâmpagos.

E, num cochicho, fêz uma prece àquela Fôrça, que dominava a fúria dos elementos. E, lá no oeste, ecoava, de quando em quando, um trovão e brilhava um relâmpago.

— Chega de sonhar — disse o homem, aproximando o revólver — e passa para cá o dinheiro!

O reverendo voltou a pensar na situação e no homem de rosto escuro, na sala em penumbra:

" — Antes morrer do que lhe entregar êste dinheiro — disse, em voz baixa. — Isto não é apenas dinheiro, meu amigo, é sacrifício e é esperança! É a sorte de uma criança paralítica,

«O reverendo Brent sabia que estava diante da morte, nas mãos do assaltante. Mas, quando um raio riscou a noite, êle rezou, fervorosamente pedindo uma ajuda do céu.»





que talvez volte a andar; é a oportunidade para que um menino cego venha a ver o mundo em que nasceu. É...

— Guarde estas palavras para o seu próximo sermão — falou o ladrão. — Vou dar ao senhor dez segundos para me entregar o dinheiro; depois disso, eu atiro!

O reverendo separou as mãos; a prece falhara. As palavras também.

E o relógio continuou medindo os segundos, cortando-os um a um, com um «clic» frio e sêco.

Havia, apenas, uma débil esperança...

Talvez salvasse o dinheiro, embora não salvasse a sua vida.

E, por baixo dos papéis, espalhados na mesa, estendeu a mão, em direção à caixinha, ao lado do relógio, e ligou-a.

— «O homem que atirou em mim e levou o dinheiro arrecadado para o Hospital das crianças deve ter trinta-e-cinco anos de idade (ia falando ràpidamente). Tem, talvez, um metro e setenta de altura, pele escura, cabelos negros e olhos castanhos, uma cicatriz no lado esquerdo do rosto e...»

A pistola brilhou mais perto do candelabro; o homem disse:

— Afinal, para quem está falando?

— Para um ditafone — respondeu o reverendo, calmamente. — A descrição de sua pessoa acaba de ser gravada, em outro compartimento, **e a sua voz também**! Depois de atirar em mim, você terá que agir depressa. Encontrará o dinheiro, mas não terá tempo de descobrir o ditafone e destrui-lo; isto quer dizer que será prêso. E espero que isto aconteça antes que gaste o dinheiro!

O reverendo baixou a cabeça e, apesar de ter falhado a primeira prece, fêz outra, em voz baixa. Depois, em voz alta, disse:

— Atire!

Houve um longo silêncio e pareceu-lhe que as paredes da sala se aproximavam, comprimindo-o.

Então, depois de um longo tempo, sentiu um movimento na sala; levantou a cabeça, vagarosamente. As chamas das velas tremiam ainda. O homem havia desaparecido. Fugira!

O reverendo Brent continuou sentado, olhando pela janela o temporal, lá fora, e pensando porque o Poder de Deus havia falhado e porque o instrumento de sua salvação seria uma simples máquina. Não encontrou resposta.

Sentindo uma estranha confusão e certo esmorecimento, dirigiu-se para a porta e chamou miss Hagen. Ela veio, correndo, pela porta do lado e perguntou:

— Já está pronto para ditar o relatório?

Êle sentou, novamente, diante da mesa, sério, e disse:

— Eu acabo de gravar alguma coisa naquela máquina. Foi... foi um engano; destrua o disco, por favor!

Ouviu, então, miss Hagen pigarrear e notou a surprêsa em seus olhos, quando perguntou:

— Como pode o senhor ter gravado um disco? Não sabe que a máquina é movida a eletricidade?

— Sim, sei; mas que tem isso?

— Ora, o senhor não vai me dizer que não notou... — e, apontando para o candelabro: — Faltou fôrça, logo depois que o temporal começou!

O reverendo olhou, através da janela, os relâmpagos, distantes, riscando o céu. E, então, compreendeu o que acontecera e a fé voltou, como uma onda reconfortante.

Pouco antes do homem aparecer, lembrou êle, havia caminhado para o interruptor, para acender a luz. Se chegasse a apertar o botão, teria sabido que faltara energia e, sabendo, não teria feito a tentativa de usar o ditafone. E, se não fizesse a tentativa, estaria, agora, morto sôbre os papéis da mesa... e o dinheiro teria sido roubado, para sempre!

Fôra o poder de Deus que não o deixara apertar o botão da luz. O poder de Deus havia respondido à sua prece, mesmo antes de que êle a houvesse feito, **mesmo antes do perigo**!

Miss Hagen olhava, por trás do candelabro, sem entender:

— O senhor não sabia que faltou fôrça?

O reverendo olhou para ela, depois para o céu.

E viu uma língua de fogo iluminando o céu, lá no oeste.

Seu espírito foi tocado pela visão do temporal soberbo.

— Não, não faltou **Fôrça** — disse êle, sorrindo. — **A Fôrça nunca falha!**

Lá de longe veio, ecoando, o som grave de um trovão e êle sorriu pensando: — Como um amem...

* *

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

NA fábrica, em que sou gerente, as mulheres trabalham no segundo andar e os homens no primeiro. Como uma só escada serve os dois andares, à hora do "apito" para o almôço e para o fim do trabalho, às 5 horas, as mulheres, descendo em verdadeira onda, e encontrando uma segunda onda, de homens, no patamar do primeiro andar, sempre provocavam um atropêlo terrível, geralmente, pontilhado de quedas, discussões e outras cenas desagradáveis. Cansei de colocar cartazes, pedindo ordem e aconselhando que todos descessem mais devagar e atentos aos esbarros e tropeções. As mulheres continuaram a ignorar êsses conselhos e os acidentes, mais ou menos graves, foram crescendo em número. Repentinamente, imaginei um recurso, que veio resolver, de uma vez por tôdas, êsse problema de tráfego. Podem os leitores saber como forcei as operárias a descer com mais calma? (Respostas á pág. 117)



EPISÓDIO REAL

APANHADO PELO PROFETA

DURANTE sete longos meses, os ladrões e piratas pareciam ter escolhido o pôrto de Haifa, em Israel, para campo de suas atividades, multiplicando-se o número de roubos e contrabandos e ficando a polícia local impossibilitada de agir eficientemente, por não poder adivinhar quando êsses delitos seriam praticados e em que local do vasto pôrto passariam os contrabandistas.

Um dos policiais designados para a área de Haifa foi o sargento Moishe Steinberg, funcionário dos mais brilhantes e que, embora ainda muito moço, era, também, um esforçado estudante das Santas Escrituras. Um dia, em meados de março de 1950, procurou o seu chefe e dêle obteve permissão para realizar uma pequena investigação por conta própria.

— «Tenho a impressão de que os contrabandistas estão trazendo as mercadorias para a cidade não por mar, mas por terra» — declarou êle. — «Ainda não sei de que maneira, mas foi encontrada boa quantidade de **hashish** (1) em algumas caixas que conseguimos confiscar e isso parece indicar que o contrabando chega da Transjordânia ou da Síria.»

Não desanimando, resolveu tomar uma estrada secundária, que conduz até à fronteira da Transjordânia. Tratava-se de uma velha estrada, que seguia, diretamente, para a pequenina cidade de Jisr el Majami.

Ao passar através do deserto, ao sul da Galiléia, notou uma trilha, que corria, paralelamente, à estrada principal, e por onde seguiam caravanas formadas por asnos pesadamente carregados, assim como por magros bois, conduzidos por árabes envoltos em suas longas e amplas túnicas coloridas. Investigando, Steinberg verificou que êsses animais carregavam enormes cestos, cheios de feno. Interrogou o chefe da caravana a respeito do carregamento.

— «É, apenas, feno, cortado nas margens do Jordão» — explicou o homem, empalidecendo um pouco ao notar o uniforme do policial. — «É, apenas, alimento para os animais, que estamos levando para Haifa.»

O jovem policial voltou ao seu **jeep** e continuou a viajar, mais algumas milhas, na direção de Jisr, pensando que aquela talvez não fôsse a verdadeira finalidade da longa caravana. E, então, logo que penetrou na cidade, localizada, justamente, sôbre a marca fronteiriça entre a Transjordânia e Israel, encontrou a explicação para o problema. **Um carregamento de feno para Haifa**! Aquilo era o mesmo que carregar carvão para Newcastle ou café para o Brasil — dado que as férteis terras em redor de Haifa produziam mais feno do que todo o vale do Jordão.

Comunicou ao chefe de polícia local o que descobrira, pediu a ajuda de alguns homens e saiu em perseguição da caravana. Alcançou-a um pouco antes do anoitecer. Bois e asnos descansavam, num grande círculo, em redor da fogueira, enquanto algumas figuras, enegrecidas pelas sombras, moviam-se em seu redor. Porém, quando Steinberg e seus homens caíram sôbre o acampamento, essas figuras, silenciosamente, desapareceram na noite.

Os policiais, entretanto, não ficaram **de mãos abanando**, porquanto, do fundo dos enormes cestos, puderam retirar um grande carregamento de **hashish**, além de um contrabando valioso em lãs e diamantes brutos. Os policiais levaram os animais de volta a Jisr el Majami, onde os deixaram nos currais públicos, levando o material confiscado para o depósito policial, onde ficou sob boa guarda. Apesar dessa vitória, o jovem Steinberg não se consolava por ter perdido, por assim dizer, entre os dedos, os contrabandistas. Por isso, perdeu o sono e, como sempre fazia, foi folhear as Santas Escrituras, onde, em geral, encontrava um bom conselho e uma orientação para os seus problemas.

No dia seguinte, o chefe da polícia local opinou no sentido de ser iniciada uma grande caçada aos contrabandistas. Steinberg, entretanto, vetou a idéia. A seguir, retirou três asnos dos que formavam a caravana e colocou-os num curral separado. Feito isso, recomendou aos tratadores que não dessem qualquer alimento aos três animais.

O chefe de polícia quis protestar, porém Steinberg apenas lhe disse:

— «Leia o Livro de Isaias, capítulo primeiro, verso terceiro!»

Na manhã seguinte, Steinberg se dirigiu ao curral e verificou que os três asnos zurravam, com fome. Imediatamente abriu a porteira do estábulo e deixou-os livres. Os três asnos entraram a trotar vivamente, saindo de Jisr el Majami e dirigindo-se para as elevações que formam um semicírculo ao norte da aldeia de Gambuht, sempre com os policiais em seu encalço. Na extremidade da aldeia, penetraram numa propriedade agrícola, que foi logo cercada pelos homens de Steinberg, que conseguiram prender todos os contrabandistas.

— Agora, gostaria de saber o que está nas Escrituras — declarou o chefe de polícia — e que revelou, **exatamente**, onde se refugiavam os contrabandistas!

Steinberg apenas retirou o livro sagrado do bôlso interior da sua túnica e, abrindo-o, apontou para um certo trecho. E, ali, o chefe de polícia de Jisr el Majami, assombrado, leu:

«O boi conhece o dono e o asno a sua manjedoura.»

---

(1) Hashish, palavra árabe, que significa **herva**. Composição que se extrai do cânamo indiano (canebia Indica) e tem propriedades enebriantes e narcóticas, sendo proibido, como o ópio, a maconha, etc.

QUEM SABE EXPLICAR?

O "MONGE-VOADO"

OS dez vigorosos trabalhadores fizeram fôrça até que seus músculos cederam ao cansaço e o suor escorreu por seu peito nu, mas não conseguiram mover a enorme cruz de nogueira nem um centímetro para a frente.

Durante todo o dia êles arrastavam a cruz, sob o inclemente sol italiano, através do terreno inclinado, coberto de capim, galgando a pequena colina que se erguia entre a pequena cidade de Copertino, na província meridional de Apulia e o Convento de Grotella. Agora, quando a luz começava a desaparecer e êles já se encontravam próximos do tôpo, haviam atingido um terreno ingrato e pedregoso.

Exaustos, os homens se permitiram um bom descanso e, enquanto o faziam, não notaram a figura alta e curiosa, trajando vestes eclesiásticas, que apareceu à distância, vinda da cidade, e que galgava, em passos rápidos, a íngreme elevação. Quando chegou perto dos trabalhadores, o recém-chegado perguntou:

— Qual é a dificuldade, meus filhos?

Falava em tom de voz baixo e calmo.

Os dez homens trataram de levantar, explicando que era impossível arrastar a enorme cruz pelos últimos metros, que ainda restavam para alcançar o cume do pequeno monte, onde deviam, segundo as instruções que haviam recebido, fincá-la no solo.

O monge moveu a cabeça, num gesto de compreensão, e, retirando o seu manto, fêz sinal para que os homens se afastassem alguns metros.

— Estou aqui — disse, simplesmente. Em seguida, caminhou em direção à cruz, com os braços estendidos, o rosto ereto e os olhos fechados — a impressão que se tinha era a de que ia iniciar uma oração.



QUE ESTRANHA FÔRÇA DEU, AO FILHO DE UM

OUTRO MILAGRE — Os pobres trabalhadores prorromperam em gritos, quando viram, cheios de temor e apreensão, os pés do frade se elevarem do solo. De fato, o monge se elevou algumas dezenas de centímetros no ar, e, em seguida, avançou para a cruz, a qual agarrou com os dois braços, suspendendo-a. Como se ela pesasse apenas algumas gramas, transportou-a por uns doze metros, passando sôbre a cabeça dos atônitos observadores, até fincá-la no buraco, que já fôra, anteriormente, aberto para recebê-la.

Quando êle tocou, novamente, o solo com os pés, os espantados trabalhadores saíram a correr, morro abaixo. Minutos depois, apareciam, pálidos e como enlouquecidos, nas ruas da cidade, gritando: — Frei José fêz outro milagre!

O povo saiu de suas casas e, olhando para o tôpo da elevação, viu a cruz, silhuetada contra

R. DE COPERTINO

Por
VALENTINE DYALL



MODESTO CARPINTEIRO, O PODER DE VOAR?

o sol que descia no horizonte, enquanto o frade, de joelhos, rezava.

Êste incrível fato é, apenas, um dos inúmeros que são citados na vida de São José de Copertino, «o monge-voador». Cada um dêles constitui um mistério e, mesmo depois de três séculos, nenhum foi, ainda, satisfatòriamente explicado.

A evidência de que os mesmos ocorreram é incontestável. Cardeais, bispos e inúmeros outros homens da igreja deixaram depoimentos, cuja autenticidade não pode ser posta em dúvida, pois foram feitos sob juramento; acresce, ainda, que temos as testemunhas oculares, nobres estrangeiros da corrente de Lutero e, também, de inúmeros leigos.

Um tão copioso conjunto de testemunhos não pode ser rejeitado: o pesquisador de mente normal é obrigado a aceitar o incrível fato de que, por alguma forma desconhecida e insondável, Frei José podia vencer a fôrça da gravidade. Mas, ao contrário dos faquires hindus e outros místicos de várias terras e idades, êle não pode ser classificado como um «praticante da levitação»; isto representaria um êrro e uma subestimação dos seus poderes, até hoje não explicados.

Tudo o que foi coligido, a respeito dessa figura milagrosa, indica que os seus estranhos poderes permitiam, não só suspender-se no ar, como, também, efetuar vôos controlados, algumas vêzes cobrindo distâncias considéráveis.

UMA CRIANÇA DOENTIA — A história começa em 1603, quando Félix Desa, um carpinteiro de Copertino, viu que estava às portas da falência. Cercado por credores, êle e sua espôsa, Frances Panara, saíram de sua casa, certa noite, à procura de refúgio com alguns amigos, residentes no país. Durante a viagem, Frances começou a sentir as dores da maternidade; recolheram-se a um celeiro e, ali, a pobre mulher deu à luz um filho.

Giusepe (José) foi criado em meio à pobreza e a uma pia disciplina. Era uma criança doentia, sofrendo, constantemente, de um misterioso mal interno e, freqüentemente, forçado a permanecer na cama durante meses.

Pouco depois do seu décimo-segundo aniversário, passou a infligir tôdas as espécies de tormentos ao seu corpo, como efeitos de penitências. Os dados a respeito dessa época fazem referência a longos períodos de jejum, durante os quais o menino comia, apenas, magros pratos de vegetais e ervas — e, para evitar sentir qualquer prazer com tais alimentos, José cobria tudo com um môlho amargo e mal cheiroso.

E não apenas isso. Também usava uma camisa felpuda e muito grossa, além de uma pesada corrente à cintura, apertando-a bastante, a ponto da mesma penetrar-lhe na carne.

Aos dezessete anos, foi aceito, como **iniciante**, na Órdem dos Capuchinhos. Entretanto, oito meses depois, foi demitido — **porque, enquanto trabalhava no refeitório e na cozinha**, costumava entrar em profundos transes, deixando cair pilhas de louça.

Apesar disso, José não desistiu de ingressar nas fileiras eclesiásticas. Foi recusado mais algumas vêzes, mas, finalmente, conseguiu fazer-se membro da Órdem dos Conventuais, em Grotella, situada a pouco mais de uma milha de Copertino. Por mais de três anos, trabalhou nos estábulos do mosteiro, cuidando das mulas. Em 19 de junho de 1925, conseguiu o prêmio dos seus esforços: a Ordem de São Francisco recebeu-o como clérigo, em Altamura. Três anos depois, foi admitido no sacerdócio.

Imediatamente, abraçou a vida de um devoto e fê-lo em grau extremo: seus jejuns eram os mais rigorosos e prolongados, e êle passou a utilizar um môlho ainda mais repelente para tornar sua parca alimentação completamente sem sabor. À sua corrente de ferro fixou uma chapa de metal, que lacerava o seu corpo. Seus companheiros notificaram o Superior de tal sacrifício a que José se submetia e aquêle mandou chamá-lo. Após um ligeiro exame, proibiu-o de continuar na prática de tão severas penitências.

— Você é um bom homem, José, e sei que procura fazer o bem. Mas, está sendo por de mais rude consigo mesmo! Lembre-se de que não é um homem robusto...

— Sou um asno! — replicou o jovem sacerdote. E, a partir daquele dia, cheio de humildade, passou a chamar a si mesmo de «O Asno».

PROTEÇÃO DOS CÉUS — No segundo ano de sua permanência em Grotella, as histórias de **estranhos acontecimentos** passaram a ser ligadas ao seu nome. Dizia-se, a bôca pequena, que êle tinha poderes sobrenaturais e, impressionado com os fatos, o superior enviou-o a Nápoles, a fim de ser examinado pelo Tribunal da Inquisição.

José deixou atônitos seus examinadores. Por três vêzes, êles o interrogaram e, na terceira ocasião, êle pediu permissão para dizer missa na própria igreja da Inquisição, a de São Gregório de Armênia. A permissão foi concedida, embora relutantemente, pois seus inquisidores não se sentiam, ainda, satisfeitos, pretendendo efetuar um novo interrogatório.

José disse a missa e retirou-se para um canto da igreja, a fim de rezar. Sùbitamente, elevou-se no ar e, em posição vertical, voou sôbre a cabeça dos que formavam a congregação. Com os braços abertos, como se estivesse numa cruz, **voou** até ao altar, pousando entre as flores e velas acesas.

Algumas freiras de São Ligório, que testemunharam o «vôo», gritaram, tomadas de pânico:

— As velas. Êle pegará fogo!

Mas, nas sombras que cercavam o fundo da igreja, apareceu um membro da Inquisição, que tomara a si o cargo de manter José em observação.

— Não temam, irmãs — disse êle. — Frei José não pegará fogo. Êle está sob a proteção dos céus!

O PAPA ACREDITOU — Êle estava certo: as chamas das velas pareciam tocar no hábito de Frei José, mas não o incendiavam! Então, enquanto os espectadores emitiam exclamações de espanto, o jovem eclesiástico elevou-se no ar, mais uma vez, e baixou do altar, ficando em posição de joelhos diante dêle.

A Inquisição não mais duvidou das virtudes de José. Sem demora, enviaram-no para Roma, a fim de avistar-se com o Papa, Urbano VIII.

Diante do Sumo Pintífice, José ficou como em êxtase. Depois, antes de que qualquer palavra fôsse dita, alçou vôo, graciosamente, e ficou pairando no ar, com a cabeça abaixada e as mãos numa postura de quem está rezando, durante um minuto completo. Afirma-se que o Papa sentiu-se tão comovido por êsse fenômeno, que declarou:

— Se Frei José morrer durante o meu pontificado, eu mesmo irei testemunhar a respeito destas verdades.

Protegido por amigos, que ocupavam altos postos — inclusive no Vaticano — parecia que o dom de José iria favorecê-lo antes de causar-lhe mal. Um homem, no entanto, permaneceu cheio de suspeita, certo de que os vôos do clérigo eram fraudados ou produzidos pela magia-negra. Êste cético era Frei Antônio di S. Mauro, Superior dos Custos de Assisi — e, por coincidência, José foi designado para Assisi, em abril de 1639.

HUMILDE E PACIENTE — O Superior tratava Frei José com frieza, como se fôsse um jovem iniciante, e, por qualquer motivo, impunha-lhe certas penalidades de caráter humilhante. José era obediente, humilde e paciente — mas, à medida que corriam os meses, perdia o ânimo e começava a duvidar de suas próprias bondades.

Após dois anos, notícias dêsse deplorável estado de coisas chegaram aos ouvidos do Superior-Geral da Ordem, que mandou José vir juntar-se a êle, em Roma. Após uma curta estada na cidade, voltou a Assisi com um estado de ânimo melhorado.

Quando entrou no mosteiro, surpreendeu-se encontrando uma enorme multidão e um grupo de pessoas de distinção esperando para recepcioná-lo; o **Custos** não ousara ignorar a honra conferida ao «Asno» pelo Superior-Geral. Levantando os olhos para o céu, José viu a maravilhosa pintura religiosa que emoldurava o teto, uma vista familiar, mas que êle amava profundamente. Com um grande grito, elevou-se do solo, **voando até cêrca de treze metros de altura!**

A partir de então, os vôos de Frei José são muito numerosos, não sendo possível descrevê-los. Houve uma quase interminável sucessão dos mesmos. Sua fama se alastrou por tôda a Europa e, embora muitos incidentes sejam, indubitàvelmente, exagerados em suas proporções, os que apresentamos abaixo podem ser considerados como exemplos autênticos.

DE JOELHOS — Numa noite de Natal, alguns pastôres, da região próxima a Grotella, foram convidados a comparecer à igreja de Frei José, «para que tocassem música alegre com suas flautas». Aos compassos dos números executados, o eclesiástico, mais uma vez, em êxtase, começou a dançar. Sùbitamente, «voou como um anjo... na direção do

altar». Ali, abraçado ao crucifixo, aparentemente insensível às chamas das muitas velas que lambiam as suas carnes, ficou cêrca de vinte minutos; depois, tornou a voar, pousando no chão e abençoando os pastôres, «que estavam convencidos de haver presenciado um milagre...»

Johann Friedrich, duque de Brunswick, um fervoroso luterano, visitou Assisi, em fevereiro de 1651, e persuadiu o Superior a introduzí-lo, disfarçadamente, em companhia de dois amigos, na Capela de **Noviziato Vecchio**, por um lance de escadas laterais, local onde José costumava rezar, isolado.

O trio, com o Superior esperando por trás dêles, no tôpo da escada, permaneceu escondido, até que a esquálida figura do milagroso Frei José apareceu no altar. Por alguns minutos, permaneceu quieto; os homens estavam a ponto de se retirar, desapontados, quando ouviram um grito e, no mesmo instante, viram Frei José se elevar no espaço, numa postura de joelhos, movendo-se para trás, até cêrca de treze metros, e retornando, finalmente, à sua posição original.

No dia seguinte, o duque resolveu converter-se ao catolicismo.

Os «vôos» eram feitos tanto no interior de aposentos como ao ar-livre. Em adição ao fato já relatado, a respeito da cruz, na elevação próxima a Copertino, há um registro detalhado a respeito de uma demonstração extramuros, realizada no jardim do mosteiro, em Grotella.

José estava passeando, com um outro eclesiástico, Antônio Chiarello, admirando as flores do jardim e falando sôbre as maravilhas da natureza. Chiarello apontou para o claro céu azul e comentou a beleza do mesmo. José, imediatamente, deixou escapar um gemido, elevando-se do solo.

Seu companheiro ficou a observá-lo com espanto, enquanto êle voava, através do jardim, indo descansar sôbre uma oliveira; vários outros eclesiásticos correram até o local e todos puderam constatar que o ramo, sôbre o qual José estava apoiado, não era mais grosso de que o dedo de um homem — apesar disto, o ramo não vergou e, apenas, balançava, levemente, como se nada sustentasse...

O churrasco tentador

Por GEORGE ROLF

I

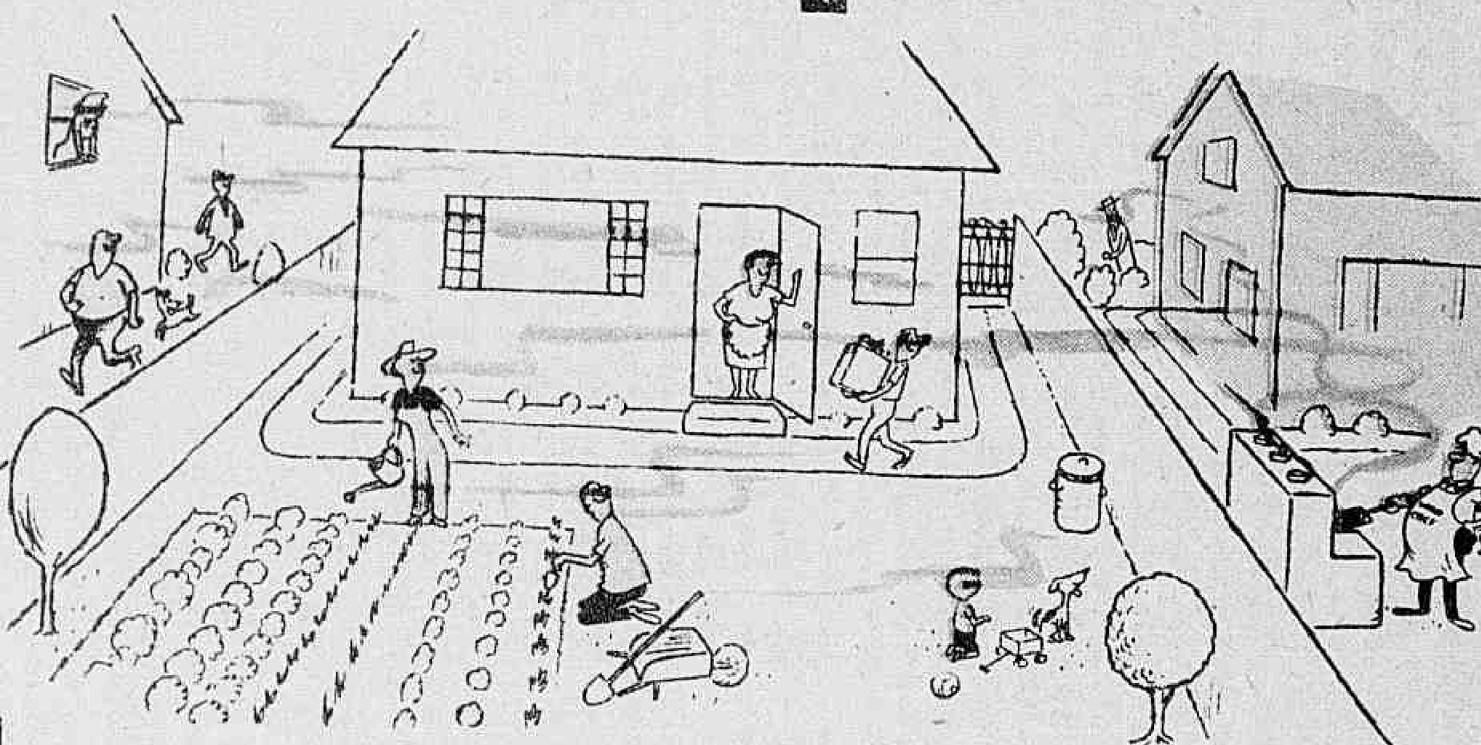

1

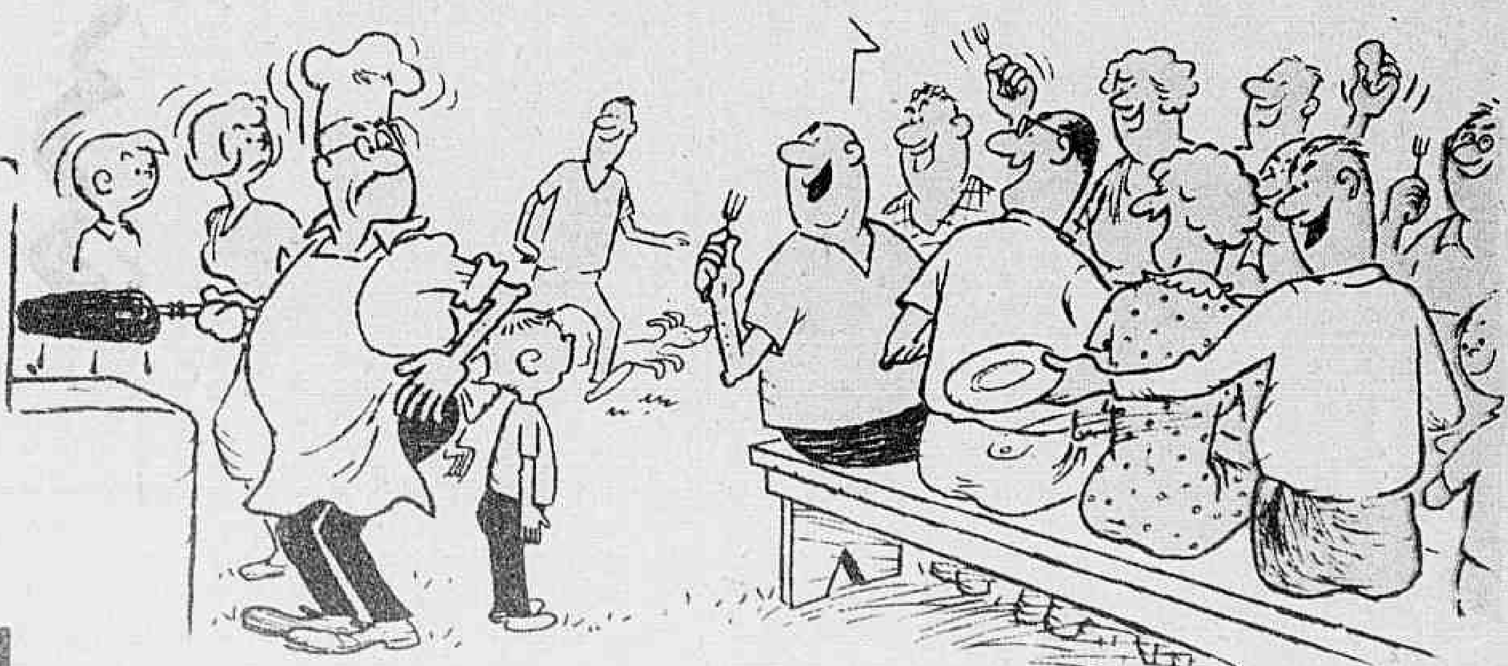

2



3


4


5


6

OS «PASSAGEIROS» — Se o mistério a respeito do «monge-voador» não aumentasse com tais demonstrações, poderia, possìvelmente, ser explicado — como muitos tentaram fazê-lo — sob a aparência de uma fraude: um arame camuflado, quando os «vôos» eram realizados dentro dos mosteiros e igrejas, e histeria das massas e auto-sugestão, quando os mesmos tinham lugar ao ar-livre. Mas, quando chegou à meia-idade, parece que José não mais se sentiu satisfeito com os seus «vôos só» — passando a levar outras pessoas em sua companhia, ao se elevar do chão.

Poucos artistas modernos do trapézio negarão que carregar uma pessoa adulta pelo ar, **utilizando, apenas, um braço**, requer grande dose de fôrça — e temos provas irrefutáveis de que Frei José era, fìsicamente, fraco e assim continuou durante tôda a vida.

Seu primeiro «passageiro» foi, provàvelmente, o padre confessor do Convento de Santa Chiara, em Copertino — um pároco da aldeia próxima de Secli, cujo nome não é determinado. Durante um festival na igreja de Santa Chiara, José agarrou seu companheiro pela mão e começou a descrever voltas no chão, até que, finalmente, ambos se elevaram no ar.

CUROU UM LOUCO — O desconhecido pároco parece ter gostado da experiência, mas outros houve que a acharam aterradora. Um jovem monge, que foi levantado acima da cabeça de seus amigos, esperneou, gritou e acabou por desmaiar. José continuou a transportá-lo pelo ar, depositando-o, finalmente, no lugar de onde o retirara. Quando o eclesiástico voltou a si, julgou que tivesse sonhado!

Em certa ocasião, José demonstrou um notável conhecimento do valor dos choques no tratamento das doenças mentais.

Um certo nobre, chamado Baldassare Rossi, foi levado à sua presença, «para ser curado de um demônio». Sem dúvida alguma, Baldassare era, como um escritor declarou abertamente, um **furiosíssimo Matto (um louco dos mais perigosos)**. Alguns parentes o levaram, à fôrça, até à igreja, onde o amarraram a uma cadeira, enquanto o infeliz gritava e esperneava, com a baba a escorrer pelos cantos da bôca.

José jamais denotara qualquer veleidade de possuir o dom de curar, mas, imediatamente, deu alguns passos para a frente, colocando a mão sôbre a cabeça do infeliz.

— Desamarrem-no, por favor! — pediu.

Os circunstantes trocaram olhares preocupados, mas obedeceram. O eclesiástico fêz o demente se ajoelhar e falou-lhe, mansamente:

— Não estejas em dúvida, meu irmão; entregue a alma a Deus...

Em seguida, com um súbito movimento, agarrou o homem pelos cabelos e elevou-se no ar, levando consigo o nobre demente. Assim, **voaram** pelo interior da igreja durante cêrca de quinze minutos — José como se estivesse em transe e Baldassare gritando, cheio de temor. Quando pisaram o solo, o nobre estava pálido e tremia — mas não havia nêle mais nenhum sinal de insanidade. Reconheceu os parentes e abraçou-os, voltando para casa e agradecendo a Deus e ao Seu servo por tão maravilhoso acontecimento.

Sòmente êste fato, entre todos os incompreensíveis eventos causados por Frei José, é julgado pela opinião popular como um milagre e contribuiu bastante para a posterior canonização do eclesiástico, muitos anos depois.

O ÚLTIMO VÔO — No verão de 1663, José foi assaltado por uma febre. Atendido pelo médico Francesco Pierpaoli, êste não pôde fazer muito, pois a débil constituição física do monge não auxiliava o combate ao mal. Em 17 de setembro, foi-lhe dada a extrema unção, por Frei Silvestre Evangelista. Pouco depois, êle surpreendeu a todos levantado-se do seu leito de morte e voando, do cubículo em que se encontrava, até às escadas da pequena capela do mosteiro.

Ali, todos os demais colegas ouviram-no gritar:

— O «Asno» está começando a galgar a montanha! Oh! Que cantos! Que sons do Paraíso! Que perfumes, fragrância, doçura e gostos do Paraíso!

Em seguida, retornou, sempre **voando**, até ao cubículo, passando junto de cada um dos seus amigos, que se mantinham numa comprida fileira.

O fim ocorreu no dia seguinte. Desta vez, o espírito se elevou, mas o corpo permaneceu, para sempre, prêso à terra.

Tôdas as evidências, em tôrno do estranho caso do **monge-voador**, indicam que José era extremamente devoto — um homem simples, bom, cuja vida foi dedicada ao sacrifício e à religião.

Ao revermos sua história, não buscamos desacreditar o fato, geralmente concebido, de que êle estava sob uma influência divina, pois sabemos que os principais cientistas da nossa época consideram cada nova maravilha que descobrem como uma prova da existência de Deus. Procuramos, isto sim, descobrir **como** essa influência foi aplicada, de modo a podermos traduzí-la em têrmos científicos ou, se possível, em palavras comuns, que todos possam entender, sem dificuldade.

HÁ ALGUMA RESPOSTA? — Que fôrça misteriosa capacitava Frei José a voar? Seria ela mecânica ou teria êle penetrado, de algum modo, o segrêdo, longamente buscado, da «gravidade neutralizada»?

Do lado científico, em oposição ao ponto-de-vista teológico, a posição é insatisfatória. Embora a levitação dos místicos e médiuns venha sendo registrada, através de tôda a história, não tem havido nenhuma séria investigação dessa estranha ocorrência. Será possível, examinando as evidências dêste caso clássico, encontrar uma resposta semelhante à já delineada pelos antigos?

Quem sabe explicar?

* *

AS frutas, em geral, são ricas em celulose, substância que não é ingerida como os demais alimentos, mas que aumenta o volume das fezes e obriga o intestino a funcionar. De modo geral, as frutas contêm celulose, mas esta existe em grande abundância na laranja, tangerina e lima.

«É preciso evitar e castigar êsse odioso crime!» — afirma, categórico, John D. Hickson.

COMBATE AO GENOCIDIO

«Constitui manifestação de internacionalismo emocional» — declara Frank E. Holmes.

VAMOS conhecer, de início, a opinião de John D. Hickson: — A história registra, em grande quantidade, atos de crueldade cometidos pelo homem contra o homem. A perseguição movida aos primeiros cristãos; as matanças de armênios, executadas pelos turcos; a destruição de cêrca de 6 000 000 de judeus e poloneses, levada a cabo pelos nazistas, são exemplos daquilo que hoje se denomina *genocídio*.

Tão horrorizada se achava a humanidade ante o brutal procedimento dos nazistas, que a Assembléia Geral das Nações Unidas afirmou, precisamente em sua primeira seção, que *"o genocídio é um crime que fere o direito internacional e que o mundo civilizado condena"*. Foi recomendade, ante o brutal procedimento dos na-Nações Unidas, a instalação de uma convenção para tratar da prevenção dêsse tipo de crime, e de seu rápido castigo.

Após dois anos de cuidadosa preparação, efetuada por diversos órgãos, a citada Assembléia aprovou, em 1948, uma "Convenção Para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio". Nesta convenção, ficou o genocídio assim definido: — "... qualquer dos atos seguintes, cometidos com intenção de destruir, em sua totalidade ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso:

a) Matar membros do grupo.

b) Causar dano grave, corporal ou mental, a membros do grupo.

c) Influir, adversamente, sôbre as condições de vida do grupo, com a intenção deliberada de produzir sua destruição material, total ou parcialmente.

d) Impor medidas destinadas a evitar nascimentos no seio do grupo.

e) Trasladar, com auxílio da fôrça, filhos de um agrupamento para outro."

A convenção declara que as pessoas que venham a cometer genocídio serão punidas, "quer se tratem de governantes constitucionalmente responsáveis, de funcionários públicos, ou de indivíduos particulares". As partes contratantes se comprometem a castigar, de forma efetiva, àqueles que forem culpados do crime de genocídio. Qualquer das partes pode auxiliar aos órgãos competentes das Nações Unidas, com o fim de proceder, na forma que se considere apropriada, à prevenção e evitabilidade de atos de genocídio. A convenção sôbre genocídio entrou em fun-



John D. Hickson, subsecretário de Estado dos E.U.A., encarregado dos assuntos das Nações Unidas. É conselheiro em Direito Internacional, da Faculdade de Direito da Universidade de Harvard.



Frank E. Holman, de Seattle, Washington, ex-presidente da Associação Norte-Americana de Advogados. É, também, membro do Comitê Pró-Paz e Lei, por intermédio da Organização das Nações Unidas.

cionamento em 12 de janeiro de 1951. É muito triste para nossa civilização que, já decorrida metade do século XX, tenhamos que admitir a possibilidade de que voltem a ser cometidos atos de genocídio. Quem poderá, no entanto, assegurar que um outro ditador, algum dia, não emita ordens para o assassinato de mais alguns milhões de sêres humanos, pertencentes a algum grupo particular nacional, étnico, racial ou religioso? De atos de tal natureza, acusam os coreanos do sul aos seus conterrâneos do norte e aos chineses comunistas, assim como aos dirigentes soviéticos, que se escondem por trás dos litigantes citados, oponentes dos sul-coreanos. Tais acusações, que terão que ser objeto de cuidadosos estudos, provam que ainda não conseguimos superar o perigo constante de novos atos de genocídio. A Assembléia Geral das Nações Unidas compreendeu que a supressão e a punição do referido crime não poderiam ficar livres de uma ação nacional aliada, e decidiu que se trata de um delito *contra o direito internacional*, cuja prevenção e castigo requerem, também, uma *cooperação internacional*.

A citada convenção oferece quatro importantes aspectos: classifica o genocídio como um delito contra o direito internacional; faz gravitar o pêso total da opinião mundial de encontro ao repugnante crime; obriga as partes contratantes a prevenir e a castigar os atos de genocídio, e reconhece, formal e legalmente, que o genocídio é objeto de grave preocupação internacional e, por conseguinte, de grave preocupação para as Nações Unidas.

Ninguém ousará afirmar que a Convenção constitui um documento sem defeitos: representa, em realidade, uma transação entre diversos pontos-de-vista, baseados em estudos de leis internacionais e ocorrências desastrosas para a comunhão dos povos. Já foi censurada, por exemplo, por não fazer referência a "grupos políticos", detalhe que foi objeto de discussão no seio da Assembléia Geral. Foram muitas as delegações, inclusive algumas latino-americanas, que expuseram a impossibilidade de definir o têrmo com suficiente precisão, para empregá-lo no documento de que nos ocupamos. Por igual motivo, não se empregou, n classificação dos atos que constituem o crime de genocídio, o têrmo "grupos econômicos".

Certas pessoas podem considerar, tais omissões, como defeitos da Convenção, mas a existência dêstes não justifica que se critique, maldosamente, os trabalhos dos delegados, nem que, como conseqüência de tal proceder, se negue proteção a quatro grupos muito importantes: os grupos nacionais, étnicos, raciais e religiosos.

A definição que a Convenção faz do genocídio é bem precisa. Considera ge-



OS FENÍCIOS SACRIFICANDO, EM HONRA DE MOLOCH: O sacrifício horrorosos de religiões primitivas. O deus era representado por uma até alta temperatura, por uma fogueira inferior. As pobres vítimas eram abafados com música de flautas e tambores, considerando-se ofensiva.

nocídio qualquer ato, entre cinco mencionados, cometido "com intenção de destruir, em sua totalidade ou em parte, um grupo, nacional, étnico, racial ou religioso, como tal". Em conseqüência, não são atos de genocídio o assassinato e o linchamento, pôsto que se tratam de crimes contra um indivíduo e não contra um grupo em geral. Tampouco o são os atos ordinários de guerra, que reconhecem como fim a derrota de um grupo nacional, mas não a sua destruição. A bomba atômica, lançada sôbre Hiroshima, constitui um ato bélico e não um genocídio.

Tal como o define a Convenção, êsse tipo de crime não compreende atos de discriminação econômica ou social, nem o mau trato de que seja vítima algum grupo, nem a negação de direitos civis ou políticos a um determinado agrupamento. O genocídio envolve atos cometidos com intenção de destruir um grupo, mediante o assassinato sem desfaçatez, ou de acôrdo com outros procedimentos, que, com o tempo, acabam sendo como atentados contra o que foi acima definido.

Alguns dos críticos expõem reparos contra um dos atos considerados como genocídio, que é o correspondente a "causar dano grave, corporal ou mental, a membros do grupo". Caberia perguntar — dizem êles — se cometem genocídio os editôres de livros de historietas cômicas ou os produtores de maus filmes cinematográficos, ou de certos programas de rádio e televisão, ao causarem "dano mental" aos nossos filhos.

Não. O certo é que êste pouco usado têmo, "dano mental", se relaciona com atos como os cometidos pelos chefes militares japonêses, ao fomentarem, deliberadamente, o comércio de ópio entre os chineses, com o fim de debilitar e causar dano àquele povo.

Os cinco atos puníveis que estudamos, segundo a convenção, estão cuidadosamente definidos: é preciso, para ferir a lei, que se cometa, efetivamente, um ato de genocídio, que se haja tentado cometê-lo, ou que se haja participado, diretamente, da execução de tais atos, como no caso de uma conspiração.

Em duas ocasiões — em 1946 e 1948 — a Assembléia Geral declarou, *némine discrepante*, que o genocídio é um delito que abate a ação da lei das nações. Duas vêzes se pronunciou em tal sentido, sem a existência de um só voto contrário. Assim, tornou-se o genocídio reconhecido como assunto de jurisdição internacional, em categoria semelhante à pirataria, escravidão, comércio de escravos, tráfico de entorpecentes e falsificação de moeda.

O fato de haverem firmado tal convenção os representantes de 43 nações e que 23 nações, inclusive várias que não pertencem à Organização das Nações Unidas, já ratificaram ou aderiram à convenção, constitui uma confirmação, por parte da comunhão universal, da opi-

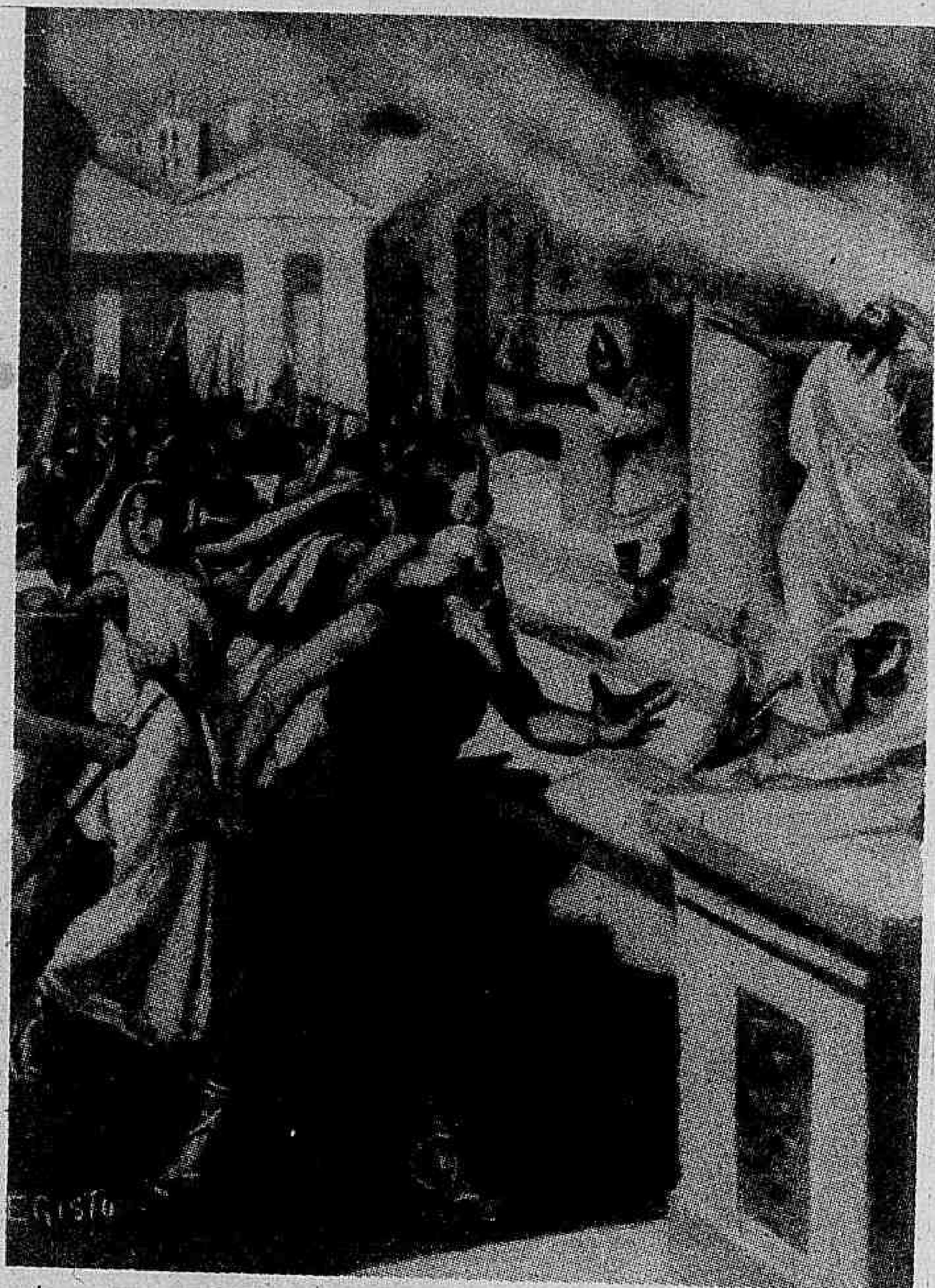


anual dos crianças a Baol, ou Moloch, foi um dos costumes dos mais imagem de bronze, com os braços estendidos e que eram esquentados, colocadas nesses braços e envolvidas pelas chamas. Seus gritos eram para o deus, tôda queixa formulada pelas crianças ou por seus pais.

nião expressada pela Assembléia Geral, no sentido de que o genocídio é um delito que deve ser castigado por leis internacionais.

Preocupa a algumas pessoas o disposto no artigo 6º da Convenção, no sentido de que os acusados do crime de genocídio devem ser julgados "por um tribunal competente do Estado, em cujo território tenha sido cometido o delito, ou pelo tribunal internacional que nêle tenha jurisdição.

Isto significa, no conceito dêsses apreensivos comentadores, que um cidadão, de qualquer país, pode ver-se privado, contra



MATANÇA DOS PITAGÓRICOS — Durante certo tempo, o povo de Crotone gozara grande prosperidade, sob o govêrno dos pitagóricos, seita política fundada pelo filósofo Pitágoras. Mais tarde, porém, um crotonense, Cilon, dirigiu uma revolta contra os mesmos, atacando-os de surprêsa, no edifício em que funcionava o Senado, local em que foi votada uma lei que ordenava a matança de todos aquêles dessa seita.

a sua vontade, de seu direito de ser julgado por tribunais de seu próprio país, e levado perante uma côrte internacional; ou poderia chegar a significar que um tribunal internacional estaria facultado a revogar uma falha do tribunal supremo de qualquer país.

Êstes temores carecem de fundamento, já que, no artigo citado, se estabelece, claramente, que uma das partes contratantes deverá ter aceitado, com antecipação, a jurisdição de algum tribunal internacional em matéria penal, para que êsse tribunal possa julgar alguns de seus nacionais. As ratificações da Convenção Sôbre Genocídio, já concluídas por 23 nações, e as que se seguirem em futuro próximo, virão constituir, ante a opinião mundial, demonstrações de que os respectivos povos estão dispostos a apresentar sua contribuição, no esfôrço tendente a evitar e castigar um dos mais odiosos crimes que a humanidade já presenciou.



"Constitui manifestação de internacionalismo emocional" — comenta Frank E. Holman.

Foi criada, em 1946, a Comissão dos Direitos do Homem, como suborganismo do Conselho Econômico e Social. À sua frente, na qualidade de presidente, estava a sra. Roosevelt, viúva do finado presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt. Essa Comissão anunciou, em princípios de 1947, sua intenção de redigir uma Declaração dos Direitos do Homem e um Pacto Sôbre os Direitos dos Homens. Pouco mais tarde, empreendeu a tarefa de organizar uma "Convenção Sôbre Genocídio".

Genocídio é uma palavra forjada por um professor da Universidade de Yale, um refugiado polonês. Traduzida em linguagem comum e corrente, significa "matança de uma raça". Não é necessário dizer que, todo homem que se respeite, tem que se opôr a qualquer plano, oficial ou não oficial, que tenha, por finalidade, a destruição total ou parcial de um grupo racial. Porém, dessa generalização do têrmo *genocídio*, criou-se tôda uma nova classe de crimes distintos. Não só são puníveis os atos de jurisdição nacional, como, também, são submetidos à jurisdição de tribunais internacionais, os funcionários públicos e os cidadãos, que tenham cometido uma série de atos mal definidos e ambiguamente chamados "atos de genocídio", até ao grau de considerar-se que o causar "dano mental" ao membro de um grupo, ou ter cumplicidade no mesmo, vem a constituir um *ato de genocídio*.

Na reunião que realizou em Paris, em 1948, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou uma Declaração Universal dos Direitos do Homem. Durante êsse mesmo período, aprovou, também, essa Assembléia, a Convenção Sôbre Genocídio.

Entre os defeitos sérios, que se encontram no texto dessa convenção, conta-se o de não mencionar o crime de *genocídio* cometido por governos, como, por exemplo, a liquidação de grupos políticos na Rússia e nos Estados satélites da União Soviética. Já ficou aqui apontado que nenhum indivíduo, que se respeite, pode

opor obstáculo ao fim visado pela Convenção Sôbre Genocídio, isto é, a que se declare constituir ato contrário à lei, a matança, em massa, de grupos de sêres humanos, havendo, no entanto, a falha que, na forma por que foi redigido o aludido documento, não resulta aplicável à liquidação de grupos políticos em sua qualidade de "inimigos do Estado". Eis, pois, o motivo pelo qual não é reconhecido como genocídio o tipo de matança que se pratica na Rússia e nos seus países satélites.

Ao ser redigido o artigo 2º da Convenção, com vistas ao "apaziguamento" dos russos, os atos de genocídio ficaram limitados a "grupos nacionais, étnicos, raciais ou religiosos". Foram omitidos, assim, os grupos políticos. Mas, com a prática soviética de atacar grupos políticos, por considerá-los "inimigos do Estado", há genocídio, e êsses crimes continuarão, impunemente, de acôrdo com o que foi estatuído na Convenção, que não reconhece, como genocídio, a matança de grupos outros que não "nacionais, étnicos, raciais ou religiosos".

Por êste motivo, os ditadores não viram inconveniente em subscrever a convenção adotada. Baseados nos artigos da mesma, desfrutam de completa impunidade. Para que possam efetuar a matança de um certo agrupamento de pessoas é bastante que as classifiquem como "inimigos do Estado".

Em declaração feita perante o Senado dos Estados Unidos, em janeiro de 1950, o dr. Jorge A. Fink, membro do "Comitê Pró-Paz e Lei", através das Nações Unidas, membro da Associação Norte-Americana de Advogados e diretor-chefe do "American Journal of International Law", opinou nos seguintes têrmos:

"A Convenção Sôbre Genocídio constitui exemplo marcante de convênios internacionais, a respeito dos quais o público tem sido, e continua sendo, mal informado. Segundo a definição que se dá ao genocídio, no documento em referência, tal designação não é aplicável à matança e destruição em massa, realizadas pelos governos totalitários. Ao contrário, efetuou-se, nesse documento, um "apaziguamento" para tais governos, possibilitando aos mesmos a continuação do modo monstruoso como vêm tratando a milhões de sêres humanos, por trás da cortina de ferro, por considerá-los inimigos dos Estados comunistas... Não existe, na convenção ratificada, uma só palavra que denuncie, como crime de genocídio, a matança e a destruição, em massa, de povos inteiros, *realizadas por governos.*"

O artigo 1º da Convenção obriga as nações signatárias a "evitar e castigar" o genocídio "cometido em tempo de paz ou de guerra". Por conseguinte, o govêrno que ratifique êsse documento se obriga a ir à guerra, para evitar o genocídio em algum país distante... A obrigação, concretamente contraída, consiste em evitar a prática do crime de genocídio, em qualquer parte do mundo, e castigar os atos assim considerados, quer se trate de guerras civis, raciais ou religiosas, ou de lutas de ordem interna ou ideológica. Para cumprir com tal obrigação, teriam os países que recorrer à intervenção nos assuntos internos de outros países e, no caso de se tratar de nações que pudessem opor séria resistência, como a Rússia, isto significaria a guerra.

A Convenção invade a jurisdição das autoridades nacionais, e modifica e invalida a legislação peculiar a cada país. Na carta em que James E. Webb, ministro interino de Relações Exteriores dos Estados Unidos, transmitiu ao presidente Truman sôbre a Convenção, transcreveu aquilo que afirmou o representante dos Estados Unidos no Comitê Legal das Nações Unidas, conforme se lê abaixo:

"Se um indivíduo é assassinado por um outro, ou por um grupo, esteja êste integrado por particulares ou por funcionários do govêrno, como parte de um plano, ou com a intenção de destruir um dos grupos enumerados no artigo 2º, comete o crime de genocídio, qualificado pela lei internacional, assim como o é o de homicídio, qualificado pela lei peculiar a cada nação."

Que significa "intenção de destruir"? Estaria ausente tal intenção, nos motins raciais verificados em Detroit e no bairro de Harlem, em New York? Não estaria presente nos linchamentos verificados na Geórgia? E na guerra civil que, durante tantos anos, assolou a China? O mesmo não se verificou nos conflitos de fronteira entre a Índia e o Paquistão? Vamos, então, assumir a obrigação de deter e evitar o genocídio em qualquer região do mundo em que seja cometido ou se tente cometê-lo, e ficar expostos a tôda uma série de experiências do tipo da guerra da Coréia?

O próprio dr. Fink, em sua declaração, realizada em janeiro, perante o Senado dos Estados Unidos, afirmou o seguinte, quanto à "intenção de destruir" e ao "dano mental":

"Pode-se negar, com êxito, que as leis de segregação são suscetíveis de sofrer denúncias, como causadoras de dano men-
o qual tais leis são formuladas? Os grupos
o qual tais leis são formuladas ?Os grupos
minoritários dêste país vêm trabalhando, com afinco, para que se suprima, mediante legislação federal, a discriminação de que tais leis são reflexo. Poderá alguém, que esteja dotado de um critério são, duvidar que, se o Congresso dos Estados Unidos

(Cont. na pág. 117)

A última corrida

Por BOB MCKNIGHT

EU tinha bastante tempo para pensar, deitado naquela cama de hospital, e meus pensamentos saíam desencontrados e confusos. Pensava que estava acabado para as corridas de cavalos e pensava no que os cronistas de turfe escreveriam a meu respeito. Sem dúvida, eu seria crucificado.



«Acovardou-se!» — diriam. O pior de tudo era que êles tinham razão ao julgar-me dêsse modo. Não adianta querer negá-lo. Eu ficava muito assustado, sòmente ao pensar em montar novamente. Tentei convencer-me de que estava, apenas, sendo pessimista. Poderia abandonar a carreira de jóquei sem ter o nome manchado e não temeria andar de cabeça erguida. Mas, mesmo enquanto procurava me convencer disso, sabia que não adiantava pensar nesse desfecho, simples e fácil. Por dentro, eu estava acabado. Jamais conseguiria enfrentar a pista, novamente.

O mais ardoroso e ambicioso jóquei seria taxado de covarde!

Êsse era um fardo terrível para carregar pelo resto da vida! Seria como uma cruz. Infelizmente, eu não podia esperar que alguém, especialmente um cronista de turfe, compreendesse o meu grave problema.

Como podiam êles entender o que eu via, tôdas as vêzes em que fechava os olhos? Caído, ensanguentado, sôbre a lama. Milhares de quilos de músculos e ossos passando sôbre meu corpo e eu ante a ameaça de ser esmagado, dilacerado, a qualquer momento. Cascos batendo no solo, estalos de chicotes, tudo se conjugando num verdadeiro pesadelo, que me causava imenso terror e agonia.

Não; êles jamais poderiam aquilatar a tortura daqueles breves momentos, depois que eu fôra cuspido da sela. O único fato que notariam seria o meu acovardamento. Porque eu não suportaria, jamais, a tortura de enfrentar, novamente, o «starting gate».

Êles haviam sido generosos nos comentários que me dedicaram, nesses últimos anos. E, agora, seriam severos na minha condenação. Tôdas as frases elogiosas seriam esquecidas:

«O homem da **tocada** sensacional». «Pequenino no tamanho, mas enorme na coragem». «Jamais desanima, durante a corrida».

Esqueceriam, com certeza, que, um dia, haviam escrito tais frases. Um jóquei, **na sua abalizada** opinião, não devia ter quaisquer sentimentos! Era como um autômato: montar, tocar e vencer! Nada de temores, de indisposições ou doenças.

Quando recuperei a calma, após êsse novo turbilhão de pensamentos, estava prestes a explodir, arrependido por não me haver atirado diante das patas de um dos demais concorrentes, a fim de acabar com a vida. Pelo menos, que tivesse ficado aleijado, impedido, fìsicamente, de tornar a montar! Qualquer coisa seria melhor do que a situação atual.

Eu não estava morto e nem, tampouco, aleijado. O médico dissera que, em breve, poderia deixar o leito. Ficaria **novinho em fôlha**. Os pensamentos voltaram a me perturbar. Procurei convencer a mim mesmo de que voltaria a ser o que era, tão logo deixasse o hospital. Mas, isto não adiantou. Mesmo que ficasse inteiramente são, fìsicamente, minha mente permaneceria conturbada por tudo aquilo que me afligia.

Hap Elshoff visitou-me no hospital. Êle era o proprietário de «Voodoo», o demônio-negro que me jogara ao chão.

— Como está «Voodoo»», amigo Hap? — perguntei.

— Está bem. Continuo a mantê-lo em treinamento, enquanto você se restabelece. E, quando você retornar à pista, êle estará pronto para correr.

— Há uma coisa que desejo dizer-lhe, Hap. Vou abandonar a profissão!

— Ouvi, realmente, uns boatos a êsse respeito. Mas, não acredito nisso!

— Que dizem de mim? — perguntei, mal escondendo a minha preocupação.

— Alguns são a seu favor. Outros são contra! Sabe muito bem como são essas coisas.

— Sim... Não procuro iludir-me. Alguns malucos devem estar dizendo horrores a meu respeito, suponho.

— Ora, você esquecerá tudo, à medida que o tempo fôr passando!

— — Não. Estou plenamente decidido! Trate de arranjar outro para montar «Voodoo».

— Creio que toca a vez de Ben Deeds, então — retrucou Hap. Tive a impressão de que o olhar que me lançava era de ressentimento.

Com todos os diabos! Em que estaria êle pensando? Ben Deeds — um garôto de dezessete anos, que mal começava a montar! Bom rapaz, não havia dúvida. Eu lhe ensinara alguns truques da profissão. O tipo do aprendiz com quem um jóquei simpatizaria e a quem procuraria proteger. Era dotado de muito ardor, mas ainda tinha bastante que aprender. «Voodoo», o cavalo de coração de fera, matá-lo-ia, com certeza.

— Você não pode fazer isso, Hap! — exclamei. — O rapaz não terá uma oportunidade, montando êsse demônio.

— Está querendo sugerir que eu retire o cavalo do treinamento, sòmente porque você resolveu abandonar a profissão?

— Sinto muito, deveras! Gostaria que você compreendesse o drama que estou vivendo.

— Talvez eu compreenda.

Isto dito, Hap se retirou. Eu não precisava ser clarividente para ver que, também êle, julgava que eu me tornara um covarde. E Ben Deeds serviria para prová-lo, montando «Voodoo», no «Beaumont Handicap», cuja data de realização estava próxima

Assim teria que ser! Eu não podia tornar a montar, e as coisas ficariam pretas para o meu lado.

Já um tanto conformado, pensava em ir para o Oregon, tão logo deixasse o hospital. Compraria um pedaço de terra junto ao rio Klamath. Pescarias, caçadas e o plantio da terra me ajudariam a

Um cavalo voluntarioso, com pista enlameada e acidente durante a carreira, podem tornar um jóquei covarde. Mas, resta sempre um pouco de coragem...

esquecer. Mas não queria mais saber de cavalos! Quando, finalmente, deixei o hospital, não sentia pressa em cumprir o que me propusera.

Freqüentei o prado, nas manhas de exercício, observando Ben Deeds trabalhar «Voodoo». O garôto estava bastante esperançado de ganhar a carreira. Vontade de vencer não lhe faltava. Mas, tinha, ainda, tanto que aprender, que eu me sentia mal tôdas as vêzes em que êle entrava na pista, cavalgando o cavalo negro.

«Voodoo», como muitos puros-sangue do seu porte, era duro em tudo: duro de conduzir, duro

de bôca, duro nos sentimentos. O fato de eu ser o único jóquei que podia dominá-lo não me deixou, em absoluto, mais confortado.

Procurei conversar com Hap a êsse respeito, e convencê-lo a mudar de idéia.

— Isto será o mesmo que mandar o rapaz para a guerra, sem um fuzil para se defender — falei, um tanto revoltado. — Você não pode deixar Ben conduzir «Voodoo» no Handicap.

— Está se oferecendo para montar no lugar dêle?

— Não posso, Hap.

— Ben é o único rapaz com quem posso contar, além de você. Já estou providenciando a matrícula do aprendiz.

Tendo falado, Hap voltou-me as costas, encaminhando-se para a cocheira. Fiz o possível para dominar o meu temor, dizendo, de mim para mim, que êle não passava de um velho de coração duro tão duro quanto o do próprio «Voodoo», e que estava mais interessado no prêmio do «Beaumont Handicap», do que na integridade física de Ben Deeds. Creio, porém, que, no fundo, eu sabia não ser isto verdade. Hap era um grande camarada e sempre fôra como um pai para mim.

Não sei por que continuei por ali. Talvez esperando que Hap mudasse de idéia em relação a Ben.

Mas, quando chegou o dia do Handicap, e o nome de Ben Deeds apareceu nos programas, como condutor de «Voodoo» na prova principal da tarde, fiquei certo de que minhas esperanças não tinham mais motivo de ser.

Juntei tôdas as minhas coisas, guardei-as no interior de meu velho **conversível**, e rumei para o norte, na Estrada 101, que levava ao Oregon. Sabia que estava fugindo. Mas, não podia modificar a ordem das coisas, permanecendo ali. Hap e Ben estavam procurando seu próprio infortúnio. Eu não tinha nada com isso. Não estava obrigado a presenciar o resultado de sua teimosia. Seguia, em marcha regular, para o norte, quando as primeiras gôtas de chuva começaram a cair sôbre o pára-brisa.

MEU pé deixou de comprimir o acelerador, num gesto automático. Chuva. Lama para o Handicap. Uma pista enlameada, exatamente como no dia em que «Voodoo» escorregou e foi ao chão, levando-me na queda.

Meu corpo todo tremia. Não sei se alguma outra vez na vida fiquei tão assustado, como naquele momento. Que era que me causava tanto temor, afinal de contas? Não era eu quem ia correr, montando um animal perigoso, na pista pesada. Quem devia estar preocupado com isso era o próprio Ben.

E, então, fiquei convencido de que estava assim assustado, justamente, por causa do rapaz. Julguei, em conseqüência, pelas reações que experimentava, que estivera esperando, embora inconscientemente, a vitória de Ben Deeds numa pista normal. O rapaz era tão ardoroso que poderia sair-se bem, apesar dos rigores da carreira em que fazia sua estréia. Mas, numa pista enlameada, **eu sabia que êle não escaparia a um acidente**.

Dei a volta, em plena estrada, e rumei para o hipódromo a tôda velocidade. Não procurei pensar no que estava fazendo. Sabia, apenas, que tinha que fazê-lo.

Três animais já se encontravam no «paddock», à espera dos seus jóqueis. A chamada dos ginetes viria a qualquer momento. Vi, de relance, «Voodoo» a cabecear, metido na cocheira número três, enquanto aguardava que o seu cavalariço o levasse para o «paddock». Ben se encontrava próximo, envergando a farda de Hap, que era uma combinação de encarnado e branco. Hap, também, lá estava, conversando, animadamente, com um dos veterinários do hipódromo.

Eu já estava com o paletó no braço, quando me aproximei, apressadamente, do pequeno grupo.

— Você fêz uma viagem rápida — comentou Hap, sem denotar alegria.

— Diga a Ben para retirar essas sêdas. Vou montar «Voodoo».

Quando acabei de pronunciar tais palavras, julguei ver um rápido olhar de alegria de Hap para o veterinário.

Na caminhada a passo até o «starting-gate», eu lutava com meus sentimentos. Sabia que estava metido na mais perigosa aventura de minha vida. Talvez não retornasse com vida da pista. Mas, tinha que proteger o rapaz e, além do mais provar que não era covarde.

Eu estava tão assustado, que quase caí, na partida. Mas, uma vez que «Voodoo» iniciou o seu soberbo galope, senti-me confiante, e uma verdadeiro delírio se apossou de meu íntimo. Eu tinha um vencedor sob as pernas. Tudo o que precisava fazer era conduzí-lo com precisão e, depois, «segurar para não cair».

Sentia-me imensamente satisfeito ouvindo os aplausos da multidão, quando, passado o poste de chegada, retornei com o magnífico e voluntarioso cavalo prêto ao «paddock». Por outro lado, uma idéia me atormentava: como pudera, em qualquer momento, julgar que conseguiria passar sem essa vida arriscada e emocionante? Apenas um pequeno sentimento de rancor ainda me atormentava, naqueles momentos de glória: o desejo de Hap de sacrificar Ben pelo prêmio da corrida.

Quando me preparava para desmontar, Hap sorriu para mim, em meio a uma roda de amigos, que tinham ido abraçá-lo pela vitória obtida na importante prova.

— Ainda permanecerá por aqui durante algum tempo, ensinando mais outros truques ao rapaz? — perguntou êle.

— Julguei que você já estivesse convencido de que êle é um bom ginete — retruquei. Não procurei velar o tom acusatório de minhas palavras.

— Você estava enganado, meu caro. Ben era, apenas, um **pretexto**. Eu sabia que você retornaria, nem que isto se desse no último minuto, como aliás ocorreu. E, se tal não ocorresse, eu tinha um trato com o veterinário, para retirar «Voodoo» da carreira. Êste o motivo pelo qual êle se encontrava em minha companhia, quando você chegou. Já estávamos prestes a tomar tal medida.

— Ora, seu sabichão! Você...

— Eu não lhe disse que não acreditava nos boatos a seu respeito? Pois a prova está aí, para quem quiser. Você voltou, venceu, e ainda continuará vencendo por muitos anos.



A CADEIRA QUE "VALSAVA"

(Episódio real)

ALGUÉM roubou a minha carteira, ontem, à noite... — declarou Arnold Babbacombe ao sargento de plantão, numa delegacia de Londres. — Acredito que o furto tenha ocorrido entre Burlington Gardens e meu hotel. Porém, o espantoso é que a carteira continuava no bôlso do costume, porém vazia!

O detective Robert Fabian (mais tarde superintendente de Scotland Yard), que se achava próximo, ouvindo a queixa, mostrou-se interessado. Nas duas últimas semanas de janeiro de 1926, ouvira a mesma história umas dez vêzes, totalizando todos êsses roubos cêrca de 380 libras. Baixou, então, o olhar para a própria mesa, sôbre a qual estavam vários pequenos cartões de propaganda, que diziam, mais ou menos, o seguinte.:

"É uma lástima você não saber dançar! Venha, imediatamente, à Escola de Danças de Lucille Demurry. Sòmente para cavalheiros. Lições estritamente privadas. Dez shillings. Burlington Gardens — Londres."

— O senhor talvez tenha sucumbido aos compassos de uma valsa com Lucille Demurry...?

— Bem... Eu... Realmente! Mas, não vejo o que tem isso que ver com a minha queixa...

— Pois eu, ao contrário, suspeito que o senhor tenha sido roubado lá mesmo.

— Impossível! Lucille Demurry é uma moça encantadora. Além do mais, como poderia ela roubar o meu dinheiro? Estêve, sempre, ao meu lado, durante tôda a hora que durou a aula. Ninguém mais entrou ou saiu do salão. Convém ainda que saiba: *eu não vestia o paletó*. Deixara-o pendurado no espaldar de uma cadeira, junto ao gramofone, em plena luz.

O detective sorriu, enigmàticamente, e tratou de descer a escada da delegacia, a fim de ter um maior conhecimento da dançarina Lucille Demurry. Na mesma noite, tomando posição no telhado da casa fronteira, pôde ter uma vista do "salão de danças", que ocupava o andar mais alto de um prédio de dois pavimentos. Uma pequena janela abria para uma estreita escada de incêndio.

No interior, quase junto da janela, estava o gramofone e, entre êste e a janela, havia uma cadeira sem braços. A outra extremidade do salão deixava ver um espaçoso e bonito sofá. Nêle, Lucille Demurry, graciosa no seu vestido de saia curta, curvava-se para atiçar o fogo de um fogão de inverno. Pouco depois, sorridente, abria a porta para um cliente.

Após ligeiras explicações, o gramofone foi pôsto a funcionar e o par saiu dançando. Dois minutos depois, pararam. Suando, o homem tratou de enxugar a fronte e de retirar o paletó, pendurando-o nas costas da cadeira. A essa altura, o detective Fabian abriu bem os olhos.

Sempre dançando, Lucille manobrou seu par, até levá-lo ao fundo do salão, conservando o cliente sempre de costas para a cadeira. E, nesse momento, junto

do gramofone, a cadeira pareceu ser assaltada pelos compassos da música, pois que, "valsando" também, aproximou-se da janela...

O detective tratou de descer correndo, até à rua... onde chegou a tempo de apanhar o homem que descia pela escada de incêndio.

Identificado, meia hora depois, como sendo Mac Lennan — *"Laranjada"*, com várias entradas na polícia, no interior do sapato do larápio foi encontrado o conteúdo da carteira do "cliente" de Lucille: 65 libras, em notas devidamente marcadas (pois era um agente da polícia). Num dos seus bolsos, foi encontrado um braço de metal, extensível, que, quando aberto, chegava a metro e meio de comprimento. Usando a escola de danças como campo de ação, a escada de incêndio e o braço extensível, Lucille aconselhava seu cliente a retirar o paletó, sugestão que sempre era aceita com agrado. Então, enquanto Lucille tratava de distrair o "aluno", Mc Lennan, *Laranjada*, com o braço mecânico, fazia a cadeira deslisar sôbre o soalho encerado, até à janela. Ali esvaziava a carteira, recolocando-a no devido lugar e, a seguir, noutro movimento de valsa, a cadeira voltava à primitiva posição.

O detective Fabian, com a exposição dos fatos, convenceu, fàcilmente, a justiça de que dançar com uma mulher bonita pode significar outros perigos, além dos sentimentais.

Lucille Demurry foi sentenciada a doze meses e Mc Lennan, por ser velho conhecido da Polícia, a dezoito meses.

★ ★

O «Q.G.» do general Ridgway, em Versailles, mal foi instalado, solicitou, por meio de um memorando-urgente, ao govêrno francês, três mil e seiscentos telefones **para o uso dos oficiais norte-americanos**. A Companhia Telefônica francesa respondeu, perguntando se os três mil e seiscentos oficiais não poderiam contentar-se com um pouco menos, uns novecentos telefones, por exemplo, sendo um para cada quatro oficiais.

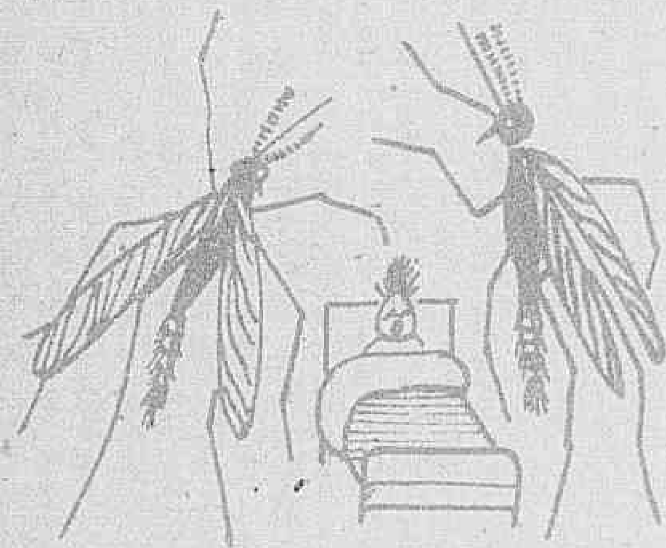


O Quartel-General norte-americano escreveu, respondendo, que, realmente, eram, apenas, novecentos oficiais, mas que havia necessidade de quatro telefones para cada um dêles.

Os franceses, que relatam essa história como uma graçola contra os americanos, e os americanos, que a repetem como uma zombaria dos antiquados costumes franceses, parecem não ter compreendido a verdade final dêsse incidente. Disso se encarregou o cronista inglês do «Everybody's», afirmando que tudo foi devido a que **ninguém mais, senão um francês, pode saber como usar os telefones franceses — mesmo que seja um de cada vez!**

★

Os habitantes de Burlington, no Wisconsin, têm verdadeiro orgulho do seu «Clube dos Mentirosos». Segundo afirmam, é o «best in the world». Recentemente, foi ali apontado o **Campeão Mundial da Mentira**, de 1952. Trata-se de Harry Cummings, lavrador, tendo servido na Marinha de Guerra norte-americana, em operações no Pacífico. Ganhou o «Grande Prêmio da Mentira» pela história que contou a respeito dos mosquitos japonêses. Ei-la:



«— Numa noite de julho, eu tinha acabado de deitar, para dromir, quando ouvi a porta abrir.

«Inicialmente, não liguei importância, acreditando que fôsse outro homem, que dormia no mesmo quarto que eu. Porém, pouco depois, acostumando a vista com as sombras do quarto, vi que eram dois mosquitos. Tinham quase dois metros de altura e isso — podem crer — tanto me horrorizou que fiquei sem ação, incapaz de me mover, quando os dois se aproximaram da minha cama. Então, ouvi um dêles dizer: «— **Como devemos fazer? Comê-lo aqui mesmo ou levá-lo para comer em casa?»** — Após um momento de reflexão, o outro respondeu:«— **É preferível comê-lo aqui mesmo. Se o levarmos para casa, os mosquitos maiores o tomarão de nós...»**

★

ACHADOS DELICIOSOS — O papagaio moveu a cabeça de um lado para outro, como se um ôlho tivesse visto o que o outro tinha razão para duvidar. — **Stark Young**

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e lady Julia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Sweje, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Julia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Julia. Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua toilette de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que ao regressar de Bickingham Palace iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Julia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Julia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o chauffeur, que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o **chauffeur**, derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o **chauffeur** chamar o dr. Pargetter, médico da família e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no "fog". O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo **chauffeur**, vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Julia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez, irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao "court" de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa berlinda do século XVII, que ali é guardada, recua e com uma desculpa despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir surge Gerry.

Aline se erguera, surpreendida e mesmo contrafeita. Gerry, amistosamente, afagou-lhe um ombro. Depois apanhou um cigarro na caixa aberta sôbre o divã, ajeitou a saia em redor das pernas e deitou-se a meio, no divã.

— Então, meus caros — disse ela, acendendo seu cigarro no fósforo que lhe era oferecido por Aline. — Quais são as novidades? Por que o meu simpático cunhado está com essa cara triste?

Lançou a fumaça para o teto e estirou-se melhor.

Aline teve a impressão de que a entrevista começava mal. Propositadamente, Gerry procurava irritar Rodney. Com o rosto sério, êle se afastou bruscamente, procurando a janela, onde ficou, de cachimbo na bôca, olhando para fora. Pela maneira como mordia o cachimbo, Aline adivinhava o esfôrço que fazia para conter-se.

— Minha querida — disse Aline, curvando-se sôbre Gerry, sôbre o espaldar do divã. — Rod acredita que êsse inspetor, Manderton, está tentando nos arranjar complicações. Evidentemente, êle desconfia de você... Você mesma não sente isso?

Gerry teve um pequeno movimento de impaciência. Aline, porém, prosseguiu:

— Bem sabemos que você não cometeu nenhuma falta. Mas, se... se há alguma coisa que você tenha guardado em segrêdo, até agora, não seria preferível dizer?

Um sorriso, que mostrava todos os dentes, respondeu à angustiada pergunta de Aline.

— Que diplomata, humm... Rod terá dado as instruções?

Mas, Gerry notou a mágoa que causava à sua amiga; por isso, tratou de acrescentar, com voz mais meiga:

— Não... Positivamente, sou muito estúpida. Você é muito sensata para não prestar ouvidos a tolices...

Levantou-se, quase num salto.

— Talvez seja ainda o assunto do meu lenço, que a preocupa. Já contou a Rod?

Sombrio e mudo, Rodney, diante da janela, sugava a extremidade do cachimbo já frio. Voltou-se, vivamente, enquanto Aline murmurava:

— Você devia saber, Gerry, que eu seria incapaz de uma tal coisa.

Gerry segurou-lhe uma das mãos.

— Ainda bem! — disse ela. — Mas, pouco importa que Rod conheça o fato.

Elevando a voz prosseguiu:

— Aline encontrou um lenço meu na residência de Barry, ontem, à noite. Que lhe parece, Rod? Não vê nisso um bom indício para o seu amigo Manderton?

Rodney ficou ainda mais sombrio. Lançou um rápido olhar sôbre Aline e perguntou:

— Isso é verdade?

Mas, Gerry se antecipou à resposta de sua amiga:

— Claro que é verdade! Por que não telefona para Scotland Yard? Poderia contar-lhe a novidade. E como nos divertiríamos!

Rodney conteve um gesto colérico.

— Acredita, hein? Não vejo motivo para graçolas! A menos que o assassinato de Barry também lhe pareça um fato engraçado!

Gerry teve como que a respiração bruscamente cortada e seu rosto se crispou de dor.

— Você bem poderia poupar-me um tal raciocínio, Rod. O que eu disse não se prestava a equívocos.

— Então, por que demônios...?

Aline interveio, conciliatória:

— Calma! Um momento, Rod. Gerry graceja, realmente, com você! Mas é fato que ontem, à noite, encontrei um dos seus lenços caído no *living* de Barry. Mas fôra Barry quem o levara daqui de casa, na véspera.

— Imaginem, ao menos — continuou Rodney, com cólera — que, em vez de você, tivesse sido Manderton?

Aproximou-se de sua cunhada.

— Ouça-me, Gerry...

Mas, rápida como a flecha, Aline, novamente, colocou-se entre os dois.

— Gerry, querida — disse ela, com voz emocionada — ocorre uma complicação imprevista... e mais vale você saber desde logo.

Com o canto dos seus belos olhos verdes, Gerry interrogou Aline:

— Uma complicação? Qual?

— Acabamos de descobrir um revólver...

— Onde?

— Em baixo... Na "berlinda".

— Na... Quem o escondeu?

— E' o que precisamos saber.

Nesse instante, dirigindo-se para a mesa, Rodney afastou o livro, pousado sôbre a arma.

Gerry se ergueu, bruscamente. Retirara o cigarro dos lábios e contemplava o revólver, com uma surprêsa incrédula.

— E então? — perguntou, com voz rouca. — Que concluem dessa descoberta?

A mão que empunhava o cigarro tremia um pouco.

— Sòmente isto — replicou Rodney — que uma bala foi disparada, recentemente, *com esta arma!*

Deteve-se. Gerry deixara escapar um frágil grito. Curvada para a frente, a fisionomia transfigurada, os lábios entreabertos, fitava o objeto, cuja presença tinha qualquer coisa de bizarro entre os papéis, sôbre aquela mesa, como se dêle não pudesse desviar o olhar. Afinal, com relutância, voltou a cabeça.

— Você quis dizer... — balbuciou.

— Não quero dizer senão o que sei, e só sei uma coisa: que Barry foi assassinado com um revólver do exército. Pelo menos foi o que declarou o dr. Pargetter. Ora, esta arma é um revólver de ordenança, que se carrega com balas regulamentares, não vestidas de níquel.

Viu que ela ia interrompê-lo, mas continuou, sem hesitação:

— De que serviria discutirmos agora? Uma vez extraída a bala do corpo de Barry e entregue a arma à polícia, teremos certeza de tudo.

— Então — disse ela, com voz entrecortada. — Então... a polícia... Manderton... ainda não foram informados?

— Não. Entregarei êste revólver a Chass, tão logo êle regresse da cidade. E direi como a arma foi encontrada. A êle caberá decidir sôbre o que faremos. Enquanto isso... Você já havia visto êsse revólver, não é mesmo, Gerry?

Ela fêz um sinal afirmativo.

— A quem pertence?

— A mim.

— A... você?

Êle a fitou, consternado.

— Foi, então, você, quem o escondeu na "berlinda"?

Ela sacudiu a cabeça, enèrgicamente. Sua voz, abafada pelo terror, não passou de um leve sôpro.

— Acontece comigo uma coisa extraordinária! Êsse revólver... Eu o guardava na gaveta em que arrumo os meus lenços. Ainda ontem lá estava, quando me vestia para o jantar. Hoje, pela manhã, havia desaparecido!

— Santo Deus!

— Foi o que verifiquei, há pouco, no momento de sair do meu quarto, para atender ao chamado de lady Julia. Vendo, sôbre a mesa do "toilette", o lenço que Aline me entregara na véspera, fui colocá-lo na gaveta. Tenho, ali, uma pequena bôlsa onde ponho todos os lenços, quando estão sujos, pois que eu própria os lavo. Foi nesse instante que notei o desaparecimento do revólver.

— Você disse que ainda na véspera, à noite, êle lá estava?

— Sim. Quando, tendo acabado de me vestir, fui apanhar um dos meus lenços novos... Vi o revólver ao levantar a caixa em que estavam os lenços.

— Estava carregado?

— Estava, sim.

— Se, quando você abriu a gaveta, esta manhã, o revólver lá não estava, significa que, entre o jantar de ontem e o primeiro almôço de hoje, alguém se introduziu no seu quarto, Gerry, para apanhar a arma... E' isto o que quis dizer?

— E' o que penso. Não vejo como explicar de outro modo...

— Mas é coisa absurda! Seria preciso que êsse alguém fôsse de casa.

Apesar de tudo, Rodney sondava os olhos de Gerry, como para ter a certeza de que ela era sincera. Enfim, bruscamente, perguntou:

— Quantas pessoas sabem que você possuía essa arma, Gerry? Eu, por exemplo, ignorava. Mas os criados? Cox, por exemplo?

— Não vejo nenhuma razão para que Cox o soubesse mais que qualquer outra pessoa. Eu mesma cuido das minhas coisas. E, além disso, eu guardava o revólver no fundo da gaveta. Seria preciso remexer tudo para encontrar essa arma.

— A gaveta estava fechada a chave?

— Sim.

— Talvez que Larking...?

Gerry achou absurda a idéia.

— Larking? Você diz... Larking? Mas à vista de uma tal arma êle teria fugido, ganhando a maior distância possível! Além do mais êle nunca pisa no meu quarto. Não! Larking nada podia saber dêsse revólver. A única pessoa que, a bem dizer, conhecia a existência da arma, era Murchie.

— Murchie?

— Sim. Veio procurar-me em meus aposentos, a fim de transmitir um recado de Chass, um dia em que, tendo que partir para Broadlet, eu preparava minhas bagagens. Viu o revólver na gaveta e mesmo disse que de bom grado o pediria emprestado, caso se confirmasse a notícia que acabara de ter, segundo a qual, êle próprio teria que ir realizar um negócio na Albânia, por conta de Chass. Mais tarde, êsse projeto deu em nada e êle não me pediu o revólver.

Rodney coçou a nuca, pensativo. Depois disse, com ar muito aborrecido:

— Imagino que não pode haver qualquer engano de sua parte, Gerry... Esta arma é realmente a que estava na gaveta do seu "toilette"?

Apresentava-lhe o revólver. Ela o tomou com o desembaraço com que fazia tôdas as coisas, não parecendo, ao empunhá-lo, sentir qualquer mêdo ou, menos ainda, remorso.

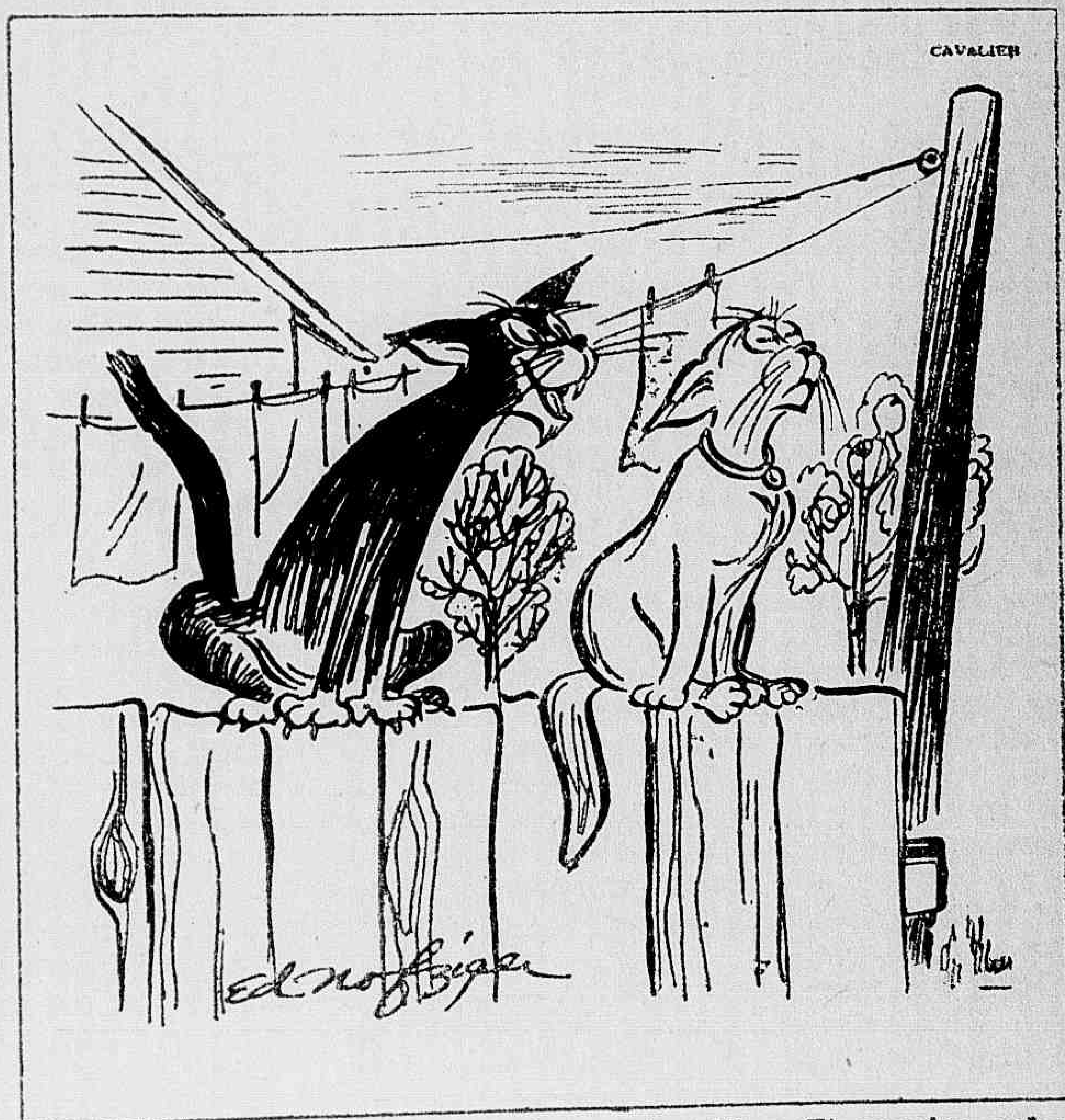
— Não há dúvida — disse ela. E' o meu revólver! Veja, aqui, o anel da correia com a qual os oficiais penduravam a arma ao pescoço, nas trincheiras. E estas marcas...

Com a ponta da unha pintada, sublinhava dois frisos ou amassados, na coronha.

— ...recordam a morte de dois alemães. Foi, pelo menos, o que contou a Sholto o proprietário primitivo, que se serviu desta arma na região do Somme.

— A Sholto, disse você? Eu ia mesmo perguntar quem havia dado essa arma a você... Era, então, uma arma de meu irmão?

— Sim. E foi êle quem me fêz presente dela, quando deixei o Kenia.



— Então, beleza? Só nos restam sete vidas. E' preciso saber aproveitá-las...

— Mas, neste caso, Larking pode conhecer muito bem essa arma. E' sempre êle quem atende a todos os serviços de Sholto, quando êle está em Londres.

— Larking não pode conhecer a arma. Foi sòmente na véspera de sua última partida para a África, que Sholto comprou o revólver a um dos seus amigos, no clube.

E, enquanto falava, Gerry devolveu o revólver às mãos de Rodney

— E você acredita — disse ela nervosamente, examinando o esmalte das próprias unhas — que Chass vai entregar êste revólver a Manderton?

— Sim — disse Rodney, mais sombrio ainda. E' o que penso

— Mas, Rod, não seria isso ir ao encontro de sérios aborrecimentos? Sabemos que Barry não pode ter sido assassinado com esta arma. Se foi usada recentemente, deve ter sido para outra coisa, não para matar! É, simplesmente, loucura pensar que alguém desta casa matou Barry! Melhor seria se fizéssemos um inquérito, interrogássemos Larking e o resto do pessoal, fazendo todo o possível para descobrir o mistério, antes de passá-lo à polícia.

No silêncio que se seguiu, espêsso e pesado, o tímpano anunciou o almôço. Rodney, com a argola com chaves na mão, aproximou-se da mesa, abriu a gaveta e nela guardou o revólver.

— Que pretende fazer? — perguntou Gerry com voz pouco firme.

— Já disse. Farei o que Chass disser.

— E você acredita que êle prevenirá a polícia?

— E por que não faria isso? Que eu saiba nada temos a esconder.

— Claro. Mas você deve imaginar o que vai acontecer. Uma legião de detectives rebuscando a casa tôda, os repórteres com suas máquinas fotográficas, um escândalo terrível na imprensa. E' isso o que você quer?

— Gerry — replicou tranqüilamente Rodney. — Você precisa refletir... e mostrar um pouco de calma... Você não estêve, realmente, em casa de Barry, na noite do crime?

— Já disse que não estive!

— Compreendo, fàcilmente, que, emocionada com o desaparecimento do revólver, você tivesse mêdo de dizer a verdade a Manderton. Ou estou enganado?

— Terei que repetir — disse ela com um início de cólera — que não estive em casa de Barry ontem à noite? Como poderia ter visitado Barry, se estive na ópera? Pode acreditar, se quiser... ou interrogar mrs. Bryce.

Rod, entretanto, insistiu, suplicou:

— Você deve ser franca comigo. Se você escondeu a verdade a Manderton, ainda posso salvar a situação. Darei qualquer explicação aceitável. Vamos, Gerry! Fale sem mêdo...

Como para lhe dar coragem, Rod pousou as duas mãos sôbre os ombros de Gerry Ela, porém, livrou-se com um movimento furioso.

— Nada tenho a dizer! — gritou. — Não estive em casa de Barry na noite do crime! Quantas vêzes mais terei que repetir?

Êle se resignou, magoado.

— Pois seja. Mas não diga, depois, que não preveni. Uma última pergunta: Contou a alguém a respeito do desaparecimento desta arma?

— Não.

— Neste caso, livre-se de fazê-lo. Principalmente a mamãe. E' inútil dar à pobre criatura novas preocupações. Chass decidirá sôbre o que devemos fazer. Compreende, Gerry? E você, Aline? Nem uma palavra a Murchie, nem a Cox, nem a quem quer que seja. Poderia chegar aos ouvidos de lady Julia. E isso é o que desejo evitar, pelo menos enquanto fôr possível. Compreenderam?

— E' claro, Rod! — respondeu vivamente, Aline..

Gerry se contentou com uma leve inclinação de cabeça. E os três, lentamente, desceram para almoçar.

CAPÍTULO XVI

AINDA GERRY

Lady Julia compareceu à mesa do almôço. Vestia-se elegantemente de preto e estava verdadeiramente num dos seus "grandes dias" — conforme gostava de comentar Aline. Murchie não apareceu: sir Charles — segundo lady Julia explicou — o levara à cidade. Observando discretamente Rod e Gerry, Aline descobria nêles um ar de conspiradores, uma fisionomia culpada. O fardo do segrêdo partilhado parecia esmagá-los. Julgou mesmo ver Larking atirar-lhes, furtivamente, um olhar de cumplicidade.

Se, do seu lado, lady Julia notava alguma coisa, nada deixava transparecer. Dedicara-se a banir de sua fisionomia, como de seus gestos, qualquer sinal do drama, que, no entanto, pesava na atmosfera daquela casa. Mal se haviam sentado, os três, ela começou, sem afetação mas com firmeza, a dirigir a conversação pelos caminhos usuais. Tanto sangue frio, tanta disciplina não poderiam deixar de produzir efeito. Estavam todos extremamente nervosos. Gerry especialmente, que mal havia tocado no próprio prato. Com a fronte vincada pela inquietação, olhava fixamente o espaço, torturando o pão que tinha ao alcance da mão. Imperceptìvelmente, lady Julia procurou, sem êxito, inicialmente, atrair sua nora para a conversação. Expunha o seu projeto de levar Gerry, com Aline, para uma temporada no campo.

— Você não conhece Broadlet, Aline. A casa não é nenhuma maravilha. Tudo simples, mas muito bonito e no centro de jardins adoráveis. Muito me orgulho dos meus jardins. Há também um lago que dá seu nome à casa, um lago em que é possível nadar e remar... Como tôdas as norte-americanas, você deve ser boa nadadora.

— Realmente, gosto de nadar... — disse Aline, sorrindo.

— Gerry também — disse lady Julia, voltando-se para a nora.

Gerry, parecendo acordar, estremeceu e limitou-se a erguer os ombros com indiferença.

— Gerry é excelente na natação — afirmou Rodney. Nos quatrocentos metros, pelo menos, sempre ganha de mim...

— Há também um trampolim, que sir Charles mandou construir — disse lady Julia — a pedido de Sholto, que é um campeão de natação

— De fato, Sholto é o maior da família. E' mais estilista que Gerry!

Lady Julia sorria, recordando essas façanhas do filho.

— Não se lembra, Gerry, de como você ficou zangada, no início do seu noivado, porque Rodney passou sabão na extremidade do trampolim e Sholto levou um tombo formidável e deselegante dentro dágua?

— Como poderia esquecer? — disse Gerry — Sholto fazia questão de causar boa impressão. Ficou furioso... e também eu fiquei com o mau gracejo de Rod. Sholto poderia ter quebrado o pescoço.

— Ah. Tivemos, sim, dias inesquecíveis em Broadlet — disse Rodney.

— Sim, meu filho... Tivemos grandes temporadas... E temos agora que nos esforçar para que Aline as tenha também.

— A senhora também nada, lady Julia? — perguntou Aline.

— Na minha idade, não tenho vontade de fazer isso. Só mesmo na beira do lago. O que mais desejo fazer, em Broadlet, é repousar numa cadeira, à beira do lago...

— A verdade — disse Rod, fingindo dizer um segrêdo a Aline — é que mamãe tem os joelhos feios e não gosta de exibi-los.

Um riso geral pareceu pôr um ponto final no espectro que rondava cadeira. No instante em que Larking veio pousar diante de lady Julia a bandeija com o café, todos haviam recuperado, aparentemente, o seu estado normal.

Logo que a refeição terminou, lady Julia se ergueu da mesa.

— Tenho que ir à minha venda de caridade — disse ela. — Estou atrasada.

— Será isso indispensável, mamãe? — perguntou Rodney. — Preferia que a senhora repousasse um pouco.

Larking, que saíra pouco antes, voltou nesse instante, para anunciar que o automóvel estava à disposição de lady Julia.

— Prometi estar presente para a abertura do nosso "bazar" e não posso faltar à minha palavra, Rodney. Você Gerry, deveria repousar um pouco. Por que não vai deitar até à hora do chá?

— Espero a manicure. Talvez vá repousar, depois.

— E você, querida, como pretende passar a tarde?

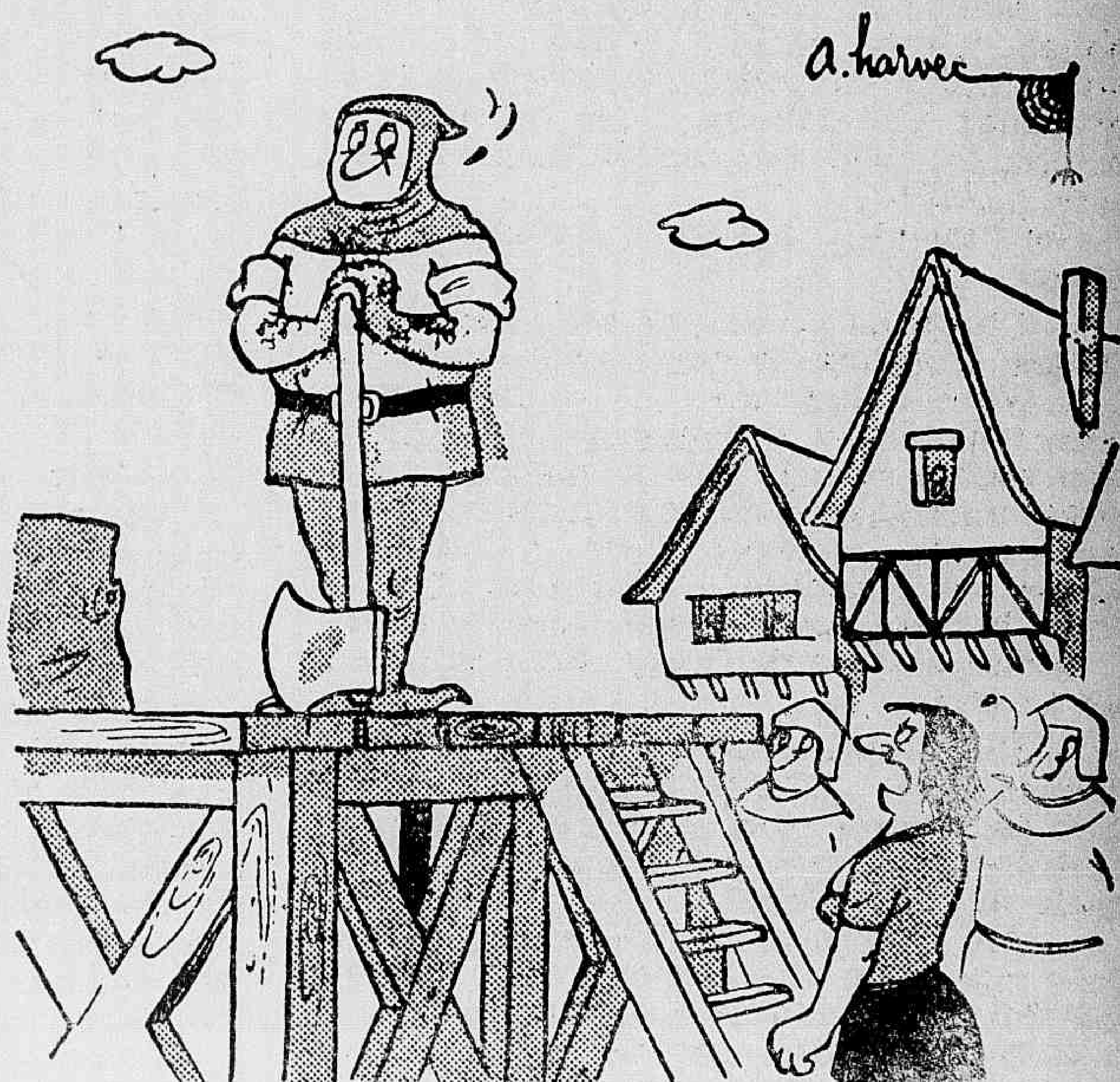
— Estava pensando — disse Rodney — em convidar Aline para um passeio no Hyde Park. Que diz, Aline?

Lady Julia se encarregou de responder:

— Tenho a certeza, Rod, de que êsse passeio será um prazer para Aline. Deve estar agradável em Hyde Park. Vá, Aline... Vá depressa, com Rod!

— Só precisa do tempo necessário para pôr um chapéu.

No instante em que Rodney abria a



— *Logo que acabar vá para casa, cortar lenha!*

porta diante de lady Julia, esta renovou sua recomendação de não voltar tarde.

— Seu pai estará em casa às seis horas e desejará, sem dúvida, ver você.

Não devia ter descido ainda a escada externa, quando Gerry se aproximou de Aline e pediu:

— Quer subir um instante comigo?

— Certamente. Não vou demorar, Rod.

Enquanto subia a escada, ao lado de Gerry, Aline notou o esfôrço que fazia sua amiga para manter o domínio dos próprios nervos.

Quando, finalmente, chegaram ao quarto de Gerry, esta perguntou:

— Você acredita que Rod tenha realmente a intenção de entregar o revólver à polícia?

— Você o ouviu dizer que faria o que fôsse resolvido por sir Charles.

— E' porque está, de antemão, convencido de que será esta a decisão de sir Charles! Você sabe que Barry e eu éramos excelentes camaradas. Não compreende, então, que, se Rod entregar êsse revólver a Manderton, êsse homem não descansará enquanto não esmiuçar o caso ridículo de minha amizade por Barry?

Aline ficou acabrunhada com essa maneira de falar de sua amiga, sôbre uma amizade que terminara com a morte de Barry. Apesar disso, respondeu com sua voz meiga:

— Não tenha receio, querida. Êsse revólver, provàvelmente, não é a arma do crime.

— Mas essa é uma questão que só a polícia poderá decidir E não podemos ir ao encontro da polícia. Rod deveria compreender êsse detalhe. Deve considerar a minha situação. Sou casada e meu marido está distante...

Gentilmente, Aline tomou-lhe um braço:

— Chega de preocupar-se, querida. Vou tentar modificar o pensamento de Rod.

— Você é um anjo... — disse Gerry com um sorriso fatigado. — Mas duvido que você o consiga! Se ao menos Rod tivesse uma grama de bom senso, acabaria apaixonado por você. Você é linda, elegante, encantadora... Em suma: se eu fôsse homem amaria você loucamente!

Essas palavras de Gerry encheram Aline de alegria.

— Entre nós, Gerry — respondeu ela com malícia. — Tenho a impressão de que Rod decidiu ser para mim como um irmão.

Nesse instante a criada anunciou a chegada da "manicure".

— Até logo, Aline. Fale com Rod. Faça-o mudar de idéia. Mas livre-se de dizer que fui eu quem encomendou a manobra.

— E você? Promete ser mais calma? — perguntou Aline, emocionada.

Gerry fêz um esfôrço para sorrir:

— Pode estar tranqüila. Não pensarei mais nesse drama.

Mas, no fundo dos olhos de Gerry, um jôgo inquieto de luzes e de sombras desmentia essas palavras Tanto assim que, indo em busca do seu chapéu, Aline pensava, não sem um penoso sentimento de deslealdade para com sua amiga, até que ponto essa sabia o que devia temer do assassinato de Barry Swete.

CAPÍTULO XVII

O PACTO

Gerry tinha razão. Rodney não se mostrou maleável. Sob um gigantesco olmo do belo parque, Aline, sentada sôbre o relvado, discutia com êle.

— Você não pode fazer isso, Rod. Sei que não vai fazer! E' preciso, acima de tudo, deixar Gerry fora dêsse drama.

Deitado e com a fisionomia fechada enquanto com as mãos desfolhava uma flôr silvestre, Rodney respondeu:

— Você tem razão, mas não muita, Aline! Quanto ao que diz respeito a Gerry, estou de acôrdo. Mas é preciso considerar o crime. Se Gerry está realmente implicada, não sei como conseguiremos evitar que ela apareça...

— Não quero insinuar... Bem sabemos, você e eu, que ela nada tem que ver com êsse drama. Mas não ignoramos, também, suas relações de amizade com Barry.

— Que acha você dessa amizade, Aline?

Ela enrubeceu, antes de responder:

— Se eu soubesse a resposta para essa pergunta, não perguntaria a você, Rod Mas não sei. Só posso dizer o que penso Penso que Gerry não é a espécie de mulher que você imagina. Sem dúvida, Barry devia exercer sôbre ela uma atração das mais vivas, e ela não é daquelas que recuam diante de um risco. Mas, como disse, tenho a profunda impressão de que ela continua a amar Sholto e que... Em suma: confio na honestidade de Gerry!

— Neste caso, ela nada tem a temer.

— Tem tudo a temer, ao contrário! Quando Manderton tiver essa arma na mão, êle, que já alimenta suspeitas, iniciará novas buscas, mesmo que tivesse a certeza de que Barry tinha sido assassinado com outra arma. Sir Charles e lady Julia sabem alguma coisa, relativamente às relações de Gerry e Barry?

— Deus nos livre! Não creio que jamais fôssem capazes de pensar que Gerry ousaria faltar com os seus deveres com Sholto. Êles são assim: têm ilimitada confiança nas pessoas a quem estimam.

— Acho isso admirável, Rod.

— Sim. E por isso mesmo, digo que Gerry nada tem a temer. Por mim, preferia morrer a ter que me abrir com mamãe

ou Chass sôbre essas nossas suspeitas. E não me refiro a Manderton... Isto será coisa inevitável. O que não impede que êle deva ter êsse revólver e que saiba como o encontramos. O resto é com êle.

Ela curvou a cabeça, com ar desanimado.

— Pode ser que você tenha razão, Rod. Mas, que vai descobrir êsse homem?

Êle continuou a martirizar a flôr que tinha em mão.

— Oh, sim! Que descobrirá êle? Eis o problema! Pois bem. Seja lá o que fôr que venha a descobrir, temos o dever de agir mais depressa do que êle. Antes de tudo, ao meu ver, importa saber o que fazia cada pessoa, nesta casa, na noite de ontem, entre onze horas e meia noite.

— Mas, Rod...

— E' por aí que Manderton vai começar! Mal seja informado de que um revólver pertencente a Gerry foi apanhado, ontem à noite, no quarto dela e que, hoje, foi achado, com uma bala a menos, na "berlinda", suspeitará de cada um de nós sucessivamente, desde Chass às cozinheiras. E' assim que a polícia procede.

— Creio, entretanto, que não lhe faltarão meios de provar que uma certa bala foi atirada por um determinado revólver. Manderton, portanto, terá apenas que verificar se a bala que matou Barry podia ou não ter sido disparada por êsse revólver e se...

Notou em Rodney, nesse instante, uma expressão tão estranha, que emudeceu.

— Mas, Rod — balbuciou pouco depois. — Você não imagina que...

— Reflita, Aline! É sôbre êles que o tribunal de justiça se baseia. Constituem o que se chama de *prova indireta*. Entre êsses fatos, há coincidências. Formam, aliás, as excessões, e a razão prescreve que sejam mantidas afastadas, até que esteja claro, que a um dado problema elas podem fornecer a única solução plausível. Examinemos os fatos com lógica.

Ajoelhou-se sôbre o relvado, ao lado de Aline.

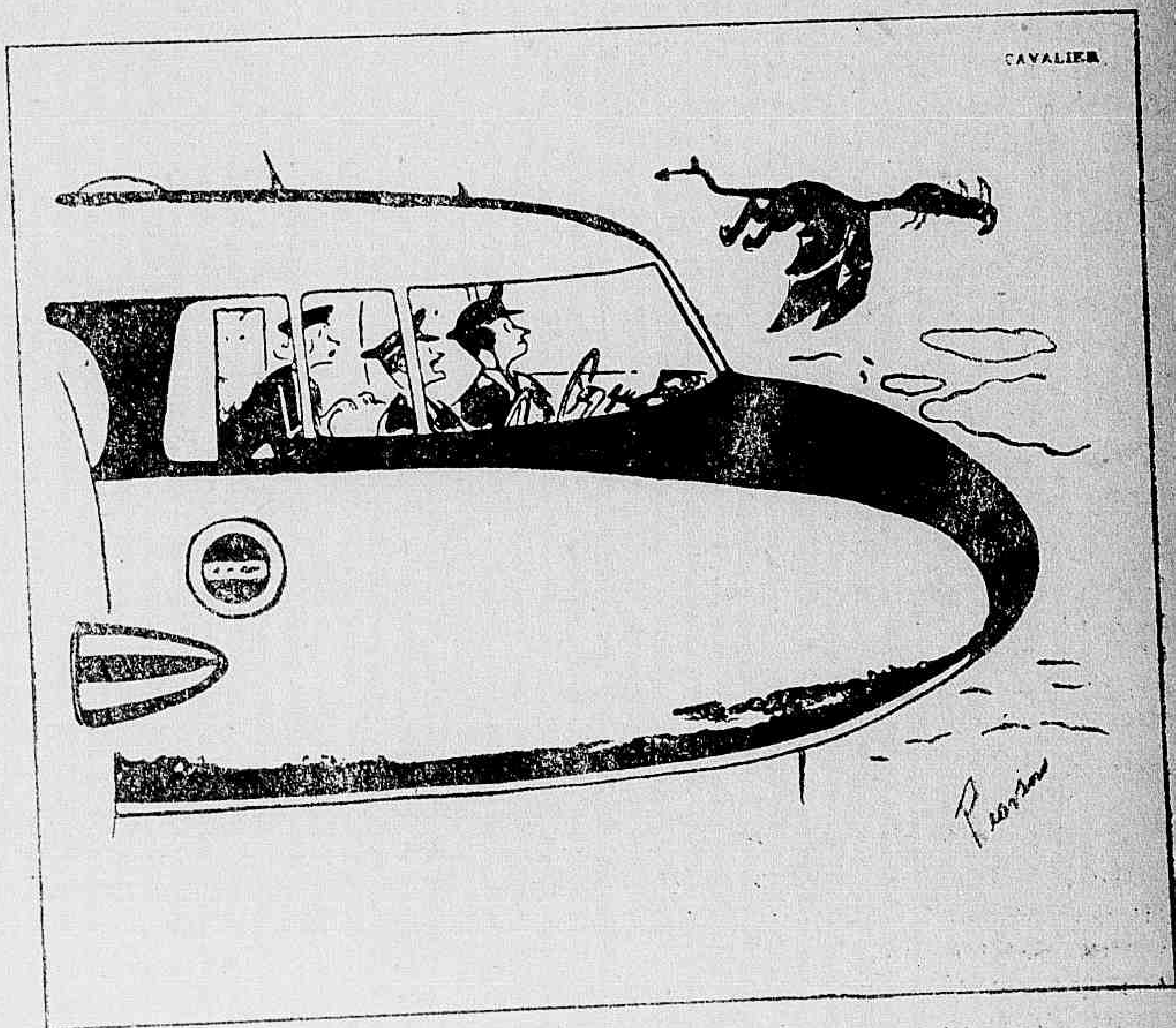
— Não encontramos a arma com a qual Barry foi assassinado; porém, um revólver do mesmo modêlo do que serviu para o crime é descoberto, em condições suspeitas, aqui mesmo, em Frant House! Sem dúvida, é possível que alguém desta casa... digamos: Murchie — pois é êle, aparentemente, a única pessoa sabedora de que Gerry tinha um revólver guardado naquela gaveta... Pode ser que Murchie tenha apanhado a arma ontem à noite, sòmente para caçar um passarinho na praça pública. Isso é possível, mas não provável, nem aceitável, pois haveria em tudo isso uma bizarra coincidência. Até que consigamos saber que existe a coincidência, somos forçados a presumir que o revólver em questão *foi realmente a arma que tirou a vida a Barry!* Compreendeu?

Emocionada, com os lábios comprimidos, Aline fêz um sinal de cabeça, afirmativo.

— Se admitirmos, embora grave como é, essa presunção, somos forçados a admitir também a conseqüência natural, ou seja: que o assassino foi esconder a arma na "berlinda". Um dos dois desconhecidos, citados no início do inquérito (ou mesmo os dois) poderia parecer, de início, o autor do crime. Se forem êsses estranhos, talvez um dêles tenha conseguido penetrar, altas horas da noite aqui mesmo, a fim de esconder a arma. Mas, como a precedente hipótese, é também coisa improvável. Então, que devemos concluir? Ou que o criminoso pertence a esta casa, ou tem um cúmplice, aqui mesmo!

— Oh, Rod! Sinceramente, você não acredita em tal coisa?

— Não sei em que devo acreditar. Sei



— Não vamos contar nada do que vimos. O mundo já anda muito preocupado...

que tudo isto parece insensato, que deve haver outra explicação, muito simples... Mas não é possível lutar contra a lógica, Aline! Em todo caso, se existe uma explicação, ligada a uma coincidência, pretendo procurar Manderton e tudo dizer. Até lá, mais vale, para nós, entender que estamos todos implicados neste drama. Eis porque, importa determinar exatamente o que cada um, nesta casa, fêz na noite de ontem, entre 11 horas e meia noite. Em outras palavras, é preciso que apresentemos a Manderton, se isso fôr possível o que chamarei de carta limpa. Comecemos por nós dois. Verifiquemos os nossos atos e gestos, como se um fôsse Manderton. Suportarei o primeiro interrogatório. Você representa o detective. Pode começar!

Ela riu, mas era um riso que soava falso e revelava mêdo

— Não sei realmente como devo fazer — disse ela.

Vejamos — disse êle, pensativo. — Imagino que Manderton perguntaria, de início, *onde eu passei a noite.*

— Pois bem: Onde voce passou a noite?

— Você deveria ser mais exata... Interrogar-me, por exemplo, antes de tudo, sôbre *as circunstâncias do meu jantar.*

— Pois seja. Você jantou em casa?

— Não.

— Onde jantou, então?

— No "Bath Club".

— Só?

— Não. Nem sou sócio.. Com George Alfriston.

— E depois do jantar?

— Fui até *meu* clube, consultar algumas obras da biblioteca, para o meu romance.

— A que horas deixou o seu clube?

— Um momento! Você deveria perguntar, se estou capacitado a justificar êsse meu álibi.

— Muito bem, mas o seu amigo, do "Bath Club", lá estaria, em caso de necessidade...

— Penso no *meu* clube. Não me lembro de haver falado com quem quer que seja. Mas o porteiro do "hall" pode ter visto quando eu entrei. Êle tem um caderno, no qual anota os nomes de todos os membros que entram e saem; verificarei êsse ponto. De qualquer maneira, deixei o meu clube cêrca de onze horas e meia, para voltar, a pé, para casa.

— Dirigiu-se diretamente, para "Mayfair Row"?

— Sim. Você mesma lá estava às onze e meia, não é verdade? Encontrei-a minutos depois. De meu clube quanto tempo é necessário para chegar até a casa de Barry? Quatro ou cinco minutos, no máximo. Se o porteiro do "hall" registrou minha saída, tudo vai bem. E agora, cabe a você responder. Você estêve ontem na côrte, com minha mãe. Que horas eram, quando voltaram para "Frant House"?

— Pouco menos de onze horas.

— Não poderia dizer com mais exatidão?

— Sei a hora em que tornei a sair: onze horas justas. Ouvi bater o pêndulo.

— Que fêz você em casa?

— Troquei algumas palavras com lady Julia e Murchie. Depois estive na biblioteca, para mostrar minha "toilette" ao almirante.

— E depois?

— Fui ao fotógrafo.

— A que horas saiu?..

— Isso é o que não recordo muito bem. Porém o automóvel me levou diretamente a casa de Barry. Soavam onze e meia quando ali cheguei.

— Poderia provar o que diz?

— Giles poderia. Êle me levou ao fotógrafo e ficou esperando que o artista terminasse.

— Estamos, pois, esclarecidos quanto a você mesma. Passemos aos outros. Você estava com minha mãe. Que fêz ela, depois que voltou para casa?

— Subiu para deitar-se.

— Teremos, se necessário, o testemunho de Cox. E Chass?

— Jogava "bridge" com tio Eustaquio o almirante e Murchie

— Exato. E você os deixou jogando, não foi assim?

— Creio que estavam terminando a partida, pois passaram todos para o "hall" a fim de ver a minha saída.

Rodney refletiu um momento.

— Deveríamos — disse êle, afinal — tratar principalmente das pessoas que parecem estar implicadas no drama.

Um sentimento comum fêz que seu olhar e o de Aline se cruzassem.

— Você se refere... a Gerry? — perguntou ela.

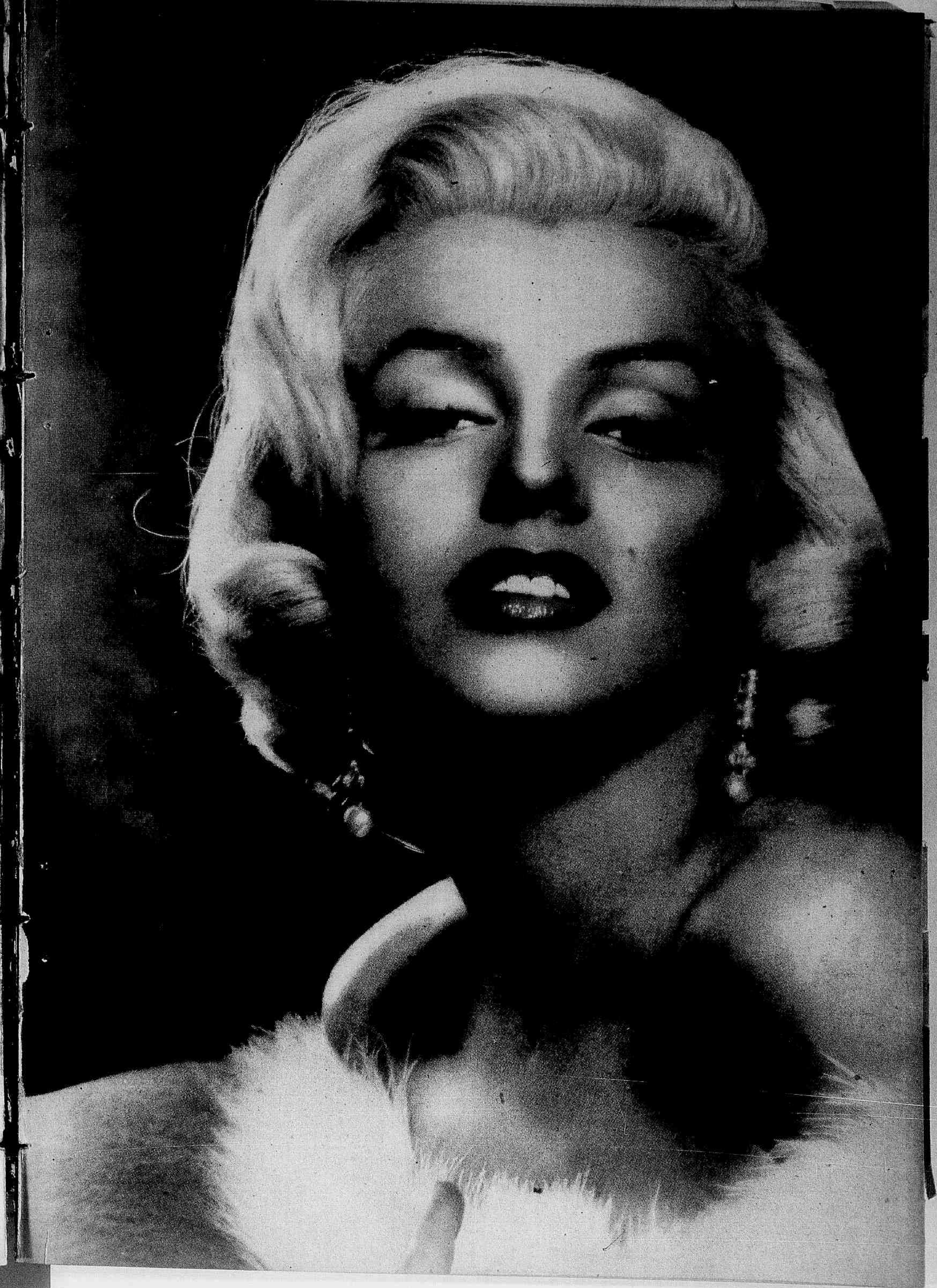
— Justamente. Ela saiu para a ópera Suponhamos que tivesse ido visitar Barry Como se arranjaria para isso?

Aline respirou com fôrça.

— Não acha você um tanto mesquinho estarmos assim, como que pelas costas suspeitando dela? Seu marido não está presente, Rod, e ela não tem ninguém neste mundo...

— Seja dito, de passagem — replicou friamente Rodney — que esta manhã mesma telegrafei para Sholto, em Nápoles onde êle se encontra, aconselhando-o a voltar imediatamente. Deverá estar aqui depois de amanhã, no máximo. Mas nada disse a Gerry, pois não sei como receberia a notícia.

(Continua no próximo número)



MARYLIN MONROE

Sua vida lembra muito a da própria Cinderela. Quando tinha nove anos, vivia no Lar da Criança Órfã, em Los Angeles, a poucos passos dos estúdios da RKO, e a vista do lugar, onde são feitos os filmes cinematográficos, enchia a sua cabecinha de sonhos. Uma vez, com as demais meninas do orfanato, foi ao estúdio, a fim de receber presentes de Natal.

Mal sabia que, em 1951, voltaria ao mesmo estúdio para filmar o principal papel em uma produção! Já, antes, a Fox a havia contratado e a levava, ràpidamente, para o estrelato. Entretanto, coube a Jerry Wald e a Norman Krasna dar-lhe a primeira oportunidade em "Clash By Night", da RKO, figurando o seu nome juntamente com os de Barbara Stanwyck, Paul Douglas e Robert Ryan .

Seu verdadeiro nome é Norma-Jean Baker, mas não tem lembrança dos pais. Sua mãe sempre foi uma inválida e o pai morreu, num acidente de automóvel, pouco depois dela nascer, em Los Angeles, a 1 de junho de 1928. A partir de então, além do orfanato, Marylin passou a viver em sucessivas casas de família, como criada, até ir para a casa de Mrs. Anna Lower, que, até morrer, tratou a órfã como se fôsse sua filha. Com essa senhora, ficou dois anos. Aos 15 anos, estando completando os estudos ginasiais, Marylin experimentou a vida conjugal. Isto, porém, durou pouco e ela não gosta de recordar nada dêsse período. Depois de completar seus estudos na Escola Superior de Van Nuys, em San Fernando Valley, foi trabalhar para a Rádio Plane Company, dirigida pelo antigo ator cinematográfico Reginald Denny. Seu trabalho consistia em inspecionar os pára-quedas ali fabricados. Aumentava sua renda, posando como modêlo, quando surgiu nas capas das maiores revistas norte-americanas e também em "folhinhas" artísticas. Seu físico e suas poses impressionavam vivamente, tendo lançado novos tipos de roupas para banho, "sweters", etc. Tudo isso despertou a atenção dos produtores de filmes. Pouco depois, assinava um contrato com a Fox, para a qual fêz "Scudda Hoo, Scudda Hay". Porém a sua pequena parte nesse filme acabou, conforme já é tradicional em Hollywood, no Departamento de Cortes. No fim do ano, seu contrato não foi renovado. Foi, então, que surgiu a Columbia, contratando-a para um "musical": "Ladies of the Chorus", em que teve o papel de uma Rainha de Beleza. Depois, tornou a "afundar". Mas não desistiu. Um dia, foi trabalhar para Groucho Marx, que precisava de uma loura para seu filme "Happy Love". Quando Marylin surgiu na tela, imediatamente, os jornalistas a entrevistaram e suas respostas foram sensacionais. A um que perguntou como se vestia para dormir, respondeu: — "Cubro-me, apenas, com uma gôta de Chanel n. 5". Isso causou escândalo e aumentou sua popularidade. Já era uma personalidade. Fêz outros filmes, tais como "Asphalt Jungle" e "All About Eve", com Bette Davies, Anne Baxter, George Sanders e outros "grandes". Em vista do êxito do último filme, Darryl Zanuck, imediatamente, contratou Marylin por cinco anos. E êsse retôrno ao estúdio da RKO termina um ciclo na vida de Marylin, que voltou, assim, ao primeiro estúdio cinematográfico que pisou, quando tinha nove anos de idade, numa noite de Natal. Outros filmes de Marylin são: "A Ticket To Tomahawk", "As Young As You Feel", "Let's Make It Legal" e "Love Nest".



O TRABALHO, MEDICINA PODEROSA

NA «REPÚBLICA JUVENIL DA CALIFÓRNIA», RAPAZES «INCORRIGÍVEIS» APRENDEM ESTA VERDADE, CONVERTENDO-SE EM ELEMENTOS ÚTEIS À SOCIEDADE.

JACK é um rapazinho de 15 anos, muito desenvolvido para sua idade, de inteligência média e empreendedor como poucos. Seus pais não conheceram comodidades. Habitam uma casinha miserável nos arrabaldes de uma pequena cidade da região.

Quando contava 12 anos, Jack teve seu primeiro contato com os representantes da ordem pública, por um furto que cometeu numa loja. Depois, continuou cometendo roubos de maior ou menor importância, até que chegou a ver-se envolvido numa rixa em que as navalhas entraram em ação. Tornou a cair em mãos da justiça, que, nesta ocasião, foi mais severa. O rapaz ainda não recobrou a liberdade.

Qualquer pessoa diria não ser brilhante o futuro que espera êste adolescente. E eu, também, seria levado a assim crer, se não tivesse oportunidade de observar o que estou observando.

Vejo o robusto Jack entregue ao trabalho de limpar a pá de sua enxada, em uma granja ensolarada, de cêrca de 100 hectares de extensão, pela qual, nos 44 anos de sua existência, passaram mais de 4000 rapazes, melhores e piores que êle, e que dali saíram convertidos em elementos úteis à sociedade, para prestar serviços proveitosos em propriedades campestres, casas de impressão e em vários outros setores. Trata-se da «República Juvenil da Califórnia». São múltiplos os casos de rapazinhos «incorrigíveis» que, graças à influência desta granja, chegaram a ser homens respeitáveis e úteis. Não constitui motivo de admiração, pois, a minha inclinação em crer que são prometedoras as perspectivas para Jack, ou o otimismo que muitos rotarianos compartem comigo.

O nome que se deu à instituição é um tanto singular. Talvez seja devido a que ela constitui muito mais que uma simples granja. Para que o leitor possa compreender todo o alcance desta afirmação, convido-o a acompanhar-me em uma visita a esta instituição de reabilitação humana, na qual puseram sua fé — e não pouco dinheiro — centenas de homens de negócios e profissionais. Uma vez nos terrenos da «República», que se fundou em 1907, passamos por entre hortas bem cultivadas e vemos, de um lado, um rebânho de vacas leiteiras, que pastam numa ravina mais distante. Paremos um pouco no coração mesmo do estabelecimento, que é constituído por várias casas, pequenas e atraentes, cobertas de telhas. Na construção que temos diante de nós estão instalados o refeitório e a cozinha. Nas demais, estão a lavanderia, a biblioteca, o hospital, a escola, a capela, etc., assim como a piscina de natação e outros locais para esportes.

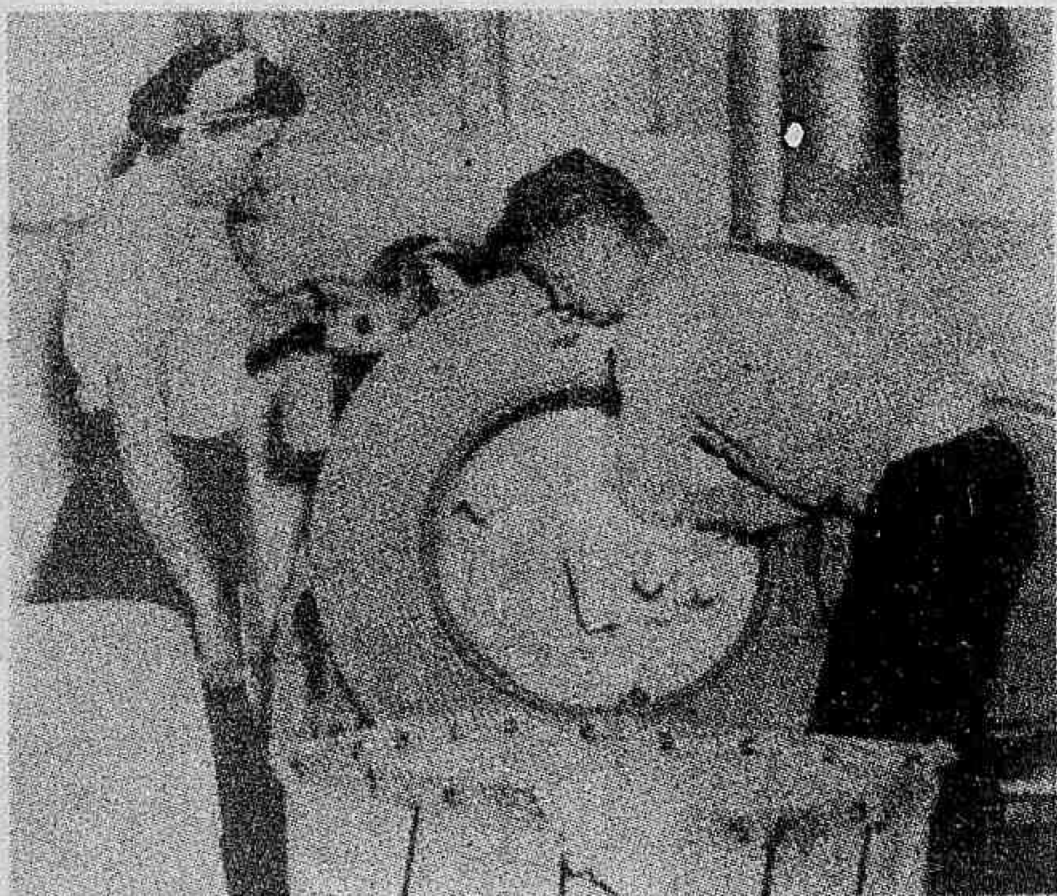
Cento e vinte-e-cinco rapazes, de 14 a 18 anos, vivem, trabalham e gozam a vida ali, além de governarem a si mesmos, graças a uma república em miniatura, baseada no aforismo de que «Nada se consegue sem trabalhar».

Pouco a pouco, esta idéia se vai enraizando na consciência dos adolescen-



Confecção de coroas para os festejos do Natal. A «República» produz cêrca de 7 500, em cada outono.

tes que integram a pequena república. Quase todos estão sob a custódia das autoridades judiciárias. São menores que deram algum passo mal orientado, e aos quais, segundo o conceito dessas autoridades, podem beneficiar o ambiente com-



E, como parte do programa de acurada educação, a lavagem de roupas é tarefa que lhes fica a cargo.

preensivo da granja, a disciplina a que ali estão sujeitos, e o sentido de responsabilidade que a «república» lhes infunde.

— Não podemos, nem devemos, permitir que o Estado faça, em favor dêsses rapazes, o que é necessário fazer para auxiliá-los a ajudar-se a si mesmos! — sustenta o diretor administrativo da instituição, Dalbert Fiock.

A nossa atenção é atraída para as hortas, nas quais os futuros hortelãos aprendem a fazer a terra produzir. Notamos, também, que as vacas leiteiras constituem, «em primeiro lugar, um instrumento na educação dos jovens que irão dedicar-se à indústria leiteira e, em segundo, um meio de prover uma porção importante da alimentação dos que habitam a granja.»

Passamos, em seguida, à administração, onde somos apresentados a Frank Graves, homem de palavra acalentadora e veterano conselheiro dos rapazes. São-nos mostradas, agora, outras coisas de particular interêsse, como o campo desportivo, construído pelos próprios rapazes, a lavanderia, a cozinha, a oficina mecânica, perfeitamente dotada de todos os aparelhos modernos que adornam um setor como êsse.

Nossa curiosidade é, então, despertada, por escutar, repetidas vêzes, as palavras «Della Robbia». A explicação é encontrada numa «fábrica», na qual os rapazes produzem cêrca de 7 500 «coroas de Natal», em cada outono, e que são enviadas para localidades diferentes do território norte-americano e, também, para outros países da América.

Estas coroas são feitas com galhos de árvores da região, adornadas com vagens, borlas, pequenas e douradas laranjas, maçãs vermelhas e frutas de diversas espécies. Têm certa semelhança com as famosas coroas de terracota esmaltada que Della Robbia, o célebre escultor italiano do século XV, costumava esculpir.

A origem desta «República» remonta a 1895, quando Guilherme R. George, de New York, lançou a idéia de que cada um dos Estados da União Norte-Americana contasse com uma comunidade organizada, na qual rapazes, criados em ambientes pouco propícios, desfrutassem de uma oportunidade para endireitar o rumo de suas vidas.

Dois anos mais tarde, o juiz Wilbur, do Tribunal de Menores de Los Angeles, e uma filantrópica senhora, Margarida Fowler, aproveitaram essa idéia e sugeriram a um grupo de amigos a criação daquela instituição de benemerência.

Diversos clubes contribuem para a manutenção da «república», e a parte restante das despesas da mesma é coberta com a venda de alguns produtos da granja, assim como com donativos que recebe, e com o auxílio que lhe presta um certo fundo, destinado a obras de beneficência.

Durante dezoito meses, os rapazes permanecem nessa granja.

Em tal período se lhes incrusta, em forma indelével, a idéia de que, para obter as coisas apreciáveis que a vida oferece, é necessário trabalhar.

Guilherme, jovem pertencente a uma família relativamente abastada, havia contraído o costume de apropriar-se, pràticamente, de tudo que ficasse ao seu alcance, em lojas, escolas, e nas casas dos seus colegas e vizinhos.

As autoridades judiciárias recomendaram sua admissão na «República». Guilherme se opôs, a princípio, à influência reorientadora da instituição, mas, passado o período de transição, o rapaz tomou o caminho apropriado e se graduou, com distinção, naquela escola prática.



Na oficina mecânica, os rapazes fabricam ou consertam muitas das ferramentas com que lidam.

Em seguida, ingressou na marinha de guerra dos Estados Unidos, onde chegou a súbcomandante de um «destroyer» e se fêz merecedor, na última guerra, dos mais distintos galardões. Hoje, é engenheiro formado, e goza de magnífica projeção entre os seus concidadãos.

Aquêle rapazinho, que não sentia grande respeito pela propriedade alheia, converteu-se, graças à influência da «República Juvenil», num homem a quem uma das grandes emprêsas fabris do sul da Califórnia encarregou de dirigir o seu departamento de segurança.



O cuidado e trato dos animais constitui um dos importantes ensinamentos ministrados na granja.



A granja consta de 100 hectares de terra produtiva, na qual se adestram os 125 rapazes que povoam a «República», em tarefas que poderão constituir, mais tarde, um meio de ganharem a vida.

* *

ESCALA DE VALORES

UM turista, na Venezuela, admirava o colar que um índio exibia.

— De que está feito? — perguntou.

— De dentes de crocodilo — respondeu o índio.

— Ahn! Compreendo... Para vocês os dentes de crocodilo têm o mesmo valor que as pérolas para nós.

— Não é bem o mesmo — respondeu o índio, serenamente. — **Qualquer pessoa pode abrir uma ostra.**

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PEDRO (Santo), em latim: Petrus, em arameu: Káphah, de onde a tradução latina Céphas, chefe dos doze apóstolos, nascido em Bethsaida (Galiléia), em fins do século I, antes de Jesus Cristo. Seu pai se chamava João; teve um irmão, chamado André, que também foi apóstolo de Jesus. Era casado e residia com a sua sogra em Cafarnaum. Pescador de profissão, nas margens do lago de Genesaré, era conhecido com o nome de Simão, filho de João. Chamado por Jesus, tudo abandonou para seguir o Mestre. Figura na cabeça da lista que S. Mateus dá aos apóstolos, Jesus, após uma solene confissão de fé, impôs-lhe o nome que se tornara imortal, dizendo-lhe: «Tu és Pedro (Petrus-Pedra) e sôbre essa pedra construirei a minha Igreja.» (S. Mateus, XVI, 18). Na véspera da Paixão, foi encarregado de confirmar no futuro os seus irmãos na fé. Quando Jesus anunciou a deserção dos Apóstolos, Pedro exclamou que, quanto a si mesmo, jamais abandonaria o Divino Mestre. De fato, ao ver chegar os homens armados que se apossaram de Jesus, no Jardim das Oliveiras, empunhou a sua espada e feriu um dos servidores do Grande Sacerdote, chamado Malchus. Mas, pouco depois, tendo penetrado no pátio do palácio de Caifás, perturbou-se e, por três vêzes, negou o seu Mestre, que, dias antes, anunciara essa sua fraqueza. Um olhar de Jesus, entretanto, foi suficiente para que Pedro compreendesse tôda a medonha grandeza da sua falta, falta que chorou por todo o resto da sua vida. Após a ressurreição, prevenido pelas santas mulheres, correu, com João, ao túmulo que encontrou vazio. As aparições de que foi testemunha, ora só, ora em companhia dos Apóstolos, em Jerusalém e na Galiléia, firmaram a sua fé em alicerces indestrutíveis. Ao mesmo tempo, Jesus, confiando-lhe as chaves dos céus e a missão de «cuidar de suas ovelhas», o instituiu chefe da sua Igreja. No dia de Pentecostes, Pedro entra imediatamente em função. É o primeiro a pregar aos Judeus a ressurreição de Jesus e logo três mil homens se convertem a sua palavra. Seu segundo discurso eleva a cinco mil o número de fiéis. Citado, três vêzes seguidas, diante do conselho dos sacerdotes, juntamente com S. João, foi censurado a primeira vez, prêso à segunda e chicoteado à terceira. Embora residente em Jerusalém, visitou a Samaria, onde confundiu Simão, o mágico, e, após a perseguição que seguiu a morte de Sto. Estêvão (37-40), percorreu a Judéia e a Galiléia. Avisado por uma visão, batizou, em Cesareia, o centurião romano Cornélio e recebeu, em sua pessoa, as premícias da graça. Por ocasião da perseguição dos cristãos por Herodes Agripa, deixou Jerusalém e iniciou suas excursões apostólicas. Em Antióquia, encontrou S. Paulo, que já havia recebido, em Jerusalém, após a sua conversão, e com êle teve a controvérsia relatada na Epístola aos Galatas, sôbre as relações dos pagãos convertidos. (Ver Paulo). A crença tradicional da Igreja Católica, confirmada pelos mais antigos monumentos, é a de que Pedro estêve uma primeira vez, em Roma, sob o reinado de Cláudio, no ano 42. É encontrado, dez anos depois, em Jerusalém, por ocasião do concílio apostólico, cujos debates dirigiu. Os escritores eclesiásticos dos primeiros séculos atestam que Pedro voltou a Roma, durante o reinado de Nero. Foi encerrado na prisão Mamertina e crucificado, de cabeça para baixo, sôbre a colina do Vaticano, no mesmo dia em que S. Paulo teve a cabeça cortada na via de Óstia (provav. em 67). Seus restos, recolhidos pelos fiéis, foram sepultados junto do local do seu suplício. Transportados, em 528, para a catacumba de S. Calixto, foram restituídos, pouco tempo depois, para a sua primeira sepultura. Foi ali que se levantou a primeira basílica Vaticana, substituída, na Renascença, pela que hoje é admirada. A liturgia católica consagra à memória de S. Pedro: as festas de S. Pedro e S. Paulo (29 de junho), de S. Pedro dos laços, em recordação do milagre que desfez as cadeias que o prendiam (1º de agôsto), da Cadeira de São Pedro, em Roma (18 de janeiro).

S. Pedro é o autor de duas Epístolas canônicas, que têm o seu nome. O Evangelho, as Viagens, o Apocalipse e as Atas de Pedro são trabalhos apócrifos, compostos nos séculos II e III.

PEDRO (Santo) patriarca de Alexandria e mártir, morto em 311. Em 306, presidiu um concílio que depôs Melécio, bispo de Licópolis; porém êste, tendo recusado submeter-se, suscitou um chisma que durou, no Egito, cento e cinqüenta anos. Há quem afirme que as denúncias de Melécio designaram o patriarca de Alexandria ao César Máximo Daia, que ordenou o seu degolamento. Restam dêsse santo Cânones Penitenciais, em grego, alguns fragmentos de uma Homélia e de um tratado Sôbre a Divindade.

PEDRO I, de Alcântara, imperador do Brasil, filho de João VI, rei de Portugal, nascido em Queluz, perto de Lisboa, em 1798, morto em Lisboa em 1834. Partiu para o Brasil em 1807, quando a família real se viu forçada a deixar Portugal, diante da invasão francesa e ficou no Rio de Janeiro, como o príncipe-regente, no momento do retôrno da sua família a Lisboa. As Côrtes Portuguêsas pretenderam chamá-lo e submeter estreitamente o Brasil ao govêrno metropolitano. D. Pedro, aproveitando a agitação causada por tais decisões, fêz-se proclamar protetor perpétuo do Brasil, depois imperador constitucional, em 1822. Outorgou ao Brasil, em 25 de março de 1824, uma Constituição liberal. Rei de Portugal, com a morte de seu pai (1826), deu uma Constituição a seus súditos, em favor de sua filha, D. Maria (1826). No Brasil o êrro de sua política na banda oriental (1828), os atrasos e restrições na aplicação da Carta irritaram os brasileiros; não tardou a estalar a revolta no Rio de Janeiro (6 de abril de 1831); D. Pedro cedeu a coroa a seu filho (7 de abril). Após prolongada e terrível luta, reconquista o trono português ao seu irmão, D. Miguel (que desde 1828, despojara a sobrinha, D. Maria, impôs ao usurpador o tratado de Evoramonte (1834) e fêz declarar maior a rainha D. Maria. D. Pedro havia desposado a arquiduquesa da Áustria, Leopoldina (1817), filha do imperador Francisco, morta em 1826 e, em segundas núpcias, Amélia (1829), filha do duque Eugênio de Leuchtenberg.

PEDRO II, de Alcântara, imperador do Brasil, nascido no Rio de Janeiro, em 1825, morto em 1891, em Paris, filho do precedente e da arqueduquesa Leopoldina. Imperador em razão da abdicação de seu pai, em 1831, teve por tutor José Bonifácio de Andrade e Silva e, depois, o marquês de Itanhaem (1833). A regência foi perturbada por numerosas rebeliões federalistas dos militares. Maior, em 23 de julho de 1840, D. Pedro, depois da pacificação do país (1841-1845), observou estritamente a Constituição, chamando alternativamente ao poder os conservadores e os liberais. Sustentou o Uruguai contra os ataques de Rosas, ditador argentino, que foi, finalmente, derrubado (1851-1852) e aliou-se à Argentina e ao Uruguai contra o presidente do Paraguai, Lopes II. Abriu o Amazonas à navegação, em 1866, favoreceu a imigração, proibiu o tráfico dos pretos (1850), libertou todos os negros do Brasil (1888) e deu vivo impulso aos trabalhos públicos. Porém, os republicanos, alarmados com as tendências conservadoras da princesa imperial, fomentaram no Rio de Janeiro, o levante de 15 de novembro de 1889. D. Pedro abdicou e a 7 de dezembro chegou a Lisboa. Realizara, antes, diversas viagens à Europa, entrando em relações com grande número de personagens ilustres do seu tempo, notadamente com Victor Hugo. Foi também associado estrangeiro da Academia das Ciências de Paris (1877). Desposara, em 1843, a princesa Teresa-Cristina-Maria, filha de Francisco I, rei das Duas Sicílias, da qual teve duas filhas, a mais velha foi a princesa imperial, Isabel, casada com o conde d'Eu.

NOSSAS IRMÃS DA AMÉRICA

COLÔMBIA

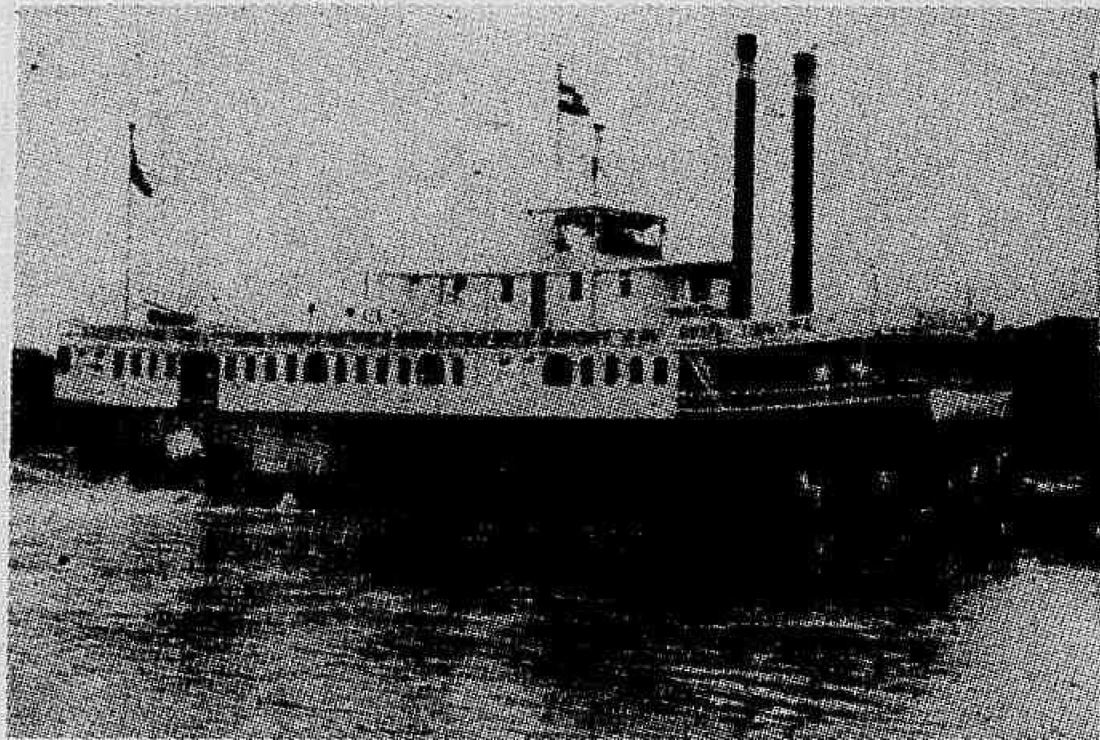
DESCENDO O MADALENA

Por W. E. DUNN

O rio Madalena é uma importante artéria de transporte para produtos agrícolas entre a Colombia Central e o Oceano. O uso do aeroplano está tão generalisado na Colombia, que é difícil a obtenção de informes seguros à respeito de viagens de trem ou navio fluvial, que eram, últimamente, os principais meios de comunicação. E isso é tanto mais verdadeiro quando se trata de uma viagem de Bogotá ao pôrto de Barranquilla, no Oceano Atlântico, por via férrea e pelo rio Madalena.



Um trem diário percorre, de Bogotá a Puerto Salgar, uma distância de 125 milhas. A viagem é monotona, gastando 7 a 8 horas: mas, ao longo do caminho, há muito colorido e coisas interessantes. Os passageiros habitùalmente conduzem suas próprias refeições e água de beber, não obstante haver um carro ligado ao trem da manhã. Bogotá fica a 8.700 pés acima do mar; Puerto Salgar está a cêrca de 640 pés. Partindo-se com sobretudo e agasalhos, chega-se a Puerto Salgar, no fim da tarde, com roupas leves. Deixando-se Bogotá pela manhã, o trem corre para Oeste, através da *sabana* de Bogotá, por entre vastas e planas pastagens de capim e campos de milho e trigo. O ar é puro e salutar nessas alturas e a paisagem belíssima. Um pouco além da cidade de Facatativa, a estrada deixa a *sabana* e começa sua longa descida pelas ladeiras da Cordilheira Oriental. O ar se torna sempre mais quente; pastagens e campos de trigo dão lugar a abruptas encostas de montanhas cobertas de florestas, plantações de café, de cana de açúcar, milho e yuca.



Uma das barcas de roda, que navegam no Madalena.

A linha corta uma porção de boas cidades, inclusive recantos de férias, tais como Sasaima, (onde a altitude é, aproximadamente, de 4.000 pés), Villeta e Utica, descendo gradualmente da frieza das montanhas de Bogotá para o baixo e quente vale de Madalena. De Villeta o trem segue a profunda e enrodilhada garganta do rio Negro. Aqui e acolá, bosques de ramalhudos bambús, que parecem crescer em tôda a Colombia, e que o povo usa para muitos misteres (construção de casas, cêrcas, pontes, escadas, canaletes de irrigação, paliçadas enterradas para dentro do rio, para barrar a água e fazer lugares próprios para os peixes).

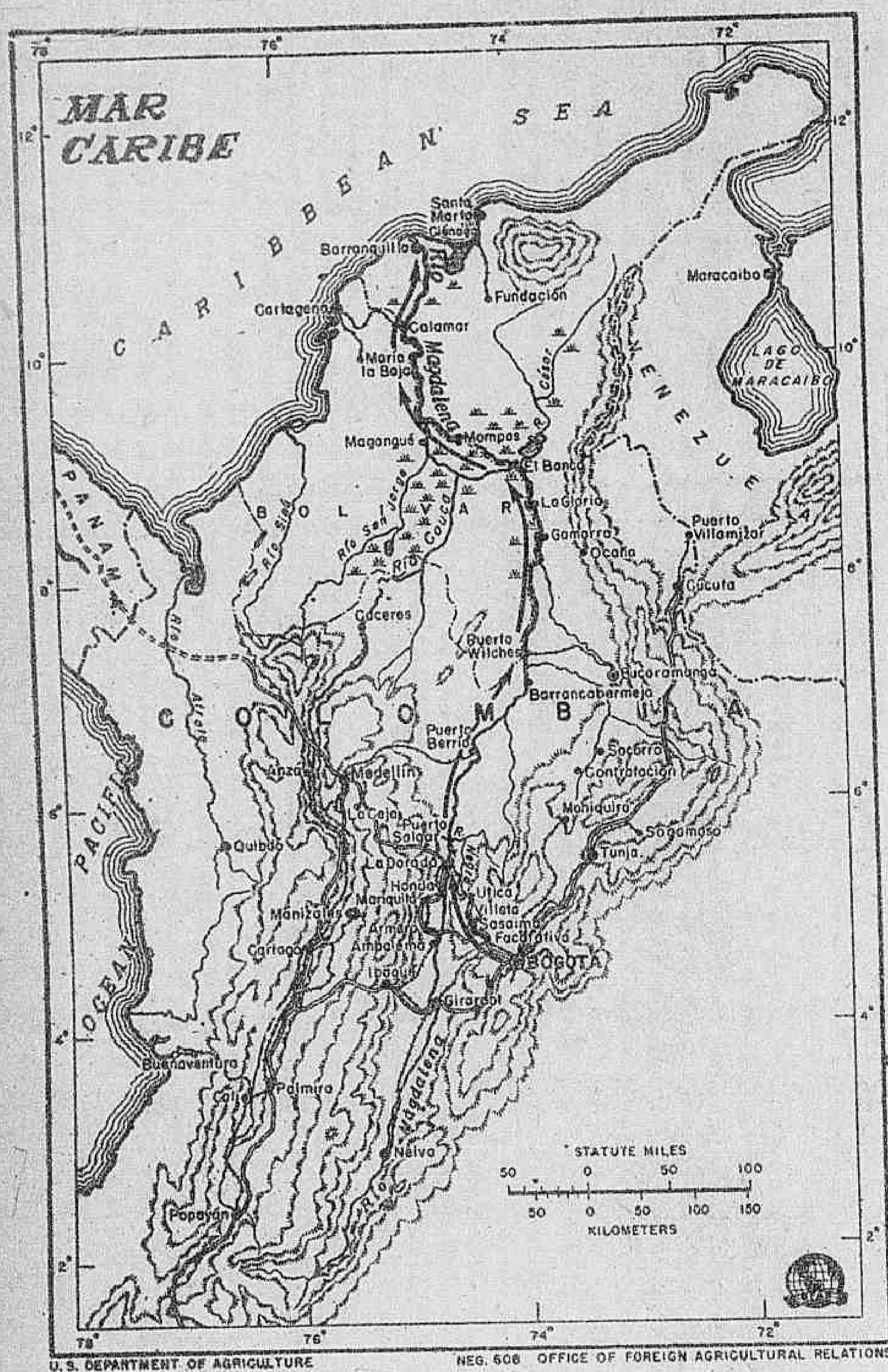
Puerto Salgar é alcançado no fim da tarde e lá se faz o transbordo para um navio de roda, que sobe e desce o rio Madalena. Os passageiros têm que andar um quarto de milha da estação ao molhe, seguidos de carregadores que levam maletas e bagagens. Assim que os passageiros estão a bordo, o navio deixa a costa e segue quase diretamente, cruzando o rio para La Dorada, onde permanece tôda a noite. A navega-

Uma vista das margens do rio Madalena, batida ao entardecer.



ção no Madalena, rio acima, exceto durante a época da cheia, de outubro a dezembro, é praticável durante o dia e os barcos habitualmente amarram e tomam carga em vários pôrtos durante a noite. A viagem a Barranquilla requer de 3 a 4 dias, *se não acontece acidente,* vencendo uma distância de, aproximadamente, 560 milhas.

Duas companhias fazem o serviço de passageiros no rio. A maior e mais antiga tem uma frota de 22 navios de roda, do tipo antigo, e 56 barcos, com uma capacidade total de, mais ou menos, 28.000 to-



Rota seguida pela expedição descendo o Madalena.

neladas e 3.000 passageiros. Depois de fazer uma descida no Madalena, é possivel compreender a importância dessa grande artéria para a economia da Colombia; dá saída para o Oceano Atlântico a 10 dos 14 departamentos da República. Sua extensão total é superior a 950 milhas, das quais 590 são abaixo das corredeiras de *Honda,* conhecidas como *Salto de Honda,* que separam o alto do baixo rio. A carga que sobe deve ser transferida dos maiores para os menores barcos ou embarcada na estrada de ferro ou por rodovia entre La-Dorada e Honda.

Conforme as principais autoridades da Colombia, sessenta por cento do total do comércio de importação e exportação do país é transportado pelo Madalena. Em 1950 suas embarcações carregaram mais de 3.163.000 toneladas de mercadoria e 275.339 passageiros.

O tráfego, rio acima, consiste da importação em transito, de Barranquilla e Cartagena para Bogotá e vale superior. De Bolivar também sobem barcos, carregados de gado para engorda nos portos ao longo do rio e no planalto de Tolina. Êste começa a pouca distância ao sul de Honda e se extende, com algumas interrupções, cêrca de 60 milhas para o sul. Do lado oeste do rio, essas pranicies interrompidas sobem gradualmente para Oeste por cêrca de 40 milhas, até Ibagué, na Cordilheira Central.

A mais importante carga que desce pelo rio é o café, que cresce, tanto nas encostas das montanhas do Este, como no vale do Oeste. Outros produtos são cultivados, mas a maior parte é consumida no local ou embarcada para Bogotá e outras cidades da *sabana.*

O milho é cultivado ao longo de tôda essa parte do rio, notadamente no pôrto de Girardot. O algodão é produzido ali e nas cercanias de Armero.

O fumo é cultivado a Oeste de Girardot e em Ambalena, ao sul de Armero. O arroz é cultivado em áreas apropriadas e salteadas, desde Armero e mesmo além da planicie sul de Neiva.

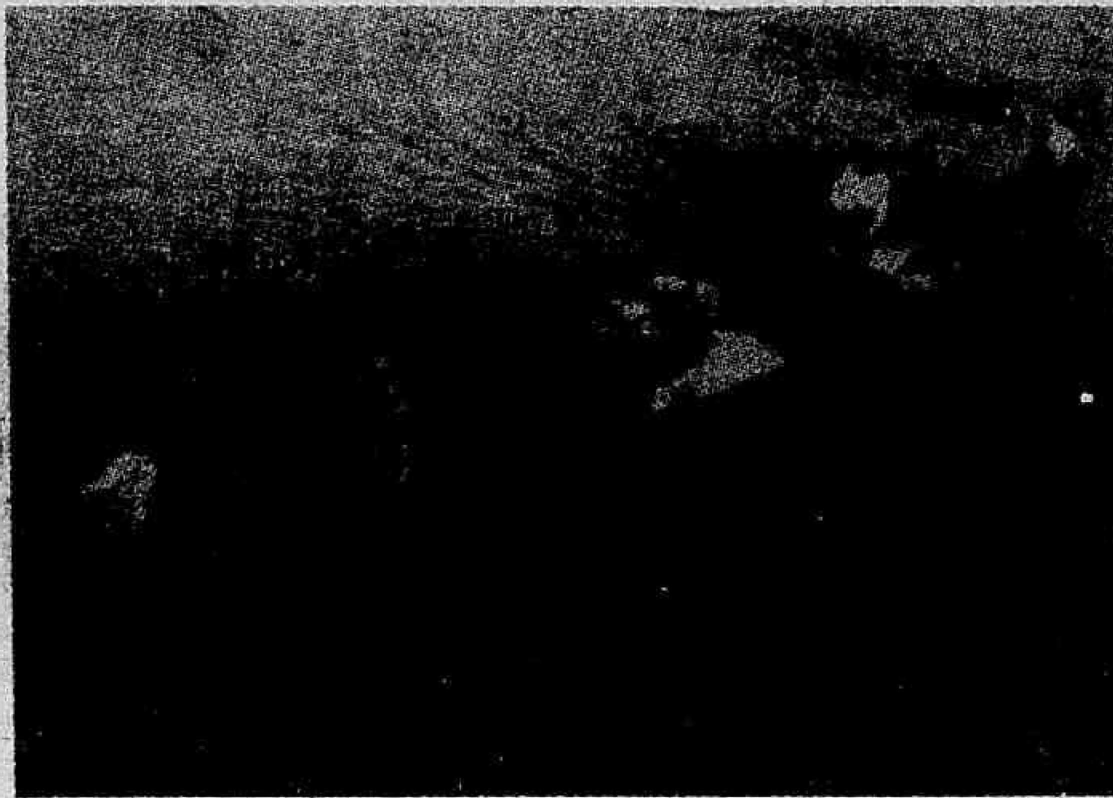
Em La Dorada o navio permanece atracado durante a noite sae de manhã cedo. A rota rio abaixo é deliciosamente ràpida para um barco de rodas, de vez que a correntesa desenvolve 5 a 6 milhas por hora!

Cada navio reboca quase sempre uma ou duas barcaças, cada qual calando 2 a 3 pés, enquanto que o navio tem 4 a 5 pés de calado. Se uma barcaça toca o fundo, o barco pára imediatamente, antes que ela se enterre no banco, retrocede e busca outro canal, para o que se faz mistér difícil manobra em curvas fechadas e em lugares baixos.

Os navios maiores têem três andares: o primeiro para a carga, o segundo para a primeira classe e o mais alto para as cabines de luxo. São estas, realmente, confortáveis, com banheiros privativos, e algumas até com ar condicionado. A alimentação é substanciosa, mas os passageiros costumam suplementar o regime com carnes e frutas enlatadas. A maior parte dos navios tem orquestra, cuja música se mistura à noite com o barulho dos carregamentos e gritos de estivadores, fortes apitos e toques de sinos. Os passageiros

são mesmo convidados a fechar as cabines do lado esquerdo do barco, evitando êsse desconfôrto durante a noite. Quase todos os portos estão na margem Oeste do rio, de modo que os barcos se voltam de geito que a frente fique para o lado de cima da corrente, enquanto carregam. Um útil auxiliar da viagem é um vaporizador, pois os mosquitos são incômodos, especialmente quando o barco está atracado. As roupas mais leves são as mais apropriadas à viagem.

A vida num navio que desce o Madalena é cheia de interêsse, durante 3 ou 4 dias e noites inteiras. Por vêzes, o gêlo se esgota entre os portos de escala, mas os mosquitos não faltam nunca; o cenário porém é soberbo, em longos trechos, com elevações ligeiras, largos vales, selvas as vêzes tão densas que não têm nenhuma estrada ou clareira e, alem, enormes montanhas se levantam, com nuvens preguiçosas flutuando em tôrno dos cumes. Não raro os passageiros se divertem observando jacarés e os pássaros, que tomam sol nas ribanceiras do rio. Há ali muitas garças e não raro um macaco é visto saltando na copa duma árvore. À tarde, o "comissário" oferece sorvete de *curuba,* na hora do chá. A fruta da árvore de curuba, que é transformada em sorvete, se assemelha ao pêcego na cor, mas tem um sabor exótico e característico.



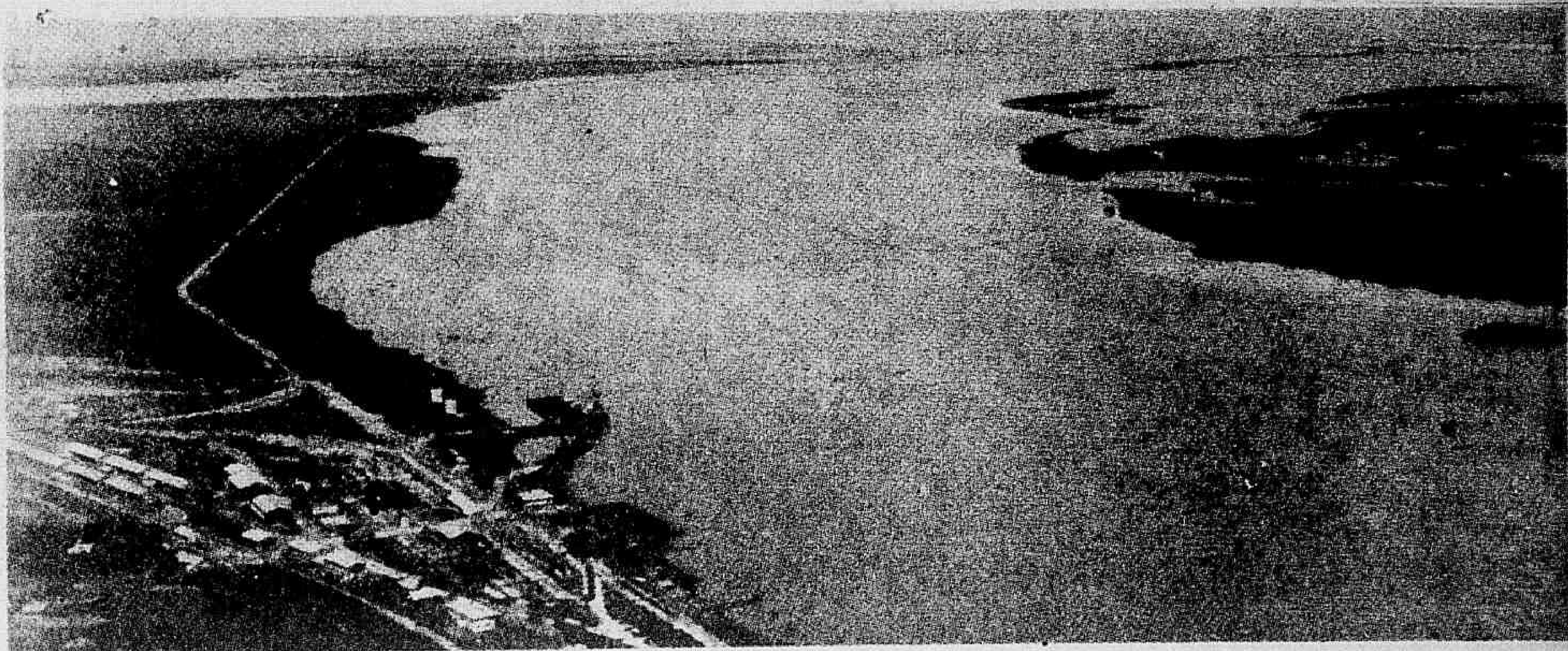
Canoas carregam produtos agrícolas e cruzam com as embarcações de passageiros no meio do rio.

Nas cidades nas quais o carregamento do navio demora, obtem-se laranjas, limas, bananas e algumas vêzes bom queijo.

Como sempre, depois de uma viagem assim, os precalços são esquecidos e os prazeres relembrados.

A área imediatamente ao Norte de La Dorada não é tão desenvolvida quanto o Sul. A maior parte das melhores terras, especialmente as planícies inundadas, ao longo do rio, é limpa e destinada a pastagem de gado, mas grande parte permanece em mata virgem. Alem dêsse que é ali criado, muito gado é comprado à Bolivia e engordado nos campos colombianos durante 9 ou 12 meses. É, depois, vendido em Acaramanga, em Medellin, ou aos empregados das companhias de petróleo, que operam na região, entre La Dorada e Puerto Wilches. O milho é cultivado e levado a Mendellin pela ferrovia de Puerto Berrio; todavia, pequenas quantidades vão pelo rio. Alem do milho, sòmente produtos de subsistência, tais como a *Yuca* e a banana, são ali produzidos.

A primeira *parada* no percurso, rio abaixo, é Puerto Berrio, ponto de encontro com a ferrovia que vem de Mendellin, a segunda cidade da República. O seguinte pôrto importante é Barrancobermeja, onde ha grande refinaria de óleo, com uma população aproximada de 25.000 habitantes. A influência dessa indústria se reflete na relativa prosperidade da cidade,



Foz do rio Madalena.

com ruas pavimentadas, modernos edifícios e bastante confôrto.

Um pouco alem está Puerto Wilches, ponto terminal da ferrovia que leva a Bucaramanga, capital de Santander, onde o rio se espraia, correndo entre canais até depois de sua junção com o rio Canca. Muitas áreas, alternadas de paúes e rios secundários (onde as casas das fazendas são construidas sôbre estacas, de modo a ficar a salvo das inundações), e as culturas, se confinam com as terras altas. As terras baixas são bastante ferteis mas, por causa das freqüentes inundações, só parcialmente são aproveitadas. E novamente milho e substâncias alimenticias são as principais culturas. O gado é engordado perto do rio, nas épocas de águas baixas, e transferido para os terrenos altos, quando começam as cheias.

Há muitos logarejos, ao longo da róta dos navios, que neles não tocam, porque são *corridos* por pequenos barcos apropriados à carga. Êsses botes (centenas dêles) param onde se faz mistér, junto da margem ou ao lado de pequenas canoas, carregadas de lenha, milho, feijão, galinaceos, e às vêzes um ou dois passageiros. Por vêzes, os grandes barcos encostam num barranco para receber gado para Barranquilla ou carregar lenha combustível.

Gamarra é um pequeno pôrto do rio, de capital importância, porque é ponto final de um cabo aéreo que vai à cidade de Ocaña, trinta milhas a leste. Perto de LaGloria está Puerto Sagoc, uma das estações do óleoduto. El Banco é um centro de comércio e pesca.

Mangangué, o segundo depois de Barranquilla, é muito importante, como pôrto e escoadouro para o gado dos campos do Sinú, Sincelejo e distritos adjacentes. Dali, auto-estradas conduzem a diversas zonas agrícolas. Através dêsse pôrto, são embarcadas milhares de rezes por ano, criadas na parte central do Departamento de Bolivar ou mesmo no vale do Sinú Oeste. Êsse gado é remetido das fazendas com cêrca de 4 anos de idade, em *meias carnes*, e viaja a pé 10 a 15 dias até Mangangué, e dali 4 a 6 dias, rio acima, a bordo, para os campos de pastagem.

Alem do gado, Mangangué também embarca para Mendellin carne de porcos, criados no vale do Sinú e em outros pontos. Na direção oposta, Mangangué embarca para Barranquilla muito arroz e algum cereal, produzido nas terras do oeste da Cidade.

O último pôrto de importância, antes de Barranquilla, é Calamar, ponto terminal da ferrovia que leva a Cartagena, lindo pôrto de mar. A extensão dessa linha vai a cêrca de 65 milhas e correm trens em ambas as direções, alem de três viagens semanais de uma automotriz "Diesel".

Um pouco abaixo de Calamar, o rio Madalena encontra o Canal del Dique, um canal em parte natural, em parte artificial, construido pelos espanhois, no tempo da Colônia. Através dêsse grande canal, alguns barcos fluviais operam entre Cartagena e Madalena, sem transbordo de carga. Cartagena é também ligada a Barranquilla por moderna rodovia.

Seis horas depois de deixar Calamar, o barco alcança Barranquilla, a terceira cidade da Colombia, em tamanho. Está situada a cêrca de 12 milhas do Atlântico, mas como resultado do projeto terminado em 1936, em virtude do qual modernos molhes e guias correntes modificaram as condições do canal, os navios vão à cidade de Barranquilla. E' necessário manter a embocadura do rio limpa da areia que as águas trazem. E novos estudos estão em andamento para um serviço mais perfeito de drenagem.

* *

O número de mulheres que se metem em política é cada vez maior, mas, na pequena cidade de Mendon, Estado de Michigan, ocorreu o contrário: as mulheres resolveram devolver aos maridos as responsabilidades políticas. Há dois anos, a espôsa do prefeito declarou, muito séria, que iria enfrentá-lo nas eleições e que, além disso, faria com que suas amigas disputassem os outros postos da administração municipal. Os homens se reuniram, então, e resolveram entregar todos os cargos ao belo sexo. Depois de dois anos de exercício, as mulheres chegaram à conclusão de que já tinham adquirido bastante experiência política... e tornaram a eleger os homens para os cargos públicos. A sra. Florence Dickerson, candidata derrotada à prefeitura local, assim comentou a derrota:

— É um consôlo saber que os homens vão ter dor de cabeça de novo.

OS MELADOS

— UTILIZAÇÃO DE UM DOS SUBPRODUTOS DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

O melado, como é do conhecimento geral, foi empregado, de preferência, no século passado, para a fabricação de álcool. Em menor proporção, utilizou-se na alimentação do gado, sobretudo até à crise açucareira do começo dêste século, que obrigou os investigadores a procurar outras aplicações e seu emprêgo na alimentação. É conhecido o papel preponderante do açúcar na produção de energia muscular. H. Raquet declarou que o açúcar é um precioso alimento, um dos mais necessários e mais ativos. Acreditava-se que o melado fôsse um alimento, ùnicamente pelo açúcar nêle contido, fazendo-se abstração das propriedades da parte «não açucarada», ou seja, de uma porcentagem apreciável de outros ingredientes. Porém, a experiência demonstrou a importância do valor bromatológico da parte «não açucarada» do melado, que se considerou ter, além do seu valor químico, uma ação excitante especial sôbre a secreção láctea, o que se atribui a seu conteúdo em amidos, sobretudo de asparagina. O melado é, também, conveniente para a engorda de porcos, bovinos e ovinos. Porém, sobretudo, já se generalizou a convicção da vantagem de seu emprêgo nas rações de equinos, especialmente nos utilizados na tração. Na Argentina, desde muito tempo, utilizam-se alimentos com melado no sustento de equinos de tração. Utiliza-se, também, na alimentação de burros e animais de trabalho em geral.

Atualmente, já não se faz, acêrca do melado, o conceito «primitivo», bastante generalizado em outras épocas, de que seu papel exclusivo, ou quase exclusivo, é de «condimento», ainda quando se deve afirmar que é importante o efeito da modificação do sabor nas forragens, a que se acrescenta, sobretudo se se trata de forragens pouco saborosas, ou mesmo de qualidade inferior.

É do conhecimento comum que o melado é o resíduo final, mais impuro, incristalizável, da fabricação do açúcar. A sua composição, de maneira geral, pode resumir-se nos seguintes valores, suscetíveis a amplas variações: 50% de açúcares, 30% de «não açucarados», 20% de água. Como «não açucarados» se incluem substâncias orgânicas, principalmente redutoras, e inorgânicas (sais minerais) representam, aproximadamente, 10% do melado.

Existem, também, melados de beterraba, provenientes de refinaria. Têm composição química bastante semelhante à dos melados de açúcar.

A fim de apreciar a constituição química dos melados, damos, no quadro I, os resultados de quatro análises; a do número I corresponde a um melado de açúcar de beterraba (Uruguai); as restantes, à cana de açúcar (da Argentina).

Consideramos interessante acrescentar os resultados de quatro determinações analíticas de melados, efetuadas por P. Brueere (Paris), as quais permitem estabelecer comparação com os valores expressados. Veja-se o quadro II.

Como é sabido, o açúcar é a substância alimentícia mais digestível. Durante a digestão, o açúcar se transforma em dextrose e luvulose. As bactérias do aparelho digestivo, às suas custas, produzem ácido láctico, butírico, anídrido carbônico, hidrogênio, etc.

Segundo Van de Venne, o açúcar, como todos os hidratos de carbono, porém com menos intensidade que o amido e a dextrina, deprime a digestibilidade da ração, e esta ação é tanto mais pronunciada quanto a ração é mais pobre em substâncias albuminosas, ou a quantidade de açúcar na ração é mais considerável. Esta ação deprimente da digestibilidade se faz sentir, em primeiro lugar, sôbre a substância protéica; depois, sôbre as celuloses e, finalmente, sôbre as gorduras. Porém, acrescenta o mesmo autor, o açúcar do melado não deprime, sensìvelmente, a digestão das substâncias extensivas não azotadas.



O adicionamento do melado às forragens para alimentação de novilhos.

As substâncias minerais dos melados são, principalmente, ricas em potássio, e pobres em fosfatos. Segundo Alquier e Drouineau, sua composição centesimal é a seguinte:

Potássio em K_2O	5,866
Sódio em Na_2O	1,019
Cálcio em CaO	0,266
Magnésio em MgO	0,057
Ferro em Fe_2O_3	0,022
Alumínio em Al_2O_3	0,018
Cloro em HCl	0,558
Enxôfre SO_3	0,186
Fósforo em P_2O_5	0,052
Silício em SiO_2	0,093

A composição das cinzas está em relação com a natureza do solo e dos adubos que se empregam. Além disso, com o processo industrial da matéria-prima: beterraba ou cana.

Atribui-se ao seu elevado teor, em sais potássicos, alguns acidentes causados em animais que consomem fortes quantidades de melado. De fato, Alquier e Drouneau constataram que êsses acidentes são devido à ação irritante que provocam os sais de potássio sôbre o aparelho urinário, principalmente. Daí surge a necessidade de observar, estritamente, as normas sôbre o racionamento máximo de melados. Van de Venne indica, como máximo de melado para mil quilos de pêso vivo, as seguintes quantidades:

Equinos	3 quilos
Vacas leiteiras	4 quilos
Bois	5 quilos
Novilhos	6 quilos
Ovinos	6 quilos
Porcos	8 a 10 quilos.

Geralmente, as doses mais convenientes de melado dependem da espécie e, também, do fim que se deseje obter na alimentação do gado. Em regra, os animais, destinados à engorda e produção de fôrça-motriz, podem receber doses maiores que os produtores de leite; o mesmo se pode estabelecer para os animais adultos, em relação aos que ainda estão em crescimento. Platos, referindo-se ao racionamento de equinos com melados, estabelece que a ração diária deve oscilar de 0,750 a 1 quilograma, acrescentando que quantidades superiores a 1,500 quilogramas provocam acidentes pela ação irritante dos sais de potássio.

Segundo Van de Venne, se tem exagerado, freqüentemente, a ação irritante do melado, e a experiência tem demonstrado que os animais suportam, perfeitamente, as doses correspondentes à maior produtividade do melado na ração.

O melado contém de 0,8 a 1% de nitrogênio e até mais (até 1,5-1,6%). Deve, também, indicar-se que se determinou a presença de vitaminas B (hidrosolúveis) nos melados, vitaminas que desempenham um papel importante na utilização dos hidratos de carbono (glúcidas). Efetivamente, Mme. L. Randoin e R. Lecoq dizem que «o melado de cana de açúcar é, relativamente, rico em vitaminas B; sua ação equivale aos dois terços da proveniente do extrato de malte; ao passo que o melado de açúcar de beterraba contém pouca ou nenhuma vitamina B».

Na Argentina se desenvolveu uma indústria especializada; a da preparação de rações com melados. O melado, além de seu valor alimentício, transmite sabor açucarado à ração, o que contribui a facilitar o seu sabor, e a ingestão da mesma por parte do animal. Êste fato — deve acentuar-se — pode prestar-se à manobra de pretender introduzir, na ração com melado, alimentos com escasso ou mínimo valor bromatológico, ou resíduos suscetíveis de exercer uma ação inconveniente sôbre a saúde do gado.

Por esta circunstância, a preparação de rações com melado e seu comércio deve estar sob contrôle técnico, a fim de não enganar os compradores e de não prejudicar o desenvolvimento do consumo dêste subproduto.

A experiência demonstrou, por outro lado, que, a fim de que o emprêgo dos melados na alimentação do gado, integrando a ração, dê resultados satisfatórios, se requer uma mistura homogênea, fácil de manipular, combinada com alimentos ricos de proteínas, e escolhidos, em cada caso, de acôrdo com as exigências particulares da espécie animal de que se trate.

O melado sòzinho, por outra parte, do ponto-de-vista de sua utilização como alimento, apresenta alguns inconvenientes em sua manipulação, dado o seu estado semifluido. Se bem que o gado se acostume a ingerí-lo, tomando-o diretamente da manjedoura, só o faz depois de um período mais ou menos longo para acostumar-se. Estas dificuldades desaparecem com o preparo dos alimentos misturados ao melado.

Com êle, não sòmente se facilita, pràticamente, o preparo de rações, mas, também, bromatològicamente, se tornam melhores, dado que, de um alimento incompleto, se pode passar a uma ração equilibrada, pelo acréscimo de forragens diversas: grãos, palhas, tortas, etc. Randoin e Lecoq chegam às seguintes conclusões com respeito ao emprêgo de palhas e tortas com melados:

1 — Deve-se reconhecer que as palhas de melado constituem um «alimento energético de complemento útil»; porém, que não constituem um alimento que possa recomendar-se como base única de uma alimentação satisfatória.

2 — Os alimentos acrescentados ao melado influem sôbre o seu valor nutritivo. As tortas de girassol com melado, com efeito, são mais nutritivas que as palhas de melado. Levando-se em conta as características das palhas de melado, de «complemento alimentício», as insuficiências alimentícias, comprovadas na experiência realizada, das tortas de melado, aconselham que, na alimentação do gado, deve misturar-se palhas de melado, tortas oleaginosas e outros elementos nutritivos.

Por seu lado, Platos chega a conclusões interessantes, que confirmam as experiências de Randoin e Lecoq. Segundo êste investigador, o melado administrado em forragens, com melado, é um agente terapêutico eficaz no enfisema do equino. Seu emprêgo, por outro lado, parece ter efeito sensível, diminuindo a freqüência das cólicas.

É indispensável conhecer, perfeitamente, a composição dos alimentos com melado; e a sua composição, por outro lado, deve ser suficientemente estável, a fim de não dar lugar a erros em seu emprêgo. Do ponto-de-vista nutritivo, as forragens de melado, preparadas para equinos, devem ter um mínimo de 22% de açúcar e um máximo de 10% de sais minerais, segundo Platos. Sua porcentagem de umidade não deve ser superior a 15%, salvo em caso de rações de melado que são consumidas, imediatamente depois de seu preparo. Se se trata de forragens de melado comprimidas, a porcentagem máxima de umidade é de 10%.

A introdução do melado na ração deve fazer-se em forma progressiva. Tem-se comprovado que freqüentes modificações no regime alimentício dos equinos é prejudicial à sua saúde. As substituições de alimentos, geralmente, se efetuam por motivos de economia, e por considerações de saúde ou higiene dos animais, ou em caso de escassez ou

falta de algum ou alguns dos elementos da ração de base.

A experiência particular ratificará ou retificará, em cada caso, as normas gerais, a fim de obter das mesmas seu maior proveito na aplicação de cada problema que se apresenta. A experiência tem demonstrado que, no preparo de uma boa forragem de melado, devem ter-se presente as seguintes condições, aconselhadas por Van de Venne:

1 — Ser composta de substâncias alimentícias, exclusivamente. (Existem, nos mercados estrangeiros, produtos de melado em forma de uma mistura de turfa e melado, que resulta, do ponto-de-vista de uma alimentação racional, uma verdadeira utopia.)

2 — Uma forragem de melado deve ser um alimento concentrado.

3 — Deve ser composta de alimentos cuidadosamente selecionados, com relação à espécie animal e ao gênero de produção a que se destina. Uma forragem de melado, destinada a um equino, não pode ser idêntica à que entra nas rações de uma vaca leiteira ou de bovinos em geral, isto é: no último caso figurarão forragens reconhecidas como favoráveis para a lactação, e, no primeiro caso, alimentos da categoria das tortas de linho, por exemplo.

4 — Deve estar em boas condições de conservação. Isto se obtém reduzindo, ao mínimo, o conteúdo de água e fabricado com forragens de grande pureza, de boas condições de conservação naturais, e que não encerrem princípios capazes de produzir alterações nocivas na mistura.

5 — Finalmente, deve ser sêca ao tato para não empastar a bôca do animal; e finamente dividida para poder dosá-la e misturá-la, uniformemente, à ração, no caso de não constituir a ração completa

Quadro I.

Determinações	Melados			
	Beterraba	Cana de Açúcar		
	1	2	3	4
Densidade a 15ºC	1,360	1,390	1,470	1,340
Acidez	0,48 %	0,84 %	0,60 %	0,84 %
Extrato sêco	79,30 %	78,50 %	76,50 %	77,50 %
Sacarose	47,74 %	56,33 %	39,31 %	42,96 %
Açúcar redutor	6,56 %	13,42 %	13,78 %	14,31 %
Açúcar total (em sacarose)	53,97 %	43,58 %	52,39 %	56,56 %
Sais minerais	5,59 %	12,96 %	13,05 %	9,32 %

Quadro II. **Resultados (em porcentagens) de quatro determinações analíticas.**

Determinações	Melados			
	1	2	3	4
Cinzas sulfúricas	27,9	17,7	20,2	13,5
Umidade	10,5	11,2	12,8	11,1
Sub. Protéica	5,0	6,5	3,0	2,5
Açúcares redutores	4,9	2,4	21,1	8,6
Sacarose	42,3	50,6	36,1	40,1
Extrativas não azotadas	9,4	11,6	6,8	24,2

☆

AÇÚCAR

REDUÇÃO DO CONTEÚDO DE CÁLCIO NO SUCO DA CANA

Num estudo, levado a cabo pelo sr. Alejandro S. Alvarez, engenheiro da Esta. Exper. Agric. de Tucuman, Argentina, relativamente aos métodos mais eficazes para reduzir o conteúdo de sais de cálcio no suco clarificado, foi apurado o seguinte:

a) Na fabricação do açúcar granulado, para reduzir à sua expressão menor o efeito incrustante e os outros inconvenientes da fabricação produzidos pelos sais de cálcio, é preciso dar ao suco clarificado uma acidez muito débil (0,001 a 0,005 por cento como CaO).

b) O fosfato trissódico, empregado como clarificante auxiliar, tem uma considerável ação precipitante sôbre o cálcio do suco clarificado, quando êste suco tem uma reação neutra ou muito ligeiramente ácida (0,001 a 0,005%, como CaO).

c) O fosfato trissódico diminui sua ação precipitante sôbre o cálcio, à medida que aumenta a acidez do suco clarificado. Esta ação precipitante do fosfato trissódico fica muito reduzida, quando não completamente eliminada, quando a acidez do suco clarificado é compreendida dentro dos valores francamente ácidos (de 0,021 a 0,030%, como CaO).

d) O ponto mais conveniente para a aplicação do fosfato trissódico é antes da sulfitação do suco, e a quantidade mais conveniente é de 300 miligramas por litro de suco.

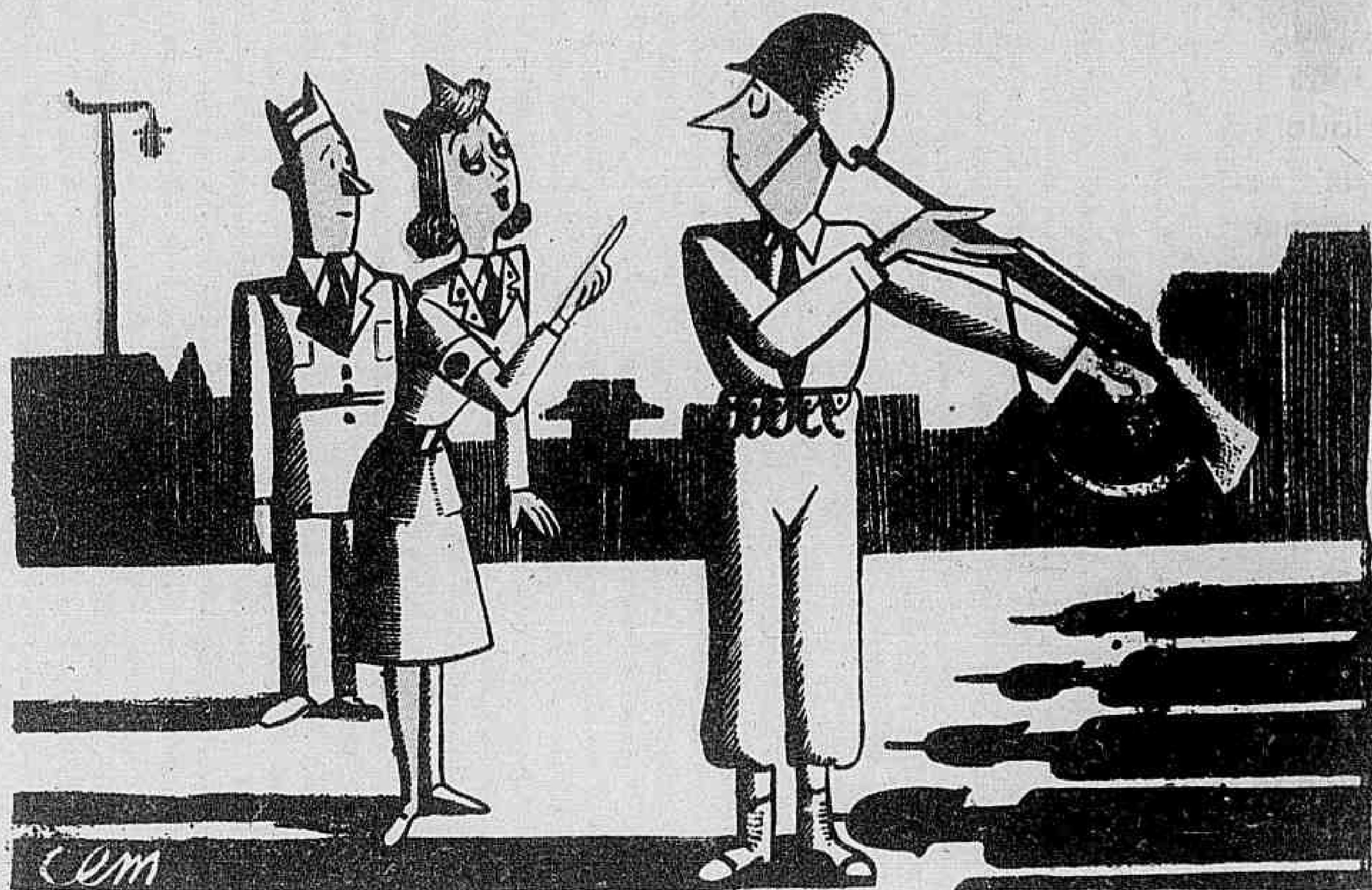
e) O fosfato monocálcico, empregado como clarificante auxiliar, não tem ação precipitante sôbre o cálcio, quando o suco clarificado tem uma ligeira acidez de 0,009% (como CaO). No suco clarificado com maior acidez, o emprêgo do fosfato monocálcico torna-se prejudicial, porque aumenta o conteúdo de cálcio; sendo êste aumento tanto maior quanto maior fôr a acidez do suco e maior a quantidade de fosfato monocálcico empregada.

f) Com a adição de fosfato trissódico e de fosfato monocálcico, como clarificantes auxiliares, não se consegue nenhuma redução do conteúdo de sulfatos (SO3) do suco clarificado.

☆

Deve o leitor se interesar pelas últimas notícias relativas ao combate às plantas daninhas nos EE.UU. O Departamento da Agricultura aconselha que se espalhe 2, 4-D sôbre as plantações, pouco antes e pouco depois de nascerem os pés de milho, o que facilita, consideràvelmente, a cultura e aumenta a produtividade.

A BOA RESPOSTA DO MÊS



DIXIE Tighe, jornalista norte-americana, recentemente falecida e que foi correspondente de guerra do «New York Post», tinha o maior respeito pela rotinha o maior respeito pelos combatentes, mas não demonstrava o mínimo entusiasmo pela rotina dos quartéis, e da vida mi- chegava a implicar.

Certo dia, passando por uma rua de Tóquio do «após-guerra», cruzou com um pelotão da polícia-militar, cujos componentes ostentavam os seus capacetes brancos, característicos. Os homens estavam em rigorosa posição de sentido, diante de suas barracas. Diante dêles, um jovem e impertigado oficial, caminhava devagar, inspecionando, cuidadosamente, o fuzil de cada um. Empunhava as armas, uma após outra, examinava seu aspeto geral externo, armava e desarmava a culatra, mexia no ferrôlho, deitava um olhar pela bôca do cano e, finalmente, devolvia o fuzil ao soldado, acompanhando o gesto com um olhar e um franzir da fronte, que revelavam ter, ainda, uma leve suspeita quanto ao perfeito estado da arma. Quando assim estava êle, olhando atentamente o interior do cano de uma das armas, Dixie parou bem junto dêle e, depois de tocar-lhe de leve um ombro, disse com a sua voz mais carinhosa: — **Isso é um fuzil, queridinho!**

★ ★

«ACHADOS» DELICIOSOS

— Inevitável como a trilha através de um terreno baldio. — **Arch Ward**

— Fugia do assunto como se passasse, em saltinhos, sôbre os charcos da conversação. — **Maud Merrit**

— O mato ia bordando a estrada com finos pespontos verdes. — **Maurice Seitter**

— O delicado e penetrante som de um violino, procurando, cautelosamente, uma melodia. — **John Steinbeck**

— As gaivotas desenhavam, no céu, filigranas de patinadores. — **Max Levin**

— O inspetor de veículos estava dirigindo a orquestra do trânsito. — **G.C.B.**

— Apanha suas coisas como uma mariposa liba o néctar das flores. — **A. J. Arkley**

— Neurótico: uma pessoa que julga que o mundo deve mimá-lo. — **Morris Bendix**

— Adulação: Um insulto envolto em papel de sêda. — **Irish Digest**

★ ★

ARMAS OFENSIVAS — Recentemente, perguntaram a um homem de ciência quais seriam as armas mais eficazes numa Terceira Guerra Mundial. Sua resposta foi a seguinte: — Não sei. O desenvolvimento das armas de destruição avança de tal forma, que não é possível prever qual chegará a ser a mais poderosa. No entanto, posso afirmar que as armas para uma Quarta Guerra Mundial serão arcos e flechas. (**The Sphere,** Londres)

★ ★

QUANDO DEVEMOS LER? — É uma lástima ler um grande livro quando se tem, ainda, pouca idade. A primeira impressão é a que vale e, se é superficial, talvez seja a única que permaneça. Uma segunda leitura, na idade madura, pode resvalar numa superfície já endurecida por um contato prematuro. Os jovens deveriam guardar tanta mesura ao ler quanto os velhos ao comer. Não devem devorar, mas sim digerir muito bem cada bocado. (W. Churchill, em «A Pintura como passatempo»)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM AGÔSTO DE 1953

1 — SÁBADO — Os soldados americanos não deixarão a Coréia, mas serão utilizados agora, na reconstrução do país. ★ O Presidente dos Estados Unidos concita os demais combatentes a fazerem o mesmo. ★ Os Estados Unidos rejeitam o protesto soviético contra a destruição de um avião russo por caças norte-americanos, declarando o Departamento de Estado que a responsabilidade do incidente cabe à União Soviética, por ter mandado o avião para «a zona coreana de hostilidades.» ★ As possibilidades de o líder cristão-democrata Alcide De Gasperi continuar à frente do govêrno se reduzem quase a zero, enquanto que a contenda entre a extrema exquerda e a extrema direita, para apoderar-se do poder, deixa em ponto morto a pior crise política da Itália do após-guerra. ★ Dezenas de milhares de trabalhadores fabris da Alemanha Oriental — os homens cuja rebelião de 17 de junho só pôde ser sufocada pelos carros de combate soviéticos — penetram no setor ocidental da cidade, realizando assim a «Marcha da Fome» e desafiando a polícia comunista a concretizar as ameaças de que seriam prêsos, se insistissem em recolher viveres distribuidos pelos americanos. ★ O Sr. Clement Attlee, ex-primeiro ministro e chefe atual da oposição socialista britânica, parte para uma viagem de três semanas à Iugoslavia, onde deverá visitar várias cidades e passar alguns dias como hóspede do Marechal Tito. ★ O Presidente comunista de Tchecoslovaquia, Antonin Zapotocky, admite que seu país sofre aguda falta de viveres. ★ Pelo Sr. Ministro da Educação é inaugurada a I Exposição Filatélica Nacional de Educação. ★ Encerrou-se a I Reunião Anual do Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Municípios. ★ Falece o Deputado Federal José Gaudêncio.

2 — DOMINGO — A população da Alemanha Oriental, apezar das rigorosas medidas postas em prática pelos russos, continua penetrando na zona ocidental, em busca dos alimentos fornecidos pelos Estados Unidos — O Sr. Attilio Piccioni inicia conversações tendentes à organização do novo Gabinete italiano. — O Partido Liberal apoia o novo Presidente do Conselho designado. ★ A população de Teerã, apoiando o apêlo do Primeiro Ministro Mossadegh, manifesta-se, em plebiscito, pela dissolução do Parlamento.

3 — SEGUNDA-FEIRA — O Sr. Ministro das Relações Exteriores oferece, no Palácio Itamaraty, um almôço ao Chanceler da Ordem de Malta, a quem fêz entrega das insignias da Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. ★ Em diversas localidades, ocorreram violentos choques entre populares e a polícia comunista. ★ A Dieta japonesa rejeita uma moção de censura ao Ministro das Relações Exteriores, Sr. Okasaki. ★ Um avião da Air France, que voava de Paris com destino ao Irã, aterrissa em território turco, ocasionando a morte de 4 passageiros, dos 34 que transportava.

4 — TÊRÇA-FEIRA — O General Mark Clark declara que o armistício significa sòmente um acôrdo entre os comunistas militares e não a pacificação da Coréia, que será negociada na Conferência política. ★ Novos incidentes ocorreram na zona oriental da Alemanha, provocados pelos comunistas, tentando impedir que a população receba os alimentos oferecidos pelos Estados Unidos. ★ O enviado especial do Presidente Eisenhower declara-se muito impressionado com o desenvolvi-

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-5

mento de São Paulo. ★ A imprensa e o rádio espanhóis enceta uma campanha em pról da devolução de Gibraltar à Espanha. — O Generalíssimo Franco, em declarações à imprensa, diz que a Grã-Bretanha ficou com Gibraltar contra todos os direitos. ★ Os aliados ocidentais vão elaborar um projeto de Tratado de Paz com a Austria para submetê-lo à Rússia. ★ O Chefe do Govêrno recebe no Palácio do Catete o Embaixador da Alemanha, que lhe fêz entrega da Grã-Cruz Especial da Ordem do Mérito. ★ Entrega credenciais ao Sr. Presidente da República o novo Embaixador da Guatemala.

5 — QUARTA-FEIRA — Em virtude das demonstrações de hostilidade e greves, em sinal de protesto contra as dificuldades impostas aos que desejam ir ao setor ocidental de Berlim para receber alimentos gratis, os governantes vermelhos da Alemanha Oriental decidem suspender a proibição de viajar para Berlim. ★ Argentina e União Soviética assinam o primeiro convênio comercial, que elevará o intercâmbio de produtos entre as duas nações a um volume equivalente a 200 milhões de dólares. ★ O Govêrno dos Estados Unidos pede «compensação adequada» à União Soviética, pela distruição do bombardeiro B-50 da Fôrça Aérea norte-americana sôbre o Mar do Japão, a 29 de julho. ★ O primeiro grupo de prisioneiros de guerra, posto em liberdade pelos comunistas, inicia sua viagem de volta à pátria, mas uma percentagem elevada dêles acha-se atacada de tuberculose avançada. ★ Um gigantesco bombardeiro intercontinental de reconhecimento, do tipo RB-36, no qual viajavam 23 oficiais e aviadores norte-americanos, cai e se incendeia no Atlântico Norte.

6 — QUINTA-FEIRA — O General Mark Clark, falando em Washington, manifesta-se favorável ao emprêgo de quaisquer armas contra os comunistas, caso êsses desrespeitem o armistício. ★ Madrid aguarda, para dentro em breve, a assinatura dos acôrdos econômico e militar entre a Espanha e os Estados Unidos. ★ Sua Santidade o Papa Pio XI dirigiu uma mensagem aos bispos católicos da Polônia, exortando-os a que se mantenham firmes e unidos face às perseguições comunistas de que são alvo os católicos poloneses. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto nomeando interinamente. Diretor do Colégio Pedro II, o Sr. Clóvis do Rêgo Monteiro. ★ Chega a esta Capital o Sr. James Scott Kemper, novo Embaixador dos Estados Unidos no Brasil.

7 — SEXTA-FEIRA — Os 16 países membros das Nações Unidas, que combateram na Coréia, advertem os comunistas de que provavèlmente se vejam obrigados à levar a guerra da Coréia até a China Comunista, se os vermelhos violarem o armistício. ★ A vida da França é quase completamente paralisada, em conseqüência de terem os empregados de aeroportos, trens subterrâneos e serviços de autotransporte aderido a greve de mais de dois milhões de funcionários e trabalhadores das indústrias nacionalizadas. ★ Doze altas figuras do govêrno norte-coreano, inclusive o ex-Ministro do Exterior Pak Hen Yen, são prêsas sob a acusação de «fornecerem segrêdos nacionais» aos Estados Unidos e à Coréia do Sul. ★ O «Jornal of Commerce» publica informação, dizendo que os planos para o estabelecimento de três gigantescos moinhos, para produzir papel e polpa de madeira, no Brasil, na zona das densas florestas amazônicas, com a possível participação do capital privado estrangeiro, foram anunciados pelo Sr. Licurgo Costa, Diretor da Câmara de Comércio do Govêrno brasileiro, em Nova York. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Vice-Almirante Humberto de Areo Leão para o Cargo de Presidente do Tribunal Marítimo. ★ Designado, pelo Chefe do Govêrno, para o cargo da guarda-mór da Alfândega de Santos, o Oficial Administrativo José de Góes Calmon de Brito. ★ Toma posse no Gabinete Civil da Presidência da República, no cargo de Ministro interino da Saúde, o Sr. Antônio Balbino, titular da pasta da Educação. ★ Assinado um acôrdo entre o Govêrno brasileiro e uma firma holandesa construtora de aviões a jato.

8 — SÁBADO — O Primeiro Ministro Georgi Malenkov declara, na sessão conjunta do Soviet Supremo, que os Estados Unidos já não possuiam o monopólio da bomba de hidrogênio. Anuncia também que a Rússia decidira conceder um bilão de rublos para a reconstrução da Coréia. ★ Meio milhão de trabalhadores ainda permanece em greve, continuando Paris em estado de confusão, enquanto o chefe do govêrno, Joseph Laniel, se mantem



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS
— OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.



DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

Alivio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

irredutivel na idéia de prosseguir com seu programa de economias para equilibrar o orçamento, programa que provocou a paralização dos trabalhos com a maior greve geral de que há lembrança desde 1939. ★ O Sr. Attilio Piccioni, primeiro ministro designado, visitará hoje, pela manhã, o Présidente Luigi Einaud, para comunicar-lhe que aceita a missão de que foi incumbido de formar um novo govêrno. ★ Nos Estados Unidos é batida a quilha do segundo submarino atômico. ★ Revela-se que a falecida Rainha Mary, da Inglaterra, deixou uma herança de um milhão 137 mil e 490 dólares. ★ O Sr. John Foster Dulles, Secretário de Estado norte-americano, anunciou a próxima restituição ao Japão dos arquipélagos de Amami e Oshima, ao largo da costa meridional do arquipélago de Kiu Siu. — Moscou anunciou que os 12 altos funcionários norte-coreanos, juïgados pelos crimes de conspiração e espionagem, foram condenados à morte.

9 — DOMINGO — O Primeiro Ministro e o Ministro do Trabalho de Cachemira, com os respectivos auxiliares imediatos, são destituidos por um golpe de Estado, tendo havido em conseqüência diversos distúrbios. ★ O Sr. Piccioni realiza negociações finais para a composição do novo Gabinete italiano, contando com a participação dos liberais e republicanos — O Sr. De Gasperi recusou a pasta do Exterior. ★ Realiza-se cerimônia de declaração de 500 novos Aspirantes a Oficial da Reserva.

10 — SEGUNDA-FEIRA — Um barco de pesca soviético é apreendido em águas japonesas pelas autoridades locais. — O referido barco teria a missão de levar para a Rússia um espião a serviço dêsse país no Japão. ★ O Soviet Supremo, em sua reunião, confirma a destituição e a prisão do Sr. Laurenti Beria. ★ Os círculos financeiros britânicos recebem, satisfatòriamente, as novas propostas do Brasil para a liquidação de seus atrazados comerciáis com os exportadores inglêses.

11 — TÊRÇA-FEIRA — O Sultão do Marrocos dirige um apêlo ao govêrno francês, pedindo providências contra atividades subversivas que alguns de seus agentes estão ali desenvolvendo. ★ Diversas localidades da Grécia são sacudidas por violento terremoto. — E em duas aldeias totalmente destruídas, perecem mais de cem pessoas. ★ O govêrno soviético está propenso a negociar o reatamento de relações com os países da América Latina, inclusive o Brasil. ★ Mais grave a situação na França, com a generalização do movimento grevista. ★ A Federação dos Funcionários Públicos ordenou uma greve de carater indefinido, enquanto não forem revogados os decretos de saneamento financeiro.

12 — QUARTA-FEIRA — O Sr. Attilio Piccioni, encarregado há dez dias da formação do novo govêrno italiano, desiste da tentativa. ★ A Grécia é sacudida por novos tremores de terra, que tiveram por epicentro a zona do mar Jonico, onde pelo menos 400 pessoas pereceram. ★ Mais da metade dos quatro milhões de trabalhadores sindicalizados da França está em greve, enquanto continua ganhando fôrça a campanha dos socialistas e comunistas, unidos em uma frente comum, contra o govêrno direitista de Joseph Laniel e seu drástico programa de reformas econômicas. ★ O Secretário de Estado, John Foster Dulles, declara que o Govêrno dos Estados Unidos não têm provas de que a Rússia já fizesse explodir uma bomba de hidrogênio. ★ O Secretário do Exército norte-americano, Robert T. Stevens, declara que as fôrças das Nações Unidas terão de permanecer na Coréia, por vários anos, apesar da trégua. ★ Em viagem de instrução, parte, com uma turma de guardas-marinhas, o navio-escola «Duque de Caxias».

13 — QUINTA-FEIRA — Três cidades das ilhas Jonias, inclusive a capital, são inteiramente destruidas por violento terremoto e pelos incêndios verificados em seguida. Perecem mais de mil pessoas e 90 mil se encontram ao desabrigo. — Chegaram às ilhas atingidas pelo tremor de

A TINTA DO LAR
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

terra unidades britânicas e norte-americanas, que estão prestando socorro a população. ★ Assinado, em La Paz, o acôrdo entre o Brasil e a Bolivia, pelo qual cada um dêsses países empregará um milhão de dólares na perfuração e exploração de petróleo em Santa Cruz. ★ O Sr. Giuseppe Pella, lider democrata-cristão, e ex-Ministro da Fazenda de De Gasperi, aceita a incumbência para tentar organizar o novo Gabinete italiano. ★ O Embaixador britânico no Cairo declara infundadas as notícias de que teriam sido rompidas as negociações ânglo-egípcias. ★ Noticia-se de Rabat que é certa a destituição do atual Sultão, Ben Youssef, o qual seria substituido por seu primo Ben Arafa.

14 — SEXTA-FEIRA — A greve geral que paralisou a França começa a perder fôrça. — Muitos dos 4.000.000 de trabalhadores reiniciam suas atividades. — O govêrno adota medidas eficazes para continuar os trabalhos nas indústrias e serviços públicos atingidos pela greve. — A despeito dos esforços dos comunistas e socialistas para estender a greve aos operários e empregados das indústrias particulares, os mesmos não aderem ao movimento. — Os bancários, securitários, empregados na Bôlsa e estabelecimentos comerciais desobedecem à ordem de greve e recomeçam sua atividade normal. ★ Continua a ameaça de guerra entre o sultão de Marrocos e o pachá Marrakesh, razão por que o residente francês, General Guilaumé, voltou ontem ao pôsto, por via aérea. — O pachá reune três mil cavaleiros perto de Fez, com a finalidade de marchar sôbre a capital do sultanato, em Rabat, para depôr o sultão. — O sultão pede auxílio ao govêrno francês. ★ O comando da ONU exige formalmente que os comunistas devolvam todos os prisioneiros de guerra aliados, «sem exceção», na atual operação de permuta, na Coréia, que durara 60 dias. ★ Ja se eleva a 1.000 o número de mortos causados pelos terremotos que arrazaram as ilhas do Oeste da Grécia, onde continuam a ser sentidos contínuos movimentos sismicos. ★ O Rei Paulo e a Rainha Frederika estão a bordo de uma das corvetas que participam dos trabalhos de salvamento. — Diversas nações se empenham em enviar socorros às populações. ★ O Sr. Presidente da República sanciona Lei concedendo facilidades públicas aos que instalarem fábricas de cimento no País.

15 — SABADO — Para enfrentar o alastramento da greve, o govêrno do Sr. Laniel entra em entendimentos com a Confederação Geral dos Trabalhadores Católicos. ★ Giuseppe Pella, Primeiro-Ministro designado, apresenta ao Presidente Luigi Einaudi a lista de candidatos às diversas pastas de seu govêrno. Os quinze nomes que fazem parte da lista são todos membros do Partido Democrata Cristão. ★ O Sindicato Trabalhista comunista da Alemanha Oriental anuncia um espurgo entre seus líderes e membros, com a finalidade de esmagar um movimento «sub-terrâneo», acusado de responsável pela propagação das greves. ★ A agência oficial noticiosa de Varsóvia anuncia que o Sr. Waclaw Frankowski foi nomeado Embaixador da Polônia no Brasil. ★ O Sr. Presidente da República assinou decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul aos Srs. J. M. A. H. Luns e J. W. Beyen. ★ Informa a Rádio de Pequim que os exércitos comunistas da Coréia infligiram um total de 1.093.939 baixas aos aliados, entre mortos, feridos e capiturados. ★ Sabe-se, de fonte fidedigna, que os Estados Unidos concordaram, em princípio, em que a União Soviética participe da próxima conferência política do extremo-oriente. ★ Numerosas turmas de salvamento estiveram trabalhando, durante tôda a noite, entre as ruinas das cidades das ilhas gregas destruidas pelos terremotos, que causaram a morte de 1.000 pessoas e ferimentos em 4.000.

16 — DOMINGO — O Presidente Eisenhower

PUBLICIDADE PARA ESTA REVISTA EM S. PAULO

TRATAR COM

MANOEL GONÇALVES DA SILVA

I. C. SÉCULO XX LTD.

Rua 15 de Novembro, 228 — Sala 517 — 5.º andar — Telefone: 33-4811

declara que persiste a ameaça do expansionismo político e militar da Rússia contra o mundo livre. — Eisenhower fêz referências à América Latina, citando nominalmente o Brasil, cuja valorização econômica, salientou, necessitará da participação de fontes de capitais estrangeiros. ★ Mossadegh, fortalecido com a fuga do Xá Paklevi, estaria propenso a proclamar a República no Irã, mas essa resolução pode ter como conseqüência uma cruenta luta intestina. ★ Empossado o gabinete organizado pelo Sr. Giuseppe Pellà, cuja duração, segundo os círculos políticos italianos, será efêmera.

17 — SEGUNDA-FEIRA — O govêrno soviético apresenta nôvo plano destinado a resolver o problema alemão. — Propôs a Rússia a formação imediata de um govêrno provisório e a reunião das quatro grandes potências para dentro de 6 meses. — A proposta soviética é considerada inaceitável pela França, Inglaterra e Estados Unidos e pelo próprio govêrno de Bonn, por representar mais uma manobra protelatória. ★ Ruidosas manifestações contra o Xá e seus partidários realiza-se nas ruas de Teerã. — O Xá da Pérsia, refugiado no Iraque, declara que não pensa em abdicar. ★ Em conseqüência dos choques ocorridos em diversas localidades marroquinas, perecem mais de duas dezenas de pessoas. — O Sultão Ben Youssef dirige um apêlo à população, no sentido de se manter unida contra a campanha desfechada pelos paxás e caides visando a destituição do soberano.

18 — TÊRÇA-FEIRA — Na Comissão Política da O.N.U., é rejeitada uma proposta da Rússia no sentido de se convidar a Coréia do Norte e a China Comunista a participar das reuniões da Comissão. ★ O govêrno nacionalista chinês firmou um acôrdo secreto com os Estados Unidos, pelo qual os comandados de Chiang Kai Shek não poderão, por enquanto, atacar o território dominado pelos comunistas. ★ Ainda é muito tenso o ambiente no Irã. — O Chanceler Fateui desmente a notícia de que o govêrno Mossadegh pensa abolir a monarquia. — O Xá da Pérsia, que se encontrava refugiado no Iraque, deixa êsse país com destino a Roma. ★ O Primeiro Ministro Churchill, que se encontra em convalescença, chega inesperadamente a Londres, tendo presidido a uma reunião do Gabinete britânico. ★ Entrega credenciais ao Sr. Presidente da República, no Palácio do Catete, o nôvo Embaixador norte-americano. ★ Toma posse perante o Sr. Ministro da Fazenda, o nôvo Presidente do Banco do Brasil, Dr. Marcos de Souza Dantas.

19 — QUARTA-FEIRA — As tropas Iranianas leais ao Xá destituem o Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh, em um golpe sangrento, e cerca sua residência, a que ateam fogo, por entre gritos de «morte !». — Hussein Fatemi, Ministro do Exterior do Govêrno Mossadegh, é esquartejado pela multidão enfurecida. — Trezentas pessoas morrem e centenas fica feridas nos conflitos




A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornam-na a creatura mais adorável do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos

EMULSÃO DE SCOTT
TÔNICO DAS GERAÇÕES





Amido de milho "MAIZENA"
Caixa Postal, 8006 - São Paulo
GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

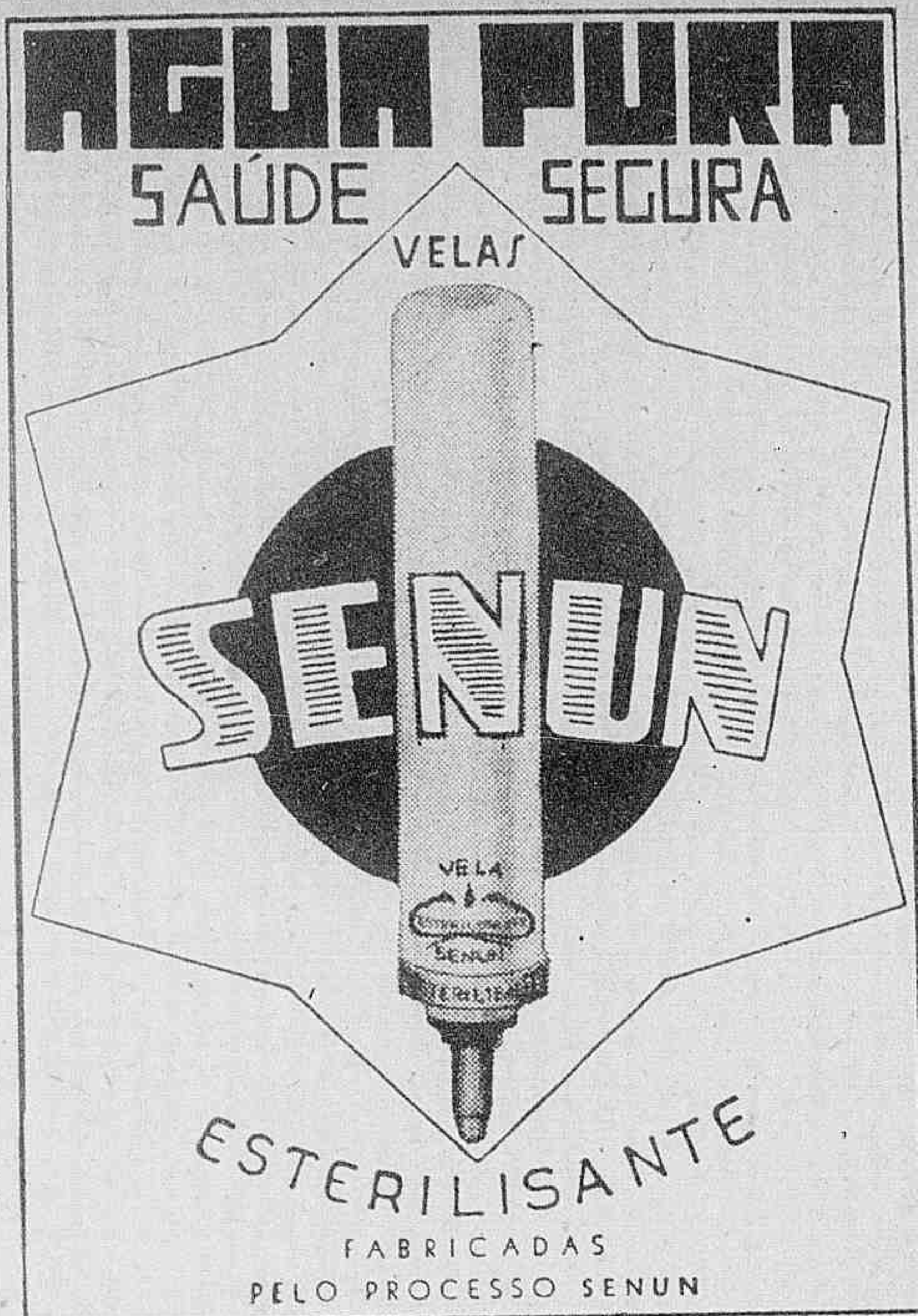
de rua, entre partidários do Xá e de Mossadegh, estando êste prêso. — O Xá, refugiado na Itália, anuncia seu propósito de regressar imediatamente ao seu país. ★ O Gabinete do Primeiro Ministro Joseph Laniel aprova uma série de medidas de emergência, destinadas a evitar que os dois milhões de grevistas ameacem a ordem pública, e reiterá sua decisão de não entrar em negociações com os descontentes até que êstes reiniciam suas atividades. — Em resposta, novas greves irrompem, tornando a situação ainda mais delicada. ★ O Primeiro Ministro Giuseppe Pella declara que seu Govêrno continuaria a dar o firme apôio da Itália ao Pacto do Atlântico e a tomar medidas em favor da unidade européia. ★ O Govêrno brasileiro retira uma nova parcela de 30 milhões de dólares do crédito de 300 milhões de dólares que lhe foi concedido pelo Banco de Importação e Exportação, no comêço do ano. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Diretor da Escola de Guerra Naval o Sr. Contra-Almirante Waldemar de Araújo Mota.

20 — QUINTA-FEIRA — A Rússia anuncia hoje, que tinha feito explodir uma bomba de hidrogênio, há poucos dias! ★ A Índia e o Paquistão concordam em nomear um administrador, até o fim de abril de 1954, para a preparação do plebiscito que decidirá sôbre a situação futura de Cachemira. ★ O ex-Primeiro Ministro Mossadegh é prêso e acusado de conspirar para constituir um govêrno ilegal no país. — Esperado em Teerã o Xá Reza Pahlevi. — Enfêrma a Imperatriz Sorava. ★ O Govêrno francês depõe o Sultão de Marrocos, expulsando-o do território, a êle e seus dois filhos. A ordem de deposição foi levada ao palácio imperial, em Rabat, pelo residente francês, General Argustin Guillaumé. — Mohammed Ben Moulav Arafa, primo do ex-Sultão Sidi Mohammed Ben Youssef, é designado Sultão do Marrocos. ★ Falece o Prof. Luís Capriglione.

21 — SEXTA-FEIRA — O govêrno do Sr. Laniel celebra um acôrdo com os sindicatos de tendência católica, para a volta dos trabalhadores grevistas às suas atividades normais. — Os comunistas prosseguem nos seus esforços para manter as greves e, se possível, ampliá-las. ★ Inteiramente derrotado, o ex-Primeiro Ministro do Irã Mohammed Mossadegh, depôsto pelo contra-golpe desferido pelos partidários do Xá, entrega-se ao seu vencedor e sucessor, General Fazulla Zahedi, que, todavia, o tratou com benevolência. — O Xá chega a Bagdad de onde viajará para Teerã. ★ Parece encaminhar-se para completo êxito o empenho dos Estados Unidos, no sentido de evitar a participação da Índia na próxima Conferência de Paz do Extremo Oriente e a Russia como parte agressora. ★ Deposto o Sultão Sidi Mohammed Ben Yousseff pelo govêrno francês, é proclamado novo Sultão Moulay Ben Arafa, permanecendo, porém, tensa a situação no Marrocos. ★ A Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos reune-se, a fim de receber um informe altamente confidencial sôbre a experiência com a bomba de hidrogênio, levada a efeito pela União Soviética, no dia 12 do corrente.

22 — SÁBADO — A França começa a recobrar a tranquilidade com o regresso, aos seus postos de trabalho, da maior parte dos 2.000.000 de trabalhadores que se empenharam na maior greve dentre tôdas as que afligiram o país nos últimos

LUTO EM 5 MINUTOS
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS



17 anos. Os comunistas, todavia, mantêm a esperança de retardar a normalização do país, visando com isso forçar a queda do Govêrno do Sr. Laniel. ★ O Senado italiano concede um voto de confiança ao Govêrno «apolítico» encabeçado por Giuseppe Pella. ★ O novo Sultão do Protetorado Francês do Marrocos chega a Rabat, recebendo aí as boas vindas de seus súditos. ★ O Xá do Irã regressa à sua pátria, onde é recebido como heroi, e seu Govêrno anuncia imediatamente que o deposto Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh será julgado como traidor. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto criando a Comissão Executiva do I Festival Internacional do Cinema do Brasil. ★ Regressa de Belém, onde fôra a fim de assistir ao VI Congresso Eucarístico Nacional, o Cardeal D. Jayme de Barros Câmara. ★ Instala-se em Curitiba o II Congresso Nacional de Folclore.

23 — DOMINGO — O Delegado do Brasil na Comissão Política da ONU., Sr. Henrique de Souza Gomes, declara que o Brasil votará para que participem da Conferência Política sôbre a Coréia todos os países que empunham armas no conflito coreano. ★ O Departamento de Estado, comentando a promessa soviética de desistir das reparações de guerra devidas pela Alemanha Oriental, disse que o objetivo da Rússia é sustentar o regime fantoche do Govêrno Grotewohl e embaraçar a posição do Chanceler Adenauer às vésperas das eleições. ★ Destruidos pelas chamas 30 vagões, nas Oficinas do Engenho de Dentro. — Ameaçado um conjunto residencial, nas proximidades do sinistro. — Acidentado um guarda ferroviário. ★ Violento tufão nesta capital provoca acidentes e danos aviatórios de pequena monta. — Desabamentos de barracões em morros de Botafogo e Copacabana e dé um cinema em Nova Iguaçu.

24 — SEGUNDA-FEIRA — O «New York Herald Tribune», comentando a situação econômica e financeira do nosso país, sob o título «O Brasil Melhora», enaltece a atuação do Ministro Oswaldo Aranha. ★ A Câmara dos Deputados italiana concedeu um voto de confiança ao Gabinete chefiado pelo Sr. Giuseppe Pella, por 315 votos contra 215, havendo 44 abstenções. ★ O Sr. Ministro das Relações Exteriores oferece, no Palácio Itamarati, um almôço ao Sr. Luther Evans, Diretor Geral da UNESCO. ★ Instala-se a I Conferência Brasileira do Seguros Privados. ★ O Govêrno da Alemanha Ocidental reduzem 70 % o impôsto sôbre o café.

25 — TÊRÇA-FEIRA — Os Estados Unidos informam à França de que se oporão ao pedido do bloco árabe-asiático, para que as Nações Unidas debatam a questão marroquina. ★ O Primeiro Ministro Sir Winston Churchill preside uma reunião de duas horas e quarenta minutos do Gabinete Britânico, em Downing Street, 10. — Sabe-se que foi discutida, na reunião, a questão da participação da Índia na Conferência Política coreana. ★ O ex-Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh e seus principais colaboradores ficam incomunicáveis em uma prisão que não foi ainda identificada pelos jornalistas. ★ O Estado-Maior francês anuncia que novo desembarque de «Comandos» da Marinha se efetuou na embocadura do rio Song Yen, situado na zona do Vietminh, no norte de Annam, a 50 quilômetros ao sul de Hanol. ★ O «Financial Times» tece comentários em tôrno da situação financeira do Brasil, focalizando a recuperação do «cruzeiro». ★ Chega a esta Capital, sendo recebido pelo Chefe do Govêrno no Aeroporto Santos Dumont, o Sr. General Manuel A. Odria, Presidente da República do Peru. S. Exa., com o Presidente Getúlio Vargas, assina documentos conjuntos sôbre a amizade entre os dois países, fidelidade aos princípios democráticos e sôbre o uso dos portos da bacia amazônica. ★ O Sr. Presidente da República comparece às solenidades comemorativas da Semana de Caxias, no Ministério da Guerra, tendo entregue condecorações da Ordem do Mérito Militar. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto designando a delegação do Brasil ao XVIII Congreso Internacional de Navegação. ★ O Sr. Hamilton Nogueira manifestou o seu pesar pelo falecimento do Professor Luís Capriglione. ★ Instalados, nesta Capital, os trabalhos da IX Reunião do Comité Jurídico da OIAC.

26 — QUARTA-FEIRA — O Secretário de Estado John Foster Dulles declara que a Carta das Nações Unidas está «obsoleta» e propoz a celebração de uma conferência entre os membros da Organização Internacional, para revisar-se o documento fundamental à luz da presente era atômica. ★ Walter Ulbricht, dirigente da zona comunista da Alemanha, pede abertamente, aos ci-

dadãos da zona ocidental, que votem contra o Chanceler Konrad Adenauer, que, segundo êle, enveredou pelo caminho da guerra. ★ A França declara que as Nações Unidas não têm o direito de considerar a questão do Marrocos, e ao mesmo tempo qualifica de «torpe» a petição formulada ao Conselho de Segurança, por um bloco de quinze nações africanas e asiáticas, para que discutam o problema. ★ O govêrno de Joseph Laniel começa a considerar um programa de redução dos prêços e de aumento dos sálarios, enquanto os trabalhadores dão por terminada a pior onda de greves que já sofreu a França em um século. ★ O Primeiro Ministro Zahedi ressalta a urgente necessidade que tem o Irã da ajuda norte-americana, enquanto a polícia prossegue em sua campanha contra os partidários do derrocado regime do ex-Primeiro Ministro Mohammed Mossadegh. ★ O Primeiro Ministro Sir Winston Churchill termina à cura de repouso prescrita por seus médicos, e já se acha completamente restabelecido da fadiga ocasionada por seu espinhoso cargo. ★ É assinado decreto concedendo exoneração ao Sr. Walther Moreira Salles das funções de Embaixador do Brasil nos Estados Unidos da América.

27 — QUINTA-FEIRA — Os Estados Unidos e a Inglaterra declaram-se contrários ao exame da questão marroquina pelo Conselho de Segurança, por não julgá-la uma ameaça à paz mundial. — O novo Sultão de Marrocos é recebido triunfalmente em Fês, capital religiosa de Marrocos. ★ Realiza-se manifestação monstro no Panamá, encabeçada pelo atual Presidente e por 8 ex-chefes do Govêrno, para solicitar aos Estados Unidos «o reconhecimento de seus legítimos direitos e um tratamento justo e equitativo». ★ Assinatura de nova concordata entre a Espanha e a Santa Sé, pela qual a religião católica é reconhecida como a única naquele país. ★ O Govêrno norte-americano declara estar pronto a examinar, com simpatia, o esperado pedido de auxílio ao Irã. ★ O Sr. Presidente do Peru assiste a demonstração de paraquedismo no Campo do Gramacho e ao desfile de 20 mil homens na Vila Militar, onde é homenageado com um almôço oferecido pelo Exército.

28 — SEXTA-FEIRA — Terminou o sétimo período de sessões da Assembléia geral da ONU, com uma forte acusação do delegado soviético Andrei Vishinsky, que qualificou «de demonstração hostil» a resolução adotada pelas Noções Unidas. Na ONU, depois da retirada voluntária pela Índia de sua candidatura a um lugar na próxima conferência de paz da Coréia, a Assembléia Geral aprova a proposta ocidental apoiada pelos EE. UU., de que sòmente participem os países beligerantes no conflito coreano. A votação é de 43 votos a favor e 5 contra. ★ O chefe da delegação soviética na ONU., Sr. Andrei Vishinsky, presta um tributo ao Embaixador do Brasil, Sr. João Carlos Muniz. — Diz que êle foi «justo e objetivo», como presidente da Comissão Política e acrescenta: «espero que continuará trabalhando no interêsse da Assembléia Geral». ★ O chanceler Adenauer diz, em discurso, que as eleições de setembro mostrarão se a Rússia será a senhora do mundo. — Famélicos alemães orientais lutaram com os comunistas, nos subúrbios de Berlim, e os obrigaram a ceder em seu bloqueio contra os milhares de pessoas que veio a Berlim Ocidental, em busca de alimentos norte-americanos. ★ A Rússia rejeita o protesto norte-americano pela derrubada de uma super-fortaleza americana no Extremo Oriente, a 29 de julho. ★ Os Estados Unidos apresentam novo protesto formal à Guatemala contra a reforma agrária daquele país, a qual levou à expropriação de milhares de hectares de terras pertencentes a emprêsas norte-americanas. ★ Assinados vários tratados internacionais entre as Repúblicas do Peru e dos Estados Unidos do Brasil. O Presidente Manuel Odria é homenageado com um almôço na A.B.I. S. Ex. visita o Supremo Tribunal Federal.

29 — SÁBADO — O Primeiro Ministro italiano, Sr. Giuseppe Pella, realiza uma sessão de emergência com seu Ministro da Defesa, a fim de planificar as medidas que a Itália tomará em face da ameaça da anexação da zona «B» de Trieste pela Iugoslavia. ★ Os círculos mais autorizados emprestam excepcional importância às eleições de domingo próximo na Alemanha Ocidental e admitem que, se o chanceler Adenauer sofrer uma derrota, estará comprometido o sistema defensivo da Europa. — Calcula-se que mais de trinta milhões de votantes comparecerão às urnas nesse pleito decisivo para os destinos da Alemanha e

EVITE A OBESIDADE



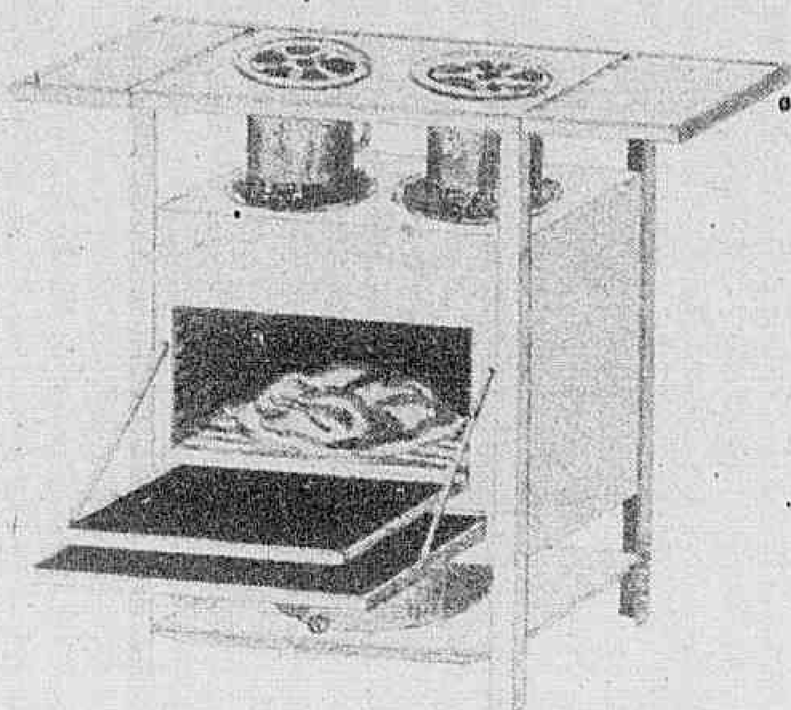
Com o uso diário do ENO. Elimina as toxinas do organismo, combate a prisão de ventre, a azia e a acidez... Laxante ideal, alcalinizante e estomacal.

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Mais de 70 anos de uso no Mundo inteiro!

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

da Europa. — O chanceler Adenauer promete que, se for reeleito nas próximas eleições do dia 6 de setembro, fará todo o possível para unificar a Alemanha e resolver o problema dos refugiados. ★ A Rússia rejeita, no último momento, o convite feito pelas três potências ocidentais para uma reunião, com o objetivo de concluir um tratado de paz com a Austria. ★ O delegado russo, Andrei Vishinsky, pede à Assembléia das Nações Unidas, que volte a considerar, como matéria de urgência, o projeto de proibição e contrôle de tôdas as armas atômicas e a transformação da energia atômica para «propósitos pacíficos e uteis».

30 — DOMINGO — Os representantes das potências ocidentais declaram-se profundamente desapontados com a resolução da Rússia, negando-se a participar das negociações para a elaboração do Tratado de Paz com a Áustria. ★ Os círculos ocidentais, preocupados com o recrudescimento da tensão ítalo-iugoslava, dirigem uma interpelação a Belgrado acêrca da declaração pronnunciada sôbre a mudança da política em relação a Trieste. ★ A polícia comunista da Alemanha Oriental está espancando brutalmente os habitantes que procuram burlar o bloqueio para adquirir os gêneros fornecidos pelos Estados Unidos. ★ Reaparece, na Inglaterra, o aviador britânico cujo desaparecimento, em território egípcio, provocou uma série de incidentes. — Noticia-se que um funcionário civil inglês foi assassinado em Ismalía.

31 — SEGUNDA-FEIRA — Os comunistas entregam mais 400 prisioneiros aliados, calculando-se que a operação de troca terminará dentro de uma semana ou pouco mais. ★ A aviadora Jacqueline Auriol, nora do Presidente da República da França, consegue superar a velocidade do som em um avião a reação «Mystere», sôbre o campo de provas, de Bretigny. ★ Estêve reunida para debater a inscrição da queixa apresentada pelo grupo afro-asiático, sôbre o caso marroquino. — A Rússia votou favoràvelmente a aceitação da queixa para ser debatida. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Presidente do Banco do Nordeste do Brasil o Sr. Romulo de Almeida.

TRABALHOS GRÁFICOS
★ LIVROS ★ RÓTULOS
★ FOLHETOS ★ BULAS
★ PROSPECTOS ★ CARTAZES
E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO
Cia. Editôra Americana
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TELEFONE 22-8647 — RIO DE JANEIRO

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"O sentido das leis se deduz, tanto do espírito como da letra respectiva." — *ULPIANO*

HERMENÊUTICA E LINGUAGEM

A. J., desta capital, pede-me parecer, de gramático e de jurista, a respeito da interpretação e extensão do art. 142 de nossa Carta Magna, tendo em vista a opinião que teria sido expressa pelo juiz Aguiar Dias, no sentido de que "a oração principal, tanto em lógica como em gramática ou em direito, deve prevalecer sôbre a oração subordinada."

Estabelece o art. 142 da Constituição:

"Em tempo de paz, qualquer pessoa poderá com seus bens entrar no território nacional, nêle permanecer ou dêle sair, respeitados os preceitos da lei."

Segundo afirma o consulente, o Meretíssimo Juiz abandonou, na aplicação dêsse dispositivo constitucional, a condição ou restrição contida na expressão "respeitados os preceitos da lei", para adotar, de modo absoluto, o princípio de livre ingresso no país, ou de saída do mesmo.

Por coincidência, a carta de A.J. chega-me às mãos justamente quando "O Cruzeiro" publica extensa reportagem a respeito do assunto, dando ciência de que o Supremo Tribunal Federal modificara a sentença daquele magistrado, a fim de aplicar o art. 142 em tôda a sua extensão, isto é, sem abandono da oração reduzida que o integra: "respeitados os preceitos da lei".

Não li, no "Diário da Justiça", a sentença e o acórdão referidos. Louvo-me, pois, nas informações acima, em caso de que tivera notícia pela leitura de jornais. Quanto ao aspeto jurídico, está a espécie definitivamente resolvida, com a decisão, em última instância, do mais elevado tribunal do país.

Quanto ao aspeto gramatical, não há dúvida de que as orações subordinadas adverbiais exprimem circunstâncias referentes à oração principal.

No período — *Irei, se não ficar doente* — é claro que a ação de *ir* está condicionada a *não ficar doente*. A abstração da subordinada emprestaria à principal uma extensão que ela absolutamente não deve possuir.

É precisamente esta a hipótese do art. 142: a norma geral é a de que qualquer pessoa pode com seus bens entrar no território nacional, nêle permanecer ou dêle sair, "respeitados os preceitos da lei", isto é, desde que sejam obedecidas as normas legais sôbre o assunto. A condição é clara e insofismável. Desprezá-la seria admitir, na lei, a imprestabilidade de têrmos e expressões, o que não seria de boa hermenêutica.



EXEGESE

J. S. (Belo Horizonte) — De acôrdo com as suas conclusões, na bem deduzida carta com que me distinguiu. Os dicionários registam, aliás, a pronúncia *esegese*, para exegese; *ésodo*, para êxodo, *esogamia*, para exogamia.

O *x*, que igualmente aparece em palavras de origem latina (e também no prefixo *ex*, latino) apresenta diversos valores fonéticos; daí a confusão, e a pronúncia *ekszegese*, sem valor histórico.



QUÊ ? O QUÊ ?

H. R. (Nesta) — Não vemos como rejeitar a forma interrogativa — *O quê ?*, onde o *o* serve de apoio fonético ao indefinido.

Nos clássicos, encontram-se ambas as formas.

Castilho escreveu:

— *Que* é um exército?

E Garrett:
— *O que* há de ser dela e de nós?

A expressão já constituiu objeto de discussões e estudos. A construção *o quê?*, condenada por Cândido de Figueiredo, foi ardorosamente defendida por Heráclito Graça e por Said Ali.

JOSÉ RICARDO NETO

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVII — Nº 5 — OUTUBRO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões de Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção

QUARTO TORNEIO
OUTUBRO — DEZEMBRO

CHARADA ANTIGA

"A verdade não se deixa ocultar".

Justa homenagem ao distinto dr. Lavrud, pelo seu 33º aniversário de direção charadística.

1 — Ilustres companheiros,
Brasileiros,
Estrangeiros,
Numa *ação repentina* — 1
Amorável,
Incansável,
O alto mestre falou,
Demonstrou,
Explicou
Bem, o que era a *corvina* — 3
A aula bela
Se não singela,
Em nossa alma ficou...
E', pois, nosso dever,
Com prazer,
Aclamar,
Exaltar,
Mais honrar
Êste homem dedicado,
Delicado,
Denodado,
Muito digno,
Fidedigno
Que tem *todo o saber!*

Heron Silpes (Canavieiras)

CHARADAS CASAIS

2 — Três — O *trabalho de moldura em tetos e soalhos* é o que fica por *último*.
Anchieta (S. Paulo)

3 — Quatro — Fiquei *cheio de* razões por não ter sido *pesada* a mercadoria.
Dopasso — G.C.N. (Recife)

4 — Duas — Diz o ponderado: com *aposta* de jôgo, perco a reputação e *cresço* na ignominia.
Debrito (Recife)

5 — Duas — Todo *valentão* fica *indeciso* quando escolhe uma arma para a luta.
Edur G. Monteiro (Cuiabá)



A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio. Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

6 — Três — Causa-me — *aflição* ver tanta *dificuldade.*
Emidlej (Salvador)

7 — Três — *Surge* quase todos os dias um novo *produto* no comércio de drogas.
Farani (Salvador)

8 — Três — No *desvio do caminho* fica o *que não segue a boa direção.*
Fiote (Cuiabá)

9 — Três — *Arrisco pouca cousa, pequena quantia,* no jôgo.
Jovaniro — C.E.C. (Rio)

10 — Três — *Do convez* o marujo *namora* as grandes *ondas.*
K.T.Q.Z. (S. Paulo)

11 — Quatro — Como é que não foi *feito de barro* êste *vaso de barro?*
Lutércio (Rio)

12 — Três — Por espírito de *aventura*, há quem se case apenas para não viver *só.*
Plá (Rio)

13 — Três — A colheita foi *frustada* pelas chuvas, ficando o trabalho *muito dificultado.*
Malba Tantan — P.S.C.E.S. (Santos).

14 — Duas — Para limpar a nódoa da *gordura do caldo,* é necessário o máximo *cuidado.*
P. Del Debbio (S. Paulo)

15 — Saudosa *recordação* — 3
Da noite de São João.
Minhalma apesar dos anos,
E dos cruéis desenganos,
Lembra essa noite querida,
Que jamais será esquecida.
Ajerú

ENIGMAS

16 — No meio do mexerico,
Mete-se o rei, ardoroso,
Em vez de calar o bico:
— Êle que é tão *virtuoso*. —
Atelito Lebre

---

17 — Meu todo, é coisa sabida,
Com uma letra sòmente
Por três vêzes repetida,
Se escreve *frequentemente*.
J.D. Mingo (Bonfim)

---

18 — Quem se mete em barulho,
Se isto é com razão,
Saia sòzinho do embrulho,
Não quero *complicação*.
Seamva (Santos)

---

19 — No sapato da donzela
Vi uma pulga traiçoeira,
Que no *rasto* da fivela
Deixou marca bem brejeira.
Oarcim

CHARADAS SINCOPADAS

20 — Três (duas) — Com esta *máscara*, a *dissimulação* é perfeita.
Asil — A.C.C.B. (Salvador)

---

21 — Três (duas) — Aquela *velha cheia de rugas* é de *raça* semita.
Atelito Lebre (Rio)

---

22 — Três (duas) — Quem vive a *mentir* constantemente, não pode *calcular* o desprêzo que merece.
Conde de la Fere — A.C.C.B. (Salvador)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



23 — Três (duas) — Estou *impossibilitado de sair*, pois que amarrado com o *cabo auxiliar do estai do mastro do traquete*.
Cysneirense Júnior

---

24 — Três (duas) — *Modo de vida* e *modo de viver* são expressões equivalentes.
Conselheiro (R.G. do Norte)

---

25 — Três (duas) — Será que houve *influência* de Satã na *invenção* da guilhotina?
Cartinhos — C.E.C. (Morro Agudo).

---

26 — Três (duas)
De certo *especulador*
Aqui o retrato *pinto*.
Não é trabalho distinto
Porque não sou bom pintor.
Dr. Barreto Cardoso (G.C.N.)

---

27 — Três (duas) — *Cousa sem valor* não *furto*, diz o ladrão fino.
Dr. Zinho (S. Paulo)

---

28 — Três (duas) — A paulada acertou no *joelho* do *patife*.
D'Avila (Pará de Minas)

---

29 — Três (duas) — Quando vem um trabalho *grande* para se decifrar, eu *queimo* as pestanas.
El Principe (Uberaba)

---

30 — Três (duas) — Encontrei um *recruta caido* na estrada.
Jomaque — C.E.C. (Rio)

---

31 — Três (duas) — Quem não quer ser *joguete de escarneo* não *incorre* em falta.
Nilva (Rio)

---

32 — Três (duas) — Com que *altivez* vive o *senhor!*
Mr. Trinquesse — R.P. (São Paulo)

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

33 — Três (duas) — O Artur é um *retardado* mental e sem nenhuma *aptidão* para qualquer atividade.

Nomisio Nuno (Feira de Sant'Anna).

CHARADAS ANTIGAS

34 — De artificio não *entendo* - 2
Neste conflito tremendo,
De difícil solução.
Mas, eu sei que em certo meio,
Ninguém *esconde* o receio - 2
De levar um *bofetão*.

Gil Virio (Andradina)

Ao Matuto Cruzalmense.

35 —
E' *singular;* há quem pense - 1
Que o Matuto Cruzalmense,
E' matuto de verdade...
A meu ver, sua prosa *amena* - 2
Por trazer tal nome em cena,
Sombrinha tem de maldade...

Jayreis (Bahia)

---

36 — Se *domino* o de-
[safio — 2
Que no *terreiro* (*) de-
[flagra — 2
Não quero prêmio por
[brio,
Que seja *leitoa magra.*

(*) Onde se debulha trigo.

R. Kurban (T.B. — S. Paulo).

CHARADAS NOVÍSSIMAS

37 — Uma — uma — Que *pena*, desde que saiu do *balcão* começou a *rodopiar*.

Asclepios (Rio)

38 — Duas — duas — Por causa da *mudança* nas medidas da *superfície* da mesa, o operário teve que fazer uma *retratação.*

Bigi Neto (Rio)

---

39 — Duas — três — Que *embriaguês* daquela moça *gorda!* quase que se afoga na *lagoa.*

Bisilva (Manaus)

---

40 — Duas — duas — *Agasalhei* com cuidado a *pequena quantidade* do alimento *relativo à mãe.*

Gumercindo Leite

---

41 — Duas — duas — O garôto bateu no *estômago* do outro, por uma *ninharia*, com o *pedaço de pau em que se enrola o fio dos papagaios de papel.*

Heron Silpes (Canavieiras)

42 — Duas — duas — Aquela porta *dá aceso* a *solteirona* para apreciar a estátua da *ninfa que deu o seu nome* a *Mysia.*

O Sineiro — *P.S.* (S. Paulo)

---

43 — Três — duas - O jardineiro *transplanta* a roseira quando há *ensejo*, e o faz com *perfeição.*

Oarcim (Rio)

---

44 — Três — uma — Na *discussão até* gente *elegante* e boa, perde as estribeiras.

Roama (Guapiaçu)

---

45 — Duas — uma — Sujeito *valente bate* sem fazer *gritaria.*

Sertanejo II (Lavras)

---

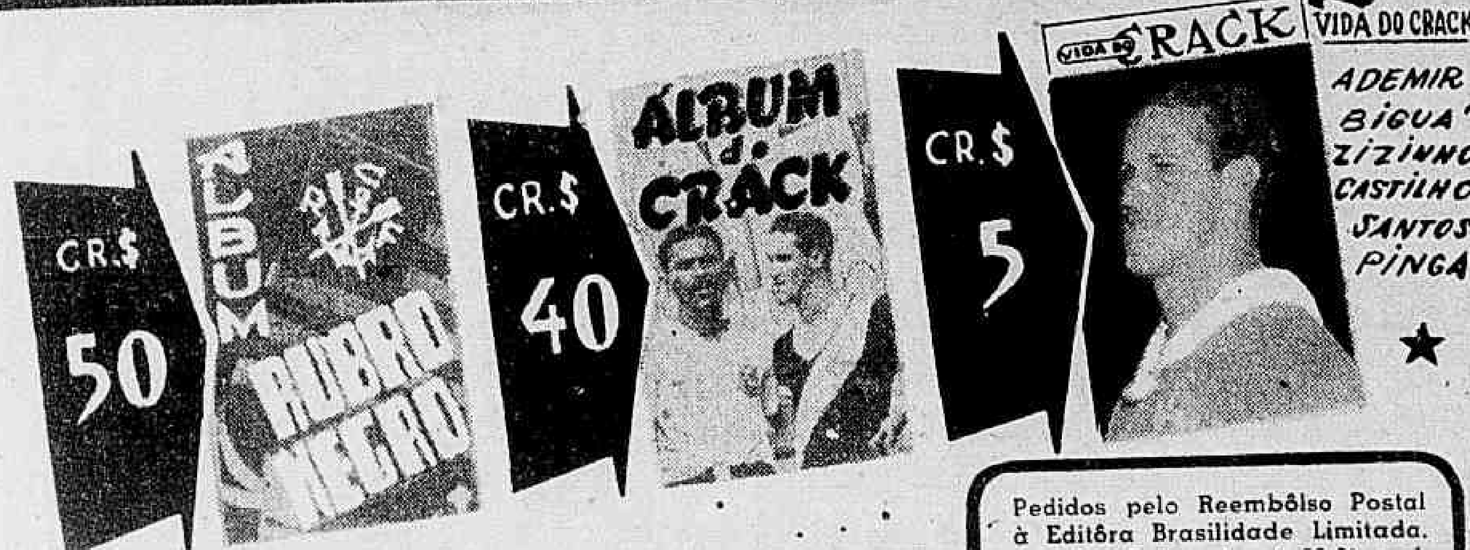
46 — Duas — três — *Causa* espante como você não *reprime* essa *indecisão irritante.*

Sefton (Rio)

---

47 — Três — uma — O *suco espesso da mandioca* misturad[o] com água, *não* se torna *prêt[o]*

Seamva (Santos)



fixbril ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO!
Atraia tambem a admiração de todos, fixando seu penteado com FIXBRIL, o fixador ultra-moderno que não empasta.
★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

48 — Duas — duas — O que *tira o viço a* algumas searas, quando *permanece* por algum tempo, é a *alfôrra*.

Zytho (Rio)

---

49 — Duas — duas — A *atriz* sentava-se numa *poltrona* para examinar melhor a *fazenda fina do século XVIII*.

Zoraco

---

50 — Três — uma — Pelo *exemplo* e pela *dor*, muito se tem aprendido e há muito homem *ensinado*.

Zigomar — B.B. (B. Horizonte)

---

51 — Duas — uma — duas — O *possuidor* das terras em questão, homem de "*caráter*", entregou a *montanha* ao *proprietário do terreno diamantífero*.

Eva Dio (Rio)

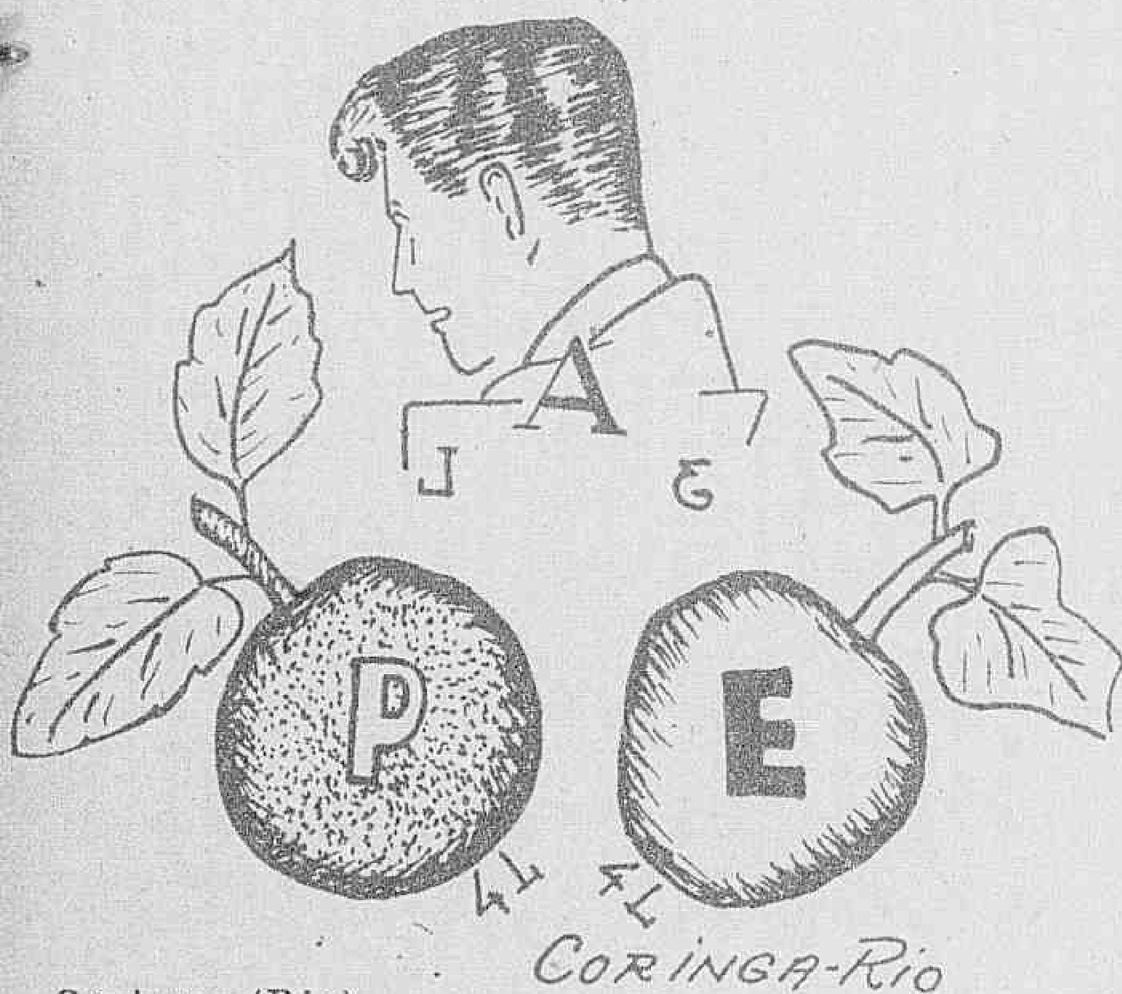
BIGODE de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
FUNDADO 1926
PEÇA PROSPECTOS

NOSSO ANIVERSÁRIO

Os nossos bondosos colaboradores não esqueceram o mês de outubro, quando completamos mais um ano de direção de *Quebra Cabeças*. Assim, recebemos diversas manifestações de simpatia, e isto pela 33ª vez.

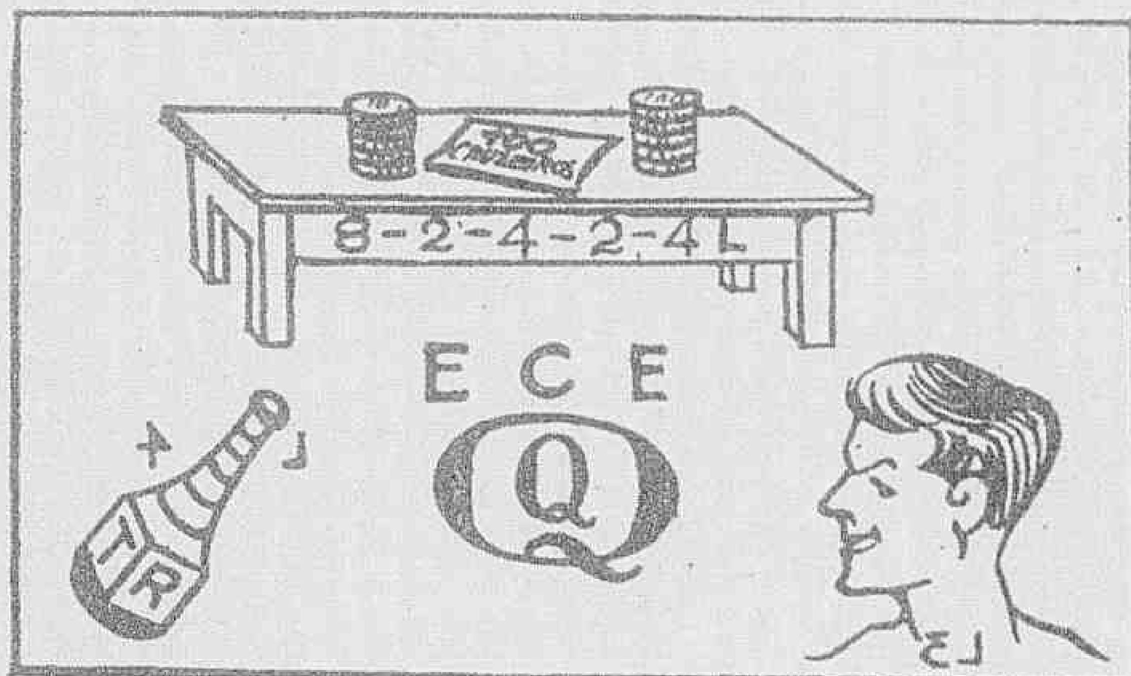
Gratos a todos.

ENIGMA PITORESCO — 52



Coringa (Rio)

ENIGMA PITORESCO — 53



El Campeador (Campo Grande — M. T.)

FALECIMENTOS

Azurea D'Avila

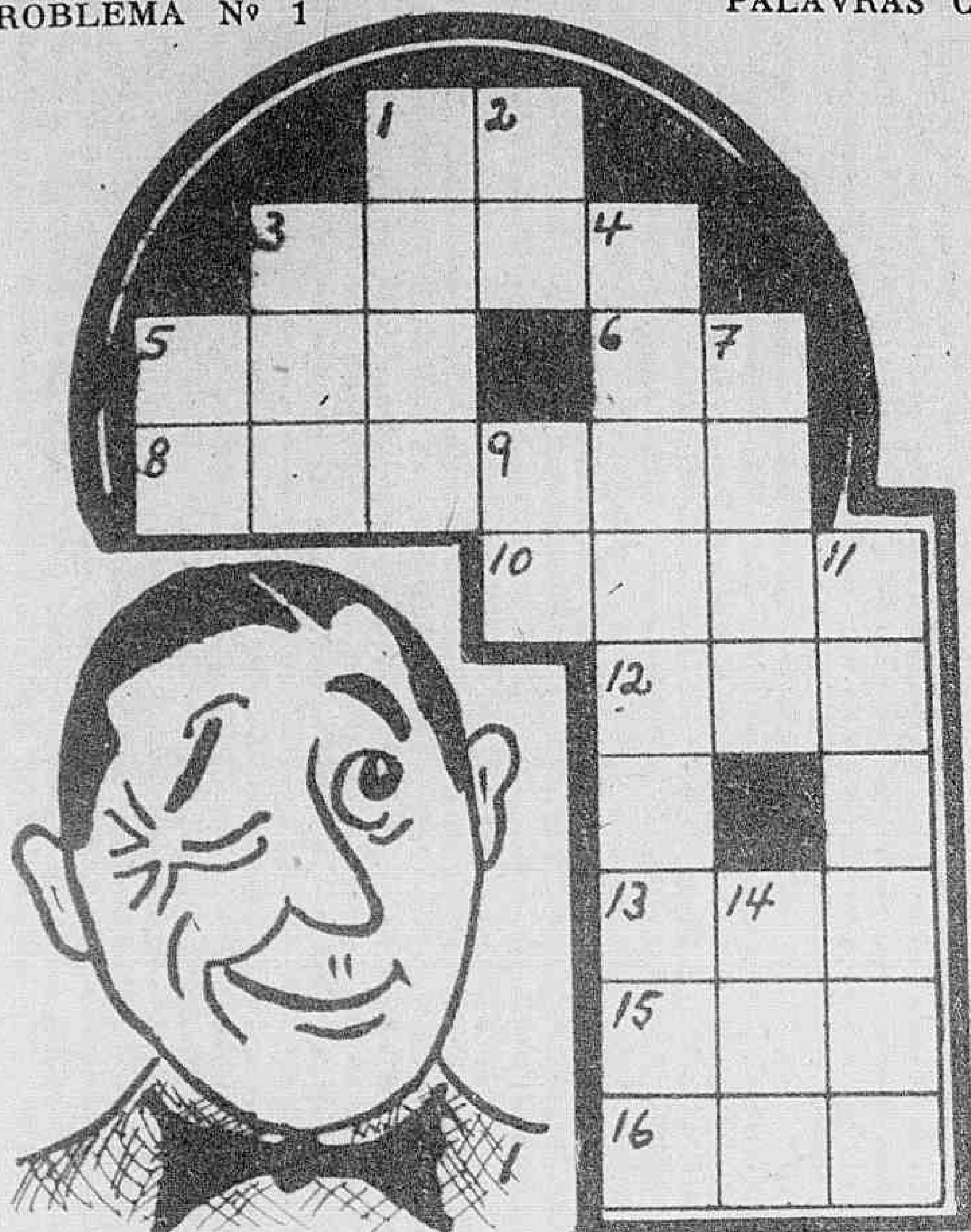
Nossa inteligente colaboradora (d. Áurea da Silva Esteves), espôsa do nosso velho amigo e colaborador *Ueneri* (Irineu Vilas Boas Esteves), faleceu nesta capital, no dia 5 de agôsto.

Ao seu enterramento compareceram muitas famílias e grande número de confrades e também o *Dr. Lavrud* representando esta seção.

CURSO DE LATIM por correspondência
Sôlicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1

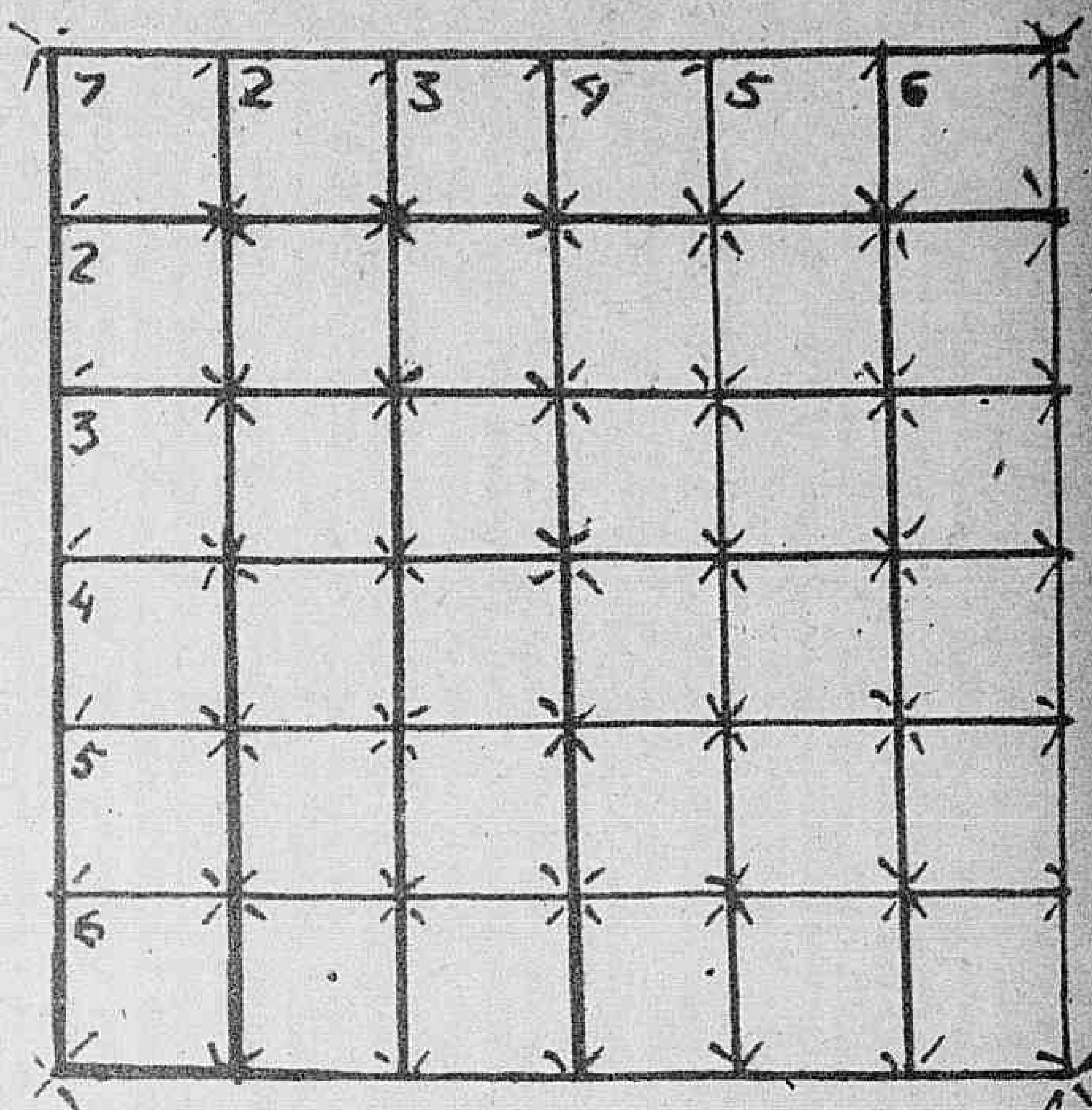


P. Del Debbio — C.E.P. (São Paulo)

HORIZONTAIS: — 1 — Confiança; 3 — Terreno em que se junta o sal, ao lado das marinhas; 5 — Giz; 6 — Povoação da África ocidental portuguêsa, prov. de Guiné; 8 — Convergir; 10 — Nome próprio masculino; 12 — Data; 13 — Ilha do grupo das Carolinas; 15 — Brotar; 16 — Planta da família das Leguminosas-Papilionáceas.

VERTICAIS: — 1 — Exato; 2 — Símbolo químico do érbio; 3 — Ribeira da Prússia renana; 4 — Apertado ou seguro com fivela; 5 — Aqui; 7 — Navegar; 9 — (Interj.) Designativa de dor, surprêsa; 11 — Trena; 14 — Nome antigo do iris do Egito, que se empregava como perfume.

PROBLEMA Nº 2



Edur (Cuiabá — M.T.)

HORIZONTAIS e VERTICAIS: — 1 — Surra; derrota; 2 — Costumados; 3 — Corda delgada das velas latinas; 4 — Extrair; 5 — Ganhando; 6 — Planta da família das Aristoloquiáceas, tida antigamente como medicinal e também chamada orelha de homem (pl.)

———

Por comunicação do nosso colaborador *Marcus*, tivemos a infausta notícia do falecimento, em Belo Horizonte, de d. Anita Andrade de Vasconcelos e Almeida, ocorrido no dia 15 de julho, progenitora do nosso ve-

"AMARALINA"

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)



Já se encontra à venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

lho colaborador *Zigomar* (Nelson de Vasconcelos e Almeida Sobrinho).

REDUTO PAULISTA

Está colaborando nesta seção o *Reduto Paulista*, formado por três dos maiores charadistas brasileiros, todos velhos colaboradores desta seção, e que agora voltam às lutas; são êles: *Anchieta*, o invensível; *Mr. Trinquesse*, nome respeitado pelos seus trabalhos e, finalmente, *Pompeu Júnior*, o completo; êste sempre tem acompanhado os nossos torneios.

Estamos de parabéns.

VADE-MÉCUM DO ENIGMISTA

E' o segundo livro de *Lidaci* (coronel Leandro José da Costa), nosso velho colaborador. *Lidaci*, que, estudando a necessidade que havia para novos ensinamentos do charadismo, acaba de publicar êste livro que será de grande utilidade para os enigmistas.

Gratos pela oferta.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos, as seguintes:

Jornalzinho do Charadista — Orgão de divulgação da Praxiterapia Especializada — Colônia Júlia Moreira, tendo como patrono o dr. Hélio Pires; fundador, dr. Sílvio Aranha de Moura; direção de *Atev, Ivan Gelista* e *Edu* — 1º número — agôsto; *Atleticana* — Orgão de propriedade da Associação Atlética do Grajaú. — Revista dedicada aos seus sócios, e onde *De Souza* dirige a *Página de Edipo;* — *Revista de Palavras Cruzadas*, desta capital; — *Cruzadismo e charadismo*, órgão do *Circulo Enigmático Carioca;* — *Norte Charadistico*, publicação do Grêmio Charadista do Norte; — *O Charadista*, da Tertúlia Edípica de Lisboa; — *Edipismo e Palavras Cruzadas*, de Estremoz — Portugal; *Revista do Globo*, de Pôrto Alegre. Estava faltando no sul uma seção charadista de vulto. Graças a *Juca Pirolito* aparece agora, nesta revista, uma bem feita seção.

CORRESPONDÊNCIA

Sérgio Patricio (S. Paulo) — Recebemos as listas de julho e agôsto — Inscrito com muito prazer.

I.L.M. (Rio) — Não há formalidades para o ingresso nesta seção; basta mandar nome, pseudônimo e residência. Pode mandar a lápis o desenho dos figurados.

Dempsey (Montevidéu) — Recebemos; nada tem que agradecer.

Segon (Rio) — Os prêmios do Almanaque são de real valor.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor.

DR. LAVRUD

CARTOMANCIA

Maria Só (São Paulo) — Noto radical mudança em sua vida social. Brevemente, seu nome será citado como exemplo. Um jovem que lhe dedica afeição se ausentará a serviço. Durante um passeio, perderá um objeto de estimação. Uma carta a porá ciente de relevante assunto. Terá vida longa e venturosa.

Yaya (São Paulo, Capital) — As cartas, em seu mapa, revelam: casamento próximo, com indícios de que será feliz. Vejo uma criança de sua família sofrendo pequeno desastre. Um de seus amigos ficará contra a consulente, durante um mal-entendido. Seus dias felizes são os pares.

Andaluza (Campinas, S. Paulo) — Em primeiro plano noto que a consulente será criticada, pela atitude tomada em relação a um caso de amor. Um desentendimento surgirá entre pessoas de sua família. Vejo um homem de leis lhe prestando auxílio. Acautele-se com as grandes massas de água. Noto que terá vida prolongada.

Teresa N. S. (Rio de Janeiro) — A consulente esqueceu de preencher o mapa com os valores das cartas, tornando impossível o estudo. Queira renovar sua consulta, que atenderemos com prazer.

Rosa do Sul (Paraná) — Para o futuro conseguirá ver realizados seus sonhos. Um homem de farda prejudicará alguém que a estima. Há sinais de perigo com os inflamáveis; tenha cautela. Será prêsa de ligeira enfermidade. Sua pedra talismã é o topásio.

Regina Célia (Paraná) — Será convidada para uma festa, onde obterá franco êxito. Um senhor de alta posição ficará a seu favor, num caso de justiça. Em horas de alegrias receberá uma carta que a entristecerá. Um mimo significativo lhe será ofertado.

Jupira (Icaraí, Niterói) — Um jovem alto e claro, está muito interessado em lhe ser agradável. Uma de suas amigas sofrerá um desgôsto amoroso. Noto doença grave em uma senhora de sua família. Fará uma viagem bastante proveitosa. Suas côres usuais devem ser o verde e o azul-claro. Vida longa.

Aliviada (Icaraí, Niterói) — As cartas, em seu mapa, deixam ver: aproximação de alguém trazendo novas alvissareiras. Breve será contemplada com pequena importância, de uma herança. Um documento de valor será encontrado e lhe trará alegria. Seu futuro apresenta-se calmo.

Nelly (Rio de Janeiro) — Uma pequena rusga amorosa surgirá em uma festa dançante. Fará uma pequena viagem, porém não obterá o êxito que esperava. Há sinais de que seu nome se envolverá numa intriga; tenha o máximo cuidado com uma mulher gorda e morena. No porvir terá felicidades.

Formiga (São Paulo) — Noto, de início, o recebimento de pequeno presente, que a alegrará muito. Um homem de farda porá entraves a um projeto seu. Uma pessoa de sua família sofrerá séria afronta. Vejo a chegada de uma carta com notícias agradáveis. Terá vida longa.

LIVROS!

Que é você mais homem ou mais mulher? — 164 - 15,00
Manon Lescaut — 250 - 10,00
Paulo e Virgínia — 254 - 10,00
J. Alencar, Lucíola — 239 - 10,00
O Tronco do Ipê, José de Alencar — 256 - 10,00
Morro dos Ventos Uivantes — 266 - 10,00
Racha-Cocos ou Quebra-Cabeças para Sabidos — 258 - 15,00

A Conquista Amorosa pela aplicação da psicologia sexual — 92 — 15,00
Vigor Sexual — Nº 6 — 20,00
Fórmulas para Ganhar Dinheiro — 153 - 15,00
Aprenda a Dançar sem Mestre — 170 - 15,00
Guia Íntimo da Sexualidade — Nº 5 — 15,00
Dicionário de Rimas — Nº 53 - Cr$15,00
Espumas Flutuantes, Castro Alves — Nº 46 - 10,00
Manual do Fotógrafo Amador — 234 15,00
Os Escravos, Castro Alves — Nº 121 10,00
Aprenda a Fotografar — 246 15,00

Dicionário Moderno de Sexo e Amor — Nº 7 - 15,00
Natação sem Mestre — 135 — 15,00
A Cozinha Nortista — Nº 86 — 10,00
Os Melhores Pratos da Cozinha Francesa — Nº 79 — 10,00
A Arte de Fazer Doces — Nº 85 — 15,00
Hábitos Sexuais do Homem — Nº 127 — 20,00
As Amantes do Imperador — 206 - 10,00
Modelos de Cartas Comerciais — Nº 143 — 15,00
As Chaves de Salomão — 198 - 15,00
Pratos Econômicos e Saborosos — 221 - 15,00

A Taberna, Emile Zola — 208 - 10,00
Senhora, José de Alencar — 241 - 10,00
O Banho, Emile Zola — 65 — 15,00
Assim se Emagrece Comendo — 156 - 15,00
Método de Corte e Costura sem Mestre — 236 - 15,00
Personalidade — 183 - 15,00
Anormalidades Sexuais — Nº 95 — 20,00
Seleções de Ruy Barbosa — 28 - 15 00
Pequenas Biografias de Grandes Escritores, Luiz A. P. Victoria — 128 - 15,00
Brasileiros Ilustres — 200 - 15,00

Ana Karenina, Leon Tolstoi — 218 - 10,00
Madame Bovary — 195 - 10,00
A Besta Humana, Emile Zola — 215 - 10,00
Naná, Emile Zola — 180 - 15,00
Mademoiselle de Maupin, Theophile Gautier — 216 - 10,00
História de um Beijo — 232 - 10,00
O Jogador, Dostoiewski — 245 - 10,00
Educação Sexual dos Filhos — Nº 168 - 20,00
Grandes Cortesãs, I vol. — 178 - 15,00
Grandes Cortesãs — 217 - 15,00

Estimulantes Sexuais — Nº 67 — 15,00
Iracema, José de Alencar — 222 - 10,00
A Pata da Gazela — 238 - 10,00
Diva, José de Alencar — 225 - 10,00
A Viuvinha e Cinco Minutos, José de Alencar — 226 - 10,00
Ubirajara, José de Alencar — 224 - 10,00
A Escrava Isaura, Bernardo Guimarães — 240 - 10,00
A Moreninha, Joaquim Manoel de Macedo — 227 - 10,00
Manual da Vida Sexual — 174 20,00
Declarações de Amor — 165 - 15,00

O que todos os homens devem saber para conquistar a mulher — Nº 124 — 20,00
O que toda a mulher deve saber para conquistar o homem — Nº 136 — 20,00
Sensualidade — Nº 131 — 20,00
Sensualidade — 132 — 20,00
Sensualidade, vol. II — 133 - 20,00
Sensualidade — 134 - 20,00
A Carne, Julio Ribeiro — Nº 140 — 25,00
Enfermidades Sexuais — 160 - 20,00
Dicionário de Citações de Frases Célebres, Vol. I — 80 15 00
Dicionário de Citações de Frases Célebres, Vol. II — 144 - 15 00

Erros de Português e suas Correções — Nº 26 — 15,00
A Ortografia Correta — 168 - 15,00
Fala e Escreve Corretamente a tua Língua — Nº 27 — 15,00
Tira Dúvidas de Português — 69 - 15,00
500 Testes de Português — 219 - 15,00
Dicionário de Sinônimos — 242 - 15,00
Formulário de Correspondência Social e Familiar — 162 - 15,00
Técnica e Prática Sexual — Nº 2 — 20,00
Cartas de Amor, Manoel Macedo — Nº 20 — 15,00
Modelos de Cartas para todos os fins — 257 15,00

Aprenda a Dirigir sozinho — 141 - 15,00
Manual do Motorista — Nº 38 — 15,00
Enguiços do Automóvel — 138 - 15,00
Eletricidade do Automóvel — 61 - 15,00

Guia do Mecânico do Automóvel — 188 - 15,00
Rádio para Principiantes — 146 — 15,00
Método de Datilografia — Nº 96 — 15,00
O Conde de Monte Cristo — 223 - 10,00

Métodos Científicos e Modernos para Limitar os Filhos — 87 - 20,00
Levantamento de Peso — 212 - 15,00
Guia do Crack — 260 - 15,00
A Mulher de 30 Anos — 270 - 10,00

VENDAS

RIO: Av. Rio Branco, 25 - Rua do Ouvidor, 150

SÃO PAULO: Rua Cons. Crispiniano, 403

SALVADOR: Praça da Sé, 20 e 22.

RECIFE: Rua da Palma, Loja 6 (Edifício dos Comerciários)

BELO HORIZONTE: Rua da Bahia, 884

INTERIOR

Peça pelo REEMBOLSO POSTAL enviando seu pedido, pelo talão ao lado, para o Rio de Janeiro.

Editora **GERTUM CARNEIRO**

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 10-B Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME..
RUA...
LOCALIDADE..
ESTADO..

RESSURREIÇÃO

(Cont. da pág 16)

que se julgara completamente esquecido, via, agora, que não estava tanto assim.

Colocou as novas flores junto das outras, na lata; rosas brancas, dos colegas; rosas amarelas, do diretor de seu primeiro sucesso, e cravos, da estrêla de «O círculo vermelho». Os telegramas eram do pessoal, que trabalhara com êle em outras peças e também de uma pequena, que trabalhara no escritório de Nick e que, segundo sabia, havia sonhado, românticamente, com êle, nos tempos em que ia bem e cortejava Sara. A mensagem era terna:

— «Por uma lembrança querida. Louise.»

Mas, êle sempre a tratara por Miss Silverstein!

Seu quarto tinha um ar festivo. Êle não fizera a cama; muitas vêzes era assim, não arrumava a cama e deitava novamente; mas, agora, resolveu ajeitar um pouco. Limpou a poeira da mesa, com um lenço velho, e, depois de pensar um pouco, colocou as rosas amarelas numa garrafa com água, com a qual foi adornar a mesa.

O telefone começou a tocar — e continuou tocando, até que êle se resolvesse a sair ou a atender. Pegou o fone e falou cautelosamente:

— Alô! — Disfarçara bem a voz, pensando ser Nick, mas não era. Foi uma voz feminina, macia, que perguntou:

— Eu queria saber se é aí que morava Drake Forrester?

— Sim — respondeu Drake, simplesmente; e, nessa hora, reconheceu a voz. Seu coração disparou. Era Sara! Aquela era a voz mais suave do mundo!

— Eu acabo de ler uma notícia horrível — continuou a voz — e queria saber onde e quando será a cerimônia fúnebre. Eu o conheci muito. Na verdade, eu o amava e ainda amo, embora não tivesse tido oportunidade de dizer-lhe antes...

Drake não conseguia falar, não achava o que dizer, e só estas palavras tôlas pôde articular:

— E p-por que não lhe disse?

— O senhor era amigo dêle? — perguntou ela, admirada.

— Bem, de certo modo; êle me falou na senhora...

— Quer dizer que êle não me esqueceu?

— Nunca...

Êle começava a se sentir atrapalhado. Que espécie de nova teia era aquela em que se estava embaraçando?

— O senhor não poderia vir até aqui e me falar um pouco a respeito dêle?

— S-sim; onde é que a senhora mora?

Ela deu endereço num subúrbio longe da cidade, onde êle estava.

— Não sei bem quando poderei ir... — começou êle.

— Por que não vem agora? Eu quero saber como êle estava vivendo e, talvez, lhe possa explicar... Como vê... eu o perdi, quero dizer, depois que o meu marido morreu, eu não sabia onde encontrar Drake. Além disso, nunca vi o nome dêle nos jornais a não ser hoje, e foi então que compreendi quanto êle significava para mim. Estive sonhando com êle e agora...

— Eu irei — respondeu Forrester, com voz firme. E desligou.

Embora tivesse prometido, poderia deixar de ir, se quisesse, pois, agora, já tinha o endereço dela e, mais cedo ou mais tarde, poderia procurá-la.

Mas, sabia que não tardaria a bater na porta da casa dela, ansioso, esperando o momento de vê-la.

Não havia outro jeito, tinha de voltar à vida!

O telefone bateu novamente e êle, pensando na possibilidade de ser Sara, outra vez, correu a atender, nervoso:

— Alô!

E foi apanhado! Era Nick, exasperado.

— Ora, muito bem! Que loucuras são estas? Eu bem sabia que você não estava morto! Onde estêve tôda a manhã?

— E, como é que você soube? — perguntou Drake, meio ofendido. Então Nick pensava que êle não teria coragem?

— Por momentos cheguei a pensar que fôsse verdade, seu maluco; mas, então, li a notícia tôda, cuidadosamente, e vi logo que não podia ser você. O morto tinha sessenta e seis anos, você não reparou?

— Não, não reparei...

— Você nunca foi muito bom em números — respondeu Nick, impacientando-se. — Êles davam você como nascido em 1887, e eu sei que, então, você ainda não era dêste mundo. Tenho feito bastante publicidade para você; passei a manhã tôda nisso! Amanhã, o jornal vai publicar uma nota, desmentindo. Parece que foi um camarada lá da Virgínia, que tinha o nome parecido com o seu... O coitado morreu e aquêles focas fizeram a confusão. De qualquer modo você só aproveitou com isto! Tenho um papel para você...

— Oh!

Drake exultava e chegou a esquecer tudo o que se passara.

— Sim senhor! E um bom papel. Não o principal, mas um bom papel numa peça nova: «Ao sul da lua». Parece coisa boa. Temporada de verão, para começar; se fizer sucesso aqui, iremos para a Broadway. O produtor telefonou, esta manhã, dizendo que, se tivesse podido comunicar com você teria dado um papel melhor na peça e, então, eu pedi a êle que me concedesse algumas horas. Venha imediatamente, Drake, que eu já vou preparar o contrato. Venha logo que, desta vez, vamos para a frente. Nada de cochilos!

Drake hesitava. Não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo; ou iria primeiro ver Sara ou iria primeiro ver Nick. A decisão não foi difícil; êle era ator há muito tempo, mas tivera poucas oportunidades de estar enamorado. Era hora de mostrar de que era capaz, e sua mentalidade dramática começou a funcionar. Viu-se na casa de Sara, esperando por ela e, então, via quando ela entrava, mais bela que nunca. Êle esperaria, impassível, e, então, ao vê-lo, ela gritaria: «Drake, querido, como foi isto?» — E êle responderia: «Quem morreu foi outro e não eu!»

E, depois, fecharia os olhos para beijá-la. Sara era suave e tinha os lábios mais macios que êle já beijara:

— Hei, está dormindo? — berrou Nick, pelo telefone.

— Não posso ir já, Nick; tenho um compromisso muito importante...

— Que compromisso? Que compromisso é mais importante do que um contrato?

— Êste é... Mas, prepare o contrato que eu irei aí uma hora destas, hoje, amanhã, qualquer dia.

Desligou o telefone e continuou sonhando. Iria hoje lá, certamente, e depois que êle e Sara tivessem sentado num sofá; depois que êle a tivesse beijado várias vêzes; depois que tivessem almoçado juntos e conversado muito, êle olharia o relógio e diria espantado:

— Por Deus, querida! Tenho um compromisso importante, ainda hoje. Esqueci completamente... Vendo você esqueço tudo...

— Alguma peça nova, querido?

— Sim. «Ao sul da lua». Coisa nova, mas parece boa!

— Volte logo — diria ela. — Estou tão orgulhosa de você!

E êle responderia:

— Voltarei... Jantaremos juntos e faremos nossos planos.

— Ficarei esperando — diria ela, naquela voz suave — mais suave ainda, agora, do que antes...

Drake começou a movimentar-se pelo quarto, preparando-se. Tinha uma camisa nova. Tinha sempre uma, guardada, para o caso de aparecer uma oportunidade de falar com algum diretor importante.

Desceu, novamente, ao primeiro andar da pensão, para tomar outro banho de chuveiro, fazer a barba e, então, vestir a camisa nova e aquêle terno que guardava para ocasiões **especiais**.

Parou, hesitante. Êle devia levar qualquer coisa para ela!

Olhou em redor, procurou entre seus livros — todos velhos... — entre os **souvenirs** e, então, falou alto, estalando os dedos, com satisfação: «Flores!»

E, pegando os ramos, todos juntos, escolheu, entre as caixas que estavam atiradas no chão, ajeitou tudo direitinho e amarrou, cuidadosamente.

Depois, rebuscou no armário, até retirar de lá uma bengala, que não usava há anos. Era de bambu, com cabo de imitação de marfim e que êle usara no papel de **marido**, na peça de mistério.

Parando em frente ao espelho, viu refletida uma figura que há muito êle não via: um cavalheiro esbelto e alto, de rosto pálido e risonho, olhos escuros e brilhantes e, mesmo, uma certa pose.

Drake Forrester sorriu para a própria imagem no espelho, satisfeito com a própria ressurreição.

Positivamente, não estava mal, principalmente, considerando-se que estivera morto a manhã tôda!

— Parabéns! — disse êle, jovialmente, para si mesmo.

E, pondo o chapéu, ajeitou-o um pouco mais para o lado e saiu...

COMBATE AO GENOCÍDIO

(Cont. da pág 71)

não aprova as leis sôbre direitos civis que se lhe pedem, hoje, com tanta veemência, e se ratifica esta Convenção, na forma em que foi submetida à sua apreciação, os grupos afetados ficarão em atitude de buscar alívio legal, com base no fato de que esta chamada Convenção Sôbre Genocídio torna sem efeito as leis dos Estados?"

Quando se considera "grave" o "dano mental"? Quando é "danoso" e, quando é só "mental"? A decisão final fica a cargo da Côrte Internacional de Justiça, de tal modo que êsse tribunal internacional está facultado a determinar se devem ser castigados ou não — pelo crime de genocídio — os cidadãos, de qualquer dos países contratantes, prerrogativa que, até agora, estava reservada, exclusivamente, aos tribunais do país respectivo.

Em resumo, podem ser mencionadas, como características da Convenção Sôbre Genocídio, as seguintes:

Primeira — não responde ao seu primordial propósito de evitar que os governos cometam atos de genocídio, vindo daí que constitui, sòmente, um documento de apaziguamento, porquanto diz respeito à Rússia e a outras ditaduras.

Segunda — obriga as nações signatárias a irem à guerra, se fôr necessário, para evitar o genocídio em qualquer parte distante do mundo, onde se assassinem memros de qualquer "grupo nacional, étnico, racial ou religioso".

Terceira — invade a jurisdição dos tribunais nacionais e modifica ou anula leis cuja reforma ou supressão foi, até agora, faculdade exclusiva dos parlamentos ou congressos dos países respectivos.

Quarta — constitui uma constante ameaça para a liberdade de palavra e de imprensa, pelo menos no conceito em que tal liberdade é tida nos Estados Unidos e em alguns países americanos.

Quinta — anula o direito que têm os nacionais de um país, de serem julgados por seus próprios tribunais, e de se ampararem nas garantias que sua própria legislação lhes conceda.

As considerações anteriores deixam ver, claramente, que a Convenção Sôbre Genocídio constitui um exemplo marcante de redação precipitada e irrefletida, e de internacionalismo emocional.



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO? (Resposta da página 60) — Mandei colocar dois grandes espelhos no patamar do segundo andar e um terceiro espelho a meio caminho do segundo para o primeiro andar. As mulheres não só paravam como desciam, vagarosamente, ajeitando os cabelos, vestidos, etc., cessando, totalmente, o atropêlo e os acidentes.

EU SEI TUDO

Nº 437 — Ano XXXVII Nº 5 — Outubro de 1953

SUMÁRIO:

O Diário de Glinka (Conto) 7
As Coisas Devem ser Feitas com Calma 10
Progresso? 10
Cientìficamente, Existem os Fantasmas 11
Adeus, Camisas Bonitas! (Episódio Real) 12
Ressurreição (Conto) 13
Aprendam Quanto Antes! 17
O Fantasma que Falava com Napoleão 18
Onde Estamos com a Paralisia-Infantil 24
Os "Guias" Londrinos 29
Questão de Hierarquia 29
Bebida Doce de Preço Amargo 29
Marinheiros de Água-Doce 30
Distribuição de Tarefas 30
Da Vida Infantil 30
Porque as Mulheres se Vestem de Homem 31
A Fôrça de Um Juramento (Romance-Continuação) 35
Manhã de Outono (Policromia) 43
A Luminosa Invasão dos Meteoros. (Na sua viagem pelo infinito, o globo terrestre colide com muitos astrolitos errantes.) 45
Quando o Crime Causa Riso 50
O Príncipe que Trocou o Trono por um Amor — O que não disse o duque de Windsor. VI: A Hora do Escândalo 51
Conselhos de Uma Quituteira 56
Uma Ajuda do Céu (Conto) 57
Como Você Resolveria Isto? 60
Apanhado pelo Profeta (Episódio Real) 61
Quem Sabe Explicar? III: O Monge-Voador de Copertino 62
O Churrasco Tentador 65
Combate ao Genocídio 67
A Última Corrida (Conto) 72
A Cadeira que "Valsava" (Episódio Real) 75
Questão de Telefones 76
Um Clube de Mentirosos 76
Por Trás da Porta Amarela (Romance-Continuação) 77
Marilyn Monroe (Policromia) 85
O Trabalho, Medicina Poderosa 87
Escala de Valores 89
Pequena Enciclopédia Popular — Dicionário de Nomes Próprios 90
Nossas Irmãs da América — Colômbia (Descendo o Madalena) 91
Mulheres na Política 94
Vida do Campo: Os Melados — Utilização de um dos subprodutos da indústria açucareira 95
O Açúcar. Redução do conteúdo de cálcio no suco da cana 97
A "Boa Resposta" do Mês 98
"Achados" Deliciosos 98
Armas Ofensivas 98
Quando Devemos Ler? 98
Olhando o Mundo há Sessenta Dias — Memento EU SEI TUDO. (Os fatos ocorridos em agôsto de 1953.) 99
Nos Domínios da Gramática 108
Quebra-Cabeças 109
Cartomancia 114

CORRESPONDÊNCIA



Washington Starret (Diamantina, M. Gerais) — Não poderia indicar o mês e o ano do referido exemplar? Aguardamos.

Mário Moura (Cuiabá, Mato Grosso) — É claro que sim. Tendo algum fato, que se enquadre na seção, poderá enviá-lo, mesmo sem desenho, que aqui mesmo será feito.

Ana Lúcia Gilbert (Niterói, E. do Rio) — Não julgamos necessário ir tão longe. Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, e outros grandes centros do país, encontrará médicos especializados nesse tipo de cirurgia e hospitais próprios para êsse fim

Heitor Sodré (Nilópolis, E. do Rio) — Se, realmente, tem uma resposta sensata e com base científica, publicaremos, quando menos, para que outros julguem. Confessamos que, por nossa parte, não desejamos debater, mas, apenas, divulgar.

Rafael R. Brandon (Natal, R. G. do Norte) — Pretendemos, realmente, publicar outras obras de igual valor. Quanto a «Explorando o Brasil Meridional», podemos afirmar que não existe em volume, no nosso idioma.



A CAPA: — Ramon, o excelente artista espanhol e nosso colaborador, escolheu para a nossa capa essa deliciosa figurinha primaveril, que vem a ser uma bonita e delicada homenagem à Primavera, que já nos brinda com os seus perfumes inebriantes e a sua suavidade encantadora.

BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de

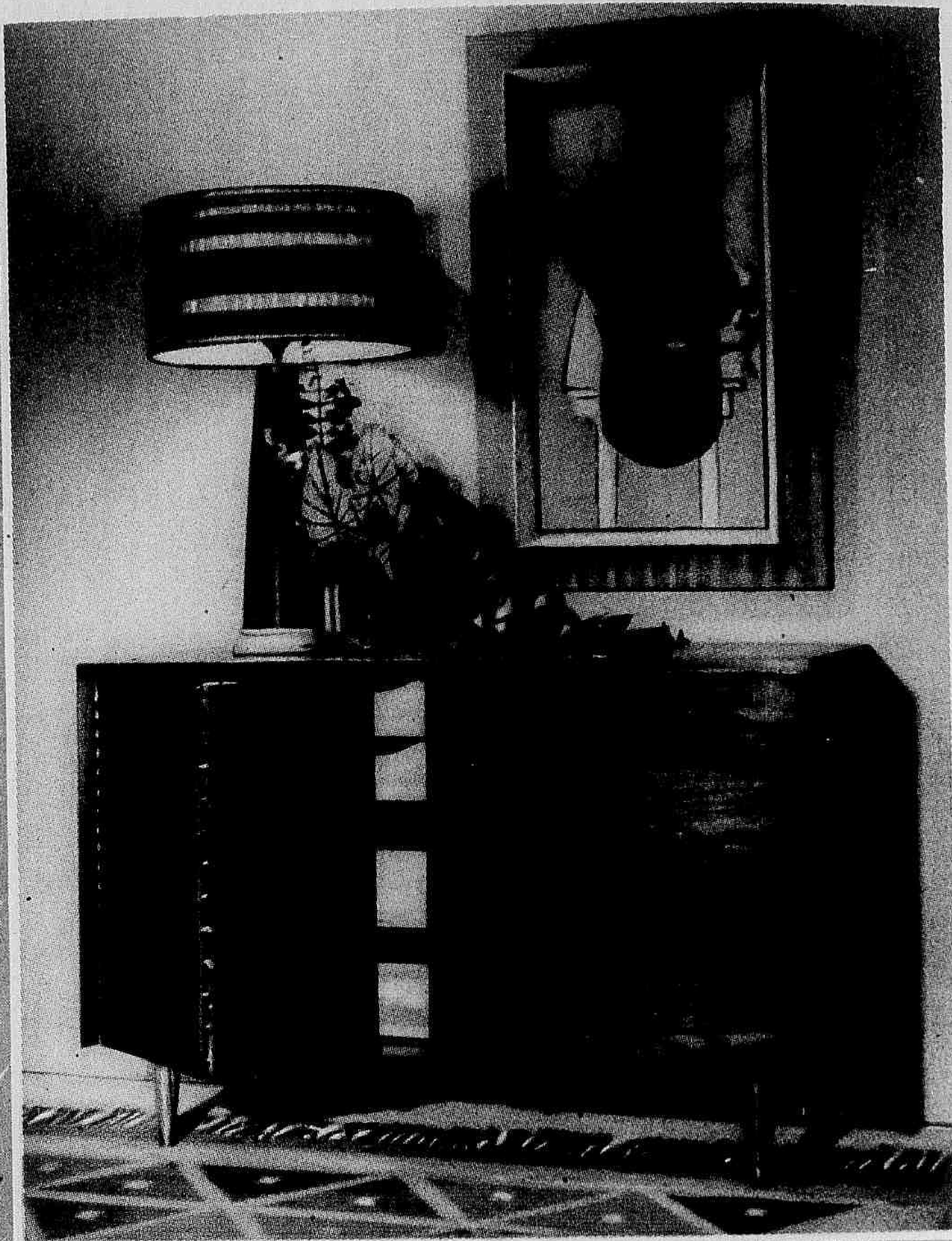
CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos







ÓLEO DE PEROBA, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos móveis velhos